

Noivas
Apasionantes

HELEN BIANCHIN
**A escolha
perfeita**

Autoras best-sellers do *USA TODAY*

SARA CRAVEN
**Promessa
de sedução**

VOL.006



A escolha perfeita – Helen Bianchin Ilana Girard é a escolha perfeita para uma esposa de conveniência. Além de inteligente, bela e rica, ela concorda com o casamento sem amor que Xandro Caramanis está propondo.

Mas Ilana tem seus motivos para aceitar essas condições: ela precisa de proteção. Xandro nem suspeita que sua noiva é mais inexperiente do que imagina... e que está receosa de não ser capaz de cumprir uma das cláusulas do contrato: dividir a cama com ele!

Promessa de sedução – Sara Craven Darcy Langton fica atordoada ao aceitar ser noiva de Joel Castille como parte de um acordo de negócios. Mesmo representando tudo o que ela odeia em um homem, Darcy não tem como negar que ele é muito carismático. E por mais que tenha tentado, não consegue resistir a sua doce sedução. Porém, quando ela descobrir suas



verdadeira intenções, Joe será capaz de conquistá-la novamente?



Helen Bianchin

Sara Craven

A ESCOLHA PERFEITA

&

PROMESSA DE SEDUÇÃO

Tradução

Eugênio Barros

Simone do Vale

2017

SUMÁRIO

[A escolha perfeita](#)

[Promessa de sedução](#)

Helen Bianchin

A ESCOLHA PERFEITA

Tradução

Eugênio Barros

CAPÍTULO 1

XANDRO REDUZIU a velocidade de seu Bentley GT e entrou com cuidado na pista central da avenida congestionada, enquanto o tráfico se arrastava entre um cruzamento e outro num êxodo geral do centro de Sydney.

A iluminação da rua competia com o néon nos letreiros dos anúncios quando o sol se pôs no horizonte, colorindo o céu com um vermelho intenso, transformando sutilmente o entardecer em crepúsculo, e em seguida, em escuridão total.

Tinha sido um dia estafante, com duas reuniões importantes, uma teleconferência e inúmeras solicitações ocupando todo o seu tempo.

Poderia fazer uma boa massagem para relaxar... mas não havia tempo. Em menos de uma hora, era esperado em um importante jantar de caridade. Sozinho.

Ele conhecia diversas mulheres, todas fazendo o possível e o impossível para passar a noite ao seu lado, com suas conversas fúteis, esbanjando táticas para atrair sua atenção e convites sutis para compartilhar sua cama.

Mas Xandro não escalara nos negócios para se tornar o líder de um império financeiro entregando-se a prazeres infundáveis.

Teria herdado do pai aquela qualidade invejável? Se assim fosse, seria apenas uma virtude entre poucas. Yannis Caramanis se tornara mais conhecido como um patife sem escrúpulos, destituído de qualquer dose de misericórdia e extremamente rico. Teve nada menos que quatro esposas, a primeira das quais lhe dera um filho... Alexandro Cristoforo Caramanis.

Um filho destinado a ser único, já que Yannis se recusava a considerar ter um herdeiro e um substituto, evitando criar quaisquer rivalidades, ciúmes, divergências e rupturas em um império que lutara tanto para construir.

As esposas que se seguiram haviam almejado a fortuna e todos os prazeres infindáveis e status social que esta poderia trazer. Até ele as dispensar, substituindo-as pela próxima, mais jovem e mais bonita.

Xandro deu de ombros, conduziu seu Bentley através das inúmeras vias até a estrada New South Hea para o bairro de Vaocluse.

Irritado com o rádio fora de sintonia, praguejou e desligou o aparelho.

O

sucesso

trazia

responsabilidades...

demasiadas, meditou, uma vez que a tecnologia moderna o obrigava a ficar todo o tempo atento e disponível.

E enquanto se deleitava com as vantagens de seu império de negócios altamente poderoso, outros desafios na vida precisavam ser explorados. Um em particular. Casamento.

Família. Uma mulher honrada e sem artifícios, que ocupasse sua cama, transformasse sua casa em um lar, fosse uma anfitriã habilidosa e lhe desse filhos.

Alguém que tivesse poucas ilusões sobre o amor e estivesse preparada para considerar o casamento

como

um

negócio,

sem

complicações emocionais.

Afeição, a exultação do ato sexual sim... mas amor? O que era aquilo?

Xandro amara sua mãe somente para que tal lhe fosse retirado. Quanto às madrastas... todas haviam tido o mesmo objetivo: o dinheiro de Yannis, os presentes e o estilo de vida.

Um filho representava um obstáculo que Um filho representava um obstáculo que deveria ser mandado para um internato de alto custo, com férias escolares em acampamentos exclusivos de recreação no exterior.

Ele aprendera muito cedo a chamar a atenção do pai. Consequentemente, sobressaía-se em tudo.

E quando Yannis o encarregara de uma posição humilde nas empresas Caramanis, Xandro lutara arduamente para provar seu valor. O suficiente para não ter tempo de desfrutar das frivolidades sociais.

O esforço o compensara com o orgulho de Yannis, um posto no império paterno, status multimilionário... e a atenção imediata das mulheres.

Algumas mais espertas do que de hábito, e uma, em particular, que quase o convencera a colocar um anel no dedo. Felizmente, fora apenas quase, pois uma investigação preventiva revelara detalhes que sem tal artifício não viriam à tona.

Uma prática de que ele continuou se valendo sempre que decidia se tornar íntimo de uma mulher. Calculista, talvez... mas isso poupava surpresas inesperadas.

Xandro sorriu ironicamente quando seu Bentley entrou em uma rua de residências exclusivas.

Seu lar era uma mansão situada no alto de uma colina, com uma vista esplêndida do porto. Comprada cinco anos antes, ele mandara reformá-la e mobiliá-la, e contratara caseiros para cuidar da propriedade e dos jardins em volta... Uma residência luxuosa onde ele dormia, trabalhava e se divertia.

Alexandro Caramanis. Um homem que possuía tudo.

Um sucessor valioso de seu pai. Duro, insensível,
implacável...

Cobiçado

pelas

mulheres, mas sem compromisso com nenhuma.

Não era assim que as publicações sobre a intimidade das celebridades o descreviam?

Depois de tomar banho, barbear-se e se vestir a rigor, Xandro se pôs ao volante do Bentley e seguiu para o centro.

O trânsito havia acalmado, amenizando a viagem para o hotel no centro da cidade, onde um evento para levantar fundos estava sendo realizado naquela noite.

Usou o serviço de manobristas para estacionar o carro, teve uma recepção diferenciada quando passou pelo elevador e pegou a escada rolante para o mezanino, onde convidados se misturavam, conversando e sorvendo champanhe.

Aperitivos antes do jantar eram uma excelente oportunidade para os membros da comissão

se

espalharem

pelo

salão,

assegurando-se de que todos os convidados estavam informados do próximo evento no calendário social.

A

música

fluía

dos

alto-falantes,

posicionados estrategicamente pelo salão, sem que o som obstruísse a conversa reinante.

A noite prometia outro evento bem-sucedido de levantamento de fundos, que seriam destinados a crianças carentes.

Os olhos de Xandro percorreram a extensão da sala, observando os convidados de uma maneira

desimpedida,

cumprimentou

e

reconheceu diversos moradores de sua vizinhança, até que seu olhar se fixou no rosto de uma jovem.

Com feições delicadas, uma boca bonita... Ele gostou da maneira como ela inclinava a cabeça, o expressivo movimento das mãos. Os cabelos louro-acinzentados estavam presos no alto da cabeça num estilo que fez seus dedos coçarem para liberar a fivela que os prendia num coque clássico.

A elegância refinada em pessoa, do alto da cabeça até as pontas dos pés delicados.

E levemente nervosa, percebeu ele, sob o sorriso ensaiado... e se perguntou

por quê, quando ela era tão hábil num ambiente social.

Ilana... filha da socialite Liliana e do falecido Henri Girard.

Atraente, delgada e pequena, nos seus quase 30 anos, ela exibia uma personalidade reservada na companhia de homens... uma qualidade que lhe dera o apelido de donzela de gelo. Com razão, assim diziam os rumores... embora o único fato conhecido fosse seu noivado com Grant Baxter, cancelado repentinamente na véspera do casamento.

Passados dois anos, ela voltara a frequentar a alta sociedade na companhia de sua mãe viúva.

Muitos homens haviam tentado namorá-la, mas, pelo que Xandro sabia, nenhum tivera sucesso.

Com uma reputação impecável, charmosa e Com uma reputação impecável, charmosa e conceituada na alta sociedade, Ilana Girard, imaginou ele, seria uma esposa eminentemente adequada.

TUDO O que lhe faltava era um ponto de partida para cortejá-la... e seguir em frente até o pedido em casamento.

Os olhos de Xandro se estreitaram levemente quando Liliana Girard se afastou da filha e começou a vir em sua direção.

– Xandro. Que bom vê-lo aqui.

– Liliana. – Ele tomou-lhe as mãos estendidas, depois curvou a cabeça e roçou levemente seus lábios no rosto dela.

– Se você está sozinho esta noite, talvez queira se juntar a mim e a Ilana.

Xandro inclinou a cabeça numa aquiescência silenciosa.

– Obrigado. Eu adoraria.

Ele permitiu que Liliana o precedesse, e seu olhar se tornou deliberadamente enigmático quando viu o momento em que Ilana sentiu sua aproximação,

revelada pela postura imóvel, na leve erguida da cabeça, como uma gazela frágil prevendo perigo.

Então, este momento desapareceu, sendo logo substituído por um sorriso forçado quando ele se aproximou.

Observar as pessoas era uma forma de arte, a linguagem corporal, uma habilidade que requeria prática... e Xandro era um mestre em ambas.

– Xandro – conseguiu dizer Ilana, com educação, enquanto silenciosamente maldizia a forma como sua pulsação acelerava. Havia algo nele, uma qualidade indefinida que fazia os pelos de sua nuca se arrepiarem num alerta silencioso, uma espécie de premonição... de quê?

Ele era alto como uma torre imponente. Era necessário erguer a cabeça para olhá-lo.

Atraente, pensou Ilana, observando que a Atraente, pensou Ilana, observando que a iluminação do ambiente acentuava suas feições como se fossem esculpidas, a linha do maxilar forte e a expressão enigmática nos olhos escuros.

O

traje

de

Xandro

era

impecável,

confeccionado sob medida, amenizando, em vez de destacar, a impressionante largura dos ombros.

Intensamente másculo, possuía uma aura de poder incontestável, embora somente um tolo não detectasse a insensibilidade sob a aparência arrasadora.

– Ilana.

Ele não fez qualquer tentativa de tocá-la...

Então, por que ela não conseguia evitar a sensação instintiva de que ele estava apenas aguardando uma oportunidade? Não fazia sentido.

– Suponho que vá compartilhar de nossa mesa esta noite.

Ela era articulada na arte da conversação e podia falar tanto em italiano fluente quanto em francês, graças a um ano passado em cada um desses países estudando moda. Entretanto, na presença daquele homem, precisava se esforçar para manter uma fachada socialmente apresentável. Sabia, de alguma forma, que ele via através dela.

O olhar dele permaneceu fixo e sereno.

– Algum problema quanto a isso?

O que ele faria se ela dissesse... sim? Ilana retribuiu com um sorriso educado.

– Será um prazer tê-lo conosco – mentiu.

– Um dos membros do comitê acabou de acenar para mim – disse Liliana. – Não me demoro.

Por um momento, Ilana se sentiu desolada e incrivelmente vulnerável.

Podia

escapar,

inventar uma desculpa... encaminhar-se para outro grupo de convidados. Porém, seria um esforço infrutífero, pois duvidava de que qualquer coisa do gênero pudesse enganar Xandro.

Era inevitável que eles cruzassem seus caminhos. O império Caramanis era um benfeitor conhecido de instituições de caridade, e eventos como o daquela noite asseguravam a presença de Xandro, geralmente acompanhado de alguma bela mulher.

Entretanto, esta era a terceira vez nas últimas semanas em que ele aparecia em tais eventos sozinho.

Poderia estar deliberadamente procurando por ela? Não, a ideia era ridícula. Eles tinham personalidades opostas. Além disso, Ilana não queria saber de homens. Já haviam passado mais de dois anos, mas, uma vez ferida...

Um leve tremor percorreu-lhe a espinha ao se lembrar daquela noite trágica, quando suas esperanças e sonhos tinham sido tão cruelmente despedaçados.

Havia sobrevivido e mudado, entregando-se Havia sobrevivido e mudado, entregando-se à vida profissional em tal extensão que ela consumia quase todo o seu tempo.

Havia pouco que quisesse ou precisasse.

Nada de sonhos não realizados.

– Querido. – A voz feminina era puramente felina e combinava com a loura alta e esbelta que apareceu ao lado de Xandro. – Não esperava vê-lo esta noite.

– Danika – cumprimentou Xandro, sem que o sorriso educado lhe alcançasse os olhos.

A modelo australiana trilhava as passarelas internacionais e era muito assediada pelos estilistas, a despeito de seu mau humor e acessos infundados de raiva nos bastidores.

Trabalhar com ela era um transtorno, mas a mulher possuía uma habilidade mágica de realçar as roupas que usava nos desfiles, o que a colocava incontestavelmente na elite.

– Você já conhece Ilana?

Os olhos azuis brilhantes a fitaram com ar de Os olhos azuis brilhantes a fitaram com ar de superioridade.

– Deveria conhecer?

A resposta mordaz foi suavizada com uma ingênua e maliciosa contração daquela boca perfeitamente pintada.

– Ilana é estilista.

– Verdade?

Seria impossível fingir com mais maestria o desinteresse e a apatia daquele comentário.

Aquela era uma ocasião festiva, e, negócios à parte, a glamourosa modelo tinha apenas um objetivo em mente... Xandro Caramanis. E

quem poderia culpá-la? O homem era o melhor partido da década!

– Não estou familiarizada com seu nome.

Ilana... do quê?

– Girard – informou Xandro suavemente.

Ilana chegou à conclusão de que não haveria momento mais adequado.

– Da Arabelle. – Ela esperou um pouco. – – Da Arabelle. – Ela esperou um pouco. – Você está usando um. – Ilana também estava, claro, um modelo maravilhoso em seda cor-derosa, com um decote generoso.

Os olhos de Danika se estreitaram.

– Foi vendido como original.

– É um exemplar de cortesia – corrigiu Ilana, e viu a modelo erguer uma das mãos.

– Minha agente é quem lida com os detalhes.

– Ela segue as suas instruções. – Era parte do acordo, parte do jogo que Danika fazia. Os estilistas adoravam sua vaidade exacerbada e fechavam os

olhos

para

qualquer

inconveniente. A cortesia de um de seus modelos originais era insignificante diante do grande esquema. Não passava de marketing...

propaganda... e vendas.

Danika colocou uma unha pintada em vermelho berrante na lapela do traje de Xandro e ofereceu um sorriso sedutor.

– Providenciarei para que compartilhemos a – Providenciarei para que

compartilhemos a mesma mesa.

Com um movimento lento, ele removeu a mão de Danika.

– Não.

Apenas... não? Ilana vislumbrou a frieza nos olhos azuis espantados de Danika quando seus lábios formaram um beicinho deliberado.

– Pobrezinho, você perderá uma diversão garantida, querido. Estou disponível, caso mude de ideia.

Danika moveu os dedos num adeus silencioso antes de retornar para a multidão de convidados.

Foi quando as portas do salão de baile se abriram e os convidados se encaminharam para tomar seus lugares.

Ilana se espantou quando Xandro a conduziu pelo braço para dentro do vasto salão com centenas de mesas.

O toque era quente em sua pele nua, ardente O toque era quente em sua pele nua, ardente como brasa, e a fez tremer por dentro, ameaçando seu equilíbrio.

Não era um sentimento que ela cobiçasse, e Ilana lutou contra uma necessidade instintiva de se libertar.

– Alguma razão para aparentar tanta intimidade? – perguntou calmamente, e viu uma das sobranceiras dele erguer-se numa demonstração de divertimento.

– Gostar da sua companhia?

Ela o fitou cuidadosamente.

– Ajudaria muito se você pudesse me esclarecer qual é o seu jogo.

– Você acreditaria que... nenhum?

– Devo me sentir lisonjeada? – indagou Ilana docemente e ouviu uma gargalhada rouca.

– Você não está?

– Detestaria fazer seu mundo cair – disse Ilana quando uma jovem e bonita recepcionista os conduziu para uma mesa junto ao palco.

Cartões com nomes designavam a reserva dos lugares, e não foi uma surpresa achar o de Xandro posicionado junto ao seu.

Quão difícil seria conversar, sorrir e fazer todo aquele jogo social?

Finja, repetia uma voz minúscula junto ao seu ouvido. Você é boa nisso.

– O que você gostaria de beber?

Havia vinho sobre a mesa, mas, como ela não almoçara, o álcool em qualquer forma ou quantidade subiria direto à sua cabeça.

– Apenas água, obrigada.

Xandro lhe serviu um cálice de água gelada, e depois encheu o seu próprio.

– Muita saúde e muito dinheiro. – Ele tocou a borda do cálice dela, tilintando um brinde.

Liliana se uniu a eles, a mesa se completou e as apresentações se seguiram. A noite começou com o discurso habitual de abertura pelo atual presidente da associação de caridade.

As luzes diminuíram e as garçons As luzes diminuíram e as garçons começaram a servir o jantar, enquanto o orador convidado assumia seu lugar no púlpito.

Ilana estava completamente consciente do homem ao seu lado... A fragrância exclusiva de sua colônia, o perfume de roupa lavada recentemente misturado com um destacado aroma masculino.

Havia algo de perigoso em Xandro, que ameaçava romper a armadura que ela cuidadosamente colocara ao seu redor em sua necessidade de autopreservação.

Esta sensação a deixou cautelosa, quase como se tivesse de juntar toda a sua sabedoria e permanecer em constante alerta na presença dele.

Pelo amor de Deus, uma voz interior a censurou. Xandro Caramanis não é nada para você. Ademais, você não quer que seja.

Portanto, supere isso!

Por outro lado, o sentimento persistiu, Por outro lado, o sentimento persistiu, dificultando que pudesse relaxar.

Ilana comeu mecanicamente, levando com o garfo pequenas porções de comida até a boca, sem que realmente estivesse saboreando qualquer coisa.

Não adiantava a certeza de que sua aparente ligação com Xandro atraía atenções e especulações indesejadas. Ou ainda que Xandro era o foco da total atenção de Danika.

Estaria ele empenhado em tornar público o relacionamento que tinha... de qualquer espécie que fosse... com a glamourosa modelo?

– Não.

A negação de Xandro, dita como se houvesse lido seu pensamento, a espantou, e Ilana não se fez de desentendida quando lhe encontrou o olhar enigmático.

– Mesmo? – Ela arqueou uma sobrancelha expressiva.

– Não.

A confirmação era tão inflexível que ela não podia ignorar, e detestou a tensão que comprimia seu peito.

Queria perguntar: o que você está fazendo?

Mas as palavras permaneceram não ditas, e ela deliberadamente voltou sua atenção para o convidado ao lado, engajando-se em uma conversa repleta de banalidades.

Mas a presença de Xandro, tão próximo, era inescapável, e isso a aborrecia muito, pelo poder

de

desestabilizar

seu

equilíbrio

emocional.

Ele saberia disso? Deus adorado, ela esperava com todo fervor que não!

O jantar parecia interminável, concluído com café e novo discurso prolixo.

A música ambiente proporcionava uma razão para que os convidados se movessem livremente entre as mesas, e conversassem... O

que, para muitos, sinalizava o fim de uma noite prazerosa.

Dentro em breve, Liliana se levantaria, agradeceria aos convidados da mesa pelo patrocínio deles, lhes desejaria boa-noite... e Ilana estaria enfim livre da presença perturbadora de Xandro.

Porém, seu alívio foi breve, pois Xandro manifestou sua intenção de acompanhá-las até o saguão.

– Não é necessário.

– Ao contrário. – Ele a segurou pelo cotovelo, causando-lhe uma leve aceleração do pulso.

Não, ela quis protestar.

– Pretendo organizar um leilão em benefício da Fundação Leucemia e apreciaria muito os conselhos de Liliana.

Sua

mãe

se

mostrou

genuinamente

interessada.

– Quanta generosidade de sua parte. É claro que terei muito prazer em ajudá-lo do modo que me for possível.

– Ótimo – disse Xandro. – Talvez vocês duas aceitem um convite para jantar comigo, para discutirmos os detalhes. Digamos... Quinta-feira da próxima semana?

– Obrigada.

Liliana aceitaria, Ilana sabia, e reorganizaria sua agenda social num piscar de olhos para prestar qualquer favor a Xandro Caramanis.

Chegando ao saguão, Xandro acenou para que o recepcionista mandasse buscar o carro delas e o seu.

Em poucos minutos, um Bentley GT

prateado parou do lado de fora da entrada principal.

– Sete horas – indicou Xandro, retirando um cartão de sua carteira e escrevendo algumas linhas no verso. – Minha casa.

Num movimento quase imperceptível, deu uma gorjeta ao manobrista do hotel, depois sentou-se ao volante e dirigiu através do tráfego que fluía.

Segundos depois, o BMW azul-marinho de Ilana chegou e Liliana esperou somente que a filha se afastasse dos convidados que se avolumavam na frente do hotel, antes de dizer: – Que convite mais encantador, querida! E

que maravilha ter Alexandro pedindo minha ajuda.

O que Ilana poderia dizer?

– Vamos ver o que acontece.

– Você tem alguma restrição?

Diversas. Mas ela não apontou nenhuma.

– Você precisa ir, é claro.

– Nós precisamos, querida. Ambas.

Ilana parou o carro num cruzamento.

– Mamãe, não – disse ela gentilmente.

Liliana lhe ofereceu um olhar lamentando a recusa.

– Você não mudará de ideia?

Não neste século, jurou ela em silêncio.

Quanto

menos

contato

tivesse

com

Alexandro Caramanis, melhor.

CAPÍTULO 2

OS PREPARATIVOS para o Fashion Design Awards exigiram que Ilana passasse a maior parte do fim de semana em seu estúdio, enquanto checava inúmeras vezes a seleção das peças que tanto ela quanto sua sócia, Micki, haviam escolhido para compor os vários desfiles.

O processo seletivo constituía em exame do tecido, costura e acabamento por uma equipe de especialistas que proporcionava uma classificação antes do julgamento final na passarela. O que significava garantir a perfeição em todos os detalhes... ou tão perto da perfeição quanto possível.

A premiação em qualquer categoria acrescentava ao currículo do estilista garantia de interesse crescente e vendas. Contudo, para Ilana, o foco estava em transformar um tecido de qualidade em modelo de estilo perfeito.

Desde criança, adorava vestir suas bonecas e, com ajuda da mãe, tinha criado modelos e feito sua própria série de roupas em miniatura, passando mais tarde a desenhar e confeccionar suas próprias roupas.

Um diploma em design de moda, seguido por uma especialização ao lado de conceituados estilistas australianos, finalmente lhe garantira a oportunidade de trabalhar no exterior por alguns anos... Paris, Milão e Londres, antes de retornar a Sydney, onde estabelecera seu próprio estúdio.

Diligência e trabalho árduo lhe concederam reconhecimento em sua área, com a grife Arabelle, altamente apreciada no meio social.

Enquanto Ilana possuía maestria com desenho, agulha e linha, tinha em sua amiga de infância, Micki Taylor, com seu tino comercial, o complemento de uma sociedade bem-sucedida.

O talento e o discernimento de Micki para selecionar os acessórios adequados eram impecáveis, pela habilidade em montar um modelo, para uma apresentação de sucesso, que se destacava das demais.

Ilana adorava o aspecto criativo de transformar uma ideia em realidade. Ser capaz de olhar para um tecido e visualizar a roupa acabada era um dom... que

respeitava muito.

Cor, tecido, estilo. Vivia para fazer isso funcionar e ganhar vida. Qualquer elogio ou premiação era um bônus.

A semana anterior à noite de premiação de estilista exigia longas horas, checagem dobrada para detectar se tudo estava em ordem, incluindo o planejamento de imprevistos, caso uma modelo contratada ficasse impossibilitada de comparecer... ou alguma das muitas coisas que eram possíveis de dar errado.

Ela precisava tirar folga apenas para comer e dormir, refletia ao entrar em seu apartamento, no final da tarde de terça-feira, depois de um dia estafante.

O pensamento de um longo banho numa banheira de espuma e uma refeição decente era tentador, exceto que aquilo não iria acontecer.

Em vez disso, somente teve tempo para tomar uma rápida ducha, mudar a roupa de trabalho para um vestido mais formal em renda marrom, aplicar maquiagem e arrumar os cabelos num coque simples antes de pegar o carro e ir em direção a Double Bay, uma exposição numa galeria de arte com Liliana.

Um evento prestigioso, com convite exclusivo, anunciava a grande abertura de um novo lugar que unira três palacetes, cujos interiores tinham sido convertidos em uma espaçosa galeria, por iniciativa de uma família conhecida no mundo da arte por descobrir e patrocinar artistas.

Carros se alinhavam na larga rua arborizada no bairro de Double Bay, e Ilana precisou dar uma volta no quarteirão antes de achar uma vaga para estacionar.

Dois seguranças protegiam a entrada da galeria, um dos quais checkou seu nome na lista de convidados enquanto outro indicava o foyer.

– Querida. – O filho mais velho da família a pegou pela mão e se curvou para um beijo no rosto. – Seja bem-vinda.

– Jean-Paul.

Jean precedia qualquer nome masculino na família... Jean-Marc, o patriarca, e seus dois filhos Jean-Paul e Jean-Pierre.

Os convidados se reuniam em grupos, bebendo champanhe e aceitando canapés oferecidos por empregados uniformizados.

Música incidental vinda de alto-falantes escondidos

proporcionava

um

ambiente

adequado para a conversa dos convidados.

Uma garçonete ofereceu uma bandeja repleta de taças de champanhe e suco de laranja. Por mais que precisasse do champanhe para melhorar seu ânimo, ela preferiu o suco.

Bandejas de canapés circulavam pela sala, e Ilana aceitou um guardanapo e experimentou cada uma das iguarias numa sucessão relativamente rápida.

– Finalmente você chegou, querida. – Liliana apareceu ao seu lado, e Ilana se inclinou, oferecendo o rosto para uma previsível troca de beijinhos.

– O arquiteto e os decoradores de interiores trabalharam bem – disse ela e pôde ver o sorriso caloroso da mãe.

– Concordo com você. – Liliana apontou para as amplas paredes de vidro. – É algo fora de série.

Ilana lançou um olhar rápido para os grupos de convidados.

– Uma boa multidão.

– Quem recusaria o convite de Jean-Marc?

O efusivo patriarca da família era quase uma lenda no campo das artes, um

homem sagaz, com um instinto infalível para detectar o talento no trabalho de um artista.

Muitos de seus patrocinadores fizeram uma pequena fortuna através de seus conselhos, e a abertura de novos locais era uma causa célebre.

– Venha dar uma olhada – disse Liliana.

– Você viu alguma coisa de que tenha gostado?

Sua mãe riu.

– Como adivinhou?

Ilana retribuiu o riso.

– O brilho nos seus olhos.

– Vou fingir interesse solene na esperança de que Jean-Marc negocie o preço.

Juntas, elas se moviam vagarosamente, Juntas, elas se moviam vagarosamente, parando para falar com uma amiga, sorrir para uma conhecida, até que Liliana parou em frente a uma paisagem primorosa, com árvores e céu que pareciam quase vivos. Uma visão realista em óleo sobre tela, onde cada detalhe evidenciava a obra de um mestre.

– Você vai comprar isso. – Soou mais como uma afirmação do que uma pergunta, e Ilana podia calcular o lugar perfeito na casa da mãe.

– Sim. – concordou Liliana com um leve sorriso. – Colocarei na sala de jantar formal. As cores combinam graciosamente.

– Foi exatamente o que eu pensei.

Liliana olhou para cima quando Jean-Paul apareceu ao seu lado.

– Isso é um sim, Liliana?

– Definitivamente. – Sua mãe esperou um pouco. – Mediante uma pequena

negociação.

– Tenho certeza de que meu pai será razoável.

Um desconto de cinco por cento era oferecido no convite para cada compra...

Todavia, se Liliana podia barganhar, era discutível.

Uma etiqueta com a discreta palavra reservado estava anexada, aguardando ser substituída por vendido quando a compra fosse efetivada.

Havia outros quadros de diversos estilos. O

tradicional rosto de uma criança com imensos olhos tristonhos e uma única lágrima. Uma incrível paisagem com ondas turbulentas estourando nas pedras, tão bem representadas que era quase possível sentir os respingos refrescantes da água na pele de quem observava o quadro. Emoção, tristeza, alegria, tudo em óleo sobre tela.

Ilana trocou o copo vazio por outro, subtraiu outros três canapés de uma bandeja que lhe fora oferecida.

– Eu deveria falar com Jean-Marc – disse sua – Eu deveria falar com Jean-Marc – disse sua mãe.

– Claro. Eu a encontrarei logo. – Ilana permaneceria ali um pouco mais, aproveitando as bebidas e comidas e talvez seus olhos captassem algum outro interesse.

Eles captaram, mas não do modo que ela imaginava. A pintura tinha uma qualidade assombrosa, escura e rígida demais para a paz de espírito de qualquer um.

– Interessante – disse uma profunda voz masculina familiar e Ilana permaneceu em silêncio, imaginando o motivo da falha em seu mecanismo de autodefesa em alertar a presença de Alexandro Caramanis.

Uma onda de energia percorreu sua coluna de imediato, espalhando-se rapidamente pelo corpo, aquecendo sua pele.

– Diga. – disse Xandro. – O que você vê nesse quadro?

Ele estava bem atrás dela, numa distância Ele estava bem atrás dela, numa distância mínima ao toque, e Ilana teve a sensação de que, caso se inclinasse um pouco para trás, seus ombros tocariam o peito largo.

Seria tão fácil dar um pequeno passo para frente... mas então ele notaria, e ela não suportaria que Xandro pudesse imaginar o efeito que lhe causava.

– Vejo muita coisa.

Por que ela não havia previsto que ele estaria ali naquela noite? Alexandro Caramanis representava dinheiro... muito dinheiro.

Naturalmente, recebera um dos convites cobijados.

Ele se posicionou ao seu lado.

– Uma lembrança dolorosa, não acha? Ou um aviso?

– Talvez ambos.

– Não se trata exatamente de uma visão confortável.

– Não.

Sua estatura e a largura dos ombros a fizeram pensar num guerreiro... e imaginou se o corpo por baixo do terno impecável escondia uma musculatura poderosa.

O pensamento não contribuiu para sua paz de espírito.

Deveria

se

desculpar

e

ir

embora.

Permanecer tentando uma conversa fútil também não melhoraria em nada.

Além do mais, não precisava aumentar a tensão.

ILANA SE virou para ele e imediatamente lamentou tê-lo feito.

As feições de Xandro eram atraentes, marcantes,

bem

esculpidas,

a

boca,

intensamente sensual, e os olhos escuros pareciam ver demais.

– Você parece cansada.

– Muita gentileza sua se importar – ela conseguiu dizer com pretensa jocosidade.

– E o fato de eu me importar a incomoda?

– Nem um pouco.

A risada dele, apesar de suave, era perfeitamente audível.

– Jante comigo então.

Ela pensou na banana que comeria de modo apressado no elevador, e nos goles de água com gás seguidos por suco de laranja, e canapés exoticamente elaborados. Muita coisa, mas não eram uma refeição adequada.

Que mal faria uma brincadeira leve e despreocupada numa sala cheia de convidados?

– Seu ego sofreria muito se eu recusasse?

Ele deu um sorriso pensativo.

—

Aceitarei

uma

oferta

para

uma

oportunidade futura.

– Não me ocorre ter solicitado uma nova oportunidade.

– Na próxima semana – continuou Xandro como se ela não houvesse falado.

– Entrarei em contato.

– Depois que checar sua agenda social?

Ele a olhou fixamente.

– Diga uma noite.

O instinto a prevenia de que estava prestes a percorrer um território perigoso. Xandro possuía a habilidade de manter a expressão indecifrável.

– E você, colocará de lado quaisquer obrigações já agendadas?

– Sim.

Ela sentiu um aperto no peito e tremeu um pouco.

Ele não se moveu, nem a tocou... mas Ilana sentia como se tivesse sido tocada. Sua visão nublou, e o barulho, a música... tudo pareceu desaparecer.

O clima entre eles era tomado de muita energia, e por um momento ela poderia ter jurado que o mundo parara.

Quanto tempo eles teriam permanecido ali em silêncio?

Segundos, um minuto? Dois?

Então Ilana viu as feições dele relaxarem, a boca sensual se curvar num leve sorriso, e percebeu que a atenção de Xandro havia se desviado.

– Liliana.

O som da voz dele a trouxe de volta à imensa sala e ao burburinho de seus ocupantes, e sentiu a tensão começar a desaparecer do corpo quando se virou para a mãe.

O que acabou de acontecer aqui?, se perguntou. Nada.

– Xandro. – O sorriso de Liliana era sincero.

– Você viu algo que gostou?

Você está errada. Oh, pelo amor de Deus.

Acabe com isso. Ele está fazendo um jogo... e o objetivo deste jogo é você. Um desafio. Como ele tem poucos na vida, precisa buscar um inatingível.

– Sim. Algo que pretendo reservar para mim mesmo.

Ele estava falando a respeito de um quadro...

não estava?

Ou a falta de comida estava confundindo sua mente e ela era a única que

percebia um significado oculto?

Café, quente, forte e doce. Poderia clarear sua cabeça... e, principalmente, mantê-la bem acordada.

O que não seria bom, num momento em que precisava desesperadamente de um sono decente naquela noite.

Ela poderia pedir desculpas e ir embora.

Liliana sabia o quanto as últimas semanas tinham sido exaustivas, e quantas horas mais Ilana ainda precisava para se preparar adequadamente para a noite da premiação.

Porém, com orgulho teimoso, alinhou a coluna e indicou o fundo da espaçosa galeria.

– Há algo que quero ver novamente.

Ilana tinha a impressão de que não o enganaria absolutamente quando lhe ofereceu um sorriso de despedida antes de se afastar, juntando-se aos demais convidados.

Assegurando-se de manter um passo ocioso, fingiu um interesse verdadeiro. Sorriu, parando aqui e ali, trocando algumas palavras com conhecidos, tagarelando a esmo, aceitando os desejos de boa sorte na iminente premiação dos estilistas.

Quanto tempo estava ali? Duas horas... talvez um pouco mais?

Eram quase 22h quando Liliana manifestou de longe sua intenção de ir embora.

Um dos seguranças deu um passo à frente quando Ilana saiu pela entrada principal.

– Seu carro está estacionado aqui perto, senhorita?

– Não muito longe do meu. – A voz masculina

era

familiar

demaís.

—

Caminharemos juntos.

Ela não desejava a companhia de Xandro, não precisava sofrer com sua presença perturbadora.

— Não há necessidade. Estou bem.

Se me tocar, baterei em você, jurou Ilana em silêncio. Teria ele premeditado sua saída para coincidir com a dela?

Ilana não fez o menor esforço para conversar e ficou insuportavelmente aborrecida que ele tivesse optado pelo silêncio quando ela queria ter a oportunidade de esnobá-lo. Quanto tempo levaria para chegar ao carro?

Minutos... Cinco, no máximo, e Ilana suspirou de alívio quando desativou o alarme e pegou no trinco da porta, mas sua mão colidiu com a dele, quente e forte sob seus dedos. Ela retirou a mão num brusco gesto, como se tivesse tido contato com fogo.

— Obrigada. — Uma palavra educada e breve demais quando ele abriu a porta do carro para que ela se sentasse ao volante.

Xandro se inclinou para frente e colocou um cartão de visitas sob o painel do carro.

— O número do meu celular particular.

Um convite para que ela lhe telefonasse? Um convite para que oferecesse seu próprio cartão em retorno? Como se Ilana fosse fazer isso!

Ela deu a partida assim que ele fechou a porta, sabendo, quando se afastou,

que a leve dor de cabeça que começara na última meia hora havia se transformado numa terrível enxaqueca.

Ótimo. Era tudo de que precisava. Pouco sono e muita tensão...

Foi um alívio chegar ao seu apartamento, tomar dois comprimidos de analgésico antes de ir para a cama.

Amanhã, refletiu enquanto amaciava o travesseiro, seria um outro dia.

CAPÍTULO 3

UMA ORDEM caótica reinava no estúdio de trabalho de Ilana.

Algumas pragas brandas e outras nem tanto eram ditas, mas abafadas pela música que soava de uma das estações de rádio popular, e o chiado do ferro a vapor harmonizava com a chuva rebatendo sobre o telhado de zinco.

Ilana checava roteiros, confirmava a agência que fornecia as modelos e se assegurava de que a locadora de furgões cumpriria o horário para retirada de todo o material.

Ela estivera ansiosa a semana inteira, como de hábito, pensou... mas hoje... Bem, o dia anterior à noite da premiação em especial significava sangue, suor e lágrimas.

– Há um entregador na porta da frente.

Ilana retraiu o semblante.

– Entregador? – Todas as entregas já tinham sido concluídas.

A assistente de Micki foi até a porta e voltou com um generoso buquê de botões de rosas-champanhe.

Teria sido Liliana?

Ilana retirou o cartão que acompanhava e leu: Xandro. Não havia engano no nome escrito com letra masculina... seguida de uma mensagem personalizada:

Boa sorte.

– Uau! Lindas. Quem mandou? – perguntou Micki curiosa.

Pensando rapidamente, Ilana colocou o cartão no bolso e esboçou um sorriso.

– Votos de boa sorte para a noite de amanhã.

Ela se moveu para a pequena quitinete e retirou um vaso do armário de cozinha.

Era um gesto de gentileza... caso este simples ato fosse o objetivo dele. De qualquer modo, duvidava de que qualquer coisa que partisse de Xandro pudesse ser simples.

Havia pouco tempo até mesmo para pensar quando o sábado amanheceu e a equipe da Arabelle entrou em ação com os preparativos da grande noite de premiação.

Uma hora antes da primeira modelo entrar na passarela, os camarins nos bastidores excediam sua capacidade com cabides de roupas,

designers

ansiosos,

costureiras

preocupadas, assistentes de cabeleireiros e maquiadores quase histéricos em frente a espelhos inadequados. Quase não havia lugar para se movimentar no pequeno espaço, enquanto a música ambiente tocava no imenso salão de baile do hotel, com mais de mil convidados.

Organização e coordenação eram as exigências da noite. Cada designer tinha uma lista, detalhando cada categoria e a ordem de aparição das modelos.

– Me desculpe, estou atrasada.

Ilana ouviu a voz, vagamente conhecida, voltou-se... e sentiu o coração

despencar.

Danika era a modelo substituta? Oh, meu Deus, pensou Ilana enquanto tentava reprimir toda a sua frustração diante dos contratempos típicos de Danika.

– Estes sapatos não estão certos.

– Este cinto... você está louca?

Danika também insistiu em usar os cabelos soltos.

– Definitivamente não para estas joias falsas... me traga algo mais.

Várias

designers

pareciam

murmurar

cautelosamente, mas estavam visivelmente aborrecidas.

Na plateia tudo estava em ordem.

– Se ela fizer mais uma reclamação – ameaçou Micki quando Danika chegou à passarela –, uma única que seja, eu a devorarei para compensar o café da manhã que ainda não tomei.

– Com torrada de canela ou ovos mexidos? – perguntou Ilana com indisfarçável cinismo.

– De preferência mergulhada em minha xícara de café.

– Expresso ou café com leite?

Micki fez uma careta.

– Você é uma provocadora, sabia?

– Uma hora mais e tudo estará terminado – lembrou ela.

Minutos depois, Micki entregou braceletes e brincos à modelo, recebendo em troca um expressivo suspiro de resignação.

– Não até que a mulher gorda cante – assegurou Micki quando Danika desapareceu para o palco.

Aplausos podiam ser ouvidos acima da música.

Enfileiradas,

as

modelos

retornaram,

Enfileiradas, as

modelos

retornaram,

efetuaram uma rápida mudança, compondo-se para a próxima categoria. Roupas esportivas e a rigor.

Ilana

criara

um

vestido

vermelho

deslumbrante, com um delicado corpete pregueado, uma saia longa drapejada com uma fenda lateral que quase chegava aos quadris.

Com uma incrível ousadia, Danika pegou a peça e simplesmente disse:

- Pegarei este em vez do meu cachê.
- É um modelo original e parte da coleção.
- E essa é precisamente a razão para que eu fique com ele.
- Impossível. Não pode ser permutado. – Micki deu um passo à frente e baixou o zíper escondido. – Este vestido será usado no desfile da próxima estação.

Danika ofereceu seu olhar de superioridade.

- Faça outro igual.

Respirando fundo e contando até dez, Ilana Respirando fundo e contando até dez, Ilana disse calmamente:

- Então não vai mais ser um original.
- É uma pena.

Vestidos para noivas seria a última categoria a ser apresentada, e Arabelle optou pelo tradicional, corpete revestido em fina renda, um decote delicado e, atrás, botões forrados da nuca à cintura. Uma longa saia em camadas de seda com detalhes em renda tinha toda a leveza de movimentos como num sonho a cada passo que a modelo dava.

Ao final do desfile, todos aguardavam o resultado... Emoção e tensão tomavam conta dos estilistas reunidos, esperando ansiosos para saber em que categoria cada um deles seria vencedor.

Enquanto isso, as modelos estavam em suspense, prontas para vestir a roupa que fosse premiada.

Aquele era o momento mais aguardado por Aquele era o momento mais aguardado por todos, e os organizadores criavam um clima de suspense e excitação enquanto o resultado era apurado.

Então as categorias vencedoras foram anunciadas... na ordem de apresentação, e cada modelo reapareceu no palco na companhia do estilista para o recebimento dos aplausos vibrantes.

O suspense estava no ar e Ilana apertou a mão de Micki quando a categoria de vestido a rigor foi anunciada.

Arabelle ganhou com o vestido vermelho.

E a Arabelle ganhou também na categoria vestido de noiva.

Foi um momento incrível quando Ilana e Micki subiram no palco e ficaram juntas, enquanto Danika desfilava na passarela.

A apresentação, um pequeno discurso.

Glória, alegria, nervosismo e alívio.

Chegada a hora das congratulações, as Chegada a hora das congratulações, as câmeras dos fotógrafos disparavam sem parar, registrando tudo.

– Querida, estou muito orgulhosa de você – disse Liliana, envolvendo-a num forte abraço.

Foram tantos os abraços que se seguiram que Ilana achou que sua cabeça iria explodir.

– Parabéns.

A voz masculina era conhecida e ela sentiu o coração disparar quando virou vagarosamente para encontrar o olhar fixo de Xandro.

A presença dele era inesperada. O evento daquela noite não era do tipo que um homem pensaria em assistir sozinho em circunstâncias normais.

Diversas perguntas impregnaram sua mente.

Estaria ele esperando por Danika? Talvez para irem a uma boate?

Ou teria uma outra acompanhante?

Companhias femininas não lhe faltavam, isto era certo.

Oh, pelo amor de Deus... pare com isso! E daí se ele estiver com alguém mais? Como se você se importasse!

– Obrigada.

Ele emanava seu vigor masculino e um elevado grau de sensualidade. Era uma combinação letal e comprometia a paz de espírito de qualquer mulher.

Debaixo daquela fachada sofisticada, havia o coração e a alma próprios de um guerreiro moderno. Insensível, cheio de atitude e poder.

Somente uma tola ousaria brincar com ele.

Era fácil ver por que as mulheres caíam aos seus pés.

Fascinante, as expectativas iniciais da conquista... e o conhecimento instintivo de que ele sabia precisamente como tocar, com suas mãos, sua boca, para presentear o último prazer. E tomar isso para si próprio. Chama e ardor, exultante no seu auge. Mas depois... o que restava?

– Você já terminou? – A voz quase inaudível tinha uma leve provocação e Ilana se perguntou por quanto tempo tinha ficado ali, apenas olhando para ele.

Por favor, Deus, certamente foram apenas segundos.

Ela sentiu seu rosto em chamas enquanto lutava para manter a compostura, e viu o leve sorriso de Xandro um instante antes que ele pudesse inclinar a cabeça para pressionar sua boca contra a dela.

Os lábios dele eram quentes, e Ilana sentiu a textura sensual da boca, que

acariciou revelando um beijo que lhe tirou a respiração.

Porque aquilo exigia mais, muito mais.

Tudo o que precisava fazer era provocar a língua de Xandro com a sua num convite silencioso.

Mas não fez isso. Não podia.

Um leve tremor, como um calafrio, alarmou seu corpo e ela rezou fervorosamente para que ele não tivesse percebido.

Ilana não esperava o modo com que a boca máscula pressionou contra a sua no momento que Xandro lhe segurou o rosto nas mãos e aprofundou o beijo.

Aquilo lhe aguçou os sentidos, evidenciando as batidas descompassadas de seu coração quando se sentiu perdida num mar de sensações tão intensas, onde havia somente o homem e tudo o que ele lhe despertava.

Mas o pior era sua própria resposta espontânea... Algo que a surpreendia e a arrasava, uma vez que nenhum homem, nem mesmo seu ex-noivo, conseguira tocar tão fundo em suas emoções.

Quase como se soubesse disso, Xandro se afastou um pouco até erguer a cabeça.

Por um momento, Ilana pôde somente fitá-

lo com olhos arregalados e profundamente escuros quando percebeu algo na expressão dele que foi incapaz de decifrar.

Então, estava terminado quando Xandro a libertou, e ela tentou corajosamente convencer a si mesma de que aquilo não tinha nenhum significado especial. Nada mais do que um beijo, quando abraços e beijos de felicitação estavam sendo distribuídos em abundância.

E sabia que enganava a si mesma.

O beijo dele mexeu com emoções num lugar que Ilana havia trancado a porta

e jogado a chave fora.

Um som abafado lhe escapou, e por um momento, não pôde tirar seus olhos dos dele.

Por favor, orientava uma voz em seu íntimo.

Não quero isso.

Não havia nada que pudesse ler naquele olhar impenetrável, então esboçou um leve sorriso quando sua atenção foi voltada para outro congratulador e Xandro desapareceu de sua vista.

Por que ele a beijara daquele jeito? Só para impressioná-la?

Ou estava meramente fazendo um jogo, para despertar ciúme em Danika?

Tal pensamento provocou uma onda de raiva e nutriu uma sensação de profundo ressentimento. Jamais se permitiria ser manipulada

por

qualquer

homem...

especialmente Xandro Caramanis!

E mais, teria a coragem de dizer isso a ele.

A vitória da Arabelle rendeu um convite para apresentação em um evento com o propósito de levantar fundos para a caridade, pedidos para expor sua coleção de verão e muitas reuniões para os próximos meses.

– Vou aos bastidores ajudar as garotas no carregamento do furgão com nossas peças – disse Micki calmamente e Ilana inclinou a cabeça.

– Irei com você.

As modelos já tinham trocado de roupa e a maioria havia partido, junto com as equipes de cabeleireiros e maquiadores.

Reinava um clima de muita descontração no ambiente, e se houve decepção por parte de algum estilista que não ganhara nenhum prêmio, não era demonstrada.

As assistentes de Ilana e Micki mantinham tudo sob controle. Sapatos, acessórios, bijuterias... Eram todos individualmente embalados, e os vestidos eram postos em sacos plásticos para serem conduzidos até o estúdio de Ilana.

– Uma palavrinha antes que eu vá embora.

Ilana afivelou um sorriso na boca quando se virou para Danika.

– Obrigada pela participação – reiterou ela, e os ombros da modelo se ergueram num gesto descontente.

– É o meu trabalho. – Aquele não seria o propósito da conversa se o olhar venenoso da modelo não portasse algum indício contrário. – Fique longe de Xandro.

O olhar dela era notavelmente firme.

– Eu nunca me aproximei dele.

Se um olhar matasse, Ilana teria caído ali mesmo. Com um movimento elegante, Danika se dirigiu à saída e rapidamente desapareceu.

Não era segredo que a modelo morria de amores pelo magnata grego. Assim como muitas socialites da cidade. Exceto Ilana Girard... a única jovem da qual Danika não teria nada a temer. A ironia daquilo a fez sorrir com uma ácida satisfação.

– Terminamos. – Micki levantou a mão espalmada e Ilana bateu nela no meio do ar.

– Agora vamos festejar!

Ela sugeriu um bar bem próximo dali, cruzou os braços com Ilana e se dirigiram para a saída.

– Liliana estará lá, é claro. – Micki fez uma pausa. – E Xandro.

O coração de Ilana deu um salto repentino.

– Por que Xandro?

– Porque ele a beijou como um homem – Porque ele a beijou como um homem determinado a ter mais de você. Por acaso, ele estava conversando com sua mãe, quando então lhe estendi o convite. E já é tempo de você começar a namorar novamente.

– Você se encarregou de arrumar minha vida?

– Somente esta noite – sustentou sua amiga e sócia com um sorriso malicioso. – O que se seguir não será minha conta.

– Nada, absolutamente nada vai acontecer.

– Veremos.

Ilana a olhou com seriedade.

– Não estou interessada.

– Mas está.

– Acho que tudo não passa de um desafio. – A voz de Ilana era humorada. – Beijar a donzela de gelo e ver se pode derretê-la.

– E você derreteu?

Totalmente. Não que fosse admitir isso a alguém.

– Ele tem prática.

– Sem nenhuma reação de friozinho na barriga ou sensação de estar fora do

planeta?

Ilana deu de ombros.

– Realmente não.

A equipe Arabelle já estava acomodada quando Ilana e Micki chegaram ao moderno bar, onde havia champanhe no gelo e aperitivos espalhados sobre a mesa.

Xandro se levantou, indicando um lugar ao seu lado, e antes que Ilana pudesse recusar, Micki ocupou a cadeira oposta, não lhe restando outra opção.

A noite era regada a brindes de champanhe e muitas risadas descontraídas... e ela sentiu um desconforto quando Xandro tocou a taça na sua. Os olhos dele eram escuros, indecifráveis, e ela de repente perdeu o fôlego.

Ele estava sentado muito próximo, as coxas somente alguns centímetros das suas, e Ilana estava mais do que nunca convencida do poder de sua masculinidade. Uma confusão de sentimentos a

tomava,

provocando

e

amedrontando pela possibilidade de abrir o coração vulnerável para um homem que poderia destruí-la.

Seria muito mais prudente evitar um relacionamento

com

qualquer

homem...

especialmente com Xandro Caramanis.

À meia-noite, as garotas se prepararam para terminar a noite e, juntas, desapareceram na calçada depois de beijos e abraços de despedida.

– Eu a levarei para casa de carro.

Ilana ofereceu um olhar fixo e meneou a cabeça.

– Tomarei um táxi.

– Não. De forma alguma.

Era um delírio ou todos de repente tinham se dissipado com discreta velocidade? Até mesmo Liliana...

– Não seja ridículo.

Xandro tomou-a pela mão.

– Meu carro está estacionado aqui perto.

– Você é sempre tão autoritário?

– Vamos andando. Eu dei minha palavra à sua mãe que a deixaria ileso em sua casa.

Ilana se deu conta já sentada num veículo luxuoso antes de ter tempo para raciocinar sobre sua conduta. O resultado de um pouco a mais de

champanhe,

ou

manipulação

astuciosa?

A música soava através do aparelho de som do carro e ela reclinou contra o

apoiador de cabeça do assento e fechou os olhos, enquanto pensava na noite...
As roupas, as modelos, o julgamento, a vitória.

E no beijo de Xandro.

Uau! Foi a palavra que veio à sua mente.

Que tipo de amante ele seria?

Não que ela pretendesse descobrir. Seu sexto sentido a alertava de que nunca sobreviveria com suas emoções intactas.

Além do mais, como poderia se esquecer da Além do mais, como poderia se esquecer da horrível ameaça de Grant Baxter depois de cancelar o casamento na última hora?

Eu a matarei se você se envolver com outro homem.

Por dois anos, Ilana não quisera a menor aproximação com os homens.

Assegurou-se de que nada havia mudado.

Mas sabia que era mentira. E não sabia o que fazer sobre isso.

CAPÍTULO 4

– ACORDE, DORMINHOCA.

Quando o carro parou sob o toldo iluminado junto à entrada do seu prédio, Ilana virou a cabeça e olhou para as feições fortes de Xandro.

– Eu não estava dormindo.

Os dentes alvos brilharam quando ele sorriu.

– Pensamentos agradáveis?

– Obrigada – disse ela ao destravar o cinto de segurança e estender a mão para o trinco da porta.

– Não por isso.

Ela não pôde se mover quando Xandro lhe segurou o rosto e inclinou para um breve e provocante beijo.

Então, soltou-a, e Ilana, numa rapidez que lhe era incomum, desceu do carro, caso contrário, seria tentada a passar os braços em volta do pescoço dele e se aninhar naqueles braços fortes quando devolvesse a saudação.

E isso nunca aconteceria.

Ele esperou que ela entrasse no elevador, para só então dar a partida e dirigir o Bentley ao longo da rua.

Tinha sido uma noite maravilhosa, pensou Ilana quando entrou no seu apartamento. Uma celebração extraordinária. Ser vencedora a tirara fora de órbita.

Amanhã... Hoje, corrigiu mentalmente, era domingo e não havia necessidade de ajustar o despertador para alguma hora antes do amanhecer.

UMA XÍCARA de café seguida de uma ducha quente ajudou um pouco, assim como também algo para comer, e finalmente um analgésico e mais café quente e forte.

O apartamento representou apenas um local para dormir por mais de uma semana antes da noite da premiação, e Ilana recolheu as roupas, ligou a máquina de lavar e se dedicou às tarefas mais essenciais da casa antes de vestir seu jeans caseiro e se dirigir para o estúdio.

Os raios de sol a aqueciam enquanto caminhava pela calçada, obrigando-a ao uso dos óculos escuros para se proteger da claridade do meio-dia.

Os cafés estavam lotados com a multidão domingueira sentada nas mesinhas sobre a calçada, e os motoristas dirigiam pelas ruas de frente para o mar à procura de vagas.

Uma leve brisa que vinha do mar soprava sobre os inúmeros guarda-sóis que se espalhavam na areia da praia.

Por tudo isso, o fim de semana estava convidativo para um relaxamento total, pessoas se estendiam na areia durante todo o dia para ganhar um bronzeado, se refrescavam na água, vagando entre os diversos cafés.

Aromas diversos se espalhavam pelo ar, uma tentação com a promessa de um almoço tardio assim que ela colocasse alguma ordem em seu estúdio.

Ilana destrancou a porta, deixou de lado sua bolsa e o celular, e começou a trabalhar, organizando

e

limpando

a

bagunça

generalizada.

Era necessário que atualizasse sua agenda de compromissos, checar datas e transcrever os números de seus contatos.

Em seguida, fez um exame detalhado nas roupas que haviam deslumbrado a plateia na passarela da noite anterior.

Algumas precisavam de limpeza, outras deviam ser separadas para lavagem a seco, e era preciso examinar todas as bainhas no caso de minúsculos estragos.

De modo geral, as modelos eram cuidadosas, mas na pressa das rápidas trocas de uma peça para outra era possível que uma unha prendesse em uma costura, desalinhando uma bainha.

Eram tarefas que demandavam algum tempo, e ela desprende um suspiro aliviada quando somente dois vestidos precisaram de reparos mínimos.

Ilana se dirigiu à geladeira, pegou uma garrafa de água mineral e tomou diversos goles longos, quase terminando com todo o seu conteúdo.

Por um momento, reviveu a noite anterior, visualizando cada vestido em cada categoria...

Até que de repente mudou o semblante.

O vestido vermelho do desfile não estava entre as peças devolvidas para o estúdio. Sentiu um aperto no peito. Queria estar errada... mas tinha absoluta certeza de que não estava.

Danika. Só podia ter sido ela.

O que Ilana pretendia era ligar para a modelo e amaldiçoá-la. Não tinha outro recurso senão entrar em contato com a agência de Danika, explicar, pedir a devolução do vestido e oferecer outro em troca.

Naquele momento, seu celular tocou. Ela atendeu com seu habitual cumprimento educado... e recebeu silêncio de volta.

Conferiu o nível da bateria, viu que tinha carga suficiente e ouviu a chamada ser desligada.

Dentro de alguns minutos, o celular tocou novamente, com o mesmo resultado, e quando ela checou a função “chamadas recebidas” viu que estava registrada uma ligação privativa, negando acesso ao número de origem.

Que estranho! A menos que o celular do interlocutor estivesse fora de área.

Ilana ligou para a agência de modelos e foi atendida pela secretária eletrônica.

Era domingo... O que esperava?

Praguejou baixinho. Derrotada e zangada, não lhe restava outra opção exceto trancar o estúdio, almoçar e voltar para o apartamento.

Ela escolheu um dos cafés, fez o pedido e pegou o jornal que a casa gentilmente oferecia aos clientes.

O garçom trouxe um chá com leite, e ela não teve tempo de completar mais

do que o primeiro gole quando o celular tocou.

– Eu deveria preveni-lo de que você é frígida?

A chamada foi desligada antes que Ilana tivesse chance de responder. Ela fechou os olhos, depois os abriu novamente num esforço de controlar a raiva que a dominou.

Grant? Surgindo de repente depois de quase dois anos?

Um tremor gelado percorreu seu corpo frágil. Por quê? E por que logo agora? A menos que...

Não, não era possível que alguma coisa que ela tivesse feito ou dito houvesse despertado a fera escondida sob o charme superficial do seu ex-noivo. Voltou a pensar nas palavras dele.

Então, de repente, entendeu.

Os fotógrafos presentes na premiação.

Certamente um deles havia capturado com sua câmara o momento que Xandro a beijara.

Ilana folheou as páginas do jornal até a seção da coluna social e rapidamente vasculhou todas as fotos, até que se deteve em uma delas e sentiu a respiração parar na garganta.

Se a foto não fosse tão explícita, a legenda impressa certamente o era, especulando que Xandro Caramanis e Ilana Girard formavam um casal, uma vez que tinham sido visto juntos diversas vezes nas últimas semanas.

Que droga! A boataria absoluta da mídia.

Eles teriam percebido o que haviam feito? Um casal? Juntos?

Sua vontade era cerrar o punho e socar alguma coisa. Ou alguém!

PODERIA EXIGIR uma retratação?

Claro, assim como elefantes podiam voar! O

editor do jornal acabaria morrendo de rir. Ele não teria consciência do efeito que aquela mera foto, legenda e texto teriam em sua vida, ou nenhuma ideia de que seu ex-noivo era um camaleão dotado de uma raiva extrema.

Um garçom lhe trouxe a refeição e ela olhou para a salada Caesar, depois se esforçou para comer algumas garfadas antes de empurrar o prato definitivamente para o lado, pois tinha perdido todo o apetite.

Ilana pagou a conta e caminhou em direção ao seu apartamento. O desconforto a atormentava terrivelmente, e só quando se viu segura dentro de casa a tensão começou a ceder um pouco.

A luz de alerta do aparelho telefônico piscava, sinalizando que recebera alguma chamada.

Uma mensagem de Liliana, uma de Micki, Uma mensagem de Liliana, uma de Micki, algumas ligações para lhe dar os parabéns, e finalmente a voz de Grant.

– Estou de olho em você.

A raiva se mesclou ao medo autêntico, e ela pegou o cartão de Xandro e digitou o número de seu celular.

Xandro atendeu ao terceiro toque.

– Ilana.

– Você tem alguma ideia dos problemas que a foto no jornal e os decorrentes boatos me causaram?

A voz dele era controlada e fria.

– O pior é que as notícias se alastram rapidamente. Estarei aí em dez minutos.

– Você não pode...

– Dez minutos, Ilana.

A chamada foi desligada e ela tornou a discar, ouviu o telefone tocar e ir direto para a caixa postal.

Praguejou de modo nada delicado.

E se Xandro chegasse ao prédio de seu apartamento e Grant estivesse observando...

Sem pensar, Ilana pegou sua bolsa e as chaves, então tomou o elevador e desceu para o saguão.

Seus nervos estavam à flor da pele quando o Bentley de Xandro parou na entrada do edifício, e ela teve de, conscientemente, caminhar num passo normal ao seu encontro, quando na verdade todo o seu desequilíbrio ordenava que corresse.

Calma, precisava manter a calma, disse a si mesma quando alcançou o carro, abriu a porta e se sentou ao lado de Xandro.

– Por favor. Podemos sair daqui?

Xandro queria exigir uma resposta e o faria...

em breve. Mas por enquanto, atendeu ao seu pedido e dirigiu o carro até que alcançou Double Bay, e então desligou o motor.

– Vamos.

– Não quero...

– Relaxaremos, comeremos e você poderá me contar o que a está preocupando.

Ela lhe deu um olhar cauteloso.

– Eu já almocei.

Ele deu a volta no carro e abriu a porta para ela.

– Talvez possa ficar tentada a provar ao menos a entrada.

Minutos depois, eles entraram num restaurante

charmoso

onde

o

maître

cumprimentou

Xandro

com

deferência

especial, os conduziu até a mesa e lhes ofereceu a carta de vinhos.

Ilana declinou o vinho em favor de água gelada e Xandro a acompanhou antes de examinar o menu e fazer o pedido para ambos.

O maître se retirou e Xandro a olhou cuidadosamente, notando a pulsação acelerada na base do pescoço dela e a ansiedade quase não controlada que emanava daquele corpo delgado.

– A foto no jornal de hoje – sugeriu ele como tópico de conversação.

Por onde ela começaria? E o quanto explicaria?

O suficiente para fazê-lo entender.

– Meu ex-noivo fez certas... ameaças quando eu cancelei o casamento.

– E você está preocupada porque a foto pode chamar a atenção dele? – perguntou Xandro.

Ilana hesitou por uma fração de segundo e seus olhos estreitaram-se. – Ou já chamou?

– Sim.

– Problemas? – Quando ela deu um profundo suspiro e inclinou a cabeça, ele acrescentou: – De que tipo?

– Por favor... Apenas acredite na minha palavra.

– Você acha que corre perigo?

Ela não sabia se ria ou chorava.

Ameaça por telefone significava perigo?

Embora por enquanto fossem apenas palavras, não deixavam de ser um aborrecimento.

Por outro lado, se Grant continuasse, a resposta tinha de ser sim. Mas quem sabia ao certo? Como ela podia julgar? Que bem faria explicar que seu ex-noivo era mentalmente desequilibrado?

Isso não mudaria as coisas, pois a foto constituía um mal consumado.

O garçom chegou com o pedido e Ilana brincou com a comida em seu prato, enquanto Xandro comia com deleite.

– Quero passar mais tempo com você.

O coração dela pareceu parar, então as batidas dispararam.

– Não acho que seja uma boa ideia.

– Por causa das ameaças de seu ex-noivo?

Ela quis gritar, dizendo que ele jamais entenderia... Apesar de desconfiar de que Xandro sabia muito bem.

- Talvez eu tenha perdido toda a confiança no gênero masculino.
- Você tem inteligência o suficiente para saber que nem todos os homens são iguais.
- Todos têm o mesmo objetivo.
- Sexo? Há uma enorme diferença entre fazer sexo e fazer amor.
- É mesmo?

Ele a fitou com intensidade.

- Um homem que ignora a hipótese de dar prazer a uma mulher enquanto procura seu próprio prazer com total indiferença faz sexo, não amor.
- Quem poderia duvidar de sua vasta experiência?

A risada suave de Xandro a desequilibrou de modo incomum, e por um momento ela visualizou como seria tê-lo como amante.

Semelhante ao nirvana emocional... com um só fim.

Aquilo não duraria, é claro. Como poderia durar? Mas que incrível viagem seria!

- Tenho ingressos para uma peça de teatro, e – Tenho ingressos para uma peça de teatro, e depois um jantar na terça-feira. Gostaria que me acompanhasse. Podemos dizer, às 18h30?

Xandro a estava convidando para sair?

- Eu não acho...
- Às 18h30 – insistiu ele enquanto acenava, pedindo a conta.

A independência a fez pegar intuitivamente sua carteira, mas o ato teve uma recusa determinada na voz de Xandro.

Ilana se sentou em silêncio ao seu lado enquanto ele conduzia o Bentley em direção a Bondi.

Um encontro com Xandro? Se Grant os visse juntos, aquilo apenas aumentaria sua raiva, e somente Deus sabia que tipo de reação isso incitaria.

Ela precisava recusar. Não havia outra maneira, e disse isso quando ele parou o carro do lado de fora de seu prédio.

– Eu a encontrarei na cidade, se preferir. – Eu a encontrarei na cidade, se preferir. – Xandro fez uma pequena pausa. – E não aceitarei um não como resposta. – Ele disse o nome de um restaurante. – Seis e meia. – Então se inclinou em direção a ela e tocou sua boca num breve roçar erótico, e depois ergueu a cabeça. – Cuide-se.

Ilana não conseguiu dormir facilmente e acordou na manhã seguinte com uma dor de cabeça que cedeu apenas com o uso de analgésicos, mas não desapareceu.

Em seu estúdio, cada toque do telefone deixava seus nervos em estado deplorável, e ao meio-dia ela já se sentia em frangalhos.

– O que está acontecendo?

Ela levantou os olhos da agenda que estava consultando, encontrou o olhar preocupado de Micki e forçou um sorriso triste.

– Dor de cabeça. Você sabe como é.

Micki lamentou num gesto com a cabeça.

– Conte.

– Estou falando sério. Muita excitação e pouco sono.

A campainha da porta tocou e Micki atendeu, recebendo outro tributo floral

para juntar aos diversos entregues ao longo de toda a manhã.

– Para você.

Rosas creme e amarelas maravilhosas, com um cartão onde se lia a seguinte mensagem: “Até amanhã à noite. Xandro.”

Elas eram bonitas e serviam perfeitamente para recordá-la de telefonar para ele ainda naquela noite e cancelar o compromisso marcado.

O telefone tocou.

Micki atendeu e sussurrou para Ilana: – Da agência de Danika.

Levou poucos minutos, palavras firmes foram ditas e Ilana antecipou o resultado.

– Problemas? – perguntou à amiga.

– Danika informou à agência que o vestido – Danika informou à agência que o vestido foi um presente no lugar do seu cachê habitual.

– E?

– A palavra dela contra a nossa.

O que significava que aquele vestido teria de ser retirado da mostra da próxima estação e substituído por um outro de igual qualidade.

Chamadas telefônicas continuaram ao longo da tarde, entre elas, duas desligadas e uma de Xandro, que Ilana se recusou a atender, causando um olhar intrigado em Micki.

– Você está louca? – perguntou sua sócia.

Naquele momento, ela não precisava de mais uma complicação, algo que um homem certamente traria para sua vida... Em especial Xandro Caramanis.

– Não quero me envolver, Micki. O que mais preciso no momento é paz de

espírito.

– Querida, ele é maravilhoso, um representante sexy do gênero masculino. – Ela fez uma careta. – Para uma mulher, basta olhar para ele e se derreter por inteiro.

– Você acha? – disse Ilana com um sorriso amargo.

– Você não acha?

– Não. – E sabia que estava mentindo.

Micki também sabia, uma vez que conhecia bem sua sócia e amiga. Mas resolveu não insistir naquilo. Em vez disso, murmurou: – Por mais insignificante que pareça, eu não acho que ele irá lhe dar muita escolha.

Impossível. Ela estava no controle. Poderia fazer suas próprias escolhas.

Mesmo enquanto reafirmava as palavras mentalmente, estas eram marcadas pela dúvida.

Xandro Caramanis não tinha alcançado seus quase 40 anos e adquirido um nível de sucesso tão excepcional sem usar seu poder de manipulação. Ele lidava com insensibilidade elementar, incorporando companhias e as reconstruindo.

O homem comandava um verdadeiro império.

E daí?

Suas emoções tinham sido destruídas, e ela reconstruiria sua vida. Era autossuficiente, forte. Uma sobrevivente.

Depois da fatalidade à véspera do casamento, fizera um juramento pessoal que nunca mais confiaria em homem algum.

Então por que, em nome de Deus, estava agora fragilizada e cheia de dúvidas?

Por causa da boca de um homem tocando a sua? Mexendo com emoções enterradas, revivendo-as e fazendo com que ela ansiasse pelo impossível... Não era justo. Nada daquilo era justo.

O expediente continuou movimentado, com telefonemas de clientes fazendo consultas, uma organização de caridade solicitando que a Arabelle conduzisse uma mostra... e outra ligação de Xandro, que Ilana novamente se recusou a atender.

Foi um alívio quando reconheceu o número de Liliana e sorriu ao pegar o telefone.

– Querida, por que não vem jantar comigo esta noite? Eu mesma cozinharei. Apenas para nós duas.

Elas conversariam, ririam um pouco, relaxariam e a comida seria divina.

– Eu adoraria. Às 18h30? Levarei o vinho.

O apartamento espaçoso de Liliana dava vista para Watson's Bay e Ilana sentiu a tensão da semana anterior começar a ceder quando cumprimentou a mãe calorosamente.

Frango ao vinho, servido com legumes e uma torta deliciosa como sobremesa, e o acompanhamento de vinho tinto, seguido de café e licor.

Juntas, elas discutiram os compromissos sociais próximos e aqueles dignos de nota ocorridos nas semanas anteriores, tais como a premiação de design de moda.

Liliana era uma mulher astuta e uma mãe muito afetiva. Não mencionou o nome de Xandro Caramanis, nem a foto divulgada no jornal de domingo.

– Eu imagino que você esteve extremamente ocupada – comentou Liliana. – Tem dormindo bem?

Sutil, mamãe. Muito sutil.

– Estou bem – mentiu Ilana.

Não estava bem. Como poderia estar quando a sombra de Grant insistia em pairar sobre ela?

Era tarde da noite quando se despediram e o céu apresentava uma ameaça de chuva, que logo se tornou realidade enquanto ela atravessava a avenida principal em direção a Bondi Beach.

O tráfego era escasso e o movimento repetitivo do para-brisa tinha um efeito vagamente hipnótico.

A música em ritmo lento ajudava, e o CD

reproduzia a última faixa quando Ilana estacionou o BMW na garagem subterrânea do edifício.

Tinha sido uma noite muito agradável, em companhia agradável, excelente comida e boa conversa.

Ela saiu do carro, fechou a porta, acionou o alarme para ativar a tranca do veículo e se dirigiu para o elevador.

CAPÍTULO 5

NÃO HAVIA nada pior do que ser acordada no meio de um sono profundo, ao raiar da alvorada, pelo toque persistente de um celular, e Ilana pegou o aparelho sobre o criado-mudo num movimento automático, apenas para atender e ser respondida pelo silêncio, seguido de intermináveis segundos que resultaram no distinto clique de desligado.

Número errado?

Uma hora mais tarde, o celular tocou de novo e ela foi recebida com o mesmo silêncio.

Duas chamadas desligadas não poderiam ser consideradas uma coincidência.

Mais uma vez, o número não podia ser Mais uma vez, o número não podia ser identificado no visor do aparelho.

Com toda certeza, era Grant.

Ela checkou o horário, viu que era muito cedo e tentou voltar a dormir... sem sucesso.

Com um suspiro de irritação, saiu da cama, vestiu o roupão e se dirigiu à cozinha para fazer café. Foi só então que se recordou de que não tinha ligado para Xandro para cancelar o encontro deles naquela noite.

Vá ao encontro, disse a si mesma. O

comportamento de uma mulher fraca e medrosa seria um bom instrumento para as ameaças escusas de Grant. Uma decisão que ficou inclinada a mudar diversas vezes durante o dia.

Finalmente, decidiu tomar uma ducha quente e vestir um terninho elegante. Então pegou o carro e dirigiu até a cidade.

Xandro a cumprimentou no restaurante, surpreendendo ao tocar seus lábios com os dela.

– Belíssima.

O elogio lhe agradou profundamente e Ilana retribuiu com um sorriso tentador quando o maître se aproximou para indicar a mesa.

Então eles conversariam um pouco, degustariam um bom vinho, comeriam, assistiriam à peça de teatro... depois ela entraria no seu carro e voltaria para casa.

Quão difícil isso poderia ser?

Com isso em mente, Ilana começou a relaxar e apreciar a companhia de Xandro, que tinha a habilidade de fazer uma mulher se sentir à vontade... Ou percebia seu conflito interior e apenas procurava facilitar as coisas?

Ela se recusou a analisar a razão. Mais tarde, talvez, quando estivesse sozinha. Mas agora estava feliz em aproveitar o momento.

Um garçom anotou os pedidos e Xandro manteve uma conversa leve, ciente de que, se pressionasse um pouco mais, Ilana se retrairia, e qualquer progresso que pudesse ter feito até o momento seria perdido.

A comida chegou e eles começaram a comer.

– Você passou algum tempo no exterior.

França e Itália, se não me engano. – Ele percebeu a expressão dela se iluminando. – Somente com propósito de estudo?

– Exatamente, e de maneira bem intensa. – Ilana sorriu, refletindo. – A personalidade forte dos estilistas europeus é lendária. – Uma risada escapou de seus lábios. – Mas conseguimos arrumar algum tempo para nos divertir, explorar um pouco. Aprendi muito.

Paris... A capital do mundo, exótica e eclética, as mulheres jovens ou idosas com seus inerentes sentidos de estética. Milão... A cidade, as pessoas. Sua estada na Toscana... Quem poderia esquecer?

Foram dias alegres e despreocupados, uma época em que tinha confiado livremente e sido feliz.

—

Como

estudantes,

compartilhamos

acomodação e comida – continuou Ilana, inconsciente de como seus olhos brilhavam diante da lembrança. – Todos os fins de semana, alugávamos um carro e explorávamos a região campestre, comprávamos comida e fazíamos piquenique.

Xandro sentiu impulso protetor em relação à jovem cheia de amor pela vida que ela fora um dia.

Sentiu também um forte desejo de lhe devolver tudo aquilo.

E poderia fazer isso, assim que Ilana aprendesse a confiar nele.

Desejava-a em sua cama, sua vida, como sua esposa.

Porém, se a pedisse em casamento naquele momento, ela fugiria imediatamente.

Habitado a seu mundo de negócios, sabia que decisões rápidas e frias constituíam a norma.

Mas estava diante de uma situação diferente... Pessoal.

O teatro era perto. Eles foram caminhando, e o espetáculo provou ser um excelente entretenimento, com muito equilíbrio e emoção, figurino fabuloso e diálogo inteligente.

Ilana gostou da noite e disse isso aos produtores logo que se juntaram a eles.

Tinha perfeita consciência da mão de Xandro rodeando sua cintura e de sua íntima proximidade.

– Onde você estacionou?

Ele a ajudou a entrar no carro e se aproximou, inclinando-se.

– Vamos parar em Double Bay para um café e depois seguirei seu carro até sua casa. – Xandro disse o nome de um café popular e então lhe acariciou o rosto. – Estarei bem atrás de você.

Ilana se perguntou por que não insistira em ir diretamente para seu apartamento. Porque no fundo não queria que a noite terminasse.

Só por um momento, ele a fez considerar o inatingível.

Isso era algo ruim?

Ela optou por chá enquanto Xandro pediu café, e, durante o tempo todo, Ilana

sentia que eles pareciam compartilhar algo muito especial.

Tal sensação era tão diferente que a chocou um pouco. Estar tão sintonizada com um homem, especialmente do calibre de Xandro, não era algo em que se imaginava, e tinha dificuldade em aceitar que o interesse dele era genuíno. E se fosse, aonde aquilo poderia levar?

Era quase meia-noite quando eles deixaram o café e chegaram ao carro dela. Xandro a segurou no rosto e capturou em sua boca um beijo tão ardente que apagou todo pensamento racional que Ilana pudesse ter.

Quanto

tempo

aquele

beijo

durou?

Segundos, minutos? Ela não tinha ideia.

Tudo o que sabia era que desejava que nunca Tudo o que sabia era que desejava que nunca terminasse.

Xandro mordiscou carinhosamente o lábio inferior antes de liberá-la. A ânsia por tocá-la, fazer amor com ela, o estava enlouquecendo, e foi necessária muita força de vontade para deixá-la ao volante do carro.

– Eu a verei no coquetel amanhã à noite.

Ela assentiu com um gesto de cabeça enquanto ligava o carro e partia.

As ruas estavam relativamente tranquilas e Ilana se sentia segura com o Bentley de Xandro a seguindo em direção a Bondi.

Ela se deteve por um minuto quando chegou ao prédio e piscou os faróis para ele em sinal de agradecimento. Então, usando o cartão de segurança, abriu e

entrou na garagem subterrânea, estacionando o BMW em sua vaga privativa.

Duas lâmpadas de néon separadas estavam queimadas, o que era incomum. Uma, talvez...

Mas duas? E podia jurar que ambas estavam acesas poucas horas antes, quando tinha saído.

Um leve ruído a fez tremer num alarme instintivo.

No momento seguinte, mãos fortes se fecharam sobre seus ombros, enquanto era empurrada para os fundos da garagem.

– Vadia!

Um punho golpeou uma de suas faces antes que tivesse alguma chance de recuperar o equilíbrio.

Grant... Aqui?

Um olhar no rosto dele revelou que estava alcoolizado ou drogado, ou ambas as coisas.

Não tire os olhos dele, não pense...

A dor pulsava na face golpeada, e Ilana ignorou enquanto esperava, atenta ao próximo movimento dele.

Carregava uma pequena lata de spray de pimenta em sua bolsa e um alarme pessoal pendurado em seu chaveiro. Além disso, usava um par de sapatos com saltos homicidas.

Todos eles eram armas práticas...

– Ouça-me com muita atenção, vadia...

Não permitindo que ele dissesse mais nada, Ilana percebeu o instante que Grant pretendia golpeá-la mais uma vez, e usou o momento seguinte para jogá-lo no chão de concreto. O

salto de seu sapato fincado na mão dele o fez gritar de dor e rolar para longe.

Enquanto ele praguejava enfurecido, ela aproveitou a incapacidade momentânea de Grant para retirar o spray de pimenta da bolsa e percorreu os poucos metros até o elevador. O

ódio que sentia era maior do que o medo quando apertou o botão. Por favor, não deixe que esteja parado num andar alto.

Felizmente as portas se abriram em segundos e Ilana entrou, inseriu sua chave de segurança no leitor e digitou o código de seu andar.

Somente depois de entrar no apartamento, trancar a porta e ligar o alarme seu corpo reagiu.

Suas mãos começaram a tremer, e algumas partes de seu corpo sentiram a dor.

Graças a Deus estava a salvo.

Um longo banho quente ajudou. O hábito fez com que completasse sua rotina noturna.

Depois, deitou-se, diminuiu as luzes e ligou a televisão na esperança de que algum filme ocupasse sua atenção.

Devia ter adormecido profundamente, pois, quando acordou, o sol da manhã já se infiltrava pelas fendas da persiana de seu quarto. Checou a hora, saltou da cama, sentindo todos os músculos do corpo doloridos.

VESTIU ROUPAS confortáveis, tomou o café da manhã e pegou o elevador para a garagem subterrânea, ciente de sua tensão quando caminhou até o carro. Tolice, pois era manhã, o sol brilhava, a garagem era bem iluminada, e o bom-senso dizia que Grant já havia ido embora há tempos.

O dia passou dentro dos moldes habituais e duas vezes durante a manhã, ela pegou o telefone e digitou o número de Liliana, mas desligou antes

que

a

chamada

fosse

completada.

O pensamento de comparecer a um coquetel naquela noite não tinha o menor atrativo.

Não queria ir, não queria aparecer em público naquela noite. Os últimos dias tinham sido exaustivos, e ainda estava tentando entender o súbito reaparecimento de Grant na sua vida.

Um ataque verbal, como vinha acontecendo, podia aguentar, mas violência física era algo bem diferente.

As palavras de Grant ecoavam repetidamente em suas lembranças. Fique longe de seu amante.

Porém, cada passo que dava, cada evento Porém, cada passo que dava, cada evento social em que comparecia incluía a presença de Xandro. Evitá-lo era quase impossível.

Por que sua vida se tornara tão complicada?

Poucas semanas atrás, tudo parecia tão normal.

Passava longas horas no trabalho, apreciava algum tempo na companhia de amigas confiáveis e acompanhava Liliana em seus compromissos.

Mas isso tinha mudado, e para pior.

Agora tinha apenas meia hora para tomar banho, arrumar os cabelos, camuflar um machucado com ajuda da maquiagem e escolher uma roupa antes de se encontrar com Liliana no saguão térreo.

Um elegante vestido de renda preto com mangas três-quartos, combinando

com os sapatos de salto alto e cabelos presos num coque simples no topo da cabeça.

Ilana entrou no Lexus de Liliana, estacionado diante do prédio. Cumprimentou-a com um beijo afetuoso, e, de alguma forma, conseguiu manter uma conversa inofensiva inócua e leve durante o breve percurso para Rose Bay.

Mal podia controlar os nervos quando entrou com Liliana no suntuoso hall da mansão, com um sorriso disfarçado nos lábios enquanto cumprimentava rostos familiares.

Xandro estava de pé em uma animada conversa com um convidado, seu porte alto e largo instantaneamente reconhecível.

Quase como se sentisse sua presença, ele ergueu a cabeça e encontrou os olhos verdes de Ilana, prendendo-os.

Ela aceitou uma taça de champanhe de um garçom uniformizado e bebeu na esperança de que aquilo pudesse ajudá-la a se acalmar.

Em uma hora, alegria uma dor de cabeça e chamaria um táxi.

Liliana

expressaria

preocupação,

mas

entenderia.

Ilana se misturara aos convidados, fingindo Ilana se misturara aos convidados, fingindo estar aproveitando uma noite prazerosa.

Não era exatamente fácil quando os músculos faciais doíam e era difícil até mesmo sorrir.

Falta de sono, uso exagerado de analgésicos, adicionados a um dia conturbado passado no estúdio... Era de admirar que ainda estivesse de pé.

Champanhe, logo percebeu, não seria o mais adequado, e descartou seu cálice quase cheio, optando por água gelada.

– Ilana.

A voz familiar acelerou as batidas de seu coração e ela se armou de um leve sorriso quando se direcionou para o homem de cabelos escuros cuja presença tinha o poder de fragmentar seus nervos.

Xandro estreitou os olhos quando notou as feições pálidas de Ilana, os olhos verde-escuros e a maquiagem mais pesada do que a habitual.

– Você está bem?

Oh, meu Deus.

– Muito bem.

Ele continuou a estudá-la.

– O que aconteceu?

Estava evidente que algo havia acontecido. Se ela lhe contaria o quê, era outra questão.

– Não quero jogar com você – disse ela.

– Você acha que estamos em um jogo?

– Não tenho lugar em sua vida.

– Sim, tem.

Ilana sentiu o rosto empalidecer, seguido por um rubor quente.

Com um movimento deliberado, Xandro capturou a mão dela e entrelaçou os

dedos nos seus.

O coração de Ilana disparou imediatamente ao toque. Quis retirar a mão e quase o fez, não fosse o desejo por uma aproximação maior...

– Não – disse ela e viu uma sobrancelha arqueando para uma expressão interrogativa.

– Segurar sua mão?

Ela

tentou

livrá-la,

mas

fracassou

completamente.

Seus olhos estavam brilhantes... brilhantes demais, enquanto lutava contra a ameaça de lágrimas.

– Por favor, não faça isso.

Ele afrouxou o aperto, mas não a soltou.

– Você recebeu outra ameaça de seu ex-noivo.

Era uma afirmação, não uma pergunta, e Ilana não podia sustentar o olhar dele.

– O que o faz pensar assim?

– Eu diria que é um dom.

Ela nunca deveria ter ido lá naquela noite.

Porém, era mais fácil comparecer do que inventar qualquer desculpa, pois tanto sua mãe quanto

Xandro

provavelmente

não

acreditariam.

– Você vai me contar o que está acontecendo?

– Não.

– Você não tem de lidar com isso sozinha.

Ilana o olhou cuidadosamente.

– Aceitar ajuda somente piorará a situação.

Acredite.

A dor de cabeça que a vinha perturbando o dia inteiro parecia ter se agravado com o barulho e à sua própria tensão nervosa.

Ela percorreu a sala com uma sensação de desespero. Onde estava Liliana?

– Sua mãe está numa conversa animada no canto da sala.

A voz de Xandro possuía uma calma que ela não ousou examinar quando ele liberou sua mão. Sem olhar para trás, Ilana foi em direção a Liliana.

A dor de cabeça que pretendia simular tinha se tornado uma realidade, e não houve necessidade de fingir quando transmitiu sua vontade de partir.

– Oh, querida – lamentou Liliana. – Sinto – Oh, querida – lamentou Liliana. – Sinto muito por você. Quer que eu...

– Não – disse Ilana rapidamente. – Fique.

Chamarei um táxi.

– Levarei você para casa.

Xandro tinha passos de um felino, e ela fechou os olhos, depois os reabriu.

– Não é necessário.

– Obrigada – murmurou Liliana com charme inato. – Quanta gentileza!

Ilana tinha uma alternativa... a recusa, ou simplesmente

partir

em

silêncio.

Em

consideração à mãe, aos anfitriões convidados, optou pela última alternativa. Assim que chegaram ao lado de fora da casa, pegou seu celular.

O ar noturno era mais frio do que o normal, prenunciando o verão.

– O que você está fazendo?

– Chamando um táxi.

– Não, não vai chamar.

– Deixe-me em paz.

Olhos escuros, quase negros, inflamaram diante da negativa de Ilana, e naquele instante o tempo pareceu parar. Tudo nublou quando ela se deu conta da sensação quase primitiva eletrificando o ar... e das batidas fortes de seu coração.

Como se em câmera lenta, Xandro a puxou para si e tomou sua boca de maneira ardente.

O movimento atingiu seu rosto machucado e um protesto de dor surgiu e morreu em sua garganta.

Então, não havia mais nada além do homem, sua força e seu gosto maravilhoso... A boca habilidosa que fazia promessas nada inocentes.

Quanto tempo teria durado? Segundos?

Minutos?

Ilana se sentiu emocionalmente fundida quando ele a liberou, e por alguns segundos perigosos, pensou que poderia se despedaçar quando lutou por alguma compostura.

Xandro desativou o alarme do carro e deu alguns passos para onde o Bentley estava estacionado, abriu a porta do passageiro e ficou de lado.

– Entre, Ilana.

Ela não se moveu.

– Você ainda não compreendeu que eu não quero ir?

– Não há nada que você precise temer vindo de mim. – A voz dele era calma, na verdade, calma demais. Quase como se soubesse...

Ele não podia saber. Ninguém podia, exceto Liliana.

– Prefiro pegar um táxi.

Xandro não disse uma palavra, e depois de alguns poucos instantes, relutantemente ela deu os passos necessários até o carro dele.

Quanto tempo levaria para chegar ao seu apartamento em Bondi? Era longe demais...

pensou ela quando Xandro se sentou ao volante e deu partida.

Os lábios de Ilana doíam pela pressão dos lábios másculos, e ainda podia sentir o gosto dele. Seu queixo doía, assim como uma das faces. Uma onda de fragilidade a dominou, e, por alguma estranha razão, sentiu-se próxima das lágrimas.

Não, repreendeu-se em silêncio. Uma única lágrima que escapasse seria a humilhação final.

Tenha pensamentos felizes. Dias ensolarados, céus sem nuvens, jardins forrados em rosas e a mudança de pétalas multicoloridas. Gatinhos dando cambalhota na grama... Qualquer coisa que não suas lembranças amargas ou a presença do homem ao seu lado.

Parecia

funcionar,

de

certa

forma,

combinado com o cenário além do para-brisa, as luzes de néon, o tráfego, os minutos desaparecendo enquanto a distância encurtava até seu destino.

Xandro não disse uma palavra. Ela estava grata por isso, e deu um suspiro inaudível quando o Bentley parou diante do prédio.

Ilana soltou o cinto de segurança e se movimentou para abrir o trinco da porta, agradecendo-o de maneira breve.

Tinha dado somente alguns passos quando ouviu a discreta batida de uma porta de carro, seguida pelo sinal de alarme acionado quando Xandro veio para se juntar a ela.

– Acompanharei você até o seu apartamento.

– Não. – Ilana queria que ele fosse embora, para entrar no elevador e saber, dentro de instantes, que estaria protegida dentro de seu santuário particular... e sozinha.

Digitou o código de segurança que liberava o portão de entrada e passou rapidamente para o saguão do prédio, mas não fora rápida o suficiente, porque logo ele estava ao seu lado.

O elevador era operado por uma chave de segurança, e Ilana ficou parada diante da porta, imóvel.

Xandro ergueu uma das mãos e lhe tocou o Xandro ergueu uma das mãos e lhe tocou o rosto, estreitando os olhos ao perceber a lágrima que descia pela face.

– Por favor... Vá embora.

Por um momento, Ilana pensou que ele pretendesse ignorar o comando, mas, em vez disso, ele gesticulou em direção ao elevador.

– Quando você estiver dentro, irei embora.

Ela hesitou, não muito segura se ele cumpriria a promessa, depois apertou o botão e chamou o elevador.

Segundos depois, as portas se abriram e ela entrou.

Um medo momentâneo sombreou seus olhos antes que as portas se fechassem, e o viu se afastando. Logo em seguida, escutou o ruído do Bentley, que partia.

Ilana entrou em seu apartamento e cruzou a espaçosa sala de estar até a cozinha. Todas as luzes já estavam acesas, uma precaução que tomava quando sabia que voltaria para casa depois de escurecer.

Uma xícara de chá, alguns analgésicos e a mudança de roupa para uma confortável camisola... Na ordem inversa, quando resolveu se dirigir ao quarto.

Se por um lado era bom se livrar da maquiagem, não era tão bom ver o machucado escuro cobrindo uma de suas faces. Havia marcas vívidas em cada um dos braços. Ilana também as havia camuflado, escolheu uma blusa de mangas compridas para cobri-las.

Vestiu o roupão e voltou para a cozinha, ligou a chaleira elétrica, preparou uma caneca de chá e engoliu dois analgésicos com água.

Minutos depois, levou a caneca para a sala de estar e usou o controle remoto para ligar a televisão.

Era um alívio estar no sofá confortável cheio de almofadas, enquanto escolhia a melhor programação entre os canais.

Alguma coisa branca no assoalho lhe despertou a atenção bem ao pé da porta. Um envelope? De quem?

Ela atravessou a sala, verificou que o envelope tinha seu nome e endereço impressos e imaginou o motivo para ter sido empurrado por baixo da porta quando toda a correspondência era deixada na recepção do edifício.

Um simples pedaço de papel, pensou Ilana quando tirou do envelope e desdobrou.

Continha uma frase: “Livre-se dele.” Sem assinatura. Somente Grant lhe enviaria um bilhete daquele tipo.

Um tremor involuntário sacudiu seu corpo delgado e diversas indagações invadiram seus pensamentos. A segurança do prédio era rígida, uma das principais razões pela qual ela comprara o apartamento. O fato de Grant ser capaz de violá-la era uma preocupação.

Por dois anos, Ilana não tivera nenhum Por dois anos, Ilana não tivera nenhum envolvimento... Ora, não estava namorando agora. Ou estava?

Jantar em companhia de Xandro, passar algum tempo com ele em eventos sociais, ter ido para casa no carro dele... Eles eram conhecidos, partilhando do mesmo círculo social e de amigos.

Portanto, o que significava um beijo ou dois?

Significava que era mais do que isso.

Pior: uma parte sua queria que fosse muito mais.

Ousaria ignorar as ameaças de Grant e aceitar o que Xandro lhe oferecia, fosse lá o que fosse?

Pelo que podia entender, qualquer opção a conduziria ao sofrimento... Seu sofrimento.

O chá na caneca esfriou enquanto olhava para a tela da televisão sem que realmente estivesse vendo nada, e, em determinado momento, desligou-a, tornou a checar pela segunda vez se a porta da frente estava trancada, depois jogou o chá na pia e foi para a cama.

O sono não chegou com facilidade, e, por duas vezes durante a noite, ela acordou de um pesadelo do qual não conseguia se lembrar com clareza, mas que a deixou tremendo, obrigando-a a ligar o abajur sobre o criado-mudo e ler até que seus olhos comessem a pesar.

À beira do sono, a imagem poderosa de Xandro Caramanis preenchia sua mente.

CAPÍTULO 6

ILANA SAIU da cama cedo e fez o café bem forte e quente, depois se sentou numa poltrona perto das amplas portas de vidro que davam para um pequeno terraço com vista para a baía.

Faria um lindo dia de início de verão, o sol brilhando no mar calmo, e os amantes de praia já estavam caminhando na areia ao longo da orla. Em breve, guarda-sóis tomariam conta de cada espaço disponível na areia, e suas cores vibrantes causariam o belo efeito de um caleidoscópio.

Ela adorava o ar puro, a vista de seu apartamento de frente para a praia e a proximidade da esplanada, com suas mesinhas bem dispostas na calçada, sempre cheias e alvoroçadas.

Ilana tinha meia hora para mudar de roupa e caminhar uma curta distância até o trabalho.

Criar um design para substituir o vestido vermelho não era tarefa fácil, pois deveria ser superior ao modelo premiado.

Ela desenhou esboços e descartou em seguida por diversas vezes, e no fim da manhã ainda não tinha o esboço do que pretendia para fazer justiça à cor e ao tecido escolhido.

Ao meio-dia, fez uma pausa para buscar seu laptop no apartamento.

Checou as mensagens de sua secretária eletrônica e viu que havia muitas gravadas... A maioria contendo longos silêncios seguidos pelo clique do desligar.

Persistente, patético... mas com o efeito pretendido pelo interlocutor anônimo, mesmo que anônimo não fosse o termo mais adequado.

Eram chamadas incômodas, sabiamente feitas a partir de um telefone público ou número privativo para garantir que não houvesse nenhum registro no identificador de chamadas. Só podiam ser de Grant.

Ilana aceitaria repetir esta rotina, e lidaria com as ameaças de seu ex-noivo.

Poucos anos atrás, fora uma jovem despreocupada e feliz, planejando seu futuro ao lado de um homem que acreditara amar.

Porém, não passava de uma ilusão, como finalmente descobrira por si mesma.

Um leve arrepio percorreu sua coluna quando tomou o elevador para descer ao saguão. Qualquer pensamento envolvendo Grant lhe causava uma terrível tensão.

A manhã tinha sido longa e conturbada e Ilana parou num café para comprar um lanche e levar ao estúdio. Andara somente poucos metros ao longo da calçada quando teve o pressentimento de que estava sendo seguida.

Continuou andando, recusando-se a olhar para trás ou demonstrar que alguma coisa ou alguém a estava importunando.

Grant? Ela esperava fervorosamente que não.

A tensão na base do pescoço permanecia e houve uma sensação de alívio quando finalmente chegou ao estúdio.

Uma reviravolta aconteceu no período da tarde.

Doente, uma costureira voltou para casa.

Uma máquina de costura quebrou. Ilana praguejou com irritação, antes de chamar o técnico.

Estava cansada, e pior, apreensiva. Cada toque do telefone a assustava, e ela acabou fazendo com que Micki atendesse todas as chamadas, escolhendo falar somente com seus contatos profissionais e com sua mãe.

Tudo o que mais queria era que o dia terminasse e lhe permitisse voltar para casa.

Podia até mesmo visualizar um banho quente e uma bebida fria, de preferência com álcool para que pudesse acalmar seus nervos e relaxar seus músculos.

Agora, graças a Xandro Caramanis, a mídia a deixara exposta ao falatório maledicente da sociedade local, e por consequência, trouxera Grant de volta para sua vida.

Estou de olho em você.

Ele teria esperado por ela do lado de fora do apartamento naquela manhã? Teria seguido seu carro até o estúdio? Pior, estaria sentado num carro estacionado nas redondezas, espreitando até que Ilana estivesse voltando para casa no final do dia?

A hipótese de que ele pudesse estar planejando outro ataque era perturbadora.

Tinha todos os motivos para permanecer no estúdio, principalmente pelos esboços que precisava examinar, os ajustes que precisava fazer, e queria moldar e alfinetar um corte de chiffon de seda num manequim para estudar o melhor caimento.

Em vez disso, fechou o estúdio e seguiu Micki e duas costureiras até a calçada... quando parou à vista de um Bentley prata estacionado na esquina, com Xandro recostado bem à vontade na porta do passageiro.

– Ilana. – A voz de Xandro era mansa. Seu terno de trabalho era impecável e modelava bem os ombros largos. Intensamente másculo, ele possuía uma aura de poder que o envolvia onde quer que estivesse.

E a boca... Uma personificação do pecado, refletiu ela, recordando-se da sensualidade com que tocara a sua. Uma boca que poderia derreter por dentro qualquer mulher.

Por breves instantes, ele a fez esquecer quem era e onde estava, quando se viu transportada para um lugar onde não havia medo ou insegurança. Somente a promessa de paixão e o homem que podia lhe fornecer isso... se ela ousasse permitir.

Ilana estava certa de que Micki e as duas senhoras não estavam mais por perto.

– Olá. – Ela tentou passar calma.

Xandro parecia relaxado, embora houvesse indício de uma longa espera e observação atenta.

Ele se aproximou até uma distância em que quase a podia tocar. Ela não o queria tão perto.

Ele a perturbava demais.

Havia uma fileira de carros estacionados em ambos os lados da rua. Seria possível que Grant estivesse sentado em um deles, observando...

De olho nela...

– Pensei que pudéssemos jantar.

Mas não juntos. Não esta noite.

– Tenho outros planos. – Não era exatamente uma inverdade. – Obrigada, mas...

Ele mudou sua expressão e estudou a palidez dela, a testa levemente franzida e os olhos verde-escuros.

– Não, obrigada?

– Xandro...

– Seja mais generosa comigo.

Ela passou uma das mãos pelos cabelos.

– Não posso.

– Precisa lavar a louça? – Ele parecia usar de deboche. – Limpar seu apartamento? Escrever para tia Marocas?

– Não tenho nenhuma tia Marocas.

– Devo ficar aliviado? – Uma sobrancelha se ergueu interrogativamente e ela suspirou, irritada.

– Não seja ridículo.

Xandro observou as rápidas mudanças nas emoções que Ilana teimava em esconder, ciente de que não era próximo o suficiente para insistir em obter qualquer explicação. Algo que pretendia corrigir muito em breve.

– Não levaremos mais do que meia hora – reiterou ele tranquilamente.

Ilana sabia que uma recusa seria mais adequada. Caso Grant estivesse em vigília e a visse saindo com Xandro Caramanis... talvez pudesse tomar aquilo

como uma vitória a seu favor.

E daí? Grant cessaria e desistiria de espreitá-

la? Claro que não! As chances eram nulas!

Havia uma alternativa muito simples... Ir até a polícia.

Mas o que eles poderiam fazer, exceto aconselhá-la a prestar queixa se Grant a perturbasse de novo?

Por outro lado, ela não podia mais viver com medo. E estava com fome naquele momento.

– Tudo bem – concordou Ilana.

Com diversos cafés a escolher ao longo de Campbell Parade, Xandro a conduziu para um bem agradável, optou por uma mesa no interior, examinou o menu e fez o pedido.

– Conte-me sobre o seu dia.

Ilana saboreou o aroma do café e colocou Ilana saboreou o aroma do café e colocou uma pedrinha de açúcar em sua xícara.

– Você realmente não gostaria de saber.

Ele fez o mesmo com seu café, enquanto ela notava a firmeza das mãos másculas e o movimento preciso dos dedos quando ele desembulhou o açúcar.

– É claro que quero.

Mãos bonitas, ela percebeu distraidamente.

Adoraria senti-las em sua nuca, segurando seu rosto.

Pare agora mesmo, ordenou a si mesma.

Imaginar como o toque dele a afetaria era algo perto da loucura.

Ilana tomou um gole do café e olhou para ele cuidadosamente sobre a borda da xícara.

Xandro era realmente enigmático.

Debaixo de sua aparência tranquila, habitava uma mente muito astuta e sagaz.

– Uma de nossas funcionárias adoeceu. Uma máquina de costura quebrou. – Ela deu de ombros. – Muitas coisas para fazer em pouco tempo. – Pausou quase imperceptivelmente. – Sua vez.

– O de costume. Uma longa reunião importante. Papeladas.

Nada com que ele não pudesse lidar com facilidade.

Um garçom levou dois pratos de risoto de champignon, espinafre, pinhão e uma farta quantidade de queijo parmesão ralado.

A refeição estava deliciosa e Ilana comeu com satisfação, mas atenta com a proximidade de Xandro e de cada suspiro que dava enquanto apreciava a maneira refinada com que ele levava a comida à boca.

Pensar na boca de Xandro quase a descompensou, e ela precisou de muita concentração para focar em qualquer outra coisa que não exclusivamente nele.

Difícil quando estava sentada a uma distância tão insignificante.

Foi um alívio terminar de comer, e Ilana rejeitou a sobremesa, preferindo mais café, enquanto começava a contagem regressiva dos minutos que restavam para ir embora. Pagaria sua parte na conta e ofereceria algumas palavras em agradecimento, o que evidentemente não aconteceu...

Xandro lhe deu um olhar de reprovação acompanhado de um tranquilo “não” quando ela deixou algumas notas sobre a mesa.

O “obrigada” educado de Ilana, quando saíram do café, recebeu em retorno

uma inclinação de cabeça em reconhecimento.

Ela poderia se retirar e ir embora. Ele certamente não a impediria. Quase agiu assim, mas seus pés desobedeceram suas instruções.

– Preciso adiantar algumas tarefas. – O que não deixava de ser verdade, além dela sentir falta da indispensável segurança que seu apartamento oferecia.

– Eu a levarei para casa.

– Não será necessário. Meu apartamento fica somente a duas quadras daqui.

– Estou indo nessa direção.

– Você é sempre tão... – As palavras lhe escaparam.

– Determinado? Sim, no que diz respeito a conseguir o que eu quero.

– É bom saber – disse ela suavemente. – Detesto homens ditatoriais.

Uma gargalhada estrondosa irrompeu da garganta de Xandro.

– Quer ficar parada aqui e discutir um pouco mais sobre isso?

– E se eu dissesse que preferiria não vê-lo novamente?

Os olhos dele perderam o brilho suave.

– Eu saberia que você estaria mentindo.

Palavras calmas e medidas que quase lhe tiraram a respiração, e por um momento Ilana se sentiu muito vulnerável.

Emocionalmente exposta para um homem Emocionalmente exposta para um homem que parecia decifrá-la tão bem.

– Você está perdendo seu tempo. – Sua voz soou desarmônica mesmo para seus próprios ouvidos, e ela recuou quando ele a tomou pela mão e entrelaçou os dedos nos seus.

Completamente em silêncio, Ilana caminhou ao lado dele em direção ao Bentley, tomou o assento do passageiro e travou o cinto de segurança, enquanto ele rodeava o carro e se acomodava ao volante.

Em poucos minutos, ela estaria em casa... sã e salva.

O trajeto até seu prédio foi cumprido em silêncio, e Ilana já tinha sua chave de segurança à mão quando Xandro parou o carro numa praça larga adjacente à entrada principal do seu edifício.

Ela destravou o cinto de segurança, movimentou-se para abrir a porta e ia agradecê-lo quando

suas

ações

foram

interrompidas pela voz dele.

– Você se esqueceu de uma coisa.

Ilana o fitou de soslaio quando ele se inclinou para frente e roçou-lhe os lábios com os seus.

Oh, Deus! Ela não queria se sentir daquele jeito.

Querer, desejar... Relutante em confiar. E

com medo, muito medo de permitir que qualquer

homem,

especialmente

aquele

homem, derrubasse as barreiras que protegiam seu coração.

A mão máscula se fechou sobre seu braço e ela gemeu de dor.

– O que está acontecendo? – Xandro estreitou os olhos, ao perceber a expressão de dor no rosto dela.

– Está tudo bem. Um machucado, nada mais.

Ele gentilmente teve a iniciativa de erguer a
Ele gentilmente teve a iniciativa de erguer a manga.

A expressão de Xandro não se alterou, mas Ilana sabia o que ele tinha visto. As marcas de dedos impressos em seu braço machucado eram bem distintas.

Ele estudou o seu rosto com cuidado, então tocou uma das faces, encontrando um leve inchaço ali.

– Quem fez isso?

As portas giratórias da portaria se abriram e um morador saiu do saguão, dando ao carro e seus ocupantes um olhar superficial quando passou por perto.

Ilana novamente tentou abrir a porta, mas Xandro a impediu fechando sua mão sobre a dela.

– Seu ex-noivo, por acaso?

A voz dele tinha uma suavidade perigosa junto ao seu ouvido, e ela sentiu a respiração agradavelmente quente deslizar em sua testa.

– Você não tem o direito de me fazer esta pergunta.

O silêncio fornecia um clima quase amedrontador dentro do veículo fechado.

Xandro retirou a mão, liberou o trinco e se inclinou um pouco para trás.

– E se eu tivesse?

– Não lido com hipóteses.

Ela abriu a porta e desceu, sentindo o alívio em se livrar dele... Mas Xandro estava bem a seu lado muito antes que pudesse dar alguns passos.

Ilana o olhou e disse:

– Não...

Toque-me, contradizia em silêncio. Ou venha comigo.

Havia algo na postura dele, uma qualidade que ela não se preocupou em definir.

– Tornaria tudo mais fácil e conveniente se você me dissesse o que realmente aconteceu – insistiu Xandro.

Ele não poderia saber. Ninguém sabia!

– Não – disse ela cuidadosamente –, não tornaria.

Xandro a estudou em silêncio por um longo tempo, observando suas feições pálidas, a ansiedade que ela lutava tão desesperadamente para esconder.

Ela percebia os recursos que ele tinha em mãos? Toda a extensão de seu poder?

– Tudo bem. A escolha é sua.

Por que seus nervos de repente estavam tão tensos?, pensou Ilana. Não fazia o menor sentido.

Tome a iniciativa, uma voz silenciosa lhe dizia. Deseje boa noite, vire-se e ande calmamente pelas portas, entre e caminhe direto para o elevador.

Se ele tentasse detê-la, ela lidaria com isto, mas Xandro a deixou ir e Ilana não olhou para trás até entrar no elevador.

Somente depois de já estar no apartamento, Somente depois de já estar no apartamento, trancou a porta e deixou fluir as emoções que ameaçavam consumi-la.

Estava protegida em seu próprio refúgio.

Sozinha, onde ninguém poderia ameaçá-la fisicamente.

Então por que suas emoções estavam em turbilhão? Aquilo não fazia sentido.

Oh, relaxe! Faça alguma coisa... Algo que ocupe sua mente.

Imediatamente, Ilana trocou a roupa que usava

por

uma

confortável

camiseta

extragrande. Remover a maquiagem foi o passo seguinte, depois escovou os cabelos e fez uma trança simples.

Melhor assim, pensou ao entrar no quarto que havia convertido em estúdio doméstico, ligou o computador e se concentrou nos desenhos em que estava trabalhando para a próxima coleção de inverno.

Ao terminar, enviou um e-mail para Liliana Ao terminar, enviou um e-mail para Liliana contando sobre os acontecimentos de seu dia.

Era um hábito que elas haviam iniciado quando seu pai falecera. Um diário do dia via e-mail. No início, a ideia era de que seria algo apenas temporário... Mas então se tornara um compromisso que nenhuma das duas quis abandonar.

Às 23h, Ilana apagou as luzes, deitou-se e adormeceu assim que pousou o rosto sobre o travesseiro macio.

O DIA seguinte começou como qualquer outro, bastante movimentado, retardando os esforços de Ilana em acrescentar os toques finais em seu novo vestido de noite.

Estava quase terminado quando Micki e as costureiras deram por encerradas suas atividades ao anoitecer.

Alguns minutos a mais e ela terminaria seu trabalho, então iria embora.

Era um final de tarde encantador, com o sol brilhando baixo no horizonte e a brisa fresca soprando do mar quando Ilana trancou o estúdio e deu alguns passos pela calçada.

Trabalhara até mais tarde do que pretendia, mas havia uma enorme satisfação em saber que o novo vestido de noite superaria o vermelho premiado de que Danika tinha se apropriado.

Ela deu um leve sorriso e quase não se conteve em fechar um punho e golpear o ar numa comemoração silenciosa.

Ilana ligou para Micki de seu celular, relatou a novidade, e num impulso decidiu relaxar em um dos cafés próximos.

Estava saindo do bar quando teve mais uma vez a estranha sensação de estar sendo observada, provocando um leve calafrio.

Já era início de noite, mas não deveria temer e seu apartamento não era distante dali.

Naquele momento, o celular tocou, e ela não teve a preocupação de checar o número de quem chamava. Então praguejou quando ouviu a voz familiar de Grant.

– Oi, vadia.

Ela deveria ter desligado, mas estava furiosa pela contínua perturbação dele.

– Com medo de mostrar-se à luz do dia?

Como se sente sabendo que estou de olho em você?

– Você deveria viver sua própria vida.

– E estragar meu divertimento?

Ilana desligou e quase não teve tempo de respirar quando o celular mostrou uma mensagem de texto que era curta e clara.

Deveria ir embora e caminhar para casa, mas se recusou definitivamente a dar a Grant a satisfação de vê-la em fuga.

Cinco minutos... Dez talvez fosse o tempo necessário, e ela deliberadamente esperou o tempo passar, percebendo a chegada de clientes que estavam começando a ocupar as mesas próximas.

Tudo bem, logo sairia dali. Estava em lugar público e movimentado, além do mais, possuía um alarme pessoal com um som tão estridente que acordaria até mesmo um morto.

Uma brisa fresca soprava do mar e Ilana ergueu a mão para afastar os cabelos do rosto.

Foi então que ouviu um tumulto atrás de si, seguido por uma batida e um gemido masculino de dor, e se virou rapidamente para se deparar com Grant a cambalear em uma luta que travava com outro homem que tentava contê-lo. Horrorizada, viu Grant conseguir se livrar e fugir pela rua com uma velocidade inacreditável.

– Quem é você? – perguntou Ilana ao homem que havia lutado com Grant.

– Ele estava prestes a abordar você. – Ele se virou para ir embora, mas algo no comportamento do homem era estranho.

– E como você sabia disso?

– Pelas ações suspeitas dele, madame.

O uso inadequado do “madame” a fez dizer: – Não acredito em você.

Ele deu de ombros.

– O carro está estacionado ali em frente. – Segundos depois, ele apontou para

um sedã escuro com vidros também escurecidos. – Preciso ir.

Alguma coisa naquele carro lhe era familiar, e Ilana de repente se lembrou de tê-lo visto estacionado na rua no dia anterior.

– Acho que deveria me dizer quem você é.

Um carro da polícia parou junto à calçada e um policial disse pela janela: – Você está bem, senhorita?

– Este homem estava me seguindo.

O policial saiu do carro e ficou de pé com a mão no coldre.

Armas

de

fogo

representavam

uma

advertência. Acrescente um uniforme e autoridade, e o efeito era impressionante.

O policial fez algumas perguntas e solicitou O policial fez algumas perguntas e solicitou sua identificação, além de uma explicação... E

Ilana não gostou nada do que ouviu.

– Um guarda-costas?

Benjamin Jackson havia sido contratado por Alexandro Caramanis para protegê-la?

O policial voltou para o carro e a viatura partiu.

- Parece que eu deveria lhe agradecer.
- Eu estava apenas fazendo meu trabalho.
- Teria sido melhor, Benjamin, se você tivesse dito isso de uma vez.
- Chame-me de Ben – corrigiu ele. – A proposta era agir com a maior discrição possível.

Os olhos verdes de Ilana escureceram de raiva.

- Me assustar não conta?
- Não foi minha intenção. – Não, ela não imaginou que tivesse sido. Então o guarda-costas indicou a direção do prédio de Ilana. – Eu a acompanharei no caminho até o seu apartamento.
- Eu vou sozinha.

Ele inclinou a cabeça.

- Neste caso, eu a levarei até o carro.

Ben a acompanhou e ela lhe acenou, acrescentando:

- Tire o resto da noite de folga.

Ela falou aquilo com a intenção de um comentário cínico, mas ele levou a sério.

- Cumpro ordens, madame.

- Ilana. Meu nome é Ilana.

Ela deu a partida, dirigiu algumas quadras, então parou junto ao meio-fio e pegou o celular.

- Mamãe, você tem o endereço de Xandro?

Se a mãe estava curiosa, não demonstrou isso.

– Claro, querida. Vaucluse. – Liliana citou a rua e o número.

– Obrigada, mamãe.

Cinco minutos depois, Ilana dirigiu seu BMW para o leste da cidade, que levava ao prestigioso bairro onde Xandro residia.

Queria matá-lo. Bem, talvez isso fosse um pouco severo demais... Golpeá-lo, pelo menos.

Sem mencionar que verbalmente o reduziria a farrapos.

Sua mente fervia com tudo o que pretendia dizer.

A tranquila rua ladeada por árvores frondosas tinha uma composição de diversas casas bonitas, algumas modernas, outras em estilo vitoriano, todas com grandes jardins.

Ilana verificou o número, estacionou e então cruzou o portão de entrada se identificando através de um sofisticado sistema de segurança.

Uma imensa casa de dois andares estava situada no centro do terreno amplo com jardins bem conservados, o estilo arquitetônico combinando soberbamente com o cenário em volta.

Em questão de segundos, o portão se abriu e ela rapidamente cruzou o caminho semicircular até a entrada principal.

Quando alcançou a entrada, Xandro já estava com a porta entreaberta.

– Ilana.

Ele não parecia nem um pouco surpreso em vê-la e a raiva dela aumentou ainda mais.

– Como você ousa?

Uma sobrancelha arqueou-se num visível cinismo quando ele ficou de lado e gesticulou em direção ao saguão.

– Não me diga que quer discutir na soleira da porta.

Ela lhe lançou um olhar fulminante e entrou, detestando a falta de sensibilidade dele.

Tão logo a porta se fechou, e Ilana se virou para encará-lo, com seus olhos ardendo de fúria quando enfrentou o porte poderoso.

– Quem lhe deu o direito de interferir na minha vida?

– O que aconteceu com um oi educado? – perguntou Xandro com visível deboche no tom de voz e apontando para uma sala à sua direita.

Ele parecia estar testando o controle dela.

– Você contratou um guarda-costas. Por quê?

– Entre e lhe oferecerei um drinque.

Havia raiva em seus olhos quando disse: – Esta não é – ela fez uma pausa e tentou respirar com calma – uma visita social.

– Assim deduzi.

Ilana não se importara em olhá-lo antes, pois estava muito consumida pela raiva.

Mas agora se dava conta de sua postura, os ombros largos por baixo da camisa branca com os punhos dobrados, revelando antebraços fortes, e botões desabotoados à altura do pescoço, como se ele tivesse se livrado da gravata para descartar a imagem formal de homem de negócios.

Demonstrava força, não somente do corpo, Demonstrava força, não somente do corpo, mas também da mente.

– Você poderia pelo menos ter me contado.

– E qual seria sua reação?

Ela deu um profundo suspiro.

– Ele me deu um susto enorme.

– Grant Baxter?

– Você acha que eu... – Ilana parou e seus olhos se estreitaram. – Quem?

– Você ouviu.

Ela empalideceu. Como ele podia saber?

Mas claro, qual dificuldade um homem como Xandro Caramanis teria para obter informações?

Tudo o que ele tinha a fazer era dar um telefonema

e

investigar.

Ela

procurara

atendimento em um hospital... particular, não público, após a agressão de Grant na véspera do casamento deles. O hospital mantinha seus registros, havia um boletim de ocorrência policial.

Os olhos de Xandro estavam escuros, quase parados enquanto observava o movimento de emoções nas feições expressivas dela.

– Existe uma lei de privacidade – disse ela. – Posso processá-lo. Você a violou.

Ele deu de ombros levemente.

– Fique à vontade.

Ela reagiu sem pensar, golpeando com os punhos onde podia. No peito dele, no ombro, no braço.

– Quero que você morra!

Xandro não recuou, não se moveu por um longo momento, depois, a conteve pelos pulsos e a dominou facilmente.

– Solte-me!

– Basta. – A voz dele era suave, porém firme.

– Pare com isso – ordenou enquanto ela continuava a lutar. – Você acabará se machucando.

Ela já estava ferida o suficiente. Zangada...

Muito zangada, com Grant e com Xandro.

Mais do que tudo, não queria continuar a viver daquele jeito. Sempre em alerta, consciente de todas as possibilidades de riscos que corria...

Sua respiração suavizou vagarosamente, assim como as batidas de seu coração.

– Por que fez isso? – perguntou ela.

Xandro não se fez de desentendido.

– Você precisava de proteção e eu providenciei para que a tivesse.

– Só isso?

– Sim.

O leve deboche dele a fez erguer o queixo em desafio.

– Mais uma vez... Por quê?

A boca sensual dele curvou em um sorriso leve.

– Porque possuo um bom coração e sou afetuoso.

– Estou certa de que há uma legião de mulheres que poderiam atestar sua afetividade.

– Nem tantas assim.

– É mesmo? Como se você pudesse me enganar.

Por um momento ela notou um certo divertimento naqueles olhos escuros e se sentiu tentada a golpeá-lo novamente. E faria isso assim que pudesse se livrar dele.

– Eu vim aqui para...

– Desabafar?

– Para lhe dizer que dispense seu guarda-costas e fique fora da minha vida!

– É difícil.

– Basta pegar o telefone e dispensá-lo.

Ele não demonstrou qualquer intenção de fazer isso.

– Não.

Os olhos de Ilana lembravam esmeraldas escuras e pareciam em fogo naquele momento.

Xandro recordou o ódio que sentira quando tomara conhecimento de toda a dor que Grant causara a ela. Sua reação fora imediata.

– O guarda-costas fica e eu também.

Ela fechou os olhos numa tentativa de abrandar sua ira, depois os reabriu.

– Você não pode fazer isso.

Ele a olhou fixamente e conteve a vontade de tomá-la em seus braços, imobilizá-la até que ela pudesse absorver toda a sua força. Assegurar que faria tudo ao seu alcance para mantê-la em total segurança.

– Você descobrirá que posso.

A tranquilidade na voz de Xandro a perturbou momentaneamente, e por alguns segundos, ela se sentiu aprisionada em seu olhar.

– Não quero nenhum homem na minha vida.

– Que pena.

Ilana abriu a boca para responder, mas fechou novamente, procurando se controlar.

– Terminei o que vim fazer aqui. – O tom de voz dela era convincente.

Xandro liberou uma das mãos, mas continuou segurando a outra com firmeza.

– Nós deveríamos comer alguma coisa.

Sem poder acreditar no que ouvia, ela o encarou.

– Aqui? Com você? Perdeu o juízo se pensa...

– Ela fez uma pausa. – Que absurdo! Não existe nós.

– Jantar – reiterou ele implacavelmente.

– Não. – Ilana queria sair dali, ir para longe daquele homem perturbador e de tudo o que ele representava.

– Uma refeição agradável, um bom vinho. – Ele deu de ombros.

Sentada a sua frente na intimidade de uma mesa para dois? Saborear lentamente a comida enquanto tentavam uma conversa? Agir como se tudo estivesse normal e eles fossem apenas bons amigos?

– Não acho uma boa ideia.

Assim, ela puxou sua mão e caminhou em Assim, ela puxou sua mão e caminhou em direção à porta.

Como uma saída triunfal, funcionou bem...

Embora, depois de ter se afastado, não estivesse mais tão certa disso.

Uma vitória temporária, quem sabe em nome da autopreservação?

Ilana voltou para Bondi Beach atenta ao espelho retrovisor, e apesar de não ter percebido qualquer indício de estar sendo seguida, percorreu todo o trajeto com o coração disparado de medo.

Teve um mau momento quando entrou com o BMW na garagem subterrânea do prédio e manteve o spray de pimenta em mãos, até que alcançou seu apartamento em segurança.

CAPÍTULO 7

O DIA seguinte voltou a uma relativa normalidade, com intensas preparações para o desfile agendado para o mês seguinte.

Uma revista de alcance nacional pretendia fazer a cobertura.

Era necessário um estudo das tendências exibidas nas passarelas de Londres e Milão e checar os tecidos para a próxima coleção de inverno.

Sem nenhum telefonema abusivo de Grant, nem chamadas desligadas no celular de Ilana, ou mensagens ameaçadoras em sua secretária eletrônica.

O episódio com o guarda-costas contratado O episódio com o guarda-costas contratado por Xandro teria sido um alerta para Grant?

Ou ele estava apenas ganhando tempo?

Xandro fez duas chamadas: na primeira, Ilana não atendeu, e na segunda, recusou educadamente seu convite.

Ignorar Xandro não funcionava.

O que a fizera pensar que funcionaria?

Uma recepção na casa de uma das amigas mais íntimas de Liliana agrupou a nata da sociedade local.

ERA ESPERADO que Ilana escolhesse algo de deslumbrante para usar e ela não desapontou.

Com um vestido de crepe lilás, combinando com sapatos de salto alto, e um elegante penteado, recebeu vários olhares de admiração.

Era inevitável que Xandro estaria presente, e Ilana se pegou inconscientemente à procura daquele rosto familiar quando se misturou à multidão de

convidados

na

elegante

propriedade dos anfitriões.

Ela sorria ao participar de conversas sobre amenidades, e se assegurou de que estava de fato se divertindo.

Manteria-se assim, até ver Danika fazendo uma entrada triunfal... Cabelos bonitos, maquiagem habilmente aplicada, joias com diamantes reluzentes se destacando... Usando o premiado vestido vermelho da Arabelle.

Ilana quase rangeu os dentes.

Embora uma parte sua tivesse de admitir que a ordinária fazia justiça ao luxo do vestido.

Afinal, não era o objetivo de qualquer criação artística exhibir todo o talento de seu criador?

Ela sentiu um leve arrepio em sua nuca e se voltou lentamente para encontrar o olhar enigmático de Xandro.

Por um momento os olhos dele pareceram turvados, quase inertes, depois abriu um pequeno sorriso, e ela sentiu um ardor incontável dominar seu corpo.

Odiava que as ações de seu corpo fossem Odiava que as ações de seu corpo fossem contrárias aos comandos de sua mente. Sua vida fora toda planejada. Não precisava, e muito menos queria, sentir-se daquela maneira.

Especialmente quando seu instinto lhe avisava para se afastar dele o mais depressa possível.

Já não tinha sido afetada o suficiente por Grant para descartar todos os homens para sempre? Não estava ainda pagando o preço?

Por que então querer trilhar aquele caminho novamente?

Com uma fascinação imprópria, observou Danika se encaminhando para o lado de Xandro, e estava realmente despreparada para a repentina pontada de ciúme quando a modelo roçou sua boca no canto da dele.

Ilana imediatamente se virou, procurando deliberadamente conversar com um conhecido que estava por perto.

Alguns convidados se dirigiram para o amplo

terraço

coberto,

cujas

paredes

envidraçadas forneciam uma vista fantástica do porto.

Parece magia, pensou Ilana, apreciando a vista em sua relativa solidão.

– Você parece estar se aperfeiçoando na arte de evitar meus telefonemas.

Sua percepção não a alertara para a presença de Xandro, e a voz profunda a fez tremer.

Ilana se virou para encará-lo, incapaz de ver bem a expressão dele na penumbra.

– Não temos nada a discutir.

– Seu ex-noivo tem feito algum contato?

Xandro não tinha a intenção de lhe contar que havia contratado um segundo guarda-costas para manter constante vigilância sobre Grant.

Uma investigação minuciosa sobre a vida pregressa de Grant Baxter havia revelado uma tendência a um comportamento psicopata desde a infância, agravado na adolescência, com uma acusação de tentativa de estupro aos 19 anos e uma demissão sumária na empresa em que trabalhava por assédio e ofensas a uma colega de trabalho.

– Nenhum telefonema, mensagens de texto, chamada desligada – respondeu ela. – Não lhe ocorreu que eu podia não querer falar com você? Ou estar em sua companhia?

Ele sorriu.

– Você é diferente das outras mulheres.

Ela não conseguiu se conter.

– Por não sorrir com afetação e me derreter com cada palavra sua?

– Isto também.

– E eu pensando que você pudesse ser vulnerável a mulheres malvadas.

A gargalhada dele lhe tocou profundamente e Ilana sorriu.

– Talvez eu devesse adquirir uma esposa como proteção.

Ela recordou como ele dispensara Danika e inclinou a cabeça de lado.

– Você acha?

– Isso até poderia funcionar em uma rotina relativamente descomplicada. – Ele parecia estar se divertindo.

– De algum modo, não vejo em você um perfil de marido.

– Impossível que eu possa querer filhos?

Ilana

arqueou

a

sobrancelha

propositadamente.

– Para perpetuar a dinastia Caramanis?

– Certas glórias poderiam fazer o casamento valer a pena.

“Glória” era algo que ela não queria considerar.

O simples pensamento daquele corpo másculo envolvido em intimidade física a desarmou momentaneamente.

Ilana tentou se afastar, mas os lábios de Xandro já desciam sobre os seus.

Com seus dedos firmes, ele segurou-a pelo queixo, erguendo o seu rosto, enquanto tocava sua boca num beijo que a deixou completamente sem fôlego.

Um beijo sensual, uma espécie de dança erótica que prometia muito mais.

Uma das mãos másculas a segurava pela nuca e ela começou a se entregar, incapaz de conter as sensações de prazer que o beijo lhe causava.

Não havia noção de tempo ou lugar...

Somente o homem e o efeito que o beijo exercia sobre seu corpo e sua alma.

Aquilo... era diferente de qualquer estímulo que ela já houvesse experimentado. A conjunção de todos os sentidos, transportando-a para um lugar que jamais imaginara existir.

Quase como se soubesse, ele continuou a provocá-la, inflamando-lhe as emoções até que Ilana teve a impressão de que poderia se partir em mil pedaços.

Estava tão consumida por Xandro que um protesto suave soou em sua garganta quando ele começou a soltá-la um pouco, mudando as mãos de posição para segurá-la pelo rosto e lhe roçar os lábios antes de finalmente a liberar.

Ao que pareceu ser uma eternidade, ela apenas o olhou enquanto buscava por compostura.

Os olhos de Xandro estavam entorpecidos quando ele pressionou a ponta do polegar na suave curva delineada de sua boca.

Aquilo não era apenas um beijo, pensou Ilana. Era possessão.

O que viria em seguida?

Nada. Absolutamente nada.

Ela tocou os próprios lábios, ainda sentindo o gosto dele. Pior, queria mais, necessitava de mais proximidade, queria desfrutar daquela paixão...

– Você acharia isso muito difícil? – Por um momento, ela apenas o olhou, depois seu rosto empalideceu. Ele não podia querer dizer... – Ser minha esposa – completou Xandro, como se tivesse lido sua mente. E não fez nenhuma tentativa de tocá-la. – Não estou brincando.

Ilana parecia ter perdido a habilidade de coordenar as palavras.

– Minha vida está ótima como é.

– Muito pouco mudaria. Você tem seu trabalho. Eu tenho o meu.

– Você considera tal proposta mutuamente vantajosa,

mesmo

baseada

apenas

em

conveniência?

– Você tem algum problema com isso?

Aquilo tinha ido longe demais.

– Por isso me beijou? – Os olhos dela adquiriram um brilho feroz, que contradizia e traía sua calma reprimenda. – O que virá em seguida? Sexo para determinar se somos efetivamente compatíveis? – acrescentou com sarcasmo.
– Se isto é um pedido de casamento, é de péssimo gosto.

Ilana se afastou e cruzou o terraço para retornar ao salão, onde pegou uma taça de champanhe de uma bandeja que lhe fora oferecida.

A bebida gelada não lhe caiu bem, e ela discretamente descartou a taça. Então, foi ao encontro de Liliana, e, manifestando sua intenção de ir embora, procurou os anfitriões e se despediu.

Tinha dado apenas alguns passos quando Xandro surgiu.

– Eu a seguirei até sua casa.

– Não seja ridículo.

– Isso não está aberto a negociações.

Por um breve momento, ela cogitou a possibilidade de discutir com ele, mas, em vez disso, contentou-se com um olhar irritado antes de desarmar o alarme de seu carro e sentar-se ao volante.

Segundos depois, estava dirigindo seu BMW

e ignorou a tentação de olhar pelo espelho retrovisor.

Poderia ter a iniciativa de tomar uma rota Poderia ter a iniciativa de tomar uma rota diferente para enganá-lo, e assim o fez, sem sucesso, pois a um quilômetro de seu apartamento um carro a fechou, forçando uma rápida manobra no volante em direção à calçada.

Ilana pisou rapidamente nos freios, sentiu o BMW balançar, ouviu o som de metal raspando. O air bag se abriu ao impacto, seguido pelo som típico de pneus arrastados.

Em choque, manteve-se imóvel por diversos segundos, e então ouviu vozes... Vozes masculinas em tom áspero, seguidas pela consciência de que alguém estava forçando a porta do passageiro.

Seu cinto de segurança foi solto e, depois, tudo pareceu acontecer em rápidas sucessões.

Xandro estava ali, segurando sua mão com firmeza, e ela podia ouvi-lo ao celular. Logo houve o som de sirenes e uma ambulância chegou, seguida por um carro da polícia.

O protesto de Ilana não foi ouvido quando algumas pessoas a ajudaram a se deitar em uma maca, transferindo-a para a ambulância, levando-a para o hospital mais próximo.

Ela se recordava de ter assegurado a alguém que estava bem. Depois disso, tudo se tornou absurdamente

conturbado.

Perguntas,

enfermarias do setor de emergência, exames médicos, raios X.

– Estou bem – recordou ter dito durante um procedimento, somente para receber como resposta um olhar de Xandro que dizia mais do que qualquer palavra.

O resultado final foi que não houve nenhuma fratura. Apenas contusões, choque e a afirmação de que ela tivera muita sorte em escapar ilesa. As recomendações eram de que passasse a noite no hospital em observação, como medida preventiva.

– Eu gostaria de ir para casa.

O médico trocou um olhar com Xandro.

– A senhorita Girard está sob seus cuidados?

– Sim – respondeu Xandro.

– Não – refutou Ilana simultaneamente, e viu o olhar especulativo do médico.

– A polícia está aguardando na recepção para tomar o depoimento de ambos.

Levou algum tempo, e depois ela colocou as pernas sobre a beira da cama e tentou se levantar.

– O que você acha que está fazendo? – perguntou Xandro.

– Vou me trocar e vou embora.

Xandro se moveu impaciente.

– Não, não vai. – Ele pôs as pernas dela de volta sobre a cama e a acomodou sobre uma pilha de travesseiros. – Quer realmente discutir? – Inclinando-se, amparou-lhe os ombros com as mãos. – Acredite, você não vai a lugar algum. – Os olhos dele brilhavam com algo que ela não se importou em definir. – Apenas... Cale-se.

Ele não achou pertinente relatar que havia ordenado que um guarda-costas ficasse ao lado da porta.

– Você quer que eu entre em contato com Liliana?

– Não – respondeu rapidamente. – Por favor, não. Mamãe precisa tomar um voo amanhã bem cedo para Melbourne para visitar seu irmão. Não há razão para que adie a viagem. Eu lhe contarei tudo na volta.

– Você pode precisar repensar isso.

As feições de Ilana empalideceram enquanto retomava a compreensão.

– Alguém tirou fotos?

– Sim.

Mesmo se uma foto não fosse publicada pela imprensa, uma nota comentaria e ocorrido.

Xandro Caramanis era uma pessoa digna de ser noticiada e o fato de estar envolvido naquilo...

– Que inferno!

Ilana fechou os olhos e sentiu o carinhoso Ilana fechou os olhos e sentiu o carinhoso toque da boca de Xandro contra a sua.

– Tente dormir.

Foi a última coisa de que ela teve lembrança, e, quando acordou na manhã seguinte, as enfermeiras estavam cumprindo suas rotinas e Xandro estava sentado com as pernas esticadas em uma poltrona ao lado de seu leito.

Fragmentos da noite anterior surgiram na mente de Ilana, e cuidadosamente alongou o corpo, tentando sentir onde poderia doer.

Sentiu seus ombros um pouco, assim como a área onde o cinto de segurança a protegera.

Mas, além disso, nada de muito grave.

– Como você se sente?

Ilana virou a cabeça levemente e encontrou o olhar escuro de Xandro. Então disse a primeira coisa que lhe veio à mente:

– Ainda está aqui?

– Você acha que eu não deveria estar?

Ele revivera o momento do impacto. Ele revivera o momento do impacto inúmeras vezes, a urgência em tirá-la de dentro do carro e afastá-la de qualquer perigo. Junto com a suspeita de que a cena da batida não tinha sido um acidente.

– Vou me vestir e ir embora.

– Depois do café da manhã, quando o médico já a tiver examinado.

Aquilo era demais.

– Segui todas as instruções médicas – disse ela firmemente. – Agora, realmente quero ir embora daqui.

Felizmente, o médico apareceu em seguida e a liberou após o café da manhã, que Ilana mal conseguiu tomar.

Não levou muito tempo para trocar de roupa. Teve de admitir que parecia um tanto imprópria para as nove da manhã, e sua tentativa de pedir um táxi na recepção foi firmemente descartada por Xandro.

– Sem táxi.

– Posso cuidar de mim mesma.

– Mas não cuidará.

Ilana lhe dirigiu um olhar firme e não disse uma palavra sequer até que Xandro conduziu o Bentley para a entrada do prédio de seu apartamento.

– Não há necessidade...

– Protestar não vai adiantar. – Ele desceu do carro, deu a volta e abriu sua porta.

Render-se era a atitude mais sábia a tomar, e depois de uma hesitação momentânea, ela desceu do carro e se juntou a ele.

Não disse uma só palavra quando eles passaram pela segurança e pegaram o elevador para o apartamento dela. Já do lado de dentro, virou-se para encará-lo.

– Obrigada.

– Vá arrumar sua mala.

Ela franziu o cenho.

– Não entendi.

– Entendeu, sim. Ponha na mala o que for – Entendeu, sim. Ponha na mala o que for necessário para alguns dias. Você não vai ficar aqui sozinha. – O tom de Xandro dispensava qualquer argumentação, e ela lhe lançou um olhar fulminante.

– Não.

Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça e ficou de pé, observando-a com uma calma que chegava a ser perigosa.

– Alguém cometeu um sério atentado contra sua vida ontem à noite. Você ficará mais segura na minha casa do que aqui.

– O que eu quero não conta?

– Neste momento... não. Vai fazer a mala ou não? Ou deverei fazê-la por você?

– Você é o homem mais irritante que já conheci.

Por um momento, Ilana pensou em desafiá-

lo, mas havia tanta determinação na voz dele que preferiu selecionar o que deveria colocar na mala que retirou do armário. Jogando algumas mudas de roupas e outras coisas essenciais dentro, fechou o zíper, depois pegou seu laptop, seu caderno de esboços e se virou para fitá-lo.

– Satisfeito?

– Por enquanto.

Havia uma sensação de déjà-vu ao retornar à elegante mansão de Xandro. Alguns dias atrás, ela ficara com raiva ao surpreendê-lo a observar seu apartamento de maneira tão detalhada.

Agora podia notar com mais cuidado os tetos altos e amplos, uma escadaria larga e graciosa em espiral, obras de arte originais decorando as paredes e a mobília de primeira linha.

Uma galeria retangular no fim da escada parecia

conduzir

a

diversos

quartos,

constatados pelo número de portas fechadas, e Ilana seguiu Xandro ao longo de um lado da galeria para uma suíte decorada com os requintes de uma imensa cama, penteadeira com diversos espelhos e um roupeiro de carvalho.

Cores neutras se combinavam nos motivos das colchas, almofadas e cortinas. Um banheiro privativo azulejado do chão ao teto, com todos os apetrechos possíveis para banho e uma pilha de toalhas felpudas dobradas com um cuidado todo especial.

Xandro depositou a mala e a maleta com o laptop sobre uma cadeira próxima.

– Estou certo de que você se sentirá confortável aqui.

– Obrigada.

Ele retribuiu o agradecimento com uma comportada leve inclinação da cabeça.

– Vamos descer e eu a apresentarei à minha governanta. Judith e seu marido, John, tomam conta da casa e jardins em volta da propriedade.

Uma mulher agradável com um sorriso amigável ofereceu uma saudação calorosa quando eles entraram na cozinha, junto com um homem que Ilana reconheceu como o guarda-costas que a havia defendido na primeira tentativa de Grant.

– Em nenhuma circunstância, você irá a qualquer lugar sem Ben, ou sem mim, 24 horas por dia. Fui claro?

Ela quase fez uma reverência debochada.

– Sim, senhor.

Os olhos de Xandro ficaram ainda mais escuros.

– Não tente me enganar.

– Você me tem à sua disposição.

– Há um remédio muito eficiente para mulheres atrevidas, sabia?

– Estou tremendo de medo.

– Tome cuidado, Ilana – disse ele em um tom de voz perigosamente suave.

– Minha querida, você gostaria de uma xícara de café? Ou prefere chá? – perguntou Judith gentilmente. – Talvez algo para comer?

– Leve ao escritório, Judith – disse Xandro, indicando a sala anexa. – Há assuntos referentes ao acidente que Ilana e eu precisamos discutir.

O BMW, o seguro, a polícia... Assuntos com que ela era capaz de lidar sozinha, sem a necessidade de ambos comparecerem à delegacia para formalizar os depoimentos.

– Há mais uma coisa – disse Xandro. E lhe entregou o jornal daquela manhã.
– Leia isso.

Ele tinha aberto o jornal na página apropriada, e Ilana leu a notícia. Uma foto sua na maca da ambulância com Xandro ao seu lado estava em evidência.

A foto não era tão comprometedora, mas sim a legenda.

Noiva de magnata envolvida em acidente de carro.

Por um momento, ela sentiu como se não pudesse respirar, então levantou a cabeça e olhou para ele.

– Noiva? Você vai exigir uma retratação?

– Não imediatamente.

Ela sentiu vontade de gritar.

– Por que não?

Xandro se recostou contra o espaldar da cadeira e a estudou em silêncio.

– Pense bem, isso provocará Grant a cometer outra imprudência tola e ser efetivamente flagrado.

Era um plano que poderia funcionar. Talvez.

Com esse resultado, Grant seria condenado e sentenciado a receber tratamento psiquiátrico...

E sairia de sua vida de uma vez por todas.

– Você discutiu isso com a polícia? – perguntou ela.

– Eles estão cientes dos meus pontos de vista.

Ilana deu um suspiro profundo.

– O que mais você tem em mente?

Ele a olhou cuidadosamente.

– Permitir que todos tenham a impressão de que nosso relacionamento ficou mais sério.

O coração de Ilana descompassou.

– Especificamente?

Ele demorou a responder.

– Sustentar a ideia do noivado. Ninguém, nem mesmo Liliana, deverá saber. Sua segurança é a prioridade, e será mais fácil de obtê-la se você ficar aqui.

Ela o olhou, quase não acreditando no que ouvia.

– Você está sugerindo que eu more com você?

– Algum problema?

Realmente

vivendo

com

ele?

Compartilhando sua vida?

De repente começou a sentir um violento desconforto em protesto.

– Não estou certa de que aprovo esta ideia.

– A única pessoa a temer é você mesma.

Uma declaração cheia de complexidades, que Ilana preferiu não analisar com mais atenção.

Não podia desconsiderar que Xandro estava certo. Ou que sua sugestão ao menos fazia sentido. O que precisava, concluiu ela, era de uma cláusula de resguardo. Talvez mais de uma!

– Ficarei por dois dias. – Uma concessão temporária, que a permitiria reavaliar toda a situação mais para o meio da semana.

Dois dias. Que dificuldade poderia haver nisso? Tinha seu laptop e seu caderno de esboços... Poderia permanecer na sua suíte e somente aparecer para as refeições.

– Ótimo. – Xandro se inclinou para frente e retirou do bolso um cartão de visitas. – Vamos liquidar as formalidades policiais de uma vez, então você poderá descansar após o almoço.

CAPÍTULO 8

O SONHO de Ilana logo se transformou em um pesadelo. Tão real e assustador que a fez lutar para se proteger.

A

imagem

masculina

nebulosa

se

transformou na figura de Grant, suas feições delineando raiva... A aparência do consumo de álcool e as mãos cruéis, rasgando suas roupas, atirando-a no chão. Ela lançou a cabeça de um lado para outro com o efeito da bofetada e gritou em protesto enquanto lutava em desespero.

– Acalme-se. Agora. – A voz era diferente, distante, e ela estendeu a mão, instintivamente pedindo socorro. – Ilana.

As imagens se dispersaram quando se viu num quarto iluminado que não era o seu, e arregalou os olhos amedrontados quando descobriu que não estava sozinha.

Defensivamente,

recostou-se

contra

a

cabeceira da cama até que pudesse retomar seu autocontrole... E a adrenalina em seu sangue diminuiu enquanto as batidas de seu coração voltavam ao ritmo normal.

Um pesadelo. Deus, tinha sido apenas um pesadelo.

Mas tão real que ela revivera a intensidade do momento em que Grant

aparecera à sua porta na véspera do casamento.

– Estou bem.

Xandro reprimiu um suspiro. Ela não estava bem.

Ele acordara imediatamente ao som do grito de Ilana, saltando da cama, vestindo seu jeans e correndo para o lado oposto da galeria, onde abriu a porta da suíte dela e cerrou os dentes ao vê-la no auge de um pesadelo hediondo.

Naquele momento, quis aniquilar o homem responsável por tanto sofrimento a Ilana.

– Isso acontece com frequência?

Ela controlou a respiração, e se esforçou para sustentar o olhar de Xandro.

– Geralmente quando alguma situação age como gatilho.

– Quer falar sobre isso?

Ela fez uma careta.

– Tenho conversado sobre este assunto com terapeutas e tentado superar o trauma. – Levaria tempo para voltar a ter confiança. Para alguns, isso nunca aconteceria.

– Posso lhe dar algo para ajudá-la a dormir?

Ilana não queria dormir. Algumas vezes seu subconsciente a levava de volta para o ponto onde o pesadelo parara.

– Vou ler um pouco. Talvez ligue meu laptop.

A presença dele a perturbava mais do que queria admitir. O jeans era baixo nos quadris, e Xandro estava sem camisa, evidenciando ombros lindamente largos. Músculos rígidos se flexionavam com perfeição a cada movimento, e ela quase podia sentir o calor que emanava daquele corpo másculo.

Xandro observou as feições pálidas, os olhos arregalados, e quis se deitar com ela, aninhá-la em seus braços, como uma garantia de que o ex-noivo nunca mais a machucaria.

Em vez disso, afastou-se alguns passos.

– Se precisar de alguma coisa, me chame.

Como se ela fosse fazer isso. Entrar no quarto dele, acordá-lo e pedir ajuda. Jamais.

Ilana não disse nada, apenas o observou sair do quarto e fechar a porta de modo silencioso.

Permanecer na cama não era uma opção, e ela ligou seu laptop, com o intuito de redigir um e-mail para a mãe.

Havia uma revista de moda em sua mochila, Havia uma revista de moda em sua mochila, e a leu até o final.

Se estivesse em casa, teria ido para a sala, assistir à televisão. Qualquer coisa para passar o tempo.

Quantas

horas

faltavam

ainda

para

amanhecer? Três... Quatro?

Ela checkou o relógio e gemeu. Tempo demais para ficar acordada.

Logo sentiu sono e lutou pelo tempo que pôde, até que foi vencida, sendo levada de volta à cama que sempre retornava para assombrá-la.

Em determinado estágio do sono, Ilana acordou, a respiração ofegante como se tivesse corrido uma maratona. Ficou deitada quieta, na tentativa de se acostumar ao ambiente estranho.

Teria gritado novamente? Por favor, Deus, não.

Fechou os olhos, depois os reabriu, grata pela luz externa que começava a invadir o quarto.

Que coisa, faça alguma coisa... Qualquer coisa.

Saindo da cama, andou pelo assoalho sentindo uma necessidade atroz de tomar uma xícara de chá bem quente e forte.

Tudo bem, então iria até a cozinha e ligaria a chaleira. Quem poderia se opor?

Minutos depois, a chaleira elétrica estava com a água fervendo e ela retirou uma caneca de um armário envidraçado... Foi quando os pelos de sua nuca se eriçaram ao ouvir a voz de Xandro.

– Não consegue dormir?

Ele dera passos leves como os de um gato, pois ela não o ouvira se aproximar.

Lentamente, soltou a respiração que havia inconscientemente prendido e colocou a caneca sobre o balcão de mármore.

– Não tive a intenção de acordá-lo. – Desta vez, Xandro tinha vestido uma camisa. – Gostaria de uma xícara de chá?

Ela mais parecia uma obra de arte. Cabelos desalinhados, pernas nuas do meio das coxas para baixo, e vestida com uma larga camiseta de algodão estampada com uma enigmática mensagem em italiano cuja tradução dizia: Não me emporcalhe.

Havia um pouco de humor em ser acordado duas vezes durante a noite por uma mulher que não compartilhava sua cama... e sem intenção de compartilhá-la naquele século.

Qualquer outra mulher teria vestido uma lingerie insinuante, preferencialmente preta ou vermelha, aplicado ao menos um mínimo de maquiagem, deixado os cabelos soltos e posto algumas gotas de perfume.

Quando Xandro pensaria em tomar chá às 4h? Mas por que não?

– Preto, pouco açúcar.

As mãos hábeis completaram o pedido e ela lhe entregou a caneca de chá.

– E agora? – Xandro ergueu a caneca e deu – E agora? – Xandro ergueu a caneca e deu alguns goles. – Discutiremos o mundo das artes, os problemas universais?

– Conte-me alguns detalhes de sua vida pessoal – sugeriu Ilana calmamente.
– Família.

Gostos e aversões.

Xandro lhe contou, de modo breve, a obsessão do seu falecido pai pelo trabalho, as esposas e amantes que haviam bajulado Yannis e feito seu filho sofrer.

– Você não vai retribuir? – perguntou ele quando ela terminou seu chá.

– Por quê? Você já sabe muito sobre a minha vida.

Uma infância feliz, viagens excitantes para outros países, uma profissão de sucesso... e um homem que havia traído sua confiança.

– Grant Baxter. Onde e como você o conheceu?

Ela não queria realmente entrar no assunto.

– Uma cirurgia veterinária. Meu gato estava – Uma cirurgia veterinária. Meu gato estava doente. O cão de Grant tinha sido severamente ferido numa briga e precisava ser sacrificado.

Senti pena dele, concordei em compartilhar um café... e logo estávamos

namorando. Ele era bom, atencioso e pensei que aquilo fosse amor.

Ficamos noivos, planejamos o casamento. – Ela fez uma pausa para pigarrear. – Os amigos dele lhe ofereceram uma festa antes das núpcias.

Grant ficou horivelmente bêbado, apareceu na minha casa por volta da meia-noite e ficou zangado quando me recusei a fazer sexo. – Zangado não era bem o termo. – Pedi a minha mãe que cancelasse tudo. – Ela notou que os olhos de Xandro escureceram.

– E optou por não procurar a polícia.

Ilana se lembrou dos apelos de Grant.

– A mãe dele teve um infarto.

– Naturalmente, ela ainda está viva. – A voz de Xandro assumiu uma inflexão que Ilana preferiu não considerar.

Ela deu um sorriso cínico.

– Como adivinhou?

– Enquanto o filho ameaçava você se estivesse envolvida com outro homem.

– Chegou perto.

Os olhos de Xandro se estreitaram.

– Então é assim? Isso é tudo?

Ela se dirigiu para a pia, onde colocou sua caneca vazia.

Quando se virou, ele estava à sua frente e, segurando-lhe o rosto, roçou os lábios na sua testa.

– Vá e veja se consegue dormir mais um pouco, certo?

Ele a soltou e ela caminhou para o foyer, certa de que Xandro a seguia

enquanto subia a escada.

No topo da escada, eles se separaram e foram para seus respectivos quartos.

Como deveria ser.

Então, por que à beira do sono era a imagem Então, por que à beira do sono era a imagem de Xandro que povoava sua mente?

ILANA FOI acordada pelo toque insistente de seu celular, notando, enquanto atendia a chamada, que a luz do sol se infiltrava através das persianas.

– Querida, como você está?

Liliana?

Que horas seriam? Nove?

Ela sentou-se na cama, sentiu os músculos doloridos e afastou uma mecha de cabelos do rosto.

– Acabei de ver o jornal da manhã.

Felizmente, Xandro teve a presença de espírito de telefonar e me garantir que você passou apenas uma noite no hospital em observação.

Ilana deu um gemido quando percebeu o lapso em não comunicar a mãe. Telefonar-lhe naquela manhã seria uma prioridade.

– Mamãe, desculpe. Acabei de acordar.

– Xandro explicou.

– Verdade?

A última coisa que ela queria era que Liliana tivesse lido sobre o noivado falso no jornal.

– Estou tão feliz por você. Xandro é um homem maravilhoso.

Por favor, não. Ilana detestava enganar a mãe. Pior, ela se detestava por ter que atuar como uma filha feliz... e oficialmente noiva.

Tão logo desligou o telefone, tomou um banho e vestiu um jeans e um suéter, fez uma trança nos cabelos e desceu a escada.

Ilana entrou na cozinha e encontrou Xandro fazendo café enquanto Judith quebrava ovos numa frigideira.

A boca máscula se curvou num sorriso caloroso quando ela foi em direção ao armário, retirou uma xícara e colocou ao lado da dele.

– Olá.

– Oi. – Ele abaixou a cabeça e lhe beijou na testa antes de tocar sua boca com a dele.

– Parabéns, minha querida! – disse Judith – Parabéns, minha querida! – disse Judith com uma felicidade genuína. – Estou encantada por vocês dois!

Interpretar aquele papel, descobriu Ilana, não era muito difícil contanto que sorrisse bastante e seguisse as instruções de Xandro.

A ligação de Liliana foi a primeira de muitas no decorrer do dia, e, depois do almoço, Ilana pegou seu laptop e bloco de esboços e foi em busca do calor do sol no terraço anexo.

O trabalho absorveu toda a sua atenção, e ela adorou a harmonia criativa do desenho, imaginando-o convertido em tecido e linha.

Já passava das 17h quando desligou o programa no laptop, recolheu tudo e subiu para sua suíte.

Suas costas e músculos doíam, e pressentia uma leve dor de cabeça.

Uma ducha quente ajudaria, depois se vestiria e iria preparar uma salada para acompanhar a carne que Xandro pretendia grelhar na churrasqueira.

Quando entrou no quarto após o banho, ouviu o insistente toque do seu

celular... e atendeu, recebendo apenas o silêncio, seguido por uma respiração pesada, e então a conexão foi desligada.

Sentiu um frio na barriga e verificou o identificador de chamadas.

Não levou muito tempo para deduzir que Grant tinha visto a nota sobre o noivado no jornal.

Meu Deus, o que viria pela frente?

Ela não queria continuar vivendo daquela maneira, sempre com medo, na expectativa de que alguma coisa estava sempre prestes a acontecer, e nunca certa do que ou quando seria.

Aquilo precisava acabar.

Após vestir um jeans e uma blusa de linha, aplicar uma leve maquiagem e deixar os cabelos úmidos e soltos, calçou as sandálias e desceu para a cozinha para preparar uma salada.

Xandro chegou logo em seguida, e Ilana estava despreparada para o leve beijo que recebeu no rosto.

– Bom perfume. Sutil.

– É apenas o sabonete. E o que significa esse beijo? – Ilana arqueou as sobrancelhas e notou o sorriso provocante dele.

– Estou praticando. Estaremos no alvo do público amanhã à noite.

Oh, que divertido.

– Terei de me pendurar em seu braço e olhá-

lo com uma adoração simulada? – Ela fez uma pausa. – Onde?

– Um convite para jantar com amigos num iate.

– O traje é esporte ou formal?

– Formal. É um iate imenso, próprio para cruzeiros.

Tudo bem, ela podia fazer isso, mas precisava Tudo bem, ela podia fazer isso, mas precisava voltar ao apartamento e pegar algumas roupas.

Também havia trabalho a fazer e não estava com seu carro.

– Ben a levará para o trabalho e a trará de volta, e a levará para onde precisar ir.

Ler mentes era também um dos talentos de Xandro?

Um de muitos, concordou ela em silêncio.

Ele era muito atraente, conhecia bem as mulheres e tinha muitas habilidades em todos os sentidos.

Como amante, devia ser fantástico.

O jantar deles foi informal e apreciado na cobertura do terraço, e depois que levaram a louça para a pia, Ilana manifestou sua vontade de se recolher para a suíte mais cedo naquela noite.

– Tenho algo para você.

Algo se tratava de um anel de diamante encantador... e muito caro.

– Não, não posso... – inaceitável, concluiu ela mentalmente enquanto ele deslizava o anel pelo seu dedo.

– Considere-o como parte essencial de um disfarce.

– É maravilhoso.

– É o que minha noiva usaria...

– Mas não sou sua noiva – disse ela com estoicismo e ele riu.

– Não deixa de ser, por enquanto.

Ilana olhou para o brilho intenso em todas as facetas do diamante.

– Obrigada. É lindo. Tomarei todos os cuidados com ele e o devolverei quando tudo estiver terminado.

– Então me agradeça de maneira mais explícita.

Ela o fitou de lado enquanto as mãos másculas seguraram seus ombros e Xandro abaixava a cabeça em direção à sua, beijando-a com um ardor que tocou fundo seu coração.

Quanto tempo o beijo durou? Certamente não muito.

A boca de Ilana tremeu um pouco quando ele a libertou, e, por alguns segundos, não conseguiu se mover, escravizada por um homem que ameaçava virar seu mundo de cabeça para baixo. Pior. Alguém que tinha o poder de abalá-la mais do que qualquer outro homem que conheceria.

Se ela permitisse, é claro.

O que não iria acontecer, pois resistiria às intensidades emocionais que a dominavam.

Xandro traçou o dedo sobre seu lábio inferior.

– Você está pensando demais novamente.

Ilana murmurou alguma coisa que soou incoerente mesmo para seus próprios ouvidos, e saiu vagarosamente da sala quando todos os seus instintos determinavam que deveria correr.

CAPÍTULO 9

ILANA ENTROU na cozinha na manhã seguinte, cumprimentou Judith, então misturou cereal e frutas numa tigela e a levou para o terraço, onde Xandro estava acabando de tomar seu café.

– Bom dia.

Ele se levantou e segurou-lhe o queixo, erguendo-o de modo que pudesse lhe tocar a boca em um beijo que se prolongou um pouco, fazendo-a desejar mais.

O que era loucura.

Vagarosa e firmemente, ele estava entrando em sua vida, mexendo com emoções que ela não queria despertar.

Segurança emocional era uma condição para proteger seu coração, que foi estilhaçado um dia. No último ano, ela cuidadosamente reunira e colara todos os pedaços em seus devidos lugares, tentando curar o pobre coração e jurando que nenhum homem jamais teria a chance de quebrá-lo novamente.

Agora se encontrava numa situação que não podia controlar inteiramente, guardando uma distância muito íntima do homem que perturbava seu equilíbrio emocional de um modo que a fazia querer fugir e se esconder.

Por outro lado, as circunstâncias impediam qualquer tentativa de fuga... mesmo sabendo que era somente temporário.

A situação piorou ao perceber que os olhos de Xandro tinham um brilho provocante quando ela se afastou e sentou à mesa.

– Precisamos sair esta noite, por volta das 19h.

Ela assentiu quando Xandro se levantou e Ela assentiu quando Xandro se levantou e vestiu o paletó.

– Tenha um bom dia.

Ilana forçou um sorriso que não o enganou de maneira alguma, e abriu o jornal, folheando as páginas enquanto comia.

Seu telefone tocou exatamente quando terminou de comer, e, ao checar a identificação no visor, reconheceu o número do guarda-costas e atendeu.

– Estarei esperando do lado de fora da casa quando quiser sair para o trabalho.

Ilana checkou seu relógio.

– Em cinco minutos, tudo bem? – O que precisava fazer era pegar sua bolsa e o laptop.

O tráfego estava intenso e levou um bom tempo para chegar a Bondi. Benjamin desligou o motor quando parou numa vaga.

– Não há necessidade de você ficar.

– Xandro foi muito específico nesse sentido.

Ligue quando estiver pronta para ir ao seu apartamento apanhar as roupas.

Ela abriu a boca para protestar, mas desistiu.

– Obrigada.

Ilana entrou no estúdio para se deparar com um coro de congratulações, abraços e uma necessidade generalizada de ver o diamante que adornava seu dedo anular.

Tudo seguido por diversas perguntas... Para a maioria das quais não tinha resposta.

O trabalho a ser feito, felizmente, foi todo executado e a manhã passou rapidamente. Ao meio-dia, ela fez um intervalo, ligou para Benjamin e informou que iria a pé para seu prédio, pois sentia a necessidade de um pouco de ar fresco e sol.

– Vamos de carro.

Ilana irritou-se.

– Não me diga que são instruções de Xandro.

– Isso mesmo.

Parecia estranho ter o guarda-costas ao seu lado, esperando e observando

enquanto ela entrava no apartamento, pegava diversas roupas no quarto e jogava numa mala enorme, acrescentando sapatos, acessórios e lingerie.

– Pronto.

Naquele momento, o celular tocou e Ilana sentiu o imediato desconforto quando ouviu a voz de Grant começar uma sequência abusiva antes que ela pudesse ativar a função gravar.

Depois checkou as mensagens na caixa postal: três de suas amigas lhe desejando felicidades, duas desligadas e duas de Grant.

– Alertarei Xandro.

Ilana começou a protestar, depois deu de ombros. Benjamin tinha ordens e deveria cumpri-las.

Juntos, eles pegaram o elevador e desceram para o saguão.

– Vamos para Vaucluse. Você poderá desfazer sua mala. Depois, eu a levarei para seu estúdio novamente.

– Isto é ridículo.

Benjamin apenas sorriu, destrancou a porta do passageiro e ficou de pé, esperando.

Tudo bem, então não iria ganhar aquela batalha. Resignada, Ilana telefonou para Micki e avisou que levaria pelo menos uma hora antes de voltar ao trabalho.

O

resto

do

dia

transcorreu

com

tranquilidade, e, por volta de 18h, Benjamin parou o carro na porta da frente da mansão de Xandro.

Uma hora para uma ducha quente, vestir-se, aplicar a maquiagem e arrumar os cabelos não era uma tarefa impossível.

Ilana escolheu um elegante vestido em seda verde-jade e acrescentou um xale bordado com fios dourados. Sapatos altos e bolsa de grife completaram o visual, e decidiu usar brincos e pulseiras cravejadas de diamante. Sobre o generoso decote acrescentou um pingente fascinante da mesma pedra.

Xandro estava deslumbrante e incrivelmente Xandro estava deslumbrante e incrivelmente másculo num smoking com lapelas de seda, camisa branca e gravata-borboleta preta quando a observou descendo a escada.

Nenhum homem tinha o direito de emanar tanto poder ou sensualidade.

Era uma armadilha dramática e perigosa para a paz de espírito de uma mulher, pois havia uma sensação de calor e paixão evidentes... e a tentação de testar quanto tempo levaria para fazê-lo perder o controle era grande.

O Bentley estava estacionado do lado de fora da casa e ela expressou surpresa quando Benjamin entrou em outro carro para segui-los.

– Uma precaução a mais – explicou Xandro e deu a partida.

– Onde vamos pegar o iate?

– Numa marina particular ao lado do porto.

Então, quanto tempo tinha antes do show, onde fingir era parte do jogo que ambos estavam prestes a iniciar?

Não muito, descobriu quando Xandro logo parou o Bentley num estacionamento e Benjamin parou o outro carro ao lado.

Um segurança estava de pé junto ao portão de aço, conferindo as identificações dos convidados em uma lista antes de permitir a entrada.

“Iate” era uma designação um tanto modesta, pensou Ilana diante do vasto palácio flutuante de milhões de dólares ancorado na borda do píer.

Brilantemente iluminado, muitos andares e valendo uma fortuna, hospedava diversas pessoas bonitas selecionadas entre a elite social da cidade, dignos representantes do grand mond australiano.

Ilana reconheceu um aclamado ator australiano e sua mulher, três grandes empresários da indústria e dois parlamentares.

Uma atriz da televisão, com seu atual amante, e uma

modelo

estrangeira

que

havia

recentemente se transformado em atriz.

Quase trinta convidados, incluindo os anfitriões, conversavam enquanto sorviam champanhe francês e degustavam canapés sofisticadamente elaborados.

– Queridos. Parabéns.

As palavras foram repetidas muitas vezes, acompanhadas por beijinhos nas faces e o ocasional abraço gentil... Ilana sorriu tanto que seu rosto começou a doer.

Xandro assumiu o papel de noivo com naturalidade e permaneceu o tempo todo a seu lado.

Proteção... ou meramente assegurando-se de que ela fazia seu papel?

Seu toque era uma constante, e Ilana sentiu a mão grande descansar na base de sua coluna, depois trilhar um percurso até a nuca, e deslizar para baixo novamente...

Era difícil, portanto, ficar tranquila e tentar. Era difícil, portanto, ficar tranquila e tentar ignorar o modo como seu sangue parecia aquecer em suas veias.

Seu corpo estava todo tenso, e podia jurar que a pulsação em seu pescoço era visível.

A proximidade com Xandro a estava enlouquecendo de desejo.

Ela não queria sentir isso, e desejava que fosse possível voltar diversas semanas no tempo, e viver com a simplicidade de antes, quando suas únicas preocupações eram referentes ao trabalho.

Foi um alívio quando os anfitriões anunciaram que o jantar seria servido.

Cartões

com

nomes

indicavam

os

respectivos lugares na longa mesa oval decorada com uma fina porcelana, talheres folheados a ouro e toda uma variedade de copos e cálices em cristal.

Ilana sorriu, conversou com os convidados sentados ao seu lado e agiu como se fosse a jovem mais feliz do mundo.

O que poderia até ser... se o noivado fosse verdadeiro e Xandro o amor de sua vida.

Como se soubesse que sua proximidade a perturbava, Xandro deslizou uma das mãos para a coxa de Ilana e deixou-a lá por longos segundos antes de retirá-la.

– Xandro, para quando podemos esperar o casamento?

Ele deu a Ilana um sorriso indulgente enquanto pegava sua mão e a levava aos lábios.

– Breve.

– Fala um homem que tem pouco conhecimento de todo o planejamento que envolve o cerimonial de um casamento – declarou Ilana com indulgência intencional.

– Será uma cerimônia muito privativa – esclareceu ele.

Um convidado ao lado intrometeu-se: – Ilana pode querer um casamento tradicional.

Ela quase tivera um, e jurara que jamais repetiria.

Oh, pelo amor de Deus... O que estava pensando? Aquilo não passava de um jogo.

– Precisamos consultar nossas agendas – respondeu Ilana. Era um comentário muito inofensivo. – Nós dois somos pessoas muito ocupadas.

Cinco pratos diferentes tinham a intenção de tornar a refeição bem prazerosa e ela pontuou vários assuntos que incluíam filmes, peças teatrais, balé e o

atual Cirque du Soleil em exibição na cidade.

Para não mencionar moda... e sabiamente evitou intrigas e insinuações sobre os recentes contratempos de dois dos maiores desfiles do mundo.

Finalmente, o jantar acabou, e os anfitriões conduziram os convidados para outro andar, onde um DJ selecionava músicas e encorajava todos a dançar.

Quase todos dançavam, e Ilana não protestou quando Xandro a convidou para fazer o mesmo.

A música era lenta, e quando Xandro roçou os lábios em sua testa, ela ficou tentada a deslizar os braços pelas costas largas e pressionar seu corpo contra o dele num convite sedutor.

E se ele não ficasse excitado?, uma voz a ridicularizou. Mas e se ficasse? Ilana fez um pacto consigo mesma de que não se aproximaria mais do que os poucos centímetros que os separavam para descobrir.

Caso contrário, não seria capaz de encará-lo.

Era mais fácil entrar no clima e desempenhar bem seu papel. E quase desejar que fosse real, o que era uma tolice.

Logo eles iriam embora e continuariam atuando pelo imprevisível tempo que levaria até que Grant fosse pego.

– Hora de partir, certo? – Xandro – Hora de partir, certo? – Xandro gentilmente aumentou a distância entre eles e pegou-lhe pela mão.

– Meia-noite e abóboras nos esperam? – Ela não pôde evitar a provocação para ganhar um sorriso caloroso dele.

– Alguma coisa assim.

Benjamin os esperava do lado de fora e seguiu-os a uma discreta distância até a mansão em Vancluse.

O SOM surgiu do nada, então ela ouviu passos atrás de si e começou a correr.

Era noite, as estrelas brilhavam no céu, mas ninguém podia ser visto. O conjunto de apartamentos estava ali na frente, mas quanto mais rápido ela corria, mais longe ele parecia estar.

Os passos estavam mais próximos e, a qualquer segundo, mãos fortes a agarrariam e a jogariam no chão.

Ela não queria lutar e ser ferida novamente.

Ela não queria lutar e ser ferida novamente.

Um grito desesperado emergiu de sua garganta, implorando que alguém a ajudasse... Mas ninguém estava lá.

– Ilana.

Ela começou a lutar em desespero, empurrando as mãos que a seguravam, tentando chutar, apenas para descobrir que suas pernas não se moviam.

– Afaste-se de mim!

Então se sentiu sendo puxada para um peito musculoso e ficou protegida ali.

– Calma. – A voz era próxima ao seu ouvido, e podia sentir a respiração quente contra seu rosto. – Novamente você está tendo um pesadelo.

Oh, meu Deus... Não.

Xandro viu quando Ilana percebeu onde estava e com quem, no momento que arregalou os olhos e tremeu de leve.

– Não acredito nisso. – Ela se afastou e jogou – Não acredito nisso. – Ela se afastou e jogou os cabelos para trás num gesto defensivo, detestando que ele pudesse vê-la naquele estado vulnerável. Uma vez não tinha sido o bastante?

Fazia muito tempo que não precisava de calmantes.

Amanhã mesmo iria atrás de uma prescrição médica para comprá-los.

Sentia-se completamente exausta e a adrenalina ainda corria por suas veias.

– Você quer aliviar isso comigo?

– Terapia, Xandro?

– O que quer que funcione.

– Então por que não dou uma volta na casa e ativo os raios infravermelhos?

Ele sorriu.

– Isso, também.

A presença de Xandro lhe passava uma sensação de segurança. Por um louco momento, Ilana imaginou como seria apreciar sua proteção, compartilhar sua vida, sua cama...

Acordar durante a noite e saber que tudo o que tinha de fazer era procurar por ele. Amar e ser amada. Porém, não era amor o que Xandro podia lhe oferecer.

– Acho que você deveria ir – disse ela numa voz que não convencia nem mesmo a si própria.

– Peça-me para ficar.

Ilana o fitou intensamente, e, por um momento, foi incapaz de pronunciar qualquer palavra.

– Não posso – conseguiu dizer finalmente.

Ele a estudou, seus olhos tão escuros que eram quase negros.

– Porque está com medo?

Não pela razão que você supõe.

Tudo o que ele tinha a fazer era se inclinar um pouco e cobrir a boca com a sua... e estaria perdida.

E se Xandro fizesse isso, ela estava convicta de que jamais seria a mesma novamente.

Poderia ele ler sua mente? Imaginar o tumulto de suas emoções?

– Como você quiser – disse ele gentilmente.

Ilana não falou nada, mas não conseguia afastar os olhos dos dele nem por um segundo.

O tempo pareceu passar vagorosamente enquanto a luz do quarto desaparecia de sua visão e havia somente o homem, uma energia no ambiente e a sensação de que ela estava prestes a saltar de um penhasco.

Um passo para trás e estaria a salvo.

Mas se desse um passo à frente... voaria ou cairia?

Como saberia, a menos que assumisse esse risco?

Xandro se levantou. Olhou para ela longamente, então se virou e caminhou em direção à porta.

Em questão de segundos, ele iria embora e ela ficaria sozinha... e mais solitária do que nunca em sua vida.

Ele tocou a maçaneta da porta.

– Fique. – Oh, Deus do céu. – Por favor – acrescentou ela num sussurro.

Xandro se voltou para encará-la.

– Tem certeza? Se eu ficar, não vai ter volta.

Ela fechou os olhos por um instante, sentindo o coração disparar e a respiração ofegante. Sua mente e seu corpo... pareciam estar se separando.

– Fique.

Aquilo era loucura. O que estava fazendo?

Xandro vagorosamente percorreu a distância entre eles, e quando alcançou a cama, estendeu-lhe a mão, observando enquanto Ilana o fitava numa postura silenciosa.

– Venha.

Ele a queria fora da cama? Não sobre ela?

Por alguns segundos, Ilana hesitou, depois, aceitou a mão estendida e se levantou.

Os olhos de Xandro estavam intensos e profundos, e ela fechou os olhos quando ele correu a mão por seus cabelos.

– Olhe para mim.

Os dedos fortes dele lhe traçaram o pescoço elegante, depois deslizaram para segurar-lhe o queixo, e ele delineou a curva do lábio inferior, antes de baixar a cabeça para lhe tocar os lábios com os seus.

O toque era tão suave e tão sensual que a fazia querer mais... muito mais do que aquela provocação sutil, e foi Ilana quem conduziu sua boca contra os lábios dele, num convite.

Foi ela quem buscou a língua de Xandro e começou uma exploração desenfreada no interior da boca máscula.

Xandro colocou uma mecha de cabelos para trás e traçou um caminho sensual do queixo até a nuca delicada.

Deslizou os lábios ao longo do pescoço de Ilana, e pôde senti-la ofegar quando passou os lábios quentes sobre a pequena cicatriz do queixo.

Tocou-a de modo provocante, muito leve, depois deslizou as mãos para segurar-lhe pela nuca e beijá-la na boca... gentilmente saboreando a doçura úmida antes de tomar posse de uma forma que prometia muito.

Uma das mãos deslizou pelas costas dela, acariciando a coluna, então escorregou até a cintura fina e se demorou ali.

Ilana foi tomada pelo aroma másculo quando segurou em seus ombros largos, os músculos dos braços e o tórax volumoso.

Não era o suficiente. Queria tocá-lo mais, queria pele contra pele, para explorar e saborear à vontade.

– Tire isso – ordenou ela, segurando a bainha da camiseta que ele usava, depois a removendo pela cabeça, e deixando-lhe o torso desnudo.

A pele de Xandro era muito quente, e os músculos, rígidos numa estrutura óssea forte, com uma pequena quantidade de pelos escuros descendo numa linha esparsa até o cóc da calça jeans.

Ela o tocou, hesitante a princípio, trilhando os dedos leves sobre o peito dele, circulando um dos mamilos, depois o outro, explorando até que eles enrijeceram.

Havia uma necessidade de experimentá-lo, e ela inclinou-se e depositou os lábios sobre o peito de Xandro, sentiu a forte batida do coração, circulou a ponta do mamilo com a língua... e então mordiscou com delicadeza.

Ilana o sentiu tenso, as mãos fortes lhe seguraram o rosto antes que ele capturasse de sua boca um beijo que tirou totalmente seu equilíbrio.

Xandro continuou com diversas carícias, enlouquecendo-a de prazer e deixando seu corpo em chamas. Uma magia primitiva começou a dominá-la, tocando cada poro de seu corpo e a fazendo sentir-se perdidamente sensual. As mãos de Xandro deslizaram para lhe contornar a cintura, gradativamente levantando o tecido de algodão da camiseta acima da cintura e deslizando as mãos por baixo para lhe tocar a pele nua.

Cuidadosamente, removeu-lhe a camiseta por cima da cabeça, deixando-a cair no chão.

Ilana sentiu uma necessidade instintiva de não revelar os seios, mas ele

segurou suas mãos e os deixou livres.

– Por favor.

Um leve sorriso surgiu na boca de Xandro diante da aparente timidez dela.

– Por que não? Você tem seios lindos.

Ele provavelmente dizia aquilo para todas as mulheres que conseguia despir.

– Apague a luz.

– Não. – A recusa dele aprofundou os olhos cor de esmeralda, e por um momento, Xandro vislumbrou certa reserva e relutância. – Quero ver você – disse gentilmente. – Como você precisa me ver. Assim não haverá dúvida de com quem você está.

Ela abriu a boca em protesto, mas fechou novamente e então ofereceu:

– Você ainda está usando roupas.

Os olhos dele brilharam com uma reserva de humor.

– Você quer tirar minha roupa? Ou eu mesmo devo fazer isso?

Ele notou a leve hesitação de Ilana, ergueu uma sobrancelha de forma divertida. Então, num gesto indisfarçável, abriu o zíper da calça.

Inteira e excitado, apresentava uma visão impressionante e ela estendeu uma mão tateante para tocá-lo, fascinada pela forma e textura de sua masculinidade.

– Devagar, pedhaki mou – avisou ele gentilmente enquanto lhe pegava uma das mãos e a levava aos lábios. – Ou terei terminado antes mesmo de começarmos.

Xandro roçou os dedos de leve sobre os seios Xandro roçou os dedos de leve sobre os seios magníficos, apalpou-os, provocando o mamilo suave, observando quando os olhos dela ficaram escuros. Então abaixou a cabeça e

levou a boca em direção a um dos mamilos e provocou até fazê-la gemer alto, depois mudou para o outro seio para lhe dar o mesmo tratamento.

Ela percebeu os dedos quentes trilhando sua cintura, circulando o umbigo e explorando o pequeno piercing que usava ali, antes de deslizar para os pelos macios no vértice de suas coxas.

Ilana ofegou quando ele abriu suas delicadas dobras e começou um toque altamente erótico que a fez se pressionar contra a mão dele esperando, precisando mais.

Com toques gentis, Xandro continuou a provocá-la, procurando o ponto mais sensível de sua feminilidade... e sentiu o repentino tremor do corpo de Ilana quando o encontrou.

Contrações com uma intensidade selvagem a levaram às alturas numa trilha sobre a qual não tinha controle, e ela se apoiou nele para não desmoronar.

Então, gritou quando Xandro se ajoelhou e trilhou um caminho idêntico com a própria boca. Devagar, mais devagar até que novamente alcançou os pelos...

Não... não... não podia, não deveria... Ela interrompeu sua cabeça num esforço de deter aquela invasão sensual. Implorando-lhe numa voz que não reconheceu como a sua própria, enquanto o fogo dominou todo o seu corpo e Ilana atingiu seu clímax, estraçalhando-se em mil pedaços quando ele a levou para um lugar desconhecido, deixando-a inconsciente de tudo à sua volta, exceto da deliciosa sensação que experimentava e do homem que lhe dera isso.

Com infinito cuidado, Xandro começou uma explosão de beijos sobre sua barriga, subindo para os seios, então para o pescoço, saboreando-a ao longo do caminho, até lhe capturar a boca num beijo profundo enquanto a erguia nos braços e a levava para a cama.

Ilana lhe envolveu o pescoço com os braços, enquanto ele colocava um joelho entre suas coxas, entreabrindo-as e posicionando-se sobre ela.

Diga alguma coisa.

Mas era tarde demais, e ela sentiu a intrusão, a rigidez, enquanto os tecidos úmidos esticaram-se para acomodá-lo, a onda pulsante e feroz, a leve barreira rompida seguida por uma ponta de dor... e percebeu a súbita quietude de Xandro, seguida por uma praga num idioma que não entendia.

Ela mordeu o lábio para fazê-lo parar de tremer, percebendo o esforço que ele fazia para reter o controle.

– Por que você não me contou?

Ilana voltou seu rosto contra o travesseiro e com dedos fortes ele segurou-lhe o queixo.

– Olhe para mim.

Os olhos dela brilharam com lágrimas contidas.

– Que diferença isso faria?

Xandro deu um profundo suspiro e os músculos de seu queixo ficaram tensos.

– Eu teria sido muito cauteloso para não machucar você.

Ele começou a retirar seu sexo de dentro de Ilana, e a ouviu lamuriar-se.

– Por favor, não.

– Ilana...

– Não pare. – Era tão difícil dizer as palavras.

– Por favor – acrescentou ela, desolada.

Por um longo momento, ele permaneceu imóvel, então baixou a cabeça e tomou-lhe a boca num beijo longo e evocativo enquanto começava a mover-se, vagarosamente, até que a preencheu completamente.

Era bom... Melhor do que bom.

– Tudo bem?

Ilana ergueu uma das mãos e o puxou para um beijo apaixonado, uma dança erótica de línguas que demandou num gemido profundo na garganta de Xandro.

Instintivamente, ela levantou os quadris, incitando algo mais, muito mais e ele recomeçou os movimentos.

Devagar, no início, pequenas investidas que gradualmente aumentaram e se intensificaram.

Era maravilhoso, pensou Ilana, senti-lo por inteiro, assim como sentir a sensação em espiral que a fez gritar quando Xandro a levou para o topo do paraíso e a fez atingir um clímax ainda mais glorioso do que o anterior.

Depois, ele a puxou contra si e abraçou-a intimamente.

Ilana fechou os olhos, acalmando a respiração e relaxando... enquanto o homem ao seu lado permaneceu acordado quando ela dormiu.

CAPÍTULO 10

ILANA ACORDOU com o persistente som do alarme de seu celular, gemeu e estendeu a mão para desligá-lo.

Já eram 7h? Tinha a impressão de não ter dormido por mais de duas ou três horas.

Espreguiçou-se ainda sonolenta, e de repente se deu conta de que não usava nada por baixo das cobertas.

Então se lembrou.

O pesadelo, Xandro...

Xandro.

Ela lhe pedira para ficar. E ele ficara.

Ilana fechou os olhos contra as imagens girando em sua mente. Evocativas, eróticas e totalmente primitivas.

Deus do céu.

Um leve som a fez reabrir os olhos e olhar atônita para Xandro saindo do banheiro da suíte... nu, exceto pela toalha enrolada na altura dos quadris.

Por um segundo, seus olhos se cruzaram para, em seguida, Ilana desviar quando ele atravessou o quarto em direção à cama.

– Como você se sente? – a voz de Xandro tinha uma qualidade quase indefinível, e ela meneou a cabeça, incapaz de dizer uma palavra sequer.

Sentia-se...

Como

se

sentia?

Completamente ciente de que dormira com ele.

– Olhe para mim.

Ele abaixou-se à beira da cama, pegou-lhe o queixo e inclinou a cabeça em direção a ela.

O rosto de Ilana corou levemente e seus olhos pareciam absurdamente grandes.

Ele cheirava a sabonete, e os cabelos ainda estavam úmidos do banho. Assim perto, era todo músculos, energia e ombros largos.

Ilana lembrava-se muito bem do quanto fora bom ter sido envolvida por aqueles braços, o toque sensual da boca... Oh Deus, tudo.

– Por favor, preciso tomar um banho, me vestir...

– Quietinha – disse Xandro gentilmente e, inclinando-se um pouco mais, recostou seus lábios contra os dela, traçando a curva dos lábios involuntariamente semiabertos e os mordiscando com cuidado.

Então, segurou-lhe o rosto quando baixou a cabeça e começou uma exploração evocativa que trouxe uma resposta imediata, antes que se afastasse um pouco para examinar-lhe as feições.

– Melhor assim. – Ele acariciou-lhe o pescoço com ambos os polegares, acalmando a rápida pulsação, com seus olhos escuros e indecifráveis enquanto a estudava.

– Não vamos – Ilana deu um leve suspiro – – Não vamos – Ilana deu um leve suspiro – fazer uma repetição da noite passada.

– Evitar não fará com que o desejo desapareça.

Um toque de honestidade a forçou a falar: – Isso nunca deveria ter acontecido.

Xandro afastou uma mecha de cabelos que cobria a lateral do rosto dela.

– Você acha que não?

Ela estava incerta se concordava ou discordava.

– Não esperava que você ainda estivesse aqui – conseguiu dizer finalmente.

– Você imaginou que eu a deixaria acordar sozinha?

Entre os diversos pensamentos que lhe impregnavam, acordar sozinha não era o mais importante deles, mas se concentrava no pior de todos.

– Fizemos sexo sem segurança.

– Posso lhe fornecer um atestado de saúde.

Uma leve, mas descontrolada, risada partiu de Ilana, morrendo em seguida. Não teria pensado em pedir um.

Para falar a verdade, não tinha pensado em absolutamente nada.

As implicações cresceram com assombro quando fez rapidamente as contas, então sentiu a tensão começar a diminuir com o conhecimento de que um risco de concepção era mínimo.

– Se você está preocupada com uma gravidez... não fique. Se acontecer, nós lidaremos com isso.

– Não existe nós.

– Sim, existe.

– Não...

– Você quer discutir?

Havia algo que ela não podia definir por baixo da pergunta feita com suavidade.

– Não neste momento.

– Esperta.

– Se você não se importa – disse Ilana friamente –, eu gostaria de tomar uma ducha e me vestir.

Xandro levantou-se, e tão logo saiu do quarto, ela se dirigiu ao banheiro.

Tola. A autopunição tinha pouca relevância, e se entregou debaixo do chuveiro enquanto a água quente caía sobre seu corpo. Então pegou o sabonete e ensaboou-se vigorosamente, descobrindo diversas partes sensíveis somente quando se enxugou.

O que tinha feito?

Violado todas as suas crenças moralistas preconcebidas... Todos os seus princípios.

Ilana vestiu um jeans de sua própria criação e completou com uma blusa de linha, depois escovou os cabelos e os manteve soltos sobre os ombros.

Seu corpo ainda estava sensível pelos toques de Xandro... e tinha de admitir que se sentia bem. Viva, de um modo que nunca imaginara ser possível.

Um mínimo de maquiagem acentuava seu brilho natural, ela calçou os sapatos, pegou sua bolsa e laptop, então deu um suspiro profundo e desceu a escada.

Entrando na cozinha, cumprimentou Judith e Benjamin, pegou um iogurte e algumas frutas frescas e levou tudo para o terraço envidraçado.

Xandro olhou para cima assim que a viu chegando, e Ilana sentou-se em frente a ele sem uma palavra.

Ele ergueu o bule de prata.

– Café?

– Obrigada.

Havia uma vitalidade evidente, uma sensação de poder por baixo da fachada sofisticada.

Olhá-lo foi o bastante para que o sangue começasse a ferver nas veias de Ilana, fazendo seu coração disparar e seu corpo pulsar de desejo.

Foi um alívio quando ele bebeu os últimos goles de seu café e se levantou, e não havia nada que ela pudesse fazer para evitar o roçar dos lábios de Xandro em sua testa.

– Cuide-se.

Alguns dias transcorriam bem no estúdio, mas aquele não parecia ser um deles. Ilana ficou frustrada ao saber que o tecido encomendado não chegara

como prometido, e uma cliente mudou de ideia sobre o tamanho dos botões já revestidos, o que era uma perda de tempo e já acontecera diversas vezes.

Para piorar as coisas, havia três chamadas de Grant no seu celular... O que a aborreceu muito, a despeito de sua resolução de não deixar que tais ameaças a afetassem.

Daria tudo para caminhar ao longo da praia, ouvir uma boa música em seu iPod e se desconectar do mundo por algum tempo.

Seria difícil iludir e despistar Benjamin... mas não impossível.

Sua

mente

procurava

possibilidades e seus olhos brilharam quando pensou numa que poderia funcionar.

– Micki, preciso ir à farmácia pegar um remédio que mandei preparar. – Ela pegou a bolsa. – Volto em dez minutos, certo?

Micki assentiu em silêncio, e Ilana deixou o estúdio, sorriu para o guarda-costas quando ele se aproximou de imediato.

Cinquenta metros os separavam da farmácia e ela conversou alegremente enquanto eles percorreriam o trajeto.

– Você não precisa entrar comigo. Não me demorei.

Benjamin deu um sorriso e fingiu um interesse na vitrine da farmácia enquanto ela entrava.

Ele poderia ficar de olho nela, sabia disso, mas, se fosse esperta, teria os minutos necessários para escapar pela porta dos fundos, atravessar a rua e

então entrar na alameda lateral que levava à rua principal. De lá, poderia facilmente acessar a praia.

Primeiro,

precisava

parecer

estar

examinando alguma coisa em uma das prateleiras, que escondiam parcialmente do campo de visão de Benjamin.

Seu plano era conseguir a permissão de um dos balconistas para sair pelos fundos, e ela escolheu um rosto familiar com a desculpa perfeita.

– Pobrezinha. Claro, vá em frente.

Ilana percorreu rapidamente um pátio asfaltado que a levou até a rua.

Pronto. Tinha conseguido!

– Indo a algum lugar?

Toda aquela alegria terminou no momento em que se virou em direção à carranca de Benjamin.

– Sim, um passeio ao longo da praia...

Sozinha.

– Não é muito sábio de sua parte.

– Considere isso como um lapso de bom-senso. – Ela lhe estudou as feições num esforço de descobrir alguma compaixão. – Uma noite de poucas horas de sono seguida por um dia exaustivo. É assim tão terrível querer escapar por pouco tempo?

– Tolice nas atuais circunstâncias. Tudo o que precisava fazer era solicitar, e eu caminharia pela praia com você.

Só que não seria o mesmo e Ilana lhe disse isso.

– Então, para onde vamos? O estúdio, praia ou casa?

Casa não era a sua casa, e a praia havia perdido seu interesse.

– O estúdio. – Enquanto retornavam para seu local de trabalho, ela perguntou: – Suponho que você vai contar a Xandro.

– Meu trabalho não valeria a pena, nem minha reputação, se não contasse.

Quanto transtorno só por querer uma folga!

No mais, tudo acontecera para tornar seu dia ainda mais frustrante, e Ilana teve um grande desconforto quando Benjamin atravessou os portões que protegiam a mansão de Xandro e parou na garagem.

O Bentley não estava em sua vaga costumeira, e ela sentiu um leve alívio quando entrou na casa antes de Xandro chegar.

Quanto tempo tinha? Cinco... Dez minutos?

Tempo o suficiente para tomar um banho e se manter incomunicável por trás de uma porta fechada.

O que somente atrasaria o inevitável confronto, mas pelo menos ganharia algum tempo sozinha.

Com isso em mente, Ilana encheu a vasta banheira, acrescentou óleo de banho, depois tirou as roupas, prendeu os cabelos e se afundou nas bolhas de espuma perfumada.

Felicidade plena.

Fechou os olhos enquanto a água perfumada fazia sua mágica.

– Dia difícil?

Ilana abriu os olhos ao som da voz profunda de Xandro, e imergiu um pouco mais na água enquanto o fitava com raiva.

– O que você está fazendo aqui?

Ele trocara seu terno de trabalho por uma calça de algodão e uma camisa polo. Mostrava-se, precisava admitir, incrivelmente másculo e em plena forma. A malha da camisa moldava os ombros musculosos, evidenciando os bíceps rígidos, dando-lhe uma imagem poderosa.

Poderosa até demais. Ela lembrava muito bem a sensação de estar naqueles braços, a sutileza em seu toque. Quanto ao sexo... Paixão excitante em seu máximo.

– Você não tem alguma coisa para me contar?

Ilana enfrentou-lhe o olhar.

– Estou certa de que você já soube de tudo – Estou certa de que você já soube de tudo através de Benjamin.

Ele entrou no banheiro.

– Sim, mas gostaria de ouvir de você.

– Estou em desvantagem em relação a você aqui na banheira.

– Você escolheu o local.

Os olhos verdes faiscaram.

– Não esperava que você invadisse minha privacidade.

– Erro seu.

Xandro pegou uma toalha, desdobrou e entregou-lhe.

Se ele esperava dela uma saída calma da banheira ali na sua frente, estava muito enganado.

– Desapareça – disse Ilana atirando contra ele uma esponja encharcada, e teve seu momento de satisfação quando a acertou contra o peito dele.

Num movimento rápido, Xandro mergulhou. Num movimento rápido, Xandro mergulhou a mão e puxou a vedação da banheira, e ela deu um grito zangado quando o nível da água começou a baixar.

– Você... – As palavras pararam enquanto puxava a toalha da mão dele e se cobria rapidamente, com lágrimas tolas marejando seus olhos. – Vá embora, por favor.

O por favor o tocou. Por alguns segundos, Xandro permaneceu olhando-a. Então se virou e deixou o banheiro.

O pensamento de encarar Xandro à mesa do jantar era angustiante.

Vestiu uma calça preta sob medida, e blusa branca seria um traje adequado para uma refeição informal, e Ilana fez uma trança nos cabelos, passou batom e desceu a escada em silêncio.

Xandro lhe dedicou um olhar calculado quando ela entrou na sala de jantar, e Ilana mal falou enquanto recusava o vinho em favor de água gelada. Apesar da excelente refeição de Judith, comeu apenas mecanicamente, ansiosa para terminar logo, de modo que pudesse escapar para sua suíte sob o pretexto de dar continuidade ao trabalho.

– Quero sua palavra de que não tentará outro truque como este novamente.

Ilana ergueu a cabeça para encará-lo.

– Não quero ser tratada como uma criança desobediente.

– Você é uma adulta responsável. – Ele aguardou um revide da parte dela. – O que estava pensando?

– Se sou adulta e responsável, deixe-me em paz.

– Insultos e ironias não levarão a lugar algum, Ilana.

Com cuidado, ela cruzou os talheres sobre o prato, dobrou o guardanapo, então, levantou-se.

—

Você

está

certo

—

murmurou

—

Você

está

certo

—

murmurou

educadamente. – Aproveite o restante de sua refeição. – Ela foi fria, na verdade, fria ao extremo. – Boa noite.

Era bom sair com dignidade... embora tivesse a distinta impressão de que qualquer vitória teria sempre vida curta.

Quanto tempo levaria para Grant deixar de persegui-la?, pensou enquanto subia os degraus.

Pretendia sair daquela casa, desfazer o falso noivado, e ir para longe de

Xandro.

Mas estava presa numa armadilha, uma que ela mesma criara... Pelo menos com alguma ajuda sua... E havia uma necessidade de acabar logo com essa trama e recuperar sua vida normal sem a interferência obsessiva de Grant.

Como sempre, Ilana sentiu conforto com seu bloco de rascunhos, então pegou o laptop, sentou-se de pernas cruzadas na cama imensa da suíte e começou a trabalhar.

Já era tarde quando ficou cansada o suficiente para parar, vestir uma camiseta de algodão e se aconchegar debaixo das cobertas.

Teve um sono sem sonhos e só acordou ao toque do despertador.

Hora de levantar e começar um novo dia.

Sem pensar, sentou-se, afastou as cobertas...

somente para ofegar à vista de um homem seminu familiar saindo do seu banheiro.

– O que significa isso?

Xandro meramente inclinou a cabeça.

– Você está acordada.

Ilana olhou para o espaço na cama ao seu lado, viu a marca de cabeça no travesseiro junto ao seu, as cobertas atiradas para trás...

– Você dormiu aqui?

Ele ergueu uma sobrancelha com ar malicioso.

– Depois da última noite, esperava que eu não dormisse?

– Isso é ultrajante. – Ilana corou levemente.

– Isso é ultrajante. – Ilana corou levemente.

Meu Deus, Xandro passara a noite deitado ao seu lado, e ela não tinha sequer notado sua presença? Como era possível? Não o teria percebido? Por outro lado, aquela fora a melhor noite de sono que tivera em longo tempo. Sem sonhos, quase como se seu subconsciente soubesse que estava em lugar seguro ao lado de um homem que a protegia somente com sua presença durante a noite, e providenciava que alguém a protegesse durante o dia.

Dormir tão bem era um conforto diante do medo que havia experimentado desde que Grant reaparecera em sua vida. Todos os momentos

tinham

sido

passados

com

ansiedade... esperando pelo instante em que seu ex-noivo pudesse surgir.

Agora, graças a Xandro, podia reconhecer e superar aquele medo, segura na proteção de um homem que quase ousaria amar. Isso se ele retribuísse seu amor.

– Você não pode dormir comigo.

– A palavra operante é dormir. – A voz dele era rouca e baixa, excitando-a. – A cama é grande. Você pode montar uma parede de travesseiros no meio, se isso a tranquiliza.

– Você está louco?

– Por que ser tão recatada?

– Você sabe por quê.

– Nosso acordo permanece.

– Quero que o acordo vá para o inferno.

– Com medo, Ilana? – Ele fez uma pausa imperceptível. – De mim ou de você mesma?

– Em seguida, você dará sua palavra de honra.

A expressão de Xandro endureceu, e a voz era perigosamente calma quando respondeu: – Você já a tem. Esta suíte ou a minha.

Escolha.

A suíte dele era maior, tinha dois banheiros, A suíte dele era maior, tinha dois banheiros, dois enormes guarda-roupas embutidos.

O que ela estava pensando?

– Não tenho tempo nem vontade de lidar com isso quando preciso me vestir e estar pronta para o trabalho.

– Então farei a escolha por você – disse ele suavemente. – Transfira todos os seus pertences para a minha suíte.

– É mais provável que eu morra antes de fazer tal coisa!

– Neste caso, farei isso por você.

– Você não pode...

– Pode contar com isso.

Por quê? Ela teve vontade de esbravejar e estava extremamente tentada a pegar um travesseiro e atirá-lo nele. A única coisa que a impediu foi a ameaça de retribuição nos olhos de Xandro.

– Estarei por perto quando o pesadelo começar e você tiver de lutar com as cobertas, antes que a escuridão se torne aterrorizante e você grite por ajuda.

Ilana sabia por antecipação como seria ser pega numa reprise do atentado de

violência de Grant.

– Você está levando o papel de cuidar de mim um pouco longe demais.

– Usando suas palavras... Deixe-me em paz.

Dizendo isso, ele vestiu um roupão e saiu do quarto.

Por alguns minutos, Ilana não se moveu, então praguejou algo muito pouco delicado e correu para o chuveiro.

Xandro já havia partido para a cidade quando ela desceu a escada e tomou um café da manhã frugal, pegou seus apetrechos de trabalho e saiu para o seu estúdio com Benjamin.

A tensão aumentava enquanto a manhã se transformava em tarde, e Ilana era um feixe de nervos ao fim do dia. Um telefonema de Liliana, de Melbourne, com o habitual “você está bem,

querida?”

teve

um

efeito

tranquilizador.

A farsa aumentava a cada dia, e Ilana detestava o subterfúgio, especialmente sabendo que este envolvia sua mãe.

Mas teria de impor limites à farsa, decidiu enquanto o guarda-costas parava o carro na garagem da casa.

Não compartilharia do mesmo quarto, da mesma cama, com Xandro. Se ele tivesse mandado transferir suas coisas de suíte... ela faria tudo voltar para o lugar de origem.

Judith cumprimentou-a no foyer com um sorriso caloroso.

– Minha querida, você teve um bom dia? O

jantar atrasará meia hora. Xandro telefonou para dizer que sairá um pouco mais tarde do escritório. A propósito, mudei todas as suas coisas para a suíte dele. Talvez você queira reorganizá-las.

O que ela poderia dizer senão: – Obrigada.

Enquanto subia a escada, jurou solenemente que devolveria todas as suas coisas ao lugar original.

Não tomou muito de seu tempo, e Ilana recolocou as roupas nos devidos lugares, tomou uma ducha demorada, vestiu calça esporte e blusa de linha, escovou os cabelos, passou um discreto batom nos lábios antes de voltar para o quarto... para encontrar Xandro pessoalmente envolvido no processo de juntar um punhado de suas roupas.

– Deixe-as aí.

Ele a fitou com olhos escuros e quase imóveis.

– Você realmente quer fazer as coisas do modo mais difícil?

– Não quero fazer de modo algum!

– Você quer privacidade... e terá. Mas compartilharemos o mesmo quarto.

– Não se importa com o que eu quero?

– Nesta situação... Não.

– Você é o homem mais...

– Você já disse isso antes.

– Irritante. – A palavra continha um grau de satisfação que Xandro ignorou quando foi em direção à porta.

– Trarei as roupas para cá novamente.

– Então acho que teremos uma noite bem movimentada.

Ilana quase lhe atirou qualquer coisa, e planejou transferir tudo de volta... depois do jantar, quando ele se isolasse em seu escritório.

O plano funcionou, e ela congratulou a si mesma quando se enfiou sob as cobertas e desligou a luz do abajur. Era tarde, e logo caiu num sono profundo, do qual acordou nos primeiros raios da aurora para descobrir que a cama em que estava não era a sua, nem era aquela a sua suíte.

Pior. Não estava sozinha, pois Xandro Pior. Não estava sozinha, pois Xandro ocupava o outro lado da cama, separado por uma barreira formada por travesseiros.

Em algum momento durante a noite, ele a tirara de sua suíte e a levava para lá.

Como ousara?

A vontade de pegar um dos travesseiros e atingi-lo era forte.

Os olhos escuros se abriram e a encararam.

– Nem pense em fazer isso – disse Xandro com uma voz rouca, cabelos despenteados e precisando se barbear.

– Você não sabe o que eu estava pensando.

– Se envolve contato físico – avisou ele –, esteja certa de que pode vir a não aprovar as consequências.

Ilana retribuiu com um olhar fulminante.

– Não gosto muito de você.

– Teimosa.

Naquele momento, o celular de Ilana tocou e ela atendeu.

– Como ele é na cama, vadia? – soou a voz baixa e ameaçadora. – Você gosta? – Os dedos de Ilana tremiam quando desligou, e seus olhos ficaram vagamente assombrados.

– Grant?

– Sim. – Ela não podia suportar ter que olhá-

lo, e sem dizer nada, saiu da cama, dirigiu-se ao banheiro mais próximo e rapidamente lavou o rosto com água fria.

Sentia um desconforto incomum quando completou sua rotina matinal, depois se vestiu, aplicou uma maquiagem leve e voltou para o quarto.

– Quer me contar o que ele falou?

Não. Ela respondeu em um gesto com a cabeça.

– Apenas as obscenidades de costume.

Xandro estava barbeado e vestido somente com a calça do terno, camisa de algodão branca, dando um nó na gravata.

Fechou a fisionomia quando observou as Fechoa a fisionomia quando observou as feições pálidas de Ilana.

– É somente uma questão de tempo.

Sim, mas quanto tempo?

– Não estou disposta para tomar o café da manhã. Tentarei alguma coisa na lanchonete mais tarde.

Ele cobriu a distância entre eles e segurou-lhe o queixo.

– Coma algo aqui antes de sair.

– Isso é uma ordem?

Ele sorriu largamente.

– Um pedido, certo?

– Pegarei um iogurte da geladeira e levarei para mais tarde.

Xandro tocou com um dedo os seus lábios.

– Vou checar se você se alimentou durante o dia.

O dia seguiu no padrão normal, com uma ligação de Liliana, ainda de Melbourne, com notícias atuais sobre a saúde do irmão, e dois telefonemas desligados que Ilana atribuiu a Grant.

Foi mais por uma questão de princípio que Ilana transferiu seus pertences de volta à suíte de hóspedes quando retornou do trabalho.

Pura perda de tempo, pois Xandro voltou com tudo para sua própria suíte.

Ele não disse uma única palavra... O que não foi preciso, pois ela ergueu as mãos num gesto de rendição.

– Tudo bem, você venceu.

Xandro aceitou sem discutir a aparente necessidade de Ilana se dedicar ao evento de moda que se aproximava, enquanto ele passava horas em seu escritório de casa, estabelecendo contato com vários patrocinadores do leilão que levantaria fundos beneficentes.

Ilana já estava na cama quando ele se juntou a ela, e embora a barreira de travesseiros permanecesse no mesmo lugar, era difícil deitar ali... tão perto e ao mesmo tempo tão distante.

Todos

os

seus

sentidos

pareciam

sintonizados em Xandro. E quando ele se deitou em silêncio na escuridão, foi impossível não imaginar como seria tê-lo à sua procura, tomando-lhe a boca num prelúdio de intimidade. Queria sentir as mãos másculas sobre seu corpo, a boca sensual em seus seios.

Deus do céu... A reconstrução vagarosa de quando atingiu o clímax e a alegria de fazer amor. Com ele, somente ele.

CAPÍTULO 11

O RETORNO de Liliana de Melbourne ajudou nos preparativos finais do evento beneficente promovido por Xandro.

Nenhuma despesa fora poupada, tendo conseguido doações de vários patrocinadores, tais como joias, viagens internacionais, um carro, champanhe importado, um cruzeiro luxuoso e um fim de semana no spa de um resort.

Grant continuava importunando com seus telefonemas, em chamadas cada vez mais ameaçadoras e específicas.

Morar com Xandro se tornava mais difícil com o passar do tempo, pois Ilana ficava cada vez mais consciente da inevitável presença dele em sua vida.

Apenas o fato de vê-lo assim tão próximo despertava emoções que ela tentava enterrar, e era como se os poros de seu corpo pudessem detectar cada vez que ele estava numa distância palpável.

Quanto à sua pulsação... Batia acelerada pelo simples fato de pensar nele.

Refletir

sobre

o

que

eles

tinham

compartilhado no sexo apenas a fazia ansiar pelo que não poderia ter, e isso interferia em sua tranquilidade emocional.

Sentiria ele o mesmo?

De algum modo, duvidava disso.

Na noite do leilão beneficente, Ilana escolheu um vestido estonteante em seda rosa-chá, com um corpete justo e uma saia que caía suavemente até os tornozelos.

Contas de cristal delicadas bordadas pelo corpete e na saia, criando um efeito de cascata, e ela calçou sapatos que combinavam, adicionando um conjunto de brincos, pulseira e colar de diamantes.

– Belíssima! – elogiou Xandro quando se preparavam para sair de casa.

Ele

transmitia

uma

masculinidade

implacável que transbordava em uma sensação de poder... acrescido de um smoking impecável, camisa branca e gravata-borboleta preta, e o resultado era não menos do que arrasador.

Todos os corações femininos entre as convidadas

bateriam

um

pouco

mais

rapidamente sob o efeito daquela visão...

Inclusive o seu próprio, pensou ela.

Xandro possuía uma sensualidade que lhe era completamente natural. E, por aquela noite, ele seria todo seu.

Por isso sorria, disse a si mesma, e dê aos demais convidados a impressão de ser a mulher mais feliz do mundo.

O salão do hotel cinco estrelas na cidade era O salão do hotel cinco estrelas na cidade era espetacular, a decoração de bom gosto sob o toque hábil de Liliana era evidente, e não havia um único assento disponível no recinto do leilão.

Uma noite de sucesso era esperada e Ilana ficou encantada enquanto Liliana checava a sala com olhos de águia.

– É fantástico.

– Concordo – acrescentou Xandro com um sorriso caloroso.

– Vamos esperar os altos lances dos convidados.

A Fundação Leucemia seria beneficiada com o bom resultado, principalmente as crianças. O

esforço empregado no projeto daquela noite tinha sido enorme.

Benjamin estava lá, uma presença discreta a poucos metros de distância, e havia a presença de

seguranças

extras

identificando

os

convidados na entrada do salão.

Era improvável que Grant pudesse tentar alguma forma de ataque em público.

Subversivo e traiçoeiro era mais compatível com o seu estilo.

Entre os frequentadores, amigos que tinham aderido a uma causa nobre.

A elite social, refletiu Ilana, em sua maioria, era genuinamente comprometida com tais eventos, embora pudesse haver um e outro que raramente perdiam a oportunidade de ser vistos e ter sua presença registrada nas páginas sociais. Para alguns, principalmente mulheres, aparecer era uma função importante em suas vidas.

Parte das despesas tinha sido destinada a providenciar uma refeição agradável composta por três pratos, acompanhada de um excelente vinho, e quando o jantar terminou, a excitação pelo leilão estava fervorosa.

A abertura, é claro, compreendia uma fase de discursos obrigatórios, incluindo um de Xandro, e ele deu destaque às necessidades primordiais das crianças afetadas pela doença, juntamente com o desejo de lhes proporcionar a assistência médica necessária.

Breves, francas, suas palavras provocaram uma tempestade de adesões enquanto ele agradecia aos patrocinadores, a Liliana e ao comitê de voluntários.

Uma apresentação das imagens com as várias peças a serem leiloadas apareceu numa tela atrás do palco, então o leilão foi iniciado com os itens menos valiosos primeiro, gradualmente progredindo até o carro, como o prêmio mais esperado da noite.

O pacote incluindo passagens para Dubai e sete dias de hospedagem foi objeto de grande disputa, assim como pacotes similares para Paris, Nova York e Amsterdã, e diversas mulheres tentaram superar uma à outra quando foram leiloados os itens de joalheria.

O carro, contudo, foi arrematado por um O carro, contudo, foi arrematado por um proeminente cidadão, com um lance muito superior ao valor de mercado.

Quando os lances foram totalizados, a soma levantada alcançou diversos milhões de dólares.

A noite foi sem dúvida um sucesso, fazendo de Ilana uma testemunha dos interesses filantrópicos de Xandro.

– Você deve estar muito feliz.

Ele a fitou com intensidade.

– Realmente.

– O louvor foi bem merecido.

Ele sorriu, mostrando os dentes brancos e perfeitos.

– Um elogio, Ilana?

– Sim. – A voz dela tinha um tom divertido.

– Não deixe isso subir à sua cabeça.

– Lembre-me de repreendê-la.

– Estou tremendo.

– E deveria mesmo.

Café foi servido por garçons atentos e pouco Café foi servido por garçons atentos e pouco antes da meia-noite o evento terminou.

Eles estavam entre os últimos a sair e acompanharam Liliana ao seu carro antes de se dirigirem para o Bentley de Xandro.

O trajeto até Vacluse foi tranquilo, e, uma vez dentro de casa, Ilana subiu a escada, ciente do braço de Xandro descansando em sua cintura.

Havia um clima que denunciava o inevitável quando chegaram ao andar superior e percorreram a distância até a suíte deles.

A noite inteira, ela estivera convicta da presença dele e da aguda sensibilidade invadindo seu corpo, mexendo com todo o seu sistema nervoso.

O gosto da boca de Xandro na sua, os braços fortes ao seu redor, os toques, o ardor da paixão...

Ele saberia como ela estava se sentindo?

Eles entraram juntos na suíte, e Ilana colocou Eles entraram juntos na suíte, e Ilana colocou sua bolsa sobre uma cômoda próxima, enquanto ele tirava o paletó. Após remover as joias, ela se virou e Xandro a puxou para si, posicionando-se para beijá-la.

– Você está tentando me seduzir?

Ele riu contra o pescoço dela.

– Está funcionando?

– Humm, um pouco, talvez.

Uma mão quente lhe tocou o seio e um polegar circulou seu mamilo... Uma ação que provocou sensações incríveis.

Então Xandro a beijou novamente, e ela se perdeu no momento em que a língua sensual penetrou seus lábios, gemendo quando ele começou a explorar a boca com o vigor da ponta da língua... hipnotizando-a de uma forma que a fez responder sem inibição a um ato erótico que Ilana não queria que cessasse.

Queria tanto fazer parte dele. Viver um momento sublime que pudesse recordar durante as muitas noites longas e solitárias que teria pela frente.

Pois em breve aquilo terminaria. Grant poderia aparecer de um momento para outro, ser pego e preso... e ela poderia retornar para seu apartamento e para sua vida de antes.

Mas por que aquela ideia de repente a entristecia tanto? Contudo, não podia ficar.

Deus do céu... Mesmo se ele pedisse, como ela poderia? Aceitar afeição em vez de amor, sabendo que não teria o coração de Xandro, sua alma.

Ele afastou-se para estudá-la.

– Você pensa demais.

– É uma característica feminina.

Xandro segurou-lhe o rosto e capturou-lhe a boca. Ilana começou a responder, não se importando em como a noite poderia terminar.

Queria a noite e tudo o que eles pudessem dar um ao outro. Acordar nos braços dele e compartilhar a doçura, o desejo primitivo com o poder de lhe derreter os ossos. Especial, única.

Uma emoção com a qual viveria pelo resto de seus dias.

Não havia necessidade de palavras... disse a si mesma enquanto desfazia o nó da gravata de Xandro,

desabotoava-lhe

a

camisa

e

desafivelava o cinto em sua calça.

Em seguida, ele tirou os sapatos e se livrou da calça e das meias.

Ilana mordeu o lábio diante da visão da imensa excitação dele e seus olhos se encontraram, loucos de paixão.

Com gentileza, Xandro a virou e abriu o longo zíper do vestido lhe removendo suavemente a seda do corpo.

Ela usava apenas uma calcinha de seda sob o vestido, e, enquanto tirava os sapatos de salto alto, ele deslizou a pequena peça por seu quadril e pernas.

Com as mãos fortes segurou os ombros de Ilana, e seus lábios sensuais traçaram a nuca delicada. Carinhosamente, ele alisou toda a extensão de sua coluna.

Quando as mãos de Xandro deslizaram para seus seios para provocá-la, ela perdeu o fôlego.

Com um rápido movimento, ele carregou-a em direção à cama, depois a segurou, enquanto puxava as cobertas antes que ambos pudessem cair nos lençóis de percal.

Ilana permaneceu enfeitiçada quando ele traçou cada centímetro de sua pele com a boca, mordiscando aqui e ali até que ela quase desmaiou de desejo.

– Por favor. – Era um gemido gutural que ela não reconhecia como seu.

Xandro a beijou, então inseriu toda a sua masculinidade em seu íntimo, sentindo a musculatura contrair ao seu redor, enquanto movia-se ritmicamente e de maneira plena.

Ela ergueu os quadris e enlaçou o pescoço de Xandro com os braços.

Ele

continuou

os

movimentos,

Ele

continuou

os

movimentos,

vagarosamente em dados momentos, então acelerando o ritmo, conduzindo-a numa espiral fascinante... Tão fascinante que ela gritou quando atingiu o clímax.

Depois, Xandro a aconchegou contra seu corpo e a abraçou enquanto ela adormecia, e a última coisa que Ilana recordou foi o trilhar suave dos dedos dele em suas costas.

Ilana devia ter dormido, pois acordou com firmes batidas de coração em seu rosto, e permaneceu ali sem se mover, entregue à intimidade, no contato quente de pele com pele.

A necessidade de explorar, de tocar e descobrir cada pulsação era predominante.

Assim também o desejo de lhe retribuir com prazer erótico.

Por um momento, hesitou com medo de que ele pudesse retirar a mão.

Mas então pousou na curva da cintura dele, Mas então pousou na curva da cintura dele, depois,

vagarosamente,

explorou-lhe

os

mamilos antes de deslizar os dedos para os ombros másculos.

Ele não se mexeu ou mudou o ritmo da respiração.

Encorajada, Ilana percorreu a extensão dos músculos dos braços fortes, então deixou a mão escorregar para os quadris, passou pelas coxas e seguiu em direção à virilha.

– Se você pretende apenas brincar – disse Xandro –, sugiro que pare agora.

– E se não pretender?

A respiração dele era quente e opressiva.

– Saiba bem desde já como isso terminará.

– Promessa ou ameaça?

– Ambas.

A voz de Xandro era um sussurro rouco, e ela riu quando o tocou, regozijando-se com a força da excitação dele.

Fazendo-lhe carícias com dedos leves, Ilana Fazendo-lhe carícias com dedos leves, Ilana manuseou-lhe o sexo, experimentou a textura e a rigidez.

Cheia de curiosidade e desejo, afastou as cobertas e pressionou a boca sobre o peito másculo, provocou um pouco antes de fazer uma trilha com a língua em direção à cintura dele.

A respiração ofegante de Xandro foi um prêmio adorável quando ela lhe explorou o umbigo com a ponta da língua, e seguiu com lentidão para a masculinidade, praticamente fora de si.

– Cuidado, agape mou. Você corre o risco de ter mais do que quer.

– Verdade? – Era tão bom ter o poder sobre ele. – Não terminei ainda.

– Ah, terminou sim. – Com um movimento rápido, ele mudou de posição,

colocando-se sobre Ilana agora, e investindo sem qualquer preliminar. Ela ofegou, então lhe tomou a boca numa posse que espelhava o ato físico.

Foi muito, muito mais do que Ilana acreditava ser possível. Uma invasão primitiva, pagã e desenfreada quando todos os seus sentidos comunharam com os dele num êxtase explosivo.

Oh, meu Deus.

Ela duvidava de que poderia mover-se.

Ele foi gentil após o ato, tranquilizando-a com as mãos, com a boca, e ela proferiu um leve protesto quando Xandro saiu da cama e carregou-a nos braços.

– O que você está fazendo?

Ele lhe deu um beijo leve na testa no momento que entrou no banheiro e começou a encher a vasta banheira.

– Dando-lhe banho.

Sentindo-se plena e feliz, Ilana suspirou quando se deitou entre as pernas de Xandro numa espécie de abraço, água deliciosamente quente e perfumada, enquanto ele ensaboava cada parte de seu corpo, depois apenas abraçando-a enquanto ela fechava os olhos.

– Vamos lá, dorminhoca.

Quantos minutos haviam se passado?

Alguns... ou muitos?

Ilana realmente não se importou quando ele a tirou da banheira, depois a secou antes de tirar a espuma do próprio corpo.

Ela dormiu, aninhada sob as cobertas no círculo dos braços fortes, sem sonhos e plenamente.

CAPÍTULO 12

TUDO PARA a grande apresentação da moda verão estava em ordem quando Ilana checkou as listas de pendências, conferiu com Micki os acertos de última hora, ouviu o apresentador fazer um breve discurso de abertura, anunciando, logo após a primeira categoria, a grife Arabelle.

Tanto trabalho, planejamento e publicidade precederam aquele momento e Ilana cruzou os dedos para ter sorte quando a música começou e a primeira modelo entrou na passarela.

O exclusivo Double Bay, o local onde o evento

estava

sendo

realizado,

estava

magnífico, com a presença de muitos convidados, e Ilana fez uma prece silenciosa para que não surgisse nenhum imprevisto de última hora.

A apresentação da linha informal foi seguida pela clássica, e, por fim, pelos vestidos sofisticados e elegantes para coquetéis e eventos sociais formais.

O grand finale foram vestidos de noite, e cada peça modelada recebeu muito interesse e aplauso.

A categoria apresentou vestidos de todos os tipos, chiffon bordado com contas de cristal, colantes, retos em estilo tubinho, decotes, alguns discretos, outros avantajados, com ou sem alças, tomara que caia, além de terninhos e jaquetas para noite com detalhes em pérolas ou pedras semipreciosas. Sapatos forrados em cetim ou renda, e os tecidos usados nas confecções eram dos mais variados, tais como sedas lisas ou com estampas florais, o clássico preto e o maravilhoso crepe georgette.

Quando a modelo usando o último vestido desapareceu nos bastidores, o

apresentador chamou Ilana para a passarela, seguida por todas as modelos.

Ela estava vestida de preto... Saia longa, sapatos de salto alto e um top preto. Com seus cabelos louros soltos e sua figura irretocável, ofereceu um sorriso encantador ao público enquanto apresentava as modelos, depois chamou Micki ao palco para encerrar o evento.

Foi então que Ilana viu Xandro de pé ao fundo da sala, acenando-lhe e a fazendo derreter por dentro.

– Sucesso. – A voz de Micki era quase inaudível sob tantos aplausos e Ilana disse “sim” em concordância.

Uma olhada final em direção à plateia e, juntas, seguiram para os bastidores.

A coleção requisitava cuidado manual, acessórios devidamente guardados em caixas, e as auxiliares do estúdio cuidaram disso, enquanto Ilana e Micki agradeciam às modelos e à equipe por trás daquele sucesso.

– Volte para lá e se socialize – instruiu Micki e deu um empurrão amigável em Ilana em direção ao lado da entrada. – Você merece. – Um brilho malicioso iluminou os olhos escuros da amiga. – E vá beijar aquele seu “pedaço de mau caminho”.

– Em público? – provocou Ilana. – Tenho vergonha.

Ela saiu e encontrou a mãe esperando para lhe dar um abraço eufórico.

– Ótimo trabalho, querida. Estou tão orgulhosa de você.

– Obrigada pelo seu eterno e total apoio.

– Você sempre o terá, sem sombra de dúvida. – Liliana ficou de lado quando Xandro apareceu.

– Incrível. – Ele segurou-lhe os ombros e inclinou-se para beijar cada uma das faces, depois, capturou-lhe a boca num beijo quente e evocativo.

Os olhos escuros brilharam quando ele levantou a cabeça, e por um

momento, Ilana viu somente ele. Então os barulhos de tagarelice feminina e música ao fundo tornaram-se evidentes.

– Obrigada por vir. – Ela estava sendo sincera. – Não esperava que você estivesse aqui.

Xandro pegou-a pelas mãos.

– Não posso ficar por muito tempo. Tenho uma reunião agendada.

Ela estava deliciada por ele ter aparecido e disse-lhe isso.

– Não há o que agradecer. – Ele ergueu as mãos unidas de ambos e beijou-lhe nos dedos.

– Sairemos para jantar e comemorar. Foi um êxito total.

– Um encontro amoroso? – Juntos, eles frequentavam eventos sociais, interpretando o papel esperado. Ela vivia temporariamente na casa de Xandro, ocupava sua cama e fingia ser sua noiva. Mas um jantar romântico?
– Somente nós?

Os olhos de Xandro brilharam pela risada.

– Farei as reservas.

Ilana observou-o partir e testemunhou a quantidade de olhares femininos que seguiram sua passagem pela sala.

Olhos de inveja. Se ele fosse realmente seu...

Ela o amava, mas Xandro poderia sentir o mesmo?

De algum modo, os territórios entre a simulação e a realidade haviam se misturado, e ela não mais sabia o que era real.

Além da habilidade de Xandro como amante... o que mais ela possuía?

Preocupação pelo seu bem-estar, proteção...

Porém, existiria algo mais? Havia tantas perguntas para as quais não tinha respostas.

– Ilana.

Sua atenção foi desviada para uma anfitriã da sociedade local e por 15 minutos ela atendeu a demanda de sua popularidade.

—

Parabéns,

querida.

Adorei

tudo,

principalmente o desfile de moda verão.

Danika, linda como sempre, elegantemente vestida, com maquiagem irretocável e cabelos soltos esvoaçantes.

– Obrigada. – O instinto lhe dizia que a modelo tinha mais em mente do que um simples elogio.

– Alguma notícia da data do casamento?

– Estamos estudando isso.

– Deve ser encorajador saber que você corresponde às expectativas de Xandro como esposa – disse Danika com voz sedosa. – Eu estava seriamente tentada. Ele é incrível na cama. Minha única objeção era a intenção dele em procriar. Essa mania de filhos. – Ela passou um dedo sobre sua cintura e quadris. – Um corpo nunca se recupera totalmente. Além do mais, não tenho a mínima inclinação para ser uma chocadeira. – Seus olhos se arregalaram deliberadamente. – Oh, querida, você não acha que amor faz parte da união, acha?

Mesmo furiosa, Ilana simulou um sorriso glorioso.

– Que lástima... – disse ela com doçura. – Não há nada como uma má perdedora.

Então, voltou-se e caminhou para os camarins, onde, para seu alívio, Micki e as assistentes tinham tomado conta de quase tudo.

– Genial, fantástica, incrível. – Micki passou os braços em volta dos ombros de Ilana e a girou no ar. – Você é tudo isso e muito mais.

Temos compromissos agendados e pedidos para futuras apresentações. – Inclinou-se um pouco para trás. – Ei, por que não está feliz depois de tanto sucesso? – Seus olhos estreitaram-se. – Fale.

– Numa só palavra... Danika.

– A velha raposa ciumenta?

– A própria.

Micki fechou a mão e bateu sobre uma madeira próxima.

– É sempre ela. – Ilana sorriu. – A propósito, por que você ainda está trabalhando?

– O que diz de colocarmos tudo dentro da van, mandarmos de volta para o estúdio com as garotas... e irmos comemorar com um café com leite?

– Ótima ideia.

Meia hora depois, Benjamin as acompanhou a um dos muitos cafés que existiam nas ruas do bairro de elite.

Um resumo da tarde resultou em Micki tirando sua agenda da bolsa e anotando as falhas e acertos que observara durante o desfile.

– Talvez precisemos contratar outras costureiras para meio período.

– Você acha?

– Veremos como acertar isso na próxima – Veremos como acertar isso na próxima semana.

Ilana checkou seu relógio e ofegou.

– Tenho de ir embora.

– Grande encontro?

Ela levantou-se e pegou sua bolsa.

– Jantar.

Micki pegou seu celular.

– Tenho algumas ligações a fazer. – Ela fez sinal para a garçonete e pediu outro café com leite. – Divirta-se, minha querida.

O carro de Benjamin estava perto, e Ilana aproveitou a caminhada para olhar as vitrines.

Um reflexo passageiro no vidro de uma larga vitrine chamou-lhe a atenção, e por um segundo, ficou intrigada com a forma, o ângulo... Então tudo aconteceu com rapidez.

Sentiu Benjamin empurrá-la para um lado, seguido simultaneamente pelo som estridente dos freios, a batida dos pneus contra o meio-fio e o estrondo explosivo quando o carro invadiu a loja, estilhaçando o vidro da vitrine, que caiu sobre a calçada.

Ilana ficou chocada ao ver o carro parcialmente encaixado na vitrine da loja.

Fumaça saía de um radiador furado. Benjamin segurou-lhe os ombros.

– Você está bem?

Tremendo um pouco, ela disse: – O que aconteceu, pelo amor de Deus?

O som de passos correndo se tornou aparente, então Micki estava lá, suas feições pálidas e ansiosas.

– Talvez você devesse se sentar. – Ela olhou para Benjamin. – Ficarei com ela. Pode fazer o que achar que precisa ser feito.

Ele digitou um número no celular e falou sucintamente. Depois desligou.

– Xandro está vindo.

Benjamin conteve as pessoas que começaram a aparecer, e Micki assumiu um papel protetor, pedindo uma cadeira e água.

– Estou bem – protestou Ilana. – Não preciso de uma cadeira. – Ela acenou para que a levassem embora quando uma foi colocada ao seu lado.

– Sente-se. Você precisa saber que Grant está preso dentro daquele carro.

O sangue esvaeceu do rosto dela.

– Grant?

– Ele mesmo.

As implicações de saber disso a deixaram arrasada. Por um momento, não conseguiu falar.

Micki abriu a garrafa de água e colocou-a na mão de Ilana.

– Beba.

A polícia chegou, seguida de um carro de bombeiros e uma ambulância.

Então Xandro estava lá, agachando-se ao seu lado.

– Você está bem?

Ilana sorriu.

– Sim.

– Graças a Deus. – As palavras eram sinceras quando ele pegou-lhe o rosto e a beijou na boca.

A presença dele era tranquilizante, enquanto a equipe uniformizada de emergência tomava conta da situação com uma eficiência sincronizada, usando um pé de cabra como alavanca para abrir uma porta do carro, de onde Grant foi removido e transferido para a ambulância, enquanto

dois

policiais

começavam a colher depoimentos.

Quando terminaram, Xandro conduziu Ilana para o Bentley e a acomodou no assento antes de assumir o volante.

Dentro de minutos, o potente carro estava percorrendo as ruas e ela ficou em silêncio enquanto observava a cena além do para-brisa.

Estava terminado.

Grant receberia tratamento hospitalar, depois seria preso e condenado. Ela retornaria para seu apartamento e a vida seguiria seu curso normal.

Então por que não se sentia aliviada e feliz?

O crepúsculo começou a descer e logo a escuridão seria completa.

Xandro deu-lhe um rápido olhar.

– Cancelei a reserva no restaurante.

– Não havia necessidade de fazer isso.

– Teremos uma noite tranquila em casa. – Ele precisava abraçá-la, mantê-la próxima, não compartilhá-la num restaurante cheio de gente.

Ela observou que estavam tomando um rumo diferente para a casa.

- Aonde estamos indo?
- Um centro médico particular.
- Por quê? Estou perfeitamente bem.
- Tenha paciência.
- Você está sendo ridículo.
- Considere isso uma medida preventiva.

Ilana não disse mais nada, mas o amaldiçoou em silêncio.

O atendimento no centro médico foi rápido e eficaz. O médico foi taxativo, e apesar de algumas áreas afetadas, assegurou que eram contusões insignificantes.

Quando deixaram o centro médico, Ilana teve a satisfação de dizer:

- Eu lhe disse isso.
- Que tal passarmos em algum lugar para comprar comida chinesa?
- Para mim tanto faz.
- Humm... Quanto entusiasmo...

Eles comeram fora da casa, no terraço coberto, enquanto a comida ainda estava quente. Depois Ilana subiu para tomar um banho e trocar de roupa.

Havia uma necessidade de purificar sua pele, como se a ação pudesse, de algum modo, extirpar Grant de sua cabeça.

O tempo, pensou ela, gradualmente curaria as feridas mentais.

Contudo, nada seria capaz de extirpar o que Contudo, nada seria capaz de

extirpar o que sentia por Xandro.

Amor poderia ser uma emoção volúvel e passageira. Porque amar e não ser amada... não era o suficiente.

Então, esta noite se entregaria ao prazer...

Uma última noite para saborear e recordar.

Certamente merecia isso.

Um leve movimento a assustou, e Ilana viu quando Xandro entrou no box do chuveiro.

– Banho comunitário?

Ele tirou-lhe a esponja da mão.

– Alguma objeção?

Por que deveria negar a experiência prazerosa a si mesma? Um calor percorreu seu corpo enquanto ele esfregava a esponja por entre os seus seios, depois lhe tocava o pescoço com os lábios de maneira erótica.

– Humm, você faz isso tão bem...

– Estou apenas começando.

Levou um tempo... um longo tempo e Levou um tempo... um longo tempo e tornou-se uma celebração em todos os sentidos. Uma experiência gentil de toque com beijos rápidos numa deliciosa brincadeira que prometia muito, consumando-se no ato sexual contido, até que nenhum deles tivesse a força emocional para resistir por mais tempo.

Num

movimento

coordenado,

Ilana

entrelaçou as pernas em volta da cintura de Xandro quando ele a ergueu contra si e a posicionou

para

aceitar

sua

rígida

masculinidade.

Não foi um ato apressado, mas vagaroso e profundo... Tão profundo que era para ela como se ele invadissem a parte mais inatingível dentro de si.

Ela não queria que aquilo terminasse... e sentiu vontade de chorar quando terminou.

Juntos, enxugaram um ao outro, e vestiram roupões

brancos.

Havia

uma

televisão

embutida dentro de um armário, e Xandro procurou um canal até que achou um programa interessante.

Parecia tão certo ficar deitada aninhada a ele na cama, usando o ombro largo como travesseiro, sentindo os braços fortes ao seu redor.

A última coisa de que Ilana teve lembrança antes de adormecer foi o leve toque dos lábios quentes contra sua testa.

Pouco antes do amanhecer, Xandro puxou-a para seus braços com renovado ardor, então eles brincaram e se amaram mais uma vez.

CAPÍTULO 13

ILANA ACORDOU cedo e permaneceu quieta na cama para não perturbar Xandro.

Tantas

semanas.

Tanta

ansiedade...

emocional, mental e física.

Mas agora tudo tinha terminado.

Ela não sabia se comemoração ou lamento seria a ordem daquele dia.

Estava livre para reassumir sua vida.

Não havia mais necessidade de permanecer sob os cuidados de Xandro, podendo agora retornar ao seu apartamento.

Então, por que hesitava?

Porque queria ficar... pelas razões certas.

Mas, infelizmente, isso não seria possível.

Mas, infelizmente, isso não seria possível.

Esperaria até que Xandro saísse para a cidade, depois subiria para fazer as malas.

Na noite anterior... Ilana não queria pensar na noite que passaram e na

maneira como fizeram amor. Era sempre... especial, mas na noite anterior tinha sido especial em todos os sentidos, primitiva e altamente erótica.

O café da manhã seria a última refeição que compartilharia com ele. Então lhe daria um beijo de adeus e fingiria que aquele era um dia como outro qualquer.

Poderia fazer isso, não poderia? Seria difícil demais?

Na verdade, a decisão mais difícil que já tomara, e seu coração ficou apertado ao vê-lo partir.

Não pense. Não chore. Simplesmente suba, pegue suas malas e arrume-as. E faça isso tudo rapidamente.

Quanto tempo levaria para arrumar as malas? Quanto tempo levaria para arrumar as malas? Dez minutos no máximo?

Ilana acabou de arrumar uma delas, e começou a colocar os sapatos na outra quando sentiu a presença de alguém.

– O que você pensa que está fazendo?

– Xandro? – Ela se virou para a figura alta junto à porta do quarto. Ele tinha realmente o andar silencioso como o de um gato. – Pensei que você tivesse ido para a cidade.

Ele dirigira alguns quilômetros antes de pegar um retorno e voltar para casa, surpreendido por uma premonição que não podia descartar.

– Isso não responde à minha pergunta.

Ele observou enquanto ela seguiu arrumando as malas.

– Estou voltando para o meu apartamento.

A voz de Xandro era rouca.

– Não, você não está.

– A razão para minha permanência aqui não – A razão para minha permanência aqui não existe mais.

– Nem pensar, você não vai embora. O que compartilhamos juntos... não significa nada?

– Significa nada mais do que sexo. Sexo muito bom.

– Você acha que foi apenas sexo? – Ele parecia tranquilo, como a calmaria prévia de uma tempestade.

– O anel está a salvo na gaveta superior da cômoda.

– Fique comigo.

– Não posso fazer isso.

– Não pode... ou não quer?

– Foi maravilhoso enquanto durou – disse ela calmamente.

– Que coisa! Eu lhe pedi para ser minha esposa.

– Um casamento de conveniência.

– Posso lhe oferecer qualquer coisa que queira.

Exceto a única coisa que quero. Seu amor.

– Realmente apreciei tudo o que fez por mim. Mais do que você possa imaginar.

– Você acha que a deixarei ir embora?

Ela o olhou fixamente.

– Você não pode me impedir.

– O que é necessário, Ilana? Diga o seu preço.

– Não há preço. – Apenas três palavras...

ditas de coração...

Ela pegou o último item e fechou a mala.

– Ilana.

– Estou certa de que nos veremos em alguma roda social.

Por um longo momento, ele apenas a olhou, com uma expressão desafiadora, então atravessou o quarto e pegou uma mala em cada mão.

Juntos, eles desceram a escada e se dirigiram para a garagem em silêncio. Ilana abriu o porta-malas do BMW, de modo que ele pudesse colocar a bagagem.

O momento que tanto temera havia chegado. Portanto, era dizer adeus de alguma maneira, pegar o carro e partir.

– Isto é o que você quer? – indagou Xandro, e ela inclinou a cabeça, não confiando em si mesma para responder quando abriu a porta e se posicionou ao volante.

Vá. Ligue a ignição, movimente o câmbio e parta.

Depois, sozinha, poderia chorar.

O APARTAMENTO parecia terrivelmente calmo, e Ilana passava horas no estúdio, recusando-se a atender qualquer ligação particular, exceto de sua mãe.

Não aceitava qualquer convite social e confiou apenas à Liliana que o noivado tinha sido uma artimanha até que Grant fosse pego.

Os dias se tornaram semanas, e ela dizia a si mesma o tempo todo que estava bem.

Porém, comia pouco e dormia menos ainda.

Sonhava que estava com Xandro, na cama Sonhava que estava com Xandro, na cama dele... e acordava banhada de suor, se dando conta de que estava sozinha... esperando. Por ele, somente por ele.

O trabalho, antes prazeroso, tornou-se um fardo.

Liliana ligou no meio de um dia exaustivo no fim de semana com um convite.

– Querida, fiz reservas para jantar esta noite.

Um restaurante pequeno, mas lindo, onde a comida é divina. Eu a pegarei às 19h.

– Mamãe... não. Eu...

– Querida... 19h. Não aceitarei não como resposta.

Ela não queria ir. Ligou duas vezes para a mãe, querendo cancelar, mas a ligação era cortada antes de conseguir se conectar.

Portanto, Ilana sairia do estúdio, tomaria uma ducha, vestiria um traje adequado, e iria passar uma ou duas horas agradáveis, tentando fazer justiça à refeição.

Poucos minutos antes das 19h, pegou o elevador para o saguão e encontrou o Lexus da mãe, esperando do lado de fora da entrada.

– Querida, você está encantadora.

Estaria mesmo? Não era intencional. Ela meramente escolhera um terninho na cor esmeralda, calçara sapatos de salto alto e deixara seus cabelos soltos.

– Aonde estamos indo?

– É surpresa.

Tudo bem, então esperaria pela surpresa.

Liliana contou anedotas ouvidas numa reunião do comitê, fez referências a

uma nova grife de bolsas importadas, que acabara de abrir uma loja em Double Bay.

Por acaso, o restaurante era na mesma vizinhança, informou-lhe a mãe quando estacionou o carro. Elas poderiam ver as vitrines enquanto caminhavam.

Eram quase 19h30 quando Liliana conduziu a filha para dentro de um restaurante pequeno e íntimo, onde o maître as cumprimentou com cerimônia antes de lhes indicar uma mesa e se retirar.

Imensos vasos de flores em intervalos regulares junto às paredes eram uma composição harmoniosa. Ilana deu uma olhada intrigada pelo salão, porque elas eram as únicas clientes ali presentes. Aquilo era estranho e ela comentou.

– Sente-se, querida, preciso de um momento para consultar o maître.

Cada um dos lugares tinha uma vela decorativa acesa e ela foi conduzida para uma mesa central por um garçom solícito.

– Trarei água gelada e a carta de vinhos.

Ilana estava com pouco apetite, mas talvez uma taça de vinho pudesse ser uma ótima combinação com o prato de entrada.

Um aroma delicioso preenchia o ar. Suflê de cogumelos? Pão de ervas?

Liliana estava demorando.

Onde estava o garçom?

Ela sentiu uma leve movimentação e olhou para cima... Então, gelou quando viu Xandro caminhando

na

sua

direção,

alto

e

incrivelmente poderoso. Uma conspiração ricamente planejada... mas para que fim?

Por um momento, apenas o olhou, admirando as feições atraentes e sentindo o coração disparar.

– O que você está fazendo aqui? – Pergunta tola. Por que ela se sentia como se estivesse à beira de um precipício? Aquilo era loucura.

– Você concordou em jantar comigo?

– Provavelmente não.

Ele puxou uma cadeira e sentou-se à sua frente.

– Por isso o subterfúgio.

– Com que propósito?

– Para passarmos algum tempo juntos, bebermos um pouco de vinho, degustarmos uma boa comida... e conversarmos.

– Não temos nada para conversar em especial.

– Sim, temos.

– Xandro...

– Seja paciente.

O garçom apareceu para oferecer a carta de vinhos, que Xandro estendeu para Ilana.

– Você escolhe.

Ela o olhou com uma expressão intrigada, antes de selecionar um vinho branco.

Música ao fundo ecoava suavemente através de alto-falantes ocultos.

Xandro parecia sem pressa de pedir os pratos, e Ilana procurou algo para dizer.

– Qual foi a participação de Liliana nisso?

– Apenas trazer você aqui. O ambiente é agradável, não concorda?

Ela olhou em volta do salão vazio.

– Você reservou o restaurante inteiro?

– Sim.

– Por quê?

– Perseverança, Ilana.

Ela o fitou desconfiada.

– Que jogo está fazendo agora?

– Nenhum jogo.

Naquele momento, o garçom apareceu com o vinho, abriu a garrafa e serviu, depois se retirou, somente para voltar e entregar a Ilana uma caixa de floricultura contendo um único botão de rosa vermelha.

Ilana olhou para o garçom em indagação silenciosa.

– Para você, do cavalheiro – disse o garçom.

Havia um envelope com um cartão, e ela o retirou com os dedos trêmulos.

Com amor, Xandro.

Por um momento, seu coração deu um salto louco, depois a batida voltou ao ritmo compassado, enquanto inclinava a cabeça.

Aquilo só podia ser uma delicadeza para dar um tom elegante à noite, nada mais do que isso.

– Obrigada.

Ela levaria o botão de rosa para casa e o colocaria num vaso até que todas as pétalas caíssem.

O garçom voltou com o menu e Ilana escolheu apenas uma entrada, em vez do prato principal, enquanto Xandro pediu ambos.

Ela lhe deu um olhar sub-reptício por debaixo dos cílios e imaginou se as covinhas em cada face poderiam estar um pouco mais profundas do que recordava.

Admirou-lhe a curva sensual da boca e recordou o prazer que ele lhe dera. Pior, o quanto ansiava pelo toque dele, o calor e o êxtase. Com ele... somente ele.

– Você está bem?

Como ela poderia responder? Admitir que não comia e não dormia era o suficiente?

– Bem, obrigada. – Ele parecia bem. Um pouco cansado, talvez, pois finas rugas nos cantos de seus olhos assim demonstravam. – Você esteve viajando?

– Nova York.

– A negócios?

– Sim.

O garçom chegou com a entrada, e Ilana notou a disposição artística da comida, e imaginou se conseguiria dar mais do que uma ou duas garfadas.

Era óbvio que Xandro tinha um motivo oculto... mas qual? A partir de então, seus nervos ficaram mais frágeis a cada minuto.

Ela bebeu um gole de vinho na esperança de que pudesse ajudar, então lembrou que tomara apenas um iogurte como almoço, e pegou seu copo de água.

– Você está ocupada organizando outro desfile?

– Trabalhamos sempre com uma estação de antecedência. – E ela relatou alguns detalhes apenas para compor e manter a conversa. Esta prática a ocupou através da entrada e durante o prato principal de Xandro.

Quanto tempo antes que a refeição acabasse e pudesse então ir embora?

Ilana declinou da sobremesa e sentiu seus nervos tensos quando ele pediu uma taça de sorvete, do qual logo lhe ofereceu uma colherada... Mas ela negou ao balançar a cabeça numa recusa silenciosa.

– Não?

Ele ficou em silêncio por algum tempo, depois recolocou a colher e afastou a taça para o lado.

Ilana sentiu seus olhos presos aos dele.

– A mulher que escolhi para ser minha esposa recusou minha proposta, e... isso foi doloroso. – Ela não foi capaz de dizer uma palavra. – As circunstâncias trouxeram-na para minha casa... para minha cama. Você mudou minha vida, Ilana – disse ele gentilmente. – Amar você é mais, muito mais do que acreditei um dia ser possível. – Ela quase não ousava respirar com medo de estar entendendo errado.

– Mas nenhum argumento meu pôde convencê-la a ficar. – Ela notou um músculo do queixo de Xandro enrijecer. – O momento mais importante da minha vida... e infelizmente falhei. – Ilana vislumbrou emoção nas profundezas dos olhos dele... Era latente. E

conteve as lágrimas que ameaçavam irromper.

– Eu a amo. Tudo o que você é. Fique comigo pelo tempo que eu viver. – Ele se ajoelhou diante dela e pegou-lhe a mão. – Você se casará comigo? Permitirá que eu a ame por todos os dias da minha vida? – Retirando o anel de diamante do bolso, deslizou-o pelo dedo de Ilana. Os dois se entreolharam. – O anel está de volta ao lugar a que pertence – concluiu.

Uma única lágrima rolou vagorosamente pela face de Ilana, e não podia dizer uma palavra, ainda que sua vida dependesse disso.

Observou fascinada enquanto Xandro se Observou fascinada enquanto Xandro se levantava, tomando-a nos braços e abaixava a cabeça ao encontro da sua.

A boca era gentil, um pouco provocadora, saboreando-lhe os lábios antes de beijá-la com ardor, e ela o abraçou e perdeu-se no homem que amava.

Ilana não tinha ideia de quanto tempo haviam permanecido assim, até que ele se afastou lentamente.

– Eu o amo – declarou Ilana simplesmente. – Tanto...

Xandro quis erguê-la nos braços, levá-la para sua casa e para sua cama, onde provaria o quanto ela significava para ele.

– Há somente mais uma coisa.

– Minha resposta é sim.

Xandro riu.

– Você não sabe o que vou pedir.

– Não preciso saber. A resposta será a mesma.

Ele

roçou-lhe

os

lábios,

e

então

relutantemente ergueu a cabeça.

– Quando eu a levar para casa comigo, quero que seja como minha esposa.

Ilana abriu a boca para protestar, mas ele colocou o dedo indicador sobre seus lábios.

– Tenho a licença, e o padre está esperando por nós, com Liliana e Micki na sala ao lado.

Os olhos dela se iluminaram com um brilho malicioso.

– Você estava assim tão confiante?

Ele acariciou-lhe o rosto.

– Não. – Xandro passara noites em claro, adquirindo coragem para planejar aquele momento... e sentia-se agonizando todas as horas de todos os dias em pensar como conseguiria viver sem ela se Ilana recusasse. – Apenas esperançoso e determinado a fazer isso dar certo. – Vinha música dos corações? Ela jurava que o seu estava cantando. – Se você quiser um grande casamento, nós...

Ilana vedou sua boca com os dedos.

– Está perfeito do jeito que você planejou.

– Você acha mesmo?

– Absolutamente perfeito – respondeu ela, beijando-o em ambas as faces.

Xandro fez sinal para o maître; em poucos minutos, velas estavam colocadas sobre uma mesa próxima, junto com orquídeas brancas.

O padre foi chamado, junto com Liliana e Micki, ambas contendo as lágrimas enquanto compartilhavam abraços e beijos, depois ficaram devidamente posicionadas quando o padre começou, declarando Ilana e Xandro em sagrado matrimônio.

Uma cerimônia sensível e espiritual... e muitíssimo especial.

Os votos deles foram simples, porém profundos... Amar, honrar e compartilhar pelo tempo que vivessem. Liliana entregou a Xandro o anel com o imenso diamante, que o padre abençoou antes que o noivo o colocasse no dedo de Ilana. Então Micki entregou a Ilana uma larga aliança de ouro de modo que ela seguisse o mesmo ritual com Xandro.

Após o beijo, tradicional dos noivos, houve champanhe e risadas. Um violinista apareceu e começou a entoar melodias românticas enquanto o garçom trazia mais comida.

Fotografias foram registradas pela câmera digital de Liliana, e já passava das 23h quando eles terminaram a comemoração íntima.

– Estou tão feliz por você. – As palavras da amiga ecoaram as da mãe quando desejaram boa-noite. – Ilana, ele é maravilhoso.

Ilana deu ao seu novo marido um olhar provocador.

– Concordo com você, amiga, mas não diga isso a ele com tanta frequência.

– Minha esposa planeja me manter acorrentado aos pés dela.

O riso de Micki continha um leve divertimento.

– Duvido que você se importará muito.

Xandro sorriu e pegou a mão de Ilana enquanto caminhavam para onde o Bentley estava estacionado.

O carro partiu em direção a Vaucluse, e Ilana ficou em silêncio enquanto a chuva acomodava respingos sobre o para-brisa.

– Não tem nada a dizer?

Ela se voltou para olhá-lo.

– Eu o amo muito.

– É recíproco, minha querida esposa.

Os eventos da noite ainda povoavam as lembranças, e ela saboreou cada detalhe, cada nuance. E sabia, dentro do coração, que não teria desejado o casamento de outra maneira.

Riu quando Xandro a olhou de soslaio.

– Roupas – disse ela. – Não tenho nenhuma comigo.

– Não acho que vá precisar.

– Promessas?

– Acredite nisso.

O tráfego era tranquilo naquela hora da noite, e logo chegaram à mansão em Vaucluse.

– Bem-vinda ao lar – disse Xandro gentilmente quando desligou o motor, fazendo-a tremer diante da paixão evidente nos olhos dele.

Ilana ergueu uma mão e acariciou-lhe o rosto.

– Obrigada. Por tudo. Por ficar ao meu lado, acreditar em mim.

Sorrindo, eles entraram na mansão, e ele parou ao pé da escada para puxá-la para si, então, deu-lhe um beijo devastador.

Ela perdeu a noção de onde estava, enquanto as mãos másculas e hábeis lhe

seguraram os ombros, depois desciam para os seios, provocando os mamilos tenros, até que enrijeceram sob os toques.

Imediatamente, Ilana sentiu a masculinidade enrijecer também.

Xandro a ergueu nos braços, e subiu a Xandro a ergueu nos braços, e subiu a escada, parando somente para beijá-la com tanto ardor que fez ambos tremerem de desejo.

– O quarto – anunciou ele com voz rouca – será infinitamente mais confortável do que a escada.

Ela deu uma leve risada enquanto lhe mordiscava a orelha e o ouvia ofegar em resposta.

Eles entraram na suíte, Xandro fechou a porta e passou ao centro do quarto, onde deslizou o corpo esbelto contra o seu até que os pés de Ilana tocassem o solo.

Ela lhe tirou o paletó, então começou a desabotoar a camisa e afrouxou a gravata. Suas mãos tocaram o cinto da calça, e ele as cobriu com uma das suas, levando a mão esquerda de Ilana aos lábios.

– Minha vez, eu acho.

Com movimentos vagarosos, eles despiram um ao outro até a última peça cair sobre o assoalho acarpetado.

Ele parecia magnificamente másculo, sua excitação, uma força potente e convidativa.

Foi Xandro quem gemeu quando sentiu o centro úmido da feminilidade contra seu membro rígido, e ofegou quando ela se balançou com suavidade contra ele, causando uma fricção provocante que testava o controle de ambos.

– Cuidado, agape mou – ele avisou com voz rouca de desejo. – Mesmo eu tenho limitações.

– Verdade?

Ele ajustou os quadris de Ilana e os segurou enquanto posicionava sua masculinidade contra ela, então, a preencheu.

Oh, Deus. Ela se sentia incrível. Ele se sentia incrível

quando

Ilana

o

envolveu

completamente e a sensação começou a crescer cada vez mais intensamente quando os músculos internos dela se contraíram e pulsaram ao seu redor.

No momento em que Xandro começou seus movimentos, ela não pôde evitar um grito de prazer, e logo estava voando tão alto que não sabia se poderia sobreviver a tamanha excitação.

Então a boca máscula e sensual cobriu a sua, fazendo-a gritar quando atingiu o clímax e tremeu nos braços fortes, completamente cativa de uma emoção que jamais conhecera.

Xandro segurou-a contra si e a confortou gentilmente, deslizando uma das mãos por sua coluna, enquanto esperava que a respiração de Ilana voltasse ao ritmo normal.

Era mais, muito mais do que ela acreditava ser possível, pensou aconchegando a cabeça na curva do pescoço dele.

Por um momento, ele apenas a abraçou, depois mudou de posição na cama, e carinhosamente puxou as cobertas, enfiando-se entre os lençóis com Ilana aninhada em seus braços.

Antes dela, não houve ninguém que se comparasse com a mulher independente e algumas vezes teimosa, e tão bonita na mente.

Corpo, mente, espírito. Tão infinitamente preciosa.

Todo o seu futuro. Tudo.

Seu coração fundiu quando uma mão delicada envolveu seu pescoço e parou na nuca.

Os lábios doces entreabriram-se contra a pele dele e saborearam um pouco, depois se aquietaram.

Xandro descansou o rosto gentilmente contra o dela e ambos dormiram em merecido repouso.

CAPÍTULO 14

ELES ACORDARAM tarde, tomaram banho juntos, e então o café da manhã no terraço envidraçado.

Era um lindo dia de início de verão, o sol brilhava num céu azul-anil e uma leve brisa soprava do porto, arrepiando a superfície da água e balançando as folhas das árvores.

As feições de Ilana se suavizaram quando ela refletiu sobre a diferença que um dia podia ter em relação ao outro.

No dia anterior havia se resignado a uma vida sem Xandro. Ficar com ele sabendo que era uma esposa conveniente e uma mãe adequada para seus filhos não era o suficiente.

Porque quisera tudo... ou nada.

Consequentemente, assumira o maior risco de sua vida.

E se tivesse perdido?

Xandro a olhou, capturou sua expressão severa e então disse:

– Sem chance.

– Leitura de mente, hein? – disse ela, e ele deu um leve sorriso.

– Estou me especializando em desvendar a maneira que você pensa.

– Sou assim tão transparente?

– Somente para os que gostam de você.

Ilana estudou-lhe as feições numa tentativa de adivinhar seus pensamentos, porém sem sucesso.

– Você disfarça os seus muito bem.

– Questão de prática, desde muito cedo. – A voz dele continha uma ponta de cinismo. – Meu pai teve extremo sucesso no mundo dos negócios, mas fracassou diversas vezes no casamento.

Poucas palavras explicavam tanto... Ilana olhava para um menino cuja vida fora marcada por madrastas que não tinham afeição verdadeira ou tempo para ele, e um pai que raramente estava presente.

Ela quis dizer que sentia muito por ele... mas Xandro não iria querer sua compaixão.

– Por esse exemplo, me pareceu sensato encarar como uma sociedade conveniente para ambos, baseada em confiança e fidelidade.

– E negar qualquer envolvimento emocional.

– Imaginei que isso funcionaria.

– Pena que eu não tenha suas expectativas. – Ilana sorriu. – De qualquer forma, você escolheu me proteger, e por isso eu lhe devo minha vida.

– Mesmo assim você partiu. – Havia algo na voz dele que mostrava que sofrera tanto quanto ela.

– É tão errado querer amar e ser amada pelas razões certas?

– É o maior presente. Inestimável.

Xandro a abraçou por trás, e ela se inclinou contra o corpo forte quando as mãos másculas deslizavam de seus ombros para acariciarem seus seios.

Ele beijou-lhe a testa, e Ilana lhe cobriu as mãos com as suas.

– Eu amo você. – Tanto. Ela queria dar-lhe a família que ele nunca tivera. Filhos... Meninos de cabelos escuros à imagem do pai, e meninas loiras que ele adoraria e protegeria.

– Precisamos arrumar as malas.

– Precisamos?

– Vou levá-la para uma pequena ilha na costa grega.

– Diga-me se Liliana e Micki têm algo a ver com isso.

– Bem... têm.

– Tudo bem.

A risada rouca de Xandro provocou seu coração.

– Nenhuma pergunta a fazer?

Ilana inclinou a cabeça e o fitou.

– Tudo o que preciso saber é se você estará lá comigo.

Virando-a, ele a beijou, levemente no princípio,

depois

aprofundou

o

beijo,

demorando-se numa exploração sensual que a fez desejar muito mais.

Xandro se distanciou um pouco, e ela tremeu diante da paixão evidente que viu nos olhos dele.

– Conte com isso.

– Sempre.

Com um movimento ágil, ele a ergueu nos braços e caminhou em direção à escada.

– Aonde você está me levando?

– Para a cama.

Ilana deu uma risada aberta quando uniu as mãos em volta do pescoço dele.

– Você disse algo sobre precisar arrumar malas.

Ele começou a subir a escada.

– Mais tarde.

– O voo...

– Ele esperará.

– Nem mesmo você pode atrasar um voo comercial.

Xandro chegou ao segundo andar e seguiu para a suíte deles.

– É um jato fretado.

– Oh...

Foi a última coisa que ela disse por algum tempo, e foi somente depois do almoço que eles seguiram para o apartamento de Ilana para pegar suas roupas.

Em pouco tempo, estavam acomodados a bordo do jato, enquanto uma comissária alojava suas malas.

QUANDO O avião estava prestes a aterrissar, QUANDO O avião estava prestes a aterrissar, Xandro disse:

– Lá está.

Ilana inclinou para a janela quando ele indicou uma pequena ilha rodeada pelo mar azul. Pequena demais para um avião aterrissar.

– Precisaremos tomar um barco de uma das ilhas maiores.

– Aquela pequena lá embaixo?

– Ela pertence à família do meu pai há alguns séculos. Yannis amava visitá-la sempre que podia. Duas de suas esposas detestavam o isolamento, e outra exigiu que ele construísse uma edificação moderna para tornar a permanência mais suportável.

Logo eles entraram a bordo de um pequeno iate que os levou através do esplendoroso Mar Egeu. Ilana avistou um píer extenso, areia e uma casa branca de alvenaria branca, parcialmente escondida pela folhagem.

– Os chalés originais ficam nos fundos da – Os chalés originais ficam nos fundos da propriedade. Um casal de meia-idade vive lá como caseiros. Eles tirarão uma folga enquanto estivermos aqui.

A casa era magnífica, em estilo mediterrâneo, bem diferente da expectativa dela. Porém, parecia bem situada nos terrenos imaculados.

O interior tinha assoalho em lajotas de mármore, quartos espaçosos, e os móveis eram elegantes e refinados.

Xandro apresentou-a aos caseiros; quando o casal partiu, conduziu-a por uma escada em espiral que levava para o andar superior.

– Você vem aqui com frequência?

O quarto principal era enorme, com vidraças que iam do chão ao teto, piso de cerâmica, uma cama imensa, dois banheiros privativos e um amplo closet.

– É um lugar idílico para relaxar.

Teria ele levado outras mulheres para aquela ilha remota?

– Não.

– Você não sabe o que eu estava pensando.

Ele se aproximou e a puxou para si.

– Sei. – Seus lábios roçaram a pele sensível do pescoço delicado, antes de tomar a boca num beijo ardoroso, pleno de paixão e desejo, que a fez querer puxá-lo consigo para aquela cama imensa.

– Vamos explorar o paraíso – disse ela.

– A única exploração que pretendo fazer é a do seu corpo.

– Induza-me a isso, então. – Os olhos cor de esmeralda

brilharam

enquanto

Ilana

pressionava com os dedos sobre a boca dele. – Prometo que você não lamentará.

– Atrevida.

Ilana riu, adorando sua habilidade em provocá-lo quando o empurrou.

– Nenhuma prevaricação de natureza sexual será permitida.

Juntos, eles pegaram um caminho que Juntos, eles pegaram um caminho que

conduzia a um pequeno abrigo arenoso, ladeado por grandes pedras arredondadas em perfeita composição, como se tivessem sido dispostas ali pela mão do homem.

O ar estava fresco e limpo e ela se livrou das sandálias, depois enrolou a borda da calça até os joelhos.

Seus olhos brilharam quando lhe deu um olhar travesso.

– Onde está seu senso de aventura?

– O que quer dizer com isso, criança levada?

– Tire os sapatos, as meias e a calça.

Ambas as sobrancelhas de Xandro ergueram e em descrença.

– Calça?

– A menos que você queira estragar esta Armani com água salgada.

Era um belo jogo, no qual ele entrou sem reservas.

– Sem calça não se enquadra na categoria de – Sem calça não se enquadra na categoria de nenhuma prevaricação de natureza sexual, acredito.

Ilana deu-lhe um olhar debochado.

– E arriscar chocar os nativos?

– Devo recordá-la de que não há nativos.

Esqueceu que estamos no paraíso? Somente você e eu, Adão e Eva.

Xandro tirou os sapatos, meias e a calça... e escondeu um sorriso quando notou a pulsação acelerada na base do pescoço dela.

Ilana o circuloou pela cintura quando atravessaram a água por sobre as pedras, e ela não fez nenhum protesto quando ele voltou para o caminho que os

retornaria à casa.

– Você gostaria de um drinque gelado?

Ela meneou a cabeça.

– A única coisa que quero é você. – Ela pegou-lhe pela mão e começou a conduzi-lo para a escada.

A gargalhada de Xandro alegrou o coração A gargalhada de Xandro alegrou o coração dela.

Quando chegaram ao quarto, foi Ilana quem assumiu o comando, provocando sem o menor vestígio de timidez, até que ele estava gemendo sob seus toques, o coração disparado no peito, enquanto lutava por controle.

Ela tomou todas as liberdades com um leve toque com as mãos que o deixou em estado selvagem, somente para aumentar a tortura sensual com seus lábios e a ponta de sua língua.

Quando ele estava a ponto de explodir, ela o aceitou profundamente dentro de si... E foi Xandro que retomou as rédeas do comando, levando-a à beira do êxtase e a fazendo gritar no momento de um clímax simultâneo e tão intenso que formulou a experiência mais forte e significativa que

ambos

já

havam

compartilhado.

Depois, eles permaneceram deitados e aninhados com serenidade, e Ilana suspirou quando Xandro lhe acariciou as costas, apalpou-lhe o traseiro, depois subiu as mãos para sua nuca e buscou sua boca num beijo erótico.

Eles

passaram

dias

maravilhosamente

românticos, nadando um pouco, navegando no pequeno iate ancorado no píer.

Sem protocolos sociais, sem necessidade de vestimenta completa.

Juntos, comiam quando estavam com fome e faziam amor quando o sol se punha no horizonte.

Ilana perdeu a conta dos dias, cada vez mais certa de que podia estar carregando o filho de Xandro.

Tinha

sabedoria

para

esperar

uma

confirmação médica, mas queria que Xandro compartilhasse com ela a excitação e a possível alegria do milagre pessoal deles.

Conteve isso até a última noite na ilha, e então lhe contou quando caminhavam de braços dados sob o luar ao longo da praia arenosa.

A reação dele foi tudo o que ela podia esperar, mais do que acreditava possível quando a puxou para si.

– Você é o meu sol e a minha lua – disse Xandro gentilmente. – O próprio ar que respiro. O amor de minha vida. Nunca duvide disso.

– Sou sua – disse ela simplesmente. – Para toda a eternidade.

Sara Craven PROMESSA DE SEDUÇÃO

Tradução

Simone do Vale

PRÓLOGO

CHOVIA MUITO, mas a garota que acabara de sair do táxi não levantou as lapelas do sobretudo, ou tentou driblar o aguaceiro que escorria pela calçada. Parecia alheia ao frio úmido da noite, parando sob um poste de rua para conferir o endereço no pedaço de papel agarrado na sua mão.

Era apenas outra das inúmeras casas altas similares no quarteirão, a graciosa porta da frente ao alcance de um curto lance de escada com corrimão. Havia uma plaqueta reluzente de bronze na entrada, e logo abaixo uma campainha igualmente brilhante.

Apertou o botão, mas estava úmido e os dedos escorregaram. Ou estava começando a ficar nervosa? Respirou fundo, para relaxar, então apertou o botão de novo, com mais firmeza.

A campainha foi atendida prontamente por um homem com uniforme de porteiro.

– Posso ajudá-la, senhorita? – A entonação soou gentil, conquanto ressabiada.

Ela retrucou. – Gostaria de falar com um dos membros, um tal Sr. Harry Metcalfe.

Ele ergueu as sobrancelhas, e ela se flagrou sendo observada com atenção.

– O Sr. Metcalfe encontra-se numa festa privativa, senhorita. Não creio que gostaria de ser incomodado. Mas posso anotar o recado, se desejar.

– Receio que isso não ajudará. – Empinou o queixo. Retribuiu o escrutínio. – Preciso falar com o Sr. Metcalfe em pessoa. É... urgente.

Então, pode chamá-lo, por favor?

Por um momento, ela imaginou impassível o que faria caso ele simplesmente se recusasse a chamar Harry outra vez e batesse a porta na sua cara. Entretanto, mal-humorado, ele abriu caminho, e ela adentrou um amplo vestíbulo quadrangular revestido de madeira escura.

Logo adiante, um imponente lance de degraus, acarpetados em vermelho vivo, serpenteava em direção aos andares superiores. À

direita quedava uma escrivaninha, com dois telefones, e o livro de registros do clube com um porta-canetas do lado. Também havia um jornal aberto nas palavras cruzadas e uma caneca de chá, pela metade, bem perto.

E do lado oposto do corredor havia uma fileira de portas, todas fechadas.

Atrás de uma delas, presumiu, estava Harry, o centro das atenções da festa privativa. Mas qual?

O porteiro abriu a porta mais próxima, encorajando-a a preceder-lhe a entrada no aposento adiante. Ele apertou um interruptor, acionando as duas luzes das paredes demasiado sombrias.

– Se aguardar aqui na sala de leitura, senhorita, verei o que consigo fazer. – E acrescentou, rabugento: – Mas não posso prometer nada.

Sala de leitura? – pensou ela quando a porta se fechou atrás dele. Era tão escuro aqui, provavelmente se ficaria cego.

Conforme

desabotoava

o

sobretudo

molhado, ela espiou os grupos organizados de poltronas de couro duro e a mesa de centro com revistas e periódicos arrumados em meticulosas fileiras. Pareceu como se as reportagens de capa lograssem evocar o aniversário da

rainha Vitória, deduziu, contorcendo os lábios.

Dispostos ao redor das paredes quedavam diversas

estantes

de

livros

de

portas

envidraçadas com trincos ornamentais, embora sem chaves, como se para desencorajar qualquer tentativa de abri-las, muito menos retirar um dos volumes encadernados em couro rígido que continham.

O aposento inteiro parecia como que congelado no tempo... ou talvez só porque ela se sentia exatamente assim? Entorpecida, como se o mundo tivesse parado há seis horas atrás quando observou a linha no tubo de plástico, e viu que ela se tornou azul.

– Harry. – Sussurrou o nome no vazio. – Harry, você precisa me ajudar. Eu não sei o que fazer.

Ouviu a porta abrir atrás de si e virou-se depressa de alívio instintivo. Porém isso durou pouco. Porque o recém-chegado não era Harry.

Era alguém que jamais vira antes. Alguém mais alto e muito mais moreno que Harry, embora não tão bonito de jeito nenhum, ponderou, a apreensão se alastrando no seu íntimo. Harry tinha charme, e um sorriso capaz de derreter icebergs. A boca deste homem parecia forjada em aço.

Para completar, ele tinha o cabelo tão negro quanto um gato de bruxa, e os olhos azuis mais frios que ela já viu. Os quais agora a fitavam com franco exaspero.

– Oh, Deus. – A voz dele soou grave com uma ligeira afetação. Talvez um

vestígio de sotaque, aliás. – Quem teve a brilhante ideia de convidar você, querida? Porque vou torcer o maldito pescoço dele.

Sobressaltada, ela o encarou também. E

disse: – Creio que há algum engano. Estou aqui para ver Harry Metcalfe.

– Aposto que sim – retrucou ele. – Mas Harry está entretido num jantar de despedida de solteiro com alguns amigos e parentes, incluindo o futuro sogro – acrescentou com um toque de aspereza. – Portanto, você pode entender que a sua intromissão seria absolutamente imprópria. – Insinuou as mãos para dentro do paletó do terno elegante e tirou a carteira. – Quanto custaria para você desaparecer?

As sobrancelhas dela uniram-se num estalo.

Com frieza, redarguiu: – Não sei quem você é, mas...

– E eu não dou a mínima para quem você é – interrompeu ele, o timbre enfatiado. – É o que você é que não me passa pela garganta. Porque realmente não se trata desta espécie de festa, portanto, seja boa menina, e não fique perambulando por onde não é bem-vinda. – Sacou algumas cédulas da carteira. – Agora, diga quanto lhe pagariam, e acrescente a corrida do táxi, para que todos possamos continuar cuidando das nossas vidas.

– E não é nada pessoal, amoreco. – O olhar azulado tornou a perscrutá-la mais devagar, observando o vestido preto simples na altura dos joelhos que o sobretudo aberto revelava. O

sorriso foi efêmero e cínico. – Em outras circunstâncias, eu provavelmente apreciaria assistir a sua performance. Você talvez até me persuadissem a participar, acaso eu bebesse bastante. Mas esta não é a sua noite, então sugiro que siga para o seu próximo compromisso.

Ela o encarou, atônita, confusa. E replicou grave: – De que diabo você está falando? Eu vim aqui ver o Harry, e não vou sair antes disso.

– Sim, você vai – retorquiu. – Com acompanhamento policial, se necessário.

– Avançou na direção dela, enrolando algumas notas, e antes que ela lograsse compreender as suas intenções meteu-as entre os seios por dentro do decote do vestido, os dedos longos roçando por acaso na carne ondeada.

Ela soltou um gritinho de ultraje e recuou um passo, arrancando o dinheiro para fora e atirando-o sobre ele.

Enrouquecida, redarguiu: – Como ousa...

Enrouquecida, redarguiu: – Como ousa...

Como ousa me tocar... seu desgraçado?

– Quer dizer que tocar não faz parte do show? – Ele continuou impassível, até mesmo debochado. – Ora, isso é novidade. – Pausou um momento, espiando na direção da porta. – Ah, Deus – resmungou desanimado. – A maldita cavalaria. Justo o que eu não queria.

A porta se escancarou e um homem mais jovem entrou, de cabelos louros e ligeiramente corado. – Eu sou o grupo de busca, meu velho – anunciou, enrolando um pouco as palavras. – Seu tio Giles está chamando você.

Então, quando o olhar descobriu a outra ocupante da sala, calou-se, e soltou um assobio longo, demorado. – Seu demônio ardiloso, quem diria – afirmou, sorridente. – De onde ela veio?

– Que estranho da sua parte perguntar. – O

sotaque soou ainda mais afetado. – Isso, meu caro Jack, é o que eu iria perguntar...

Jack arqueou as sobrancelhas, e desatou a rir.

– Quer dizer que alguma diversão ao vivo chegou afinal? – Ergueu as mãos fingindo rendição. – Nada a ver comigo, companheiro.

Seramente eu não ousaria, não depois de saber que o seu tio Giles nos honraria com a presença dele. Não poderia imaginar o velho Harry disposto a abrir o presente e se esbaldar com o pai da noiva olhando.

Soltou outro assobio de apreço. – Mas ela é um bocado bonitinha, hein? Não é do tipo comum em absoluto. Gostaria de oferecer um show privativo aqui mesmo, querida? Só para nós dois?

– Não, ela não gostaria. – A objeção do seu desafeto foi incisiva e imediata. – Você talvez esteja bêbado o bastante, mas eu não. E de qualquer forma, precisamos voltar para a festa, portanto ela vai embora.

Tomou-a pelo braço, contudo ela se desvencilhou com um empuxão. – Me solta – protestou furiosa, um rubor febril alastrando-se pelas maçãs do rosto. – Você não entende.

Isso não é... Não sou o que você obviamente pensa. Conheço o Harry. Somos amigos, e preciso vê-lo hoje... Conversar com ele. É muito importante.

– Os amigos de Harry estão lá em cima na despedida de solteiro dele – retorquiu. – E você decerto não está na lista de convidados. Agora vá. – Segurou-a pelos ombros e virou-a, empurrando-a sem piedade na direção da saída.

Ela lutou contra o seu domínio, sentindo o sobretudo escapulir pelos ombros conforme alcançavam o corredor. A bolsa escorregou, também, junto com o sobretudo. Caindo no chão.

Ela se abaixou, tentando apanhá-los, e tropeçou, quase arriando de joelhos, todavia os dedos dele pareciam de ferro, puxando-a para cima outra vez.

O porteiro quedava de pé e havia outras pessoas presentes – homens, aliás –, alguns deles na escada, mas outros logo ali no corredor, que a cercaram, os olhares ávidos, tentando alcançar o zíper dela, rindo e bradando: – Tira. Tira.

Sentiu as costas do vestido rasgarem, e gritou de medo. Conheceu o ímpeto das mãos de seus algozes na pele nua.

E de repente viu Harry no torvelinho de faces risonhas, transtornadas, de pé atrás de todos.

Estava branco feito um fantasma, a boca aberta de choque, fitando-a como se

ela fosse o seu pior pesadelo.

Ela bradou o nome dele, a voz estridente e desesperada de pânico. – Harry... me ajude...

por favor. Você precisa...

Contudo, ele não se moveu nem falou.

Apenas o semblante se alterou, mudando da surpresa para a culpa. E da culpa, notou ela, para a fúria inclemente.

Foi então que ela parou de lutar. Que deixou aquelas implacáveis mãos masculinas que permaneciam nos seus ombros empurrá-la na direção da porta aberta da entrada do clube.

Onde todos pararam. Flagrou-se virada, sem gentileza, para encará-lo. Viu os olhos azuis perscrutá-la com desprezo, e, ofegante, desvencilhou-se dele afinal, a uma sensação de esfoladura na pele nua onde ele a tocou.

Ele tomou o casaco e a bolsa do homem louro, que apareceu ao seu lado, e atirou-os para ela.

E falou baixinho e austero: – Eu consideraria uma mudança de carreira, querida, se você quisesse ganhar a vida. Não creio que foi talhada para isso.

Então a porta fechou, deixando-a lá fora na escuridão banhada pela chuva, e mais sozinha do que nunca foi na vida.

CAPÍTULO 1

Dois anos depois

– MEU PAI se aposentando? – Darcy Langton soltou uma risadinha de deboche. – Só com a ajuda de seis para segurar o caixão e um funeral.

– Darcy, querida – repreendeu a tia. – Isso não é engraçado. Nada engraçado mesmo.

Tampouco, refletiu Darcy, o meu pai, na maior parte do tempo. Entretanto, por respeito à tia Winifred, ela não proferiu isso em voz alta.

– Por isso fui convocada a voltar para casa com tanta pressa? – inquiriu em contrapartida.

– Para ouvir sobre o mais novo capricho dele?

A tia suspirou. – Acho que vai muito além disso. Ele de fato entregou o cargo de diretor administrativo da Werner Langton, e planeja pendurar as chuteiras como presidente, também, tão logo o sucessor dele consiga se situar.

– Mas nunca se mencionou isso antes da minha partida. – Darcy, que postava-se junto à janela, contemplando os jardins ensolarados de outono, voltou e sentou-se no sofá ao lado da tia, esticando as pernas esguias, metidas num jeans. – Porém, se já chegou a esse ponto, ele deve ter planejado tudo durante séculos.

Todavia, atinou de súbito, todos nós temos os nossos segredos. Não é?

Irrequieta, ela ajeitou uma mecha de cabelo louro-claro que escapou ao coque frouxo no alto da cabeça.

Declarou abruptamente: – Esse sucessor que você mencionou... Ele já foi indicado? É um dos membros da diretoria?

– Não, não é. – Tia Freddie franziu o cenho de leve. – Na verdade, ele parece uma escolha um tanto inusitada. Muito mais jovem do que eu esperava.

Darcy encarou-a. – Você o conheceu, então?

– Seu pai o trouxe aqui poucas semanas atrás. Eles passaram a maior parte do tempo trancados no escritório, decerto foi quando fecharam o acordo.

Ela deu de ombros. – Seu pai parece muito satisfeito com a escolha. Diz que a Werner Langton tornou-se complacente demais, e precisa da injeção de dinamismo e motivação que o jovem rapaz propiciará.

– Como diabos eles se conheceram?

– Seu pai foi aos EUA especialmente para isso, porque ouviu falar desse jovem prodígio que andou por lá no ano passado, resolvendo vários projetos que sofriam dificuldades e transformando-os em sucesso. – Pausou. – O

nome dele é Joel Castille. Isso não significa nada para você?

Darcy deu de ombros. – Nada em absoluto. É

um nome um bocado incomum, portanto acredito que me lembraria.

– Parece que a mãe dele é inglesa, mas o pai é francês. – Tia Freddie dedicou um momento a uma consideração silenciosa. – A aparência é um bocado impressionante, também. Não faço muitos retratos, por via de regra, mas ele tem um rosto que eu gostaria de pintar.

Os lábios de Darcy contraíram sutilmente. – Algo para pendurar na sala de reuniões, talvez.

Você devia sugerir isso a ele.

– Não, querida – tia Freddie retrucou irônica. – Eu decerto não ousaria... O que você entenderá quando conhecê-lo. Seu pai vai oferecer uma recepção para ele na semana que vem no Templar Hotel. Para apresentá-lo à companhia, e promovê-lo na mídia. E, naturalmente, ele deseja que você seja a anfitriã do evento. Você é tão melhor nestas frescuras londrinas que eu.

– Não é verdade – Darcy redarguiu de imediato. – Você prefere ficar aqui no ateliê e pintar, em vez de zanzar por um salão de festas, ou conversar amenidades em jantares formais, só isso.

– Mas agora entendo por que recebi a convocação real para retornar – acrescentou, a boca franzida.

– Não de todo. – A tia falou com certo constrangimento. – Receio que as fotos da batida policial no iate foram publicadas em alguns jornais daqui... e você saiu nitidamente reconhecível nelas, e foi mencionada nas reportagens entre as acompanhantes de Drew Maidstone a bordo. Gavin não ficou...

contente.

E isso para dizer o mínimo.

– Então é uma pena que a imprensa, e Gavin, não consigam enxergar a clareza dos fatos. – Darcy retrucou inflamada. – Em primeiro lugar, sim, houve uma batida, e todos nós passamos algumas horas sob vigilância enquanto eles revistavam o barco. Não, não foi agradável, mas a busca não revelou nada. Nem drogas ou qualquer coisa ilícita. Foi um equívoco.

– Em segundo lugar, eu estava trabalhando no Feiticeira, e um bocado duro, aliás. Drew não se importa com a imagem de playboy sedutor, já que ele paga os cachês, creia-me – complementou amarga. – Tampouco dividi a cabine com ele... Nunca. Fiquei espremida numa coisa do tamanho de um armário de vassouras minúsculo.

Estendeu as mãos. – Ele apenas gosta de ter beldades elegantes para servir os convidados, só isso. E reconhece que sou qualificada.

– Em terceiro lugar, ele ficou furioso quando eu saí, portanto, papai se alegrará ao saber que eu não voltarei, porque não tenho mais emprego. Espero que ele fique satisfeito.

– Não, eu não acho que ficará – tia Freddie discordou tranquila. – Ele quer ver você em algum trabalho fixo, querida, não bancando a garçonete ao redor da Europa e do Caribe para notórios aventureiros conversa-fiada iguais ao Sr. Maidstone.

– Não – Darcy protestou desanimada, e com franqueza. – Ele na verdade quer me ver como um garoto. O filho que nunca teve, mas que sempre pensou que mamãe lhe daria um dia. O

filho que o sucederia na Werner Langton. Que perpetuaria a dinastia. – Balançou a cabeça. – Ele nunca desejou uma filha... Não tinha ideia do que fazer comigo. E ainda não tem.

– Você é dura demais com ele. – A tia ponderou com ternura.

Darcy encolheu um dos ombros. – É

recíproco.

– Mas as coisas não vão melhorar enquanto você perder as estribeiras para confrontá-lo. – Tia Freddie falou com atípica severidade. – A Werner Langton é a vida dele. Abrir mão dela não foi uma decisão fácil para ele. Portanto, quando ele chegar, podemos fazer um esforço conjunto para ter um fim de semana agradável?

Darcy aproximou-se e beijou a tia na bochecha. – Por você... tudo – afirmou carinhosa, e sorriu.

Porém, quando ficou sozinha, o sorriso desvaneceu. Por mais que amasse a tia, ser informada em segunda mão sobre a inquietante mudança nos planos do pai para o futuro dessa maneira foi de lascar.

E se ele de súbito não precisasse dela como anfitriã na recepção da semana seguinte, porque tia Freddie se recusara, ele não mandaria chamá-la, refletiu amargurada. Ela simplesmente chegaria em casa a qualquer hora no futuro para encontrar um fato consumado.

Ele não era diferente de Drew Maidstone, disse a si mesma com ironia. Também precisa de uma beldade elegante para servir os convidados. Foi por isso que entrei naquele curso na França há dois anos, para aprender a cozinhar, e fazer arranjos de flores, e administrar uma casa. Porque sou uma garota, e, para o papai, é para isso que as garotas servem. Ou em parte.

E se eu não estivesse me sentindo tão absolutamente

possessa,

talvez

relutasse.

Exigisse alguma instrução com a qual poderia usar o cérebro. Ter uma carreira adequada. Mas eu simplesmente não tive forças. Não na época.

Além do mais, eu só queria ir embora...

Escapar.

Endireitou os ombros. No entanto, tudo ficou no passado, onde deveria estar. Morto e enterrado, sem nenhum arrependimento.

Era muito mais importante considerar o que o futuro poderia reservar, concluiu com uma leve apreensão. Não restava dúvida de que a inusitada decisão do pai causaria uma grande reviravolta na vida de todos.

Talvez quando ele se aposentasse de vez, e não mais carecesse dos seus préstimos sequer ocasionalmente, ela afinal lograsse adquirir certas qualificações dignas. Até agora, as convocações frequentes do pai impediam-na de trabalhar em outro esquema fora caráter temporário, ou desempenhar muito mais que tarefas humildes que podiam ser abandonadas sem hesitação.

Talvez, pensou ansiosa, ela acabasse encontrando um emprego que fosse mais recompensador e absorvente que bancar a babá para crianças mimadas, ou cozinhar a bordo de iates que basicamente eram filiais dos mais modernos clubes noturnos.

Talvez conseguisse algo que incluísse verdadeiras viagens também.

O mundo poderia se abrir para ela enfim.

Espere aí, Darcy, sussurrou baixinho, freando de repente o trem do pensamento.

Você está delirando um pouco demais aqui.

Papai talvez mude de ideia quanto à aposentadoria... Em especial se o tal garoto prodígio se provar meio prodigioso demais no fim das contas. Você poderia voltar à estaca zero.

Entretanto, talvez ela devesse ter esperanças.

Só um pouquinho. Afinal, argumentou consigo mesma, na vida nunca se sabe o que pode estar justo do outro lado do muro... Não é?

FOI UM fim de semana atribulado. O pai chegou com um semblante mal-humorado, e insistiu em conversar a sós com Darcy no escritório logo depois.

– Espero que saiba que o escritório da assessoria de imprensa da Werner Langton recebeu ligações da escória dos jornalistas sobre as companhias com quem você anda – foi a salva de abertura. – Em todo almoço que vou, os outros homens mostram retratos dos netos.

E o que posso oferecer em troca? Minha filha sendo presa numa batida à cata de drogas.

Darcy mordeu o lábio. – A polícia revistou o barco e não encontrou nada – repetiu desanimada. – Ninguém foi incriminado por coisa nenhuma.

– Mais por sorte que critério – redarguiu o pai zangado. – Entenda isto, Darcy: não tolerarei vê-la amigada com tipos como Drew Maidstone.

Ela tornou a fitá-lo impassível. – Eu era funcionária dele, papai. Parte da tripulação, e nada mais.

– O que não acrescenta nada à sua reputação tampouco. Ser menina de recados de uma gatinha daquela raça. – Sob o espesso topete de cabelos prateados, a face tornou-se escandalosamente vermelha.

– Mas usar um vestido de grife e sorrir para as pessoas com quem você faz negócios é perfeito para mim – retrucou ela. – Não é o motivo para eu estar aqui agora?

Ele bufou. – Está longe de ser a mesma coisa.

Eles sabem que você é minha filha, e a tratam com respeito. E é como deveria ser, se pretende arranjar marido algum dia.

Por essa ela não esperava. Voltou a cabeça para ele. – Eu mal cheguei à casa dos vinte anos.

– Mais alguns desses incidentes com Drew Maidstone e vão considerá-la um produto estragado. É o que você quer?

De

súbito

ela

ficou

muito

quieta,

relembrando os olhos azuis desdenhosos a julgá-la... despi-la...

Não, pensou, estremecendo por dentro. Um raio não cai no mesmo lugar duas vezes.

– É hora de tomar juízo, Darcy – prosseguiu Gavin Langton. – Começar a levar a vida a sério. Deus sabe o que a sua mãe lhe diria se ela estivesse aqui agora – acrescentou melancólico.

O comentário anterior tornou-a vulnerável.

O comentário anterior tornou-a vulnerável.

Tamanha crueldade deixou-a sufocada, todavia ela se controlou. – Ela não diria nada, porque na verdade eu não estaria presente. Eu estaria longe, começando o último ano da faculdade com o estímulo e a benção dela.

– É claro – retrucou ele com sarcasmo pesado. – Uma graduação inútil em engenharia, não era? Para ser seguida por um emprego na companhia, sem dúvida.

Ele bufou.

– Você acha que eu permitiria que a minha filha desfilasse pelos canteiros de obras de capacete, dando ordens enquanto os homens ririam de você pelas costas?

– Não – ela replicou, baixinho. – Eu... nunca pensei isso. Mas torcia para que você talvez me deixasse dar... alguma contribuição.

– Então assim será, na recepção da semana que vem. Quero garantir que a noite seja tranquila. Nem todos aprovam o homem que escolhi para ocupar o meu lugar. Alguns se sentem... preteridos, outros temem que cabeças rolarão, portanto preciso de você para... aplacar qualquer situação constrangedora que possa surgir. Afinal de contas, os acionistas não gostam de guerra aberta.

– Não – concordou, e hesitou. – Por que está fazendo isso, papai? Ainda faltam anos para ter idade para a aposentadoria. Você poderia contratar o sujeito numa posição mais baixa.

No mínimo deixá-lo provar seu valor, antes de entregar-lhe o cargo mais alto.

– Devotei a minha vida inteira à Werner Langton. – A voz soou rascante de súbito. – Viajei o mundo para construir pontes, escavar túneis, levantar shopping centers. Eu estava na Venezuela quando a sua mãe morreu. Pensei milhares de vezes que, se eu estivesse aqui, talvez fosse capaz de fazer alguma coisa. Que ela ainda poderia estar com a gente agora.

– Planejo aproveitar o tempo que me resta. – Planejo aproveitar o tempo que me resta. – Ele deu um sorriso desolado. – Deixe que a companhia engula outro sacrifício espontâneo.

Cumpri o meu dever. E Joel Castille me apoiará, independentemente do que o resto pense.

Ela falou devagar.

– Falar comigo primeiro não lhe ocorreu...

Discutir o assunto.

– E você me aconselharia... do alto da sua vasta experiência, não é? – Balançou a cabeça. – Eu tomo as minhas próprias decisões. Apenas seja simpática com o diretor executivo da minha escolha, Darcy, e cuide para que a noite transcorra sem sobressaltos. Esse é o seu forte.

Observou-a, os lábios franzidos de irritação pelo jeans e o moleton que ela vestia.

– E compre um vestido novo para você. Algo glamouroso que a faça parecer uma mulher.

Não esqueça que você precisa apagar a má impressão.

Ela sentiu as mãos cerrarem em punhos, contudo obrigou-se a relaxá-las. E até sorriu.

– Sim, pai – replicou baixinho. – É lógico.

– O CONVIDADO de honra está atrasado – murmurou tia Freddie. – E o seu pai está ficando agitado.

– Não é problema meu – Darcy retorquiu calma, com um sorriso radiante para a sua intocada taça de champanhe. – Ele não pode esperar que eu saia e fiscalize as estradas e rotas atrás do sujeito. – Pausou. – Talvez ele saiba que há divergência entre os membros quanto à sua indicação, e mudou de ideia.

A tia estremeceu de leve. – Nem pense nisso.

Você pode imaginar as consequências?

– Sim, mas pelo menos você está aqui para me ajudar a suportar. Estou mesmo agradecida, Freddie. Sei o quanto você odeia Londres.

– Mas, às vezes, uma visita é inevitável. – A tia espiou ao redor, e suspirou. – Que noite desagradável. Todas aquelas caras ressentidas.

– Mais um garçom bêbado, e uma garçonete que derramou uma bandeja de canapés inteira em cima da esposa do diretor financeiro – Darcy lembrou baixinho.

– Pode ser que eles acabem sendo o ponto alto da festa. – Tia Freddie virou-se para examinar a sobrinha. – Você está muito bonita, querida, mas precisa mesmo estar sempre de preto?

Darcy espiou o vestido de voile que disfarçava a silhueta, de alcinhas finas e saia de corte enviesado que rodopiava conforme ela se movia.

– Foi uma concessão – respondeu. – Eu estava procurando um vestido de luto.

– Bem, comece a comemorar em vez disso – aconselhou a tia com alívio evidente. – Porque o convidado perdido finalmente chegou. – Suspirou fundo. – Oh, daria um livro de esboços.

Surpresa, Darcy virou-se na direção da porta.

Um grupo de executivos da Werner Langton já se aboletava em volta do retardatário, e, por um momento, seu campo de visão foi obstruído pela figura autoritária do pai.

Devia

unir-se

a

eles,

ponderou.

Desempenhar o seu papel nas apresentações e cumprimentos.

Deu um passo, então o grupo se moveu, e ela o viu. E, tonta de choque, reconheceu-o.

Confrontou a imagem torturante, inesquecível, que carregava há dois anos. A figura ativa de cabelos negros, e olhos tão frios quanto o mar do norte na face bronzeada.

Não era pesadelo nem alucinação. Mas aqui.

Agora. Nesta sala. Respirando o mesmo ar. E

olhando ao redor.

Quase, refletiu ela, a boca seca, como se procurasse alguém...

CAPÍTULO 2

DARCY NÃO conseguiu se mexer. Mal conseguia pensar direito.

Tomou fôlego. Fosse outro evento social qualquer, e ela poderia cogitar sumir discretamente. Mas nesse não. Não hoje. Não restava nenhuma escapatória.

Desesperou-se para tentar se recompor. Ser racional.

Perturbada, tentou convencer a si própria de que ele não lembraria. Por que deveria? Foi há dois anos, pelo amor de Deus, numa sala mal-iluminada. Ela mudou desde então, ficou mais magra, usava um cabelo diferente. Estava mais velha.

E ele não esperaria vê-la tampouco.

Porém, quando os olhos de ambos afinal se encontraram através do salão, Darcy flagrou-se vacilante sob um olhar que congelou sua pele até os ossos.

Permaneceu boquiaberta por um segundo, depois empinou o queixo e retribuiu o olhar com tanto veneno quanto possível.

Só para descobrir, com horror, que ele de fato atravessava a sala na direção dela. De pé bem na sua frente, quando devia saber, acaso possuísse um mínimo de bom senso ou tato, que ela jamais queria ver ou falar com ele de novo.

Que os olhares que trocaram disseram tudo.

Notou o olhar surpreso que tia Freddie lhe dirigia conforme o silêncio se estendeu, em seguida a sua voz calma, afirmando: – Sr.

Castille, que prazer revê-lo. Não creio que conheça minha sobrinha. Darcy, este é o novo diretor executivo da Werner Langton, Joel Castille.

Ela estava preparada para disfarçar. Para aceitar a única opção... Trocar um aperto de mãos e dar as costas.

Mas ele não.

E retrucou baixinho: – Na verdade, a Senhorita Langton e eu já nos encontramos, embora brevemente. Foi há dois anos, perto da época do casamento de Harry Metcalfe. Aposto que ela se lembra.

– Não – Darcy protestou com total e fria clareza. – Não lembro.

– Tem certeza de que era o casamento dos Metcalfe? – Tia Freddie franziu o cenho. – Porque de fato nenhum de nós compareceu.

Fomos convidados por sermos vizinhos, é lógico, mas só por educação, garanto. E Darcy estava em Londres, hospedada com amigos. – Virou-se para a estátua carrancuda ao seu lado.

– Você passou mal, não passou, querida? Uma enxaqueca severa, acaso recordar. Que lástima.

– Uma lástima, com efeito – Joel Castille retorquiu solene. Havia demônios gêmeos dançando nos frios olhos azuis. – Sofre muito de enxaquecas, Senhorita Langton?

– Para falar a verdade – disse ela –, sinto como se eu talvez estivesse contraindo uma agora mesmo.

– E não nos encontramos no casamento propriamente dito – acrescentou ele, virando-se para a tia. – Mas numa das festas anteriores.

Não está correto, Senhorita Langton?

– A sua memória decerto é melhor do que a minha – replicou gélida. – Não tenho qualquer lembrança de você em absoluto, Sr. Castille.

– Que pena – comentou tranquilo. – Agora, eu achei o nosso encontro eletrizante... Um tanto inesquecível. – Os olhos perscrutaram com a mesma admiração viril e sensual que ela nunca foi muito capaz de apagar da mente.

O

olhar que insinuava que ela quedava diante dele, despida. O sorriso inebriante parecia deixar marcas. – E estou ansioso para aprofundar a nossa familiaridade.

Quando ele se afastou, tia Freddie indagou num reproche discreto: – Darcy, no que você estava pensando? Quase foi rude com o Sr.

Castille.

Rude? – pensou Darcy, o choque agora batalhava com fúria dentro dela. Só lamento por não ter chutado lá onde dói, e vomitado bem em cima dos sapatos dele.

Ela afirmou lacônica: – Não o julguei tão irresistível quanto ele mesmo decerto acredita.

– Deu de ombros. – Mas, e daí? Felizmente, não precisaremos nos encontrar de novo. – Se Deus quiser. Se Deus quiser.

A noite transformou-se num tipo esquisito de brincadeira de esconde-esconde, concluiu mais tarde. Ela tentou permanecer totalmente reservada. Ele cuidou para que notasse, sem chegar perto dela, que sabia exatamente onde ela estava a qualquer momento. E ela se retraiu ante tal noção.

Ao mesmo tempo, ele podia cativar o salão, ela reconheceu sem ânimo. Ela conseguiu experimentar de fato a mudança na atmosfera.

Percebeu que certas expressões constritas relaxaram. Que as pessoas o abordavam, aglomerando-se em torno dele, dispostas a falar. E que ele escutava.

Viu o pai sorrir descontraído, nem mesmo preocupado em disfarçar o triunfo pelo primeiro obstáculo, afinal, ser eliminado com absoluta tranquilidade.

Contudo, ela sentiu um aperto no próprio coração.

Era ridículo torcer para que a sua prece desesperada fosse ouvida, e que Joel

Castille simplesmente fosse... apagado da sua vida, como se jamais houvesse existido. Ele era apenas demasiado real. E deixou isso bem claro, inclusive.

Ela ouviu o pai contar uma piada e a reação mais comedida, seguida por uma simpática explosão de gargalhadas, e se encolheu.

Langton e Castille, deduziu, apanhando outra taça de champanhe da bandeja que passou. O

show da nova dupla.

Terei sorte se meu pai não se oferecer para adotá-lo.

Oh, Deus, se eu apenas pudesse sair daqui. Se eu não precisasse ficar até o amargo desfecho.

O instinto lhe disse que ela ainda não se livrara dele. Que ele tornaria a procurá-la antes que a noite terminasse. Mas pelo menos dessa vez ela estaria um pouquinho mais preparada.

Acabara de dizer boa-noite ao diretor de recursos humanos e à esposa dele quando Joel Castille foi até ela de fato. Ela deu um passo instintivo para trás, o que foi um erro, porque levou-a até um canto, e ela se flagrou encurralada ali, a única rota de fuga seria atropelá-lo.

Ela não arredou pé e esperou.

Ele falou baixinho: – Você não tem ideia do quanto ansiei por esta noite.

– É claro. – Ela sequer fingiu sorrir. O

semblante permaneceu inabalável, e ao diabo com o que as pessoas pensariam. – Você apenas acabou de conquistar um dos cargos mais altos da indústria. Parabéns. Agora me deixe em paz.

– Eu não sabia mesmo que você era filha de Gavin – insistiu ele como se ela não houvesse falado. – Até ver a sua fotografia adornando o piano de cauda no salão em Kings Whitnall.

Você parecia mais jovem, lógico, e mais inocente, embora assaz inconfundível.

O olhar perambulou por ela, lenta e atentamente. – E hoje você está vestida de preto outra vez. Mas também é a sua cor. Confere a esta sua cútis adorável o brilho do marfim.

Lembro que pensei nisso naquele último encontro. Aliás, branco não seria nada apropriado, não é?

– Se você diz.

Preto, ela refletiu, não era uma cor. Era escuridão. Era luto. Era um buraco imenso no meio do universo, repleto de vazio.

Ele pausou, aumentando deliberadamente a tensão que já vibrava entre ambos. – É claro, Harry disse que você era a filha de um vizinho, e eu sabia onde ele morava, portanto devia ter somado dois mais dois.

– E daria cinco, sem dúvida – replicou ela. – Como da última vez.

– Ouça, querida – retrucou. – Louras bonitas que aparecem em despedidas de solteiro estão pedindo para ser mal interpretadas. Em todo caso, eu não passei do limite tanto assim – acrescentou irônico. – Você podia não ser uma stripper, mas

ainda

assim

era

um

inconveniente. Uma espiadela na cara de Harry me revelou isso.

A cara de Harry. Oh, Deus, a cara de Harry...

Ela se conteve. – E o que lhe deu o direito de interferir?

– A esposa dele é minha prima, Emma. – O

tom endureceu. – Eu a conheço desde que era um bebê, e me preocupo muito mesmo com a sua felicidade. Eu não escolheria Harry Metcalfe para ela, mas ela... o ama. Então, eu não permitiria que o casamento dela fosse arruinado por uma cadelinha mimada, devoradora de homens como você.

Ela ficou branca feito cera. – Como se atreve?

Você não sabe nada... nada a meu respeito.

Ele sorriu melancólico. – O padrinho me contou tudo o que eu precisava saber... após certa persuasão. Ele falou que você tinha uma quedinha por ele há anos, e que você sempre andava atrás dele, tentando chamar atenção.

Você nega?

– Não. – A voz soou quase inaudível.

Eu era uma criança. E ele era como um deus Eu era uma criança. E ele era como um deus para mim... O lindo, glamouroso Harry. Eu tinha esperanças... sonhos. Quem não tem? E, é claro, queria que ele me notasse... Mas não daquela maneira. Nunca daquela maneira...

– Afinal, contrariando o bom senso dele, vocês tiveram um romance passageiro – a voz implacável prosseguiu. – Ele admitiu. Inclusive que sabia que cometeu um erro terrível, e só queria esquecer a coisa toda, só que você não deixava... Não é, belezoca? Você se recusava a virar a página.

– Ele disse que você se tornou um estorvo desde então, telefonando e enviando bilhetes.

Em suma... perseguindo. Que você tinha essa obsessão patética por ele e implorava para que ele rompesse com Emma, e casasse com você em contrapartida.

Darcy

soltou

um

suspiro

profundo,

hesitante. – E é evidente que você acreditou nele.

– Por que não? Vi por mim mesmo o quanto você podia ser persistente. – Os olhos frios quedavam desdenhosos. – Agora quer dizer que não fez sexo com Harry, que ele inventou tudo?

– Não. – Baixou o olhar para o chão. – Eu...

não posso dizer isso. E sabia que ele tinha namorada, porque ele sempre tinha. Mas eu não sabia que ele ia se casar. Não até o convite de casamento chegar – completou, quase inaudível.

– Mas é verdade que andou tentando contatá-lo antes de ir até o clube naquela noite?

Que você não aceitou um não por resposta?

– Sim.

Eu queria saber como ele pôde fazer o que fez... comigo... se estava apaixonado por outra pessoa. Noivo. Eu precisava perguntar por quê... Só isso.

Então descobri que o nosso assim chamado “romance” acarretaria consequências, e fiquei tão assustada... Tão assustada. Eu não sabia o que fazer. A quem mais procurar. Isso foi tão errado assim?

– E você tentou impedir o casamento? – A voz dele tornou a provocá-la.

– Sim... Eu... eu suponho que sim.

Será mesmo? Mal consigo me recordar de mais nada. Acho que eu só precisava que Harry escutasse. Assumisse alguma responsabilidade pelo que

fez. Porém quando relembro os rostos daqueles homens... suando, babando. E você...

As suas mãos no meu corpo... É o que me lembro melhor do que tudo.

– Então me alegro por você não ter sido bem-sucedida – comentou lacônico –, porque partiria o coração da Em, e isso não é permitido, independentemente da minha opinião pessoal sobre Harry.

– Ótimo – Darcy retrucou calma e veemente.

– Essa história acabou, e sem causar nenhum estrago, portanto vamos parar por aqui?

Porque você falou o que queria, Sr. Castille.

Você revirou um monte de coisas que eu preferia esquecer, e realmente gostaria de encerrar isso. Além do mais, as pessoas estão saindo, e preciso me despedir delas.

– É claro – disse ele. – A filha única do papai.

A anfitriã perfeita. – A boca contorceu. – Meu Deus, se ao menos ele soubesse.

– Vamos deixá-lo na inocência, de acordo? – Encarou-o de novo em desafio.
– Como a sua prima Emma?

Ela tentou passar por ele, mas Castille a deteve, a mão no seu braço. – Um momento.

Espero que ainda não alimente nenhuma fantasiasinha obsessiva em relação a Harry.

Porque isso poderia tornar a sua vida constrangedora.

Ela

se

desvencilhou

dele

quase

violentamente. – Ora... Não... Não me toque. – Ela cuspiu as palavras. – Nem agora. Nem nunca. E a minha única fantasia, Sr. Castille, é jamais tornar a vê-lo enquanto eu viver.

– Que pena – retorquiu ele. – Porque algo me diz que nos encontraremos outra vez, e muito em breve. Portanto, vamos simplesmente nos curvar diante do inevitável, certo? E sorrir enquanto isso – acrescentou baixinho. – Ou as pessoas vão notar.

Contemplou-a de novo, num exame vagaroso, e ela viu a boca empedernida suavizar, curvar de ironia deliberada... e algo mais.

Porque o sorriso dele lhe causava várias coisas estranhas, nenhuma das quais ela desejava que acontecesse. Para o seu absoluto horror e repulsa, ele parecia ajeitar uma mecha solta de cabelos do seu rosto, beijar a sua boca com ternura e delicadamente acariciar os bicos dos seios.

De súbito o coração disparou, e ela sentiu a pele alva queimar. E ele sabia. O sorriso revelou isso também.

Depressa

ela

fortaleceu

as

defesas

fragilizadas, concedeu-lhe um olhar de puro desprezo e afastou-se. Ao mesmo tempo, imaginando, a cada passo que avançava, se ele a observava ir.

– VI VOCÊ entretida numa longa conversa com Joel Castille – Gavin Langton comentou satisfeito. Quedava de pé, um copo de brandy na mão, diante da lareira no salão da casa que tinham em Chelsea. Balançou a cabeça – Você se saiu bem esta noite, Darcy. Muito bem.

– Obrigada. – Ela manteve a entonação neutra. Todavia o coração estranhamente ainda esmurrava, e se sentia oca por dentro.

Queria ir direto para a cama quando retornassem, e tia Freddie já o fizera, porém, como de hábito, o pai queria conversar sobre os eventos da noite tomando café, e um requentão.

– Então, o que achou dele?

Darcy fez um esforço redobrado para não petrificar. Até conseguiu falar com relativa leveza. – Pensei que meu papel fosse puramente decorativo. Que não esperassem que eu tivesse uma opinião. Ou que, pelo menos, não a manifestasse.

O pai emburrou. – Você é uma moça bonita.

Ele é um homem bem-apegoado. Decerto houve alguma reação.

Sim, pensou ela, houve. Mas não uma que ela um dia pretendesse analisar. Acho que com certeza fiquei um pouquinho insana.

– Ele era o convidado de honra. – Deu de ombros. – Pensei que você quisesse que eu fosse gentil. Mas duvido que um dia seremos amigos.

Darcy ainda tremia ante a lembrança daqueles derradeiros minutos na companhia dele. Sentiu-se abrasada pela maneira como ele a fitou. Degradada.

– Oh? – O pai encarou-a atento. – E por quê, – Oh? – O pai encarou-a atento. – E por quê, eu lhe rogo?

Ela depositou a xícara no pires com cuidado.

– Bom... Eu tenho muito pouco contato com a empresa,

assim

mal

surgirá

qualquer

oportunidade.

– Eu não teria tanta certeza disso. Joel passou os últimos dezoito meses na América, portanto planejo fazer mais que entretê-lo. Garantir que ele seja devidamente apresentado por aí.

Inclusive, parece que ele talvez frequentará bastante a nossa vizinhança em Hampshire.

– Oh – exclamou Darcy. – Por quê?

O pai franziu os lábios. – Harry Metcalfe e a esposa voltarão da Malásia muito em breve, e se mudarão para a residência dos pais enquanto procuram uma casa só para eles.

Seguiu-se um zumbido repentino nos ouvidos de Darcy, e a boca ficou seca.

– Eu não sabia disso – logrou dizer sem saber como.

O pai aquiesceu. – Joel é parente de Emma Metcalfe, claro. Primos em primeiro grau, aparentemente, mas ele a considera mais como uma irmã caçula. Fala dela com grande afeição.

E se preocupa com ela, também. O clima do estrangeiro não lhe fez bem, pelo jeito, em particular agora que espera um bebê. Então naturalmente ele se sente protetor.

O mundo pareceu dissolver em torno dela.

Escorregou para a lateral, ficando vermelha por causa da dor que julgava enterrada para sempre. Se não estivesse sentada, talvez até caísse. Um bebê...

Ouviu-se proferir de algum recôndito distante: – Então ela tem dois homens para tomar conta dela... O marido e o primo. Garota de sorte.

– Talvez. – O cenho do pai agravou. – Eu nunca tive muito tempo para o jovem Metcalfe.

Um tremendo presunçoso, pensava eu. Ah, eu sabia que você já sentiu alguma coisa infantil por ele, mas sempre me alegrei por ele jamais vir fuçar atrás de você.

– É – concordou. – Foi melhor que ele preferisse a Emma.

Queria poder apreciar a terrível, indescritível ironia de tudo isso, entretanto era impossível.

Desejou simplesmente fugir rastejando para algum canto escuro, esquecido, e enfrentar a dor mais uma vez. Algo que ela acreditava que não seria necessário.

O pai tornou a falar. – As coisas estão mudando, Darcy. Mudando depressa para todos nós, e talvez seja hora de eu e você conversarmos seriamente sobre o futuro.

Ela se preparou, conservou a voz moderada.

– Eu gostaria disso. Mas agora não, por favor.

Hoje não. Eu estou meio destruída.

– Você não se recuperou de correr de um lado para o outro naquele maldito barco, suponho – resmungou, depois cedeu. – Pode ir, então, criança.

Encaminhou-se na direção dela e deu-lhe um beijo no topo da cabeça. – Fiquei orgulhoso de você esta noite – comentou. – Quero continuar me sentindo assim.

Darcy concedeu-lhe um meio sorriso, e debandou.

A salvo no quarto, ela se abateu sobre a cama de rosto virado para baixo e

permaneceu ali.

Como uma noite curta evocava tantos desastres?,

indagou-se

em

agoniada

incredulidade. E que diabos poderia fazer para impedir que acontecesse qualquer outro?

Parecia que estava encurralada entre o demônio e o azul profundo do mar.

Se ficasse em Londres, seria difícil evitar o novo diretor executivo da Werner Langton por completo, como precisava fazer. Em especial já que o pai estava determinado a se envolver com ele socialmente também.

Em contrapartida, se fosse para Kings Whitnall, mais cedo ou mais tarde Harry apareceria com a esposa. A esposa grávida.

Foi por isso que ela recebeu aquele aviso atravessado de Joel Castille? Ele achava mesmo que ela ainda alimentava as lembranças de Harry? Bem, ele demonstrou haver engolido todas as

meias

verdades,

mentiras

e

subterfúgios de Harry, portanto provavelmente achava.

Darcy estremeceu e sentou, afastando o cabelo desgrenhado do rosto. Do lado oposto do quarto, o espelho refletia uma criatura de face lívida, e olhos esbugalhados que ela mal reconheceu.

Despiu o vestido e jogou-o de lado com desprezo ao passo que andou até o banheiro.

Preto nunca mais, jurou a si mesma, encolhendo-se ante a lembrança do olhar de Joel Castille fazendo aquele passeio demorado pelo seu corpo.

Amanhã ela retornaria à agência que usava e encontraria outro emprego de babá. Em Lisboa, talvez, ou Viena, pensou. Ou até... na Austrália.

Não era tudo com que ela mais sonhava, é óbvio.

Removeu a maquiagem e entrou debaixo do chuveiro, bendizendo o estímulo da água sobre a pele abrasada.

Mas talvez fosse hora de parar de sonhar com carreiras que jamais teria, e encarar a realidade.

E a verdade era a seguinte: ela precisava ir para o mais longe possível e o mais depressa possível. Portanto, ela deveria optar por qualquer coisa disponível.

Enxugou-se, meteu-se na camisola e voltou para o quarto. Sentiu-se sufocada de repente, então levantou para abrir a janela. Começara a chover, percebeu, e a água escorria pelo vidro, todavia ela destravou o trinco assim mesmo e deslocou uns poucos centímetros de abertura da vidraça, permitindo que uma lufada do ar frio e úmido da cidade penetrasse no quarto.

Subiu na cama, puxando as cobertas até os ombros com um leve tremor.

O barulho do tráfego em Londres jamais a incomodara em particular, e o quarteirão deles era bastante silencioso. E quando o ronco distante dos carros e ônibus se unia ao gotejar da chuva, tornava-se quase soporífico.

Ela não esperava dormir, entretanto dormiu, só para flagrar-se sonhando sem parar com calçadas alagadas pela chuva e um lance de escada que conduzia a uma porta que ela não queria abrir, por mais forte que batesse para entrar. E despertou sob a luz acinzentada do alvorecer com lágrimas na face.

DARCY TIROU o blazer preto e atirou-o no encosto do sofá junto com a

bolsa, antes de afundar nas almofadas e chutar os sapatos para o alto. Repousou por um instante, flexionando os tornozelos doloridos com uma discreta careta. Deve ter caminhado quilômetros, pensou, e o que conseguiu? Praticamente nada.

O mercado para babás andava saturado de candidatas desesperadas e mais baratas do Leste Europeu. O único posto disponível no momento era um que ela na verdade assumira um ano atrás com um casal americano em Paris, que acreditava que os três filhos hiperativos deveriam crescer com total isenção de disciplina e que desde então, Darcy ouviu horrorizada, foi abençoado com um quarto refém da liberdade. Ninguém, confessaram na agência com franqueza, aguentava mais que uma semana. Situação que Darcy compreendeu inteiramente.

Ela tentou outras agências, e até centrais de emprego, todavia sem sucesso.

– Eu quero mesmo trabalhar no exterior – afirmou hesitante quando lhe ofereceram mais um curso de treinamento em informática.

A garota do outro lado da mesa lançou-lhe A garota do outro lado da mesa lançou-lhe um olhar desenhado. – Não queremos todos?

– respondeu enfática.

O que não foi de muita ajuda.

Darcy esperava que tia Freddie lograsse melhor sorte em seja lá qual fosse a empreitada que a trouxe à cidade. Ela foi quase misteriosa a respeito disso durante o café da manhã, declinando a oferta de Darcy para encontrá-la para almoçar com a desculpa de que não tinha certeza acerca dos próprios planos.

Então, qual era a razão daquilo tudo?, lucubrou Darcy.

O devaneio foi interrompido pela voz mansa da governanta, a Sra. Inman. – Pensei ter ouvido você entrar, Senhorita Langton.

Imaginei se você não daria uma olhadinha rápida na sala de jantar, e aprovaria os arranjos da mesa antes de trocar de roupa.

Darcy espiou a blusa branca de seda e a saia de veludo ameixa. Deveras apropriadas para um simples jantar de família, decidiu. A Sra.

Inman era um tesouro, embora não fosse demasiado confiante quanto às próprias habilidades, e inclinada a perturbar um pouquinho com futilidades.

Ela retrucou gentil: – Somos só nós três, Sra.

Inman, e aposto que está tudo ótimo.

– Bem, se tem tanta certeza. Só que o seu pai pareceu pensar que... – A voz da outra mulher ressoou ao conceder-lhe um sorriso nervoso e sair da sala.

Darcy se aninhou, abrindo o botão da gola da blusa, mais dois outros para compensar, e encolhendo os pés de meia-calça debaixo de si.

Foi um dia muito desanimador, ponderou, reclinando e cerrando os olhos, mas talvez as coisas fossem melhores amanhã. Decerto não poderiam piorar nem um pouco.

A mente começou a divagar, e ela quase mergulhava num sono exausto, quando de repente escutou o som da campainha da porta.

Sentou-se, surpresa, espiando o relógio, especulando quem diabos poderia chegar numa hora dessas. A menos, é claro, que tia Freddie houvesse esquecido a chave outra vez. Isso era comum.

Conforme a porta da sala de visitas se abriu, ela virou a cabeça despreocupada, pronta para fazer algum comentário engraçado, e paralisou ao ver Joel Castille entrar na sala.

Ele pausou, as sobrancelhas erguidas com sarcasmo ao perceber a expressão horrorizada dela. – Boa noite. – A voz soou aveludada, porém o toque de galhofa foi inconfundível.

Darcy

levantou

num

salto,

os

pés

desesperados à cata dos sapatos largados. – Que diabo você está fazendo aqui? – inquiriu rouca.

Ele teve a audácia de sorrir. – Não leve a mal, querida – retorquiu. – Mas creio que você acabou de destruir a sua imagem de anfitriã perfeita. Não sabia que o seu pai me convidou para jantar?

– Não – redarguiu lacônica. – Óbvio que não. – Darcy pouco pretendia fechar os malditos botões da camisa, o que ele já notara, contudo sabia que isso apenas lhe forneceria mais munição.

– Imagino por que não – Castille comentou pensativo. – Talvez ele temesse que você de súbito se lembrasse de outro compromisso.

– E ele estaria correto – Darcy afirmou irredutível. Novamente calçada, ficou de pé. – Vocês dois vão precisar me desculpar, receio.

Mas aposto que vocês têm muito a conversar.

Eu só iria atrapalhar.

Quando encaminhou-se para a porta, ele a deteve, os dedos apertados no seu braço.

Ela se desvencilhou, fuzilando-o com o olhar.

– Nunca... Jamais... coloque as suas mãos em mim de novo.

Ele recuou um passo, erguendo-as numa rendição debochada. – Só uma palavrinha de aviso, Senhorita Langton. Não acho que seu pai ficaria contente se você desaparecesse esta noite. Ele aparenta querer que sejamos amigos.

- Outra coisa que ele se esqueceu de mencionar. – Darcy empinou o queixo.
- Por que não disse a ele que isso é desperdício de tempo?
- Porque pareceu um pouquinho arbitrário.

E me ocorreu que em nome da nossa futura harmonia, você e eu talvez pudéssemos desenvolver... uma relação profissional. Apenas em caráter temporário, lógico. Até a aposentadoria se consumir.

Ela balançou a cabeça, indignadamente cônica de que aqueles olhos azuis retornaram para a frente aberta da sua blusa. – Não, Sr.

Castille – protestou. – Nem mesmo pelo espaço dos próximos cinco minutos.

– Uma pena – lamentou ele. – Seu pai não me parece um homem que encara bem os desapontamentos. É algo que temos em comum – acrescentou tranquilo.

– Então é aí que a semelhança acaba – alfinetou ela. – E acaso ele tivesse qualquer noção de como você já me tratou, você precisaria procurar outro emprego.

– O que eu encontraria – revidou. – Como anda a sua ficha profissional, Senhorita Langton? Cadastrada no computador da polícia?

As faces arderam de súbito. – Como ousa?

– Bem, isso não é nenhum segredo. – Deu de ombros. – Drew Maidstone é um bocado famoso, e você é demasiado fotogênica. E já que estamos sendo totalmente francos, você deveria me agradecer. Tirei você daquela festa há dois anos justo a tempo. As pessoas andaram bebendo, e as coisas poderiam acabar mal para o seu lado. Garanto que se lembra disso.

– Eu lembro – assentiu – que na minha opinião você era só mais um animal numa corja realmente asquerosa. Portanto, gratidão decerto não se aplica ao caso.

Ele não sorria mais, e ela viu um músculo contrair no canto da sua boca. Enfim ela o atingiu, pensou Darcy, e experimentou um momento efêmero de

triunfo.

– Mesmo assim – afirmou ele, após uma pausa –, seria mais sensato que você ficasse em casa para jantar hoje.

– E se algum dia eu precisar dos seus conselhos – avisou ela –, eu peço. – Apanhou o blazer e a bolsa, e esquivou-se dele a caminho do corredor.

Estava na porta da frente quando a voz do pai a alcançou. – Darcy? Aonde você vai?

– Visitar a Lois. – Ela manteve a entonação descontraída. – Pizza, uma garrafa de vinho e uns dois filmes de amor. Eu não avisei?

– Não, você deve ter esquecido. – Ele lhe deu um olhar aguçado. – E receio que você deva telefonar para Lois e dar uma desculpa. Como sabe, temos um convidado, e preciso de você aqui hoje para atuar como anfitriã.

– Tia Freddie parece ser uma das fãs do Sr.

Castille – revidou desafiadora. – Aposto que ela assumirá o meu lugar sem pestanejar.

– A sua tia retornou a Kings Whitnall à tarde. Eu lhe pago uma pensão generosa, Darcy, e às vezes espero que faça por merecê-la. – Aguardou, dando um aceno da cabeça conforme, relutante, ela recuou da porta. – Agora, suba correndo e se arrume, depois se reúna a nós para o xerez – acrescentou implacável, ignorando o seu olhar suplicante.

Calada, Darcy foi para o quarto. Lavou o rosto e as mãos, então aplicou hidratante, mas nenhum outro cosmético. Nem sequer um toque do

perfume

favorito.

Nenhuma

concessão que fosse, disse a si mesma, escovando os cabelos vigorosamente e

depois penteando-os para trás das orelhas, de maneira a confiná-los, com uma presilha prateada, na nuca.

Franzindo os lábios, tornou a abotoar a blusa Franzindo os lábios, tornou a abotoar a blusa até a garganta, e endireitou a saia.

Em seguida tomou fôlego, profundo e revigorante, tentando acalmar o ritmo agitado do coração, e lenta e tristemente dirigiu-se à sala de visitas, e ao pesadelo sem fim que lá aguardava por ela.

CAPÍTULO 3

DARCY ESPERAVA ser recebida com deboche, mas estava enganada. Joel Castille levantou educadamente quando ela entrou, sorridente, depois entregou-lhe a taça de amontillado que ela pediu constrangida.

Então, ele e o pai retomaram a conversa, e ela foi abandonada, por sorte, aos próprios desígnios.

Todavia, com o inimigo tão próximo, o semblante animado enquanto conversava, foi difícil manter-se alheia. Ele falava sobre um projeto no qual trabalhou na Colômbia, e dos problemas que a sua equipe foi forçada a superar, e ela ficou irritada ao flagrar-se atenta.

Para completar, Darcy percebeu mortificada que o analisava discretamente, observando o talhe elegante do terno cinza, e a maneira como o colete acentuava o corpo esbelto. A tia mencionou que o pai dele era francês, e ela notou tal herança particular nos gestos graciosos das mãos quando ele enfatizava determinado ponto.

Atraente? Bem, sim, admitiu contrariada.

Entretanto, não da maneira que lograsse interessá-la, embora se Lois o visse o descreveria como um orgasmo ambulante.

Todavia, mesmo relevando o incidente de dois anos antes, Darcy sempre julgou homens como Joel Castille eminentemente resistíveis.

Ele era demasiado arrogante.

Joel era um profissional brilhante, e um humorista nato, mas seria um alívio quando o pai afinal se aposentasse. Pois enfim ela poderia varrer seu sucessor da memória.

Porém, muito antes do grande dia, ela Porém, muito antes do grande dia, ela precisava retirar-se da sua esfera de influência, deduziu.

Qualquer comentário aleatório que desse ao seu pai a pista de que ela e Joel Castille possuíam um passado em comum seria uma catástrofe.

E o regresso de Harry apenas aumentava a pressão. Porque seria tão fácil se ele desejasse reduzi-la.

Ela não permitiria que ele pensasse nisso.

Simplesmente

tomaria

as

precauções

necessárias. E então tudo acabaria bem. Ou ao menos ela sobreviveria.

Amanhã ela deixaria claro na agência que aceitaria qualquer trabalho, até voltar a Paris para os Harrison e sua prole demoníaca.

De súbito, reparou que ambos os homens a fitavam.

O pai comentou, meio piegas – Eu contava ao Joel como os bosques de Kings Whitnall ficam lindos no outono. Precisamos convencê-

lo a ver por si mesmo.

– O Sr. Castille é um homem muito viajado – retrucou calma. – Não creio que reles folhas de outono o interessem.

– Sempre fui fascinado pela beleza, Senhorita Langton. Por mais heterodoxa que seja.

Ela foi salva pela Sra. Inman, que veio avisar que o jantar foi servido.

A sopa de legumes foi seguida por costeletas suculentas, servidas com batatas crocantes e verduras. Para a sobremesa havia pudim.

Darcy não sentiu vontade de comer, mas sabia que a falta de apetite seria comentada pelo pai, portanto forçou-se a engolir a comida.

Agora era tarde demais, fora tola ao deixar Joel perceber que o reencontro a incomodou.

Devia ter sorrido, se lixado para a coisa toda.

Talvez fingido que era tudo uma brincadeira que saiu errado. Que ela era uma dentre toda uma trupe de garotas que apareceriam para ludibriar Harry.

Ele não acreditou nela, porém acaso ela fosse firme ele aceitaria a sua história. E ela sairia da situação sossegada, e sem confusão.

Foi tão difícil, descobriu, ser forçada a conversar com alguém e manter distância ao mesmo tempo. Especialmente quando esse alguém leu os mesmos livros, assistiu aos mesmos filmes e gostava da mesma música que ela.

Joel se fez simpático, e ela não queria isso.

Queria que ele fosse bruto. Que se comportasse do jeito que lhe daria todas as desculpas para escoraçá-lo, e dar ao pai todos os motivos para aceitar tais desculpas.

Oh, por que tia Freddie voltou para Kings Whitnall? Por que ela não estava aqui para oferecer à sobrinha algum descanso desta ofensiva galante?

Àquela

altura,

Gavin

ronronava

de

Àquela

altura,

Gavin

ronronava

de

satisfação, e ela queria berrar de frustração, porque seu algoz fazia tudo de propósito.

Tudo bem, ela quis gritar. Cometi um erro quando tinha dezoito anos, mas já paguei por isso. Então por que diabos não me deixa em paz?

E nem poderia usar uma das enxaquecas como desculpa para desfalcar aquele trio estrambótico.

No entanto, foi Joel quem abreviou o seu martírio.

– Detesto interromper uma noite tão inesquecível, mas trabalho cedo amanhã. Vocês podem me perdoar, por favor?

– Desde que você prometa jantar aqui de novo. – Gavin Langton deu-lhe um tapinha no ombro. – Você leva o Joel até a porta, não é, querida?

Só mais um minuto, pensou Darcy ao guiá-

lo sisuda até a porta da frente. – Boa noite, Sr.

Castille.

Ele olhou direto para a gola abotoada da blusa. – Ora, prefiro a aparência relaxada, de cabelo solto e vestido escorregando.

– As suas preferências pessoais não me interessam. Desde que eu saiba, Sr. Castille, você está nesta casa por pura penitência.

– E já lhe ocorreu, Senhorita Langton, que o mesmo pode ser dito de você?

Ele pausou. – Me conta uma coisa. O que exatamente você esperava conseguir naquela noite dois anos atrás?

– Não é da sua conta.

– Então me atenda. Satisfaça a minha curiosidade.

– Não.

– Por que não?

– Porque você já sabe demais a meu respeito.

Sou uma destruidora de lares. Uma arma de destruição em massa. Não há mais o que dizer.

– Ora, aqui nós discordamos. Porque eu – Ora, aqui nós discordamos. Porque eu simplesmente acabei de conhecer você. E

pretendo descobrir tudo o que há para saber.

Passou por ela, e saiu noite afora.

Darcy voltou para a sala onde encontrou o pai servindo-se de outra dose de brandy, sentado, fitando o vazio. Talvez fosse efeito da iluminação, mas por um instante o rosto dele mostrou-se sombrio.

Todavia, quando olhou para Darcy a ilusão passou. – Você demorou um bocado para dizer boa-noite.

– O Sr. Castille é que não percebe quando perde a hora.

– Falando nisso, você podia ter caprichado um pouquinho mais na aparência hoje.

– Se tivéssemos convidados, sim. Mas o Sr.

Castille já parece parte da família.

– Talvez seja, pensando bem. Santo Deus, Darcy, quando converso com ele me vejo na mesma idade. Ele é justo o que a Werner Langton precisa.

– O que eu jamais poderia ser, claro. Por que não diz logo, papai? Ele é o filho que você nunca teve.

– Não estou exatamente senil. Poderia haver outro Langton para assumir as rédeas no futuro. Nunca fiz votos de castidade, sabe.

– Não. Lógico que não.

Os pensamentos dela eram sérios quando foi para a cama. Outro Langton, disse o pai. Será que ele estaria mesmo cogitando tornar a casar... Passar a aposentadoria com outra mulher... Até começar uma nova família?

E que diabos tia Freddie faria sob tais circunstâncias?

Ela interrompeu a carreira de artista plástica quando a irmã, a mãe de Darcy, morreu, e mudou-se para Kings Whitnall, uma presença afetuosa para cuidar da criança assustada.

E a tia gostava muito mais de Gavin do que E a tia gostava muito mais de Gavin do que ele demonstrava notar.

Provavelmente estava tão acostumado a tê-la por perto que não a enxergava mais... Ou não como uma mulher que pudesse amar.

Entretanto, acaso um novo regime fosse estabelecido, pelo menos ela não precisaria aturar Joel Castille, ponderou ao deitar na cama.

Mesmo assim, Darcy flagrou-se a lembrar o jeito como ele a fitou na saída. Escutou de novo a promessa plácida que ameaçava o que restava da sua paz

de espírito. E enrolou-se nas cobertas, trêmula.

NO CALOR do momento, Darcy foi a Kings Whitnall na tarde seguinte. Precisava conversar com Freddie. Botar as cartas na mesa. Porém havia uma surpresa à sua espera.

– Darcy, meu amor – disse a tia, servindo o chá na sala. – Não se preocupe comigo. Andei fazendo os meus próprios planos. Não sou mais necessária aqui. Portanto, estou pronta para seguir com a minha vida.

– Mas para onde você vai? Se eu tivesse um emprego de verdade, poderíamos achar um apartamento, talvez. Morar juntas em algum canto. – Suspirou. – Mas não tenho nenhum trabalho no momento. Pensei em voltar para aquela família horrorosa em Paris, mas até eles conseguiram encontrar outra pessoa enquanto eu me decidia. Assim eu não posso bancar nem uma quitinete caindo aos pedaços.

– Bem, eu não me preocuparia muito. – A voz da tia assumiu uma entonação esquisita. – Aposto que seu pai tem planos para você. E eu tenho um lugar para ir. Fui a Londres acertar os arranjos finais.

Pausou. – Lembra-se de Barbara Lee, minha grande amiga da época da escola e da faculdade de belas artes? Bem, ela foi nomeada diretora do St. Benedict ano passado, e andava procurando alguém para ensinar arte por lá.

Freddie suspirou. – Eu não comentei antes porque ainda precisava ser entrevistada pelo comitê. Foi onde estive ontem, e eles me ofereceram o emprego, e pediram para começar no próximo mês. Estou tão empolgada. É justo o recomeço que necessito.

– Tudo parece maravilhoso. – E parecia mesmo. A tia soou confiante. Animada.

– A propósito, creio que meu pai pretende convidar o novo mandachuva da Werner Langton para vir aqui de vez em quando. Pode me manter informada a respeito disso, por favor, para que eu possa evitá-lo?

– Evitá-lo? – A tia ficou perplexa. – Mas pensei que... Querida, tem certeza

de que isso é sensato?

– Por que não seria?

– Porque o seu pai quer que você e o Sr.

Castille... sejam bons amigos. Você sabe.

– Também sei que isso não vai acontecer. Eu não suporto aquele sujeito.

– Imaginei que a maioria das moças o julgaria atraente.

– A artista aqui é você, Freddie, querida.

Você sempre me falou para enxergar além das aparências. Talvez eu não goste do que vejo.

– Ele é bonito, bem-sucedido e rico.

Qualquer garota consideraria o bastante.

– Então devo ser a exceção à regra.

– Por acaso, seu pai telefonou logo antes de você chegar. Parece que os dois chegam amanhã à noite.

– Meu Deus. Ele não perde tempo. Obrigada, tia Freddie. De manhã eu me mando.

– E o que digo ao seu pai?

– Diga ao papai que você não sabe onde estou. Afinal, eu sou livre, e em seis meses terei 21 anos. Preciso explicar como passo os fins de semana?

– Você pensa que não. E aviso que ele ficará muito desapontado.

Quando Darcy retornou à Chelsea, a Sra.

Quando Darcy retornou à Chelsea, a Sra.

Inman surpreendeu-se ao vê-la.

– O Sr. Langton falou que vocês dois viajariam, senhorita, e que eu teria o fim de semana de folga.

– E terá. Mal ficarei em casa, exceto para dormir, e planejo comer fora inclusive.

– Bem, se tem certeza... – A Sra. Inman balançou a cabeça, e retirou-se.

Foi bom, descobriu Darcy, ter a casa só para si, sem ninguém mais para agradar salvo ela própria.

Esperou telefonemas, recados na secretária eletrônica exigindo sua presença em Kings Whitnall, ou no mínimo uma explicação para a sua ausência.

Mas não houve nenhum. Talvez afinal o pai compreendesse que ela e Joel Castille eram como água e azeite.

E quando Gavin enfim telefonou na manhã de segunda-feira, não houve nenhuma pergunta constrangedora.

– Está livre para almoçar, Darcy? – indagou ele. – Então por que não reserva uma mesa no Harington's?

– Meu restaurante favorito – retrucou animada. – Mal posso esperar.

Ele pareceu bem-humorado, pensou ela ao desligar, porque decerto tratou-se de uma oferta de paz. Flagrou-se a especular como foi o fim de semana, e se Joel Castille demonstrou qualquer interesse na paisagem de outono que foi convidado a admirar. No entanto, dispersou tudo da mente. Os interesses dele não eram problema seu. E as folhas mortas podiam enterrá-lo vivo, que ela não ligava.

Para o almoço, Darcy vestiu uma saia justa bege e uma suéter caramelo com decote em V.

Colocou brincos de ouro, e escovou o cabelo até as ondas sedosas cascadearem ao redor da face. Realçou os olhos com sombra e delineador, e

os lábios com um gloss transparente.

Arrumada, falou consigo mesma, mas sem exagero. Do jeito que o pai gostava.

Porque se os dois teriam a tal conversa importante sobre o futuro, seria bom entrar com o pé direito.

E ela, mais uma vez, tocara no assunto da faculdade de engenharia. Tentaria fazê-lo ver que isso era sério. Que ela queria dar a sua contribuição.

Darcy chegou ao restaurante poucos minutos adiantada, para ser saudada pelo maître, que, todo sorrisos, conduziu-a para uma das mesas nos cantos.

O palco estava arrumado para um tête-à-

tête, pensou irônica ao pedir um spritzer de vinho branco.

Ouviu um burburinho no salão, sugerindo a presença de recém-chegados, e ergueu o olhar com um sorriso ansioso, que congelou nos lábios ao ver quem caminhava na direção dela, acompanhado por Georges, o maître.

– Ah, não – gemeu. – Isso não está acontecendo comigo. Não...

Permaneceu num silêncio de pedra enquanto Joel se acomodava à sua frente.

– Onde está o meu pai?

– Ele não pôde vir. Eu assumi o lugar dele.

Darcy apanhou a bolsa. – Eu vou embora.

– Sei que você possui uma tendência ao escândalo. Mas não acho que deseje armar um aqui. Não se desejar voltar. Portanto aconselho que segure as pontas, Senhorita Langton, e fique onde está.

Relutante, ela soltou a bolsa. Fitou-o, o inimigo, elegante no terno azul-escuro com a discreta gravata listrada.

– Por que está fazendo isso?

– Porque não tenho escolha. Se você passasse o fim de semana em Kings Whitnall, esta conversa seria conduzida em particular.

Decerto era a vontade do seu pai.

– Eu devia saber que ele tramava algo. E que conversa, para ser exata?

– Talvez devêssemos pedir primeiro.

– Então quero uma sopa de pimenta. Seguida por filé de linguado, e salada.

Joel chamou o garçom. – Quero a terrina de legumes, e um robalo – acrescentou, após fazer o pedido dela. – E vinho branco seco.

– Não quero ficar aqui com você. Esperava não vê-lo nunca mais. Gostaria que você fosse embora. Fui bastante clara?

– Os desejos do seu pai são muito diferentes.

E ele ainda é o chefe. Eu fico, e nós desfrutamos de um almoço agradável. Amanhã, mando a minha secretária lhe enviar flores. No final da semana, eu a convido para jantar.

– E assim continuaremos por três meses, digamos, quando eu comprar um anel de diamantes caríssimo, e pedir que seja minha esposa.

– Você é louco.

– Como já disse, o roteiro é do seu pai, não meu. E com certeza não seu.

– Não.

– Então por que não poupar tempo? Pular os frívolos rituais da conquista, e ir direto ao assunto. Seu pai quer que você case comigo.

Portanto, o que vai ser? Sim... ou não?

CAPÍTULO 4

O BARULHO e a agitação em torno deles esvaeceram. Darcy logrou não escutar mais nada salvo o eco das palavras dele na sua cabeça.

– Não. Não. Claro que não. Você... não pode pensar que...

– Não acha que deveria dar alguma consideração racional à proposta?

– Racional? Acho que meu pai, e você, perderam o juízo.

– Por quê?

– Não é evidente? Odiei você à primeira vista, Sr. Castille. Então por que simplesmente não conta isso ao meu pai, e coloca um ponto final nessa maluquice?

– Pensando melhor, por que não conta a ele o motivo para não gostar de mim? Aposto que ele ficaria fascinado.

– Atreve-se a me chantagear, Sr. Castille?

– De forma alguma. Só estou salientando que a sua hostilidade poderia levar a explicações embaraçosas. A sua tia já anda suspeitando.

– Graças a você.

Seguiu-se uma pausa forçada enquanto um garçom trouxe o vinho num balde de gelo.

Darcy bebeu um pouco do spritzer, na vã esperança de acalmar-se.

É um pesadelo, refletiu. Daqueles que fazem a gente acordar com dor de cabeça.

O zum-zum-zum ao redor da mesa cessou, e novamente Darcy ficou sozinha com o seu algoz.

E indagou: – Quem inventou essa brincadeira de mau gosto?

– Ela evoluiu sozinha. Seu pai é realista, e sabe que a decisão de me trazer para a empresa não atingiu o consenso universal. Mas, como cunhado de Gavin, e membro da família, eu estaria numa posição muito mais forte quando ele enfim se aposentar.

Joel lançou-lhe um olhar solene. – Pense nisso. Seu pai não apenas confiou a empresa a mim, mas também a única filha. Isso indica uma certa fé, não acha?

Ele pausou. – E o nosso casamento traria outras vantagens positivas, também.

– Sério? Sou incapaz de pensar em uma que seja.

– Ele me contou que você quer ir para a universidade.

– Também contou que ele garantiu que isso não aconteceria? Que me avisou para esquecer qualquer pedido de crédito estudantil... que ele diria aos bancos que seria arriscado? Deus, ele preferiria que eu seguisse carreira de bibelô.

– Você faz isso bem.

– Obrigada – replicou, trêmula de raiva.

– Enquanto isso, você preencheu o seu tempo com empregos inúteis que pagam uma mixaria. Não que isso importe, pois você recebe uma pensão, aprovada pela diretoria, pelos seus préstimos. Também possui o usufruto da casa em Chelsea.

Ele afiou as adagas. – Mas essa feliz situação está prestes a acabar. Seu pai vai se aposentar, o que a deixa sem trabalho regular.

– Pelo contrário. Tenho toda a intenção de arrumar um emprego em expediente integral.

Mesmo sem diploma.

– E onde planeja morar?

– Em Chelsea. É meu lar tanto quanto Kings Whitnall.

– Na verdade, não. A casa de Chelsea é propriedade da Werner Langton. Uma charmosa residência para o presidente, refletindo o seu status, assim como um lugar para receber clientes.

Ele hesitou. – Claro, isso nunca importou de fato enquanto o seu pai foi o diretor executivo e o presidente. Ele a tratava como um segundo lar, e permitiu que você fizesse o mesmo. Vejo onde a confusão começou.

Sorriu para Darcy. – Mas logo que ele se aposente como presidente, isso não mais se aplicará. A casa se tornará uma residência da empresa. E não creio que você possa custear o aluguel, em especial sem a pensão. E não tenho certeza se quero uma inquilina.

Ela

permaneceu

imóvel,

encarando-o,

conforme os pratos chegaram.

Eu não sabia, pensou ela. Por que papai nunca me contou a verdade?

– Anime-se – disse ele. – Você não vai ser obrigada a passar fome na rua da amargura.

Quando casarmos, o seu sustento será responsabilidade minha. Creio que me julgará generoso.

– Você fala como se essa... loucura fosse um fato consumado.

– Ah, ainda falta muito para isso. Mas não perco as esperanças.

Os garçons retornaram para arrumar a mesa, e trazer os pratos seguintes.

Quando deixaram-nos a sós, ela perguntou: – Por que diabos você quer casar, afinal? Você me parece um solteirão inveterado.

– Baseada, claro, na sua vasta experiência com os homens. Porém todos os maridos um dia foram solteiros. É assim que funciona.

Joel hesitou. – Passei grande parte do meu tempo viajando... trabalhando nos canteiros de obras. Agora que estou criando raízes, talvez tenha começado a entender o valor de um lar bem administrado.

– Mas você já tem isso. Presumo que a Senhora Inman também é funcionária da Werner Langton, que vai junto com a casa e, como você já descobriu, é um tesouro. Você não a deixará escapar.

– Decerto que não. Mas acho que ela prefere receber ordens a agir por iniciativa própria. E

tenho

pouco

tempo

para

trivialidades

domésticas. Preciso de alguém que saiba como a casa funciona. Que possa lidar com pessoas intransigentes.

– Você se inclui nessa categoria, Sr. Castille?

– alfinetou.

– Sim. Quando sou contrariado. Mas garanto que você já está acostumada com isso no seu círculo familiar.

– E há outra questão – prosseguiu ele, ignorando o olhar fulminante dela. – A Sra.

Inman é uma boa alma, mas eu não gostaria de vê-la do outro lado da mesa todas as noites.

– E isso é importante, é?

– Lógico. Todo homem gosta que a esposa seja bonita, e você, Senhorita Langton, é excepcionalmente bela. – O olhar pousou na pele alva exposta pelo decote do suéter. – Como aposto que deve saber.

– Qualquer elogio vindo de você, Sr. Castille, é quase um insulto.

Ele teve o desplante de sorrir. – E insultos vindos de você, Senhorita Langton, parecem exatamente o que são. – Hesitou. – Não acha que negociáramos

melhor

acaso

nos

tratássemos pelo primeiro nome?

– Não. Impossível. Não quero casar. Nem com você, nem com ninguém.

– Prefere os maridos das outras?

– Suponho que se refira a Harry Metcalfe.

– Drew Maidstone também parece incluído, segundo o seu pai.

– Então ele está enganado. Tão enganado quanto você em relação a Harry... – Além do mais, não acho que Drew permaneça casado tempo suficiente para ser citado como marido de alguém.

– Ele tem péssima reputação, e o mesmo serve para aquele iate.

– Céus. Que moralista. Você, claro, sempre foi Sir Galahad.

– Não. Nem de longe. Então, quais são as suas objeções contra o casamento?

– Isso envolveria outras obrigações, as quais eu, francamente, não tenho

desejo de cumprir.

Com ninguém. E muito menos com você.

– Não é meio tarde para bancar a virgem assustada?

– Não tem nada a ver com medo. A minha experiência me mostrou que sexo é humilhante e doloroso, mas graças a Deus termina depressa.

Seguiu-se um silêncio, então ele falou baixinho: – Lamento que se sinta dessa maneira. Entretanto, acho que você pode ter sido infeliz ao escolher seu parceiro.

– Qual é a sua próxima fala, eu me pergunto?

“Será diferente comigo, querida”?

– Enquanto mantiver esta atitude, doçura, duvido que seja diferente com qualquer um.

Mas a escolha é sua. Porém, existe mais de um tipo de casamento. Se quiser que nosso acordo permaneça exclusivamente burocrático, por mim tudo bem.

– Mas, justo um minuto atrás, você falou que eu era... bonita.

– E é. O que espera que eu diga? Que não a considero desejável? Seria mentira. Eu quis você desde a primeira vez em que a vi.

Enquanto ela engasgou, ele deu de ombros. – E daí? Existem muitas garotas desejáveis no mundo, e a maioria delas, graças a Deus, não partilha dos seus preconceitos. Não ficarei sozinho, e você não sentirá ciúmes. Soa como o acordo perfeito.

Ele pendeu para frente. – E tem outra coisa.

Nosso casamento não precisa durar para sempre. Assim que eu me estabelecer como presidente da Werner Langton, pensaremos em algo. Nem o seu pai poderá nos forçar a considerar um ao outro compatível – gracejou.

– Você quer vida e carreira independentes – prosseguiu ele. – Bem, posso resolver isso. Vá para a faculdade. Estude para ser engenheira, se é o seu sonho, e eu a apoiarei. Sequer precisará do crédito estudantil.

Fitou-o

pasma.

—

Meu

pai

jamais

concordará.

– Quando for minha esposa, a decisão não será mais dele.

– Primeiro, chantagem. Agora, suborno.

Você não tem escrúpulos, não é, Sr. Castille?

—

Estou

oferecendo

uma

parceria

profissional,

Senhorita

Langton.

Prazo...

indefinido. Condições... em aberto. É pegar ou largar. Você não terá uma segunda chance.

– Você precisa me dar um tempo para pensar...

– Você está pensando desde que me viu chegar – afirmou ele. – Você sabia muito bem por que eu vim. Ou imaginou que eu só queria o seu corpo escultural? Seria um bônus, mas mesmo sem ele você ainda é um artigo valioso, Senhorita Langton.

– E eu também posso lhe ser útil. Se você deixar. Pode esquecer quanto a se tornar um bibelô. Mas primeiro o casamento. Isso não é negociável.

Pausou. – A menos, é claro, que você tenha uma proposta melhor.

– Não – replicou desanimada. – Não tenho.

Na verdade, não há proposta nenhuma.

– Bem? Você trabalhou de babá no passado.

Desta vez, será uma babá com uma aliança de casamento. E com um sonho que afinal poderá realizar.

– Jura que é temporário? E quando terminar, manterá a promessa quanto à minha carreira?

– Quando terminar.

– Bom, então, eu aceito.

– Alegro-me por não lhe oferecer o meu – Alegro-me por não lhe oferecer o meu coração junto com a minha mão – gracejou ele.

– Imagino que me sentiria um pouquinho magoado depois dessa. – Ergueu a taça. – Ao futuro.

Relutante, ela repetiu o brinde e bebeu.

E pensou, o que eu fiz? O que eu fiz?

Espantosamente, aceitara desposar Joel Castille.

Devo estar maluca, ponderou. Porém Joel fez tudo soar tão lógico.

Darcy contemplou a comida no prato, e abaixou os talheres.

– O filé não estava bom? – ele indagou.

– Como posso saber? Não provei nem um pedaço.

– Lamentável, já que estamos destinados a comer sempre juntos... Almoço... Jantar. E...

café da manhã, naturalmente.

– E o que isso significa?

– Eu detestaria pensar que a sua inapetência – Eu detestaria pensar que a sua inapetência será um atributo permanente da nossa vida conjugal.

– Entenda, Sr. Castille. Café da manhã será uma das coisas que não partilharemos.

– Trata-se da refeição mais importante do dia, dizem. Pretende me despachar para o trabalho todas as manhãs sem uma refeição quente e um beijo?

– Óbvio.

– Não, suspeito que um cálice de veneno faça mais o seu estilo. Mas o casamento às vezes é isso mesmo. Ao menos estamos entrando nessa sem ilusões. – Pausou. – Vamos discutir os termos do casamento durante a sobremesa?

– Já? Quer dizer, seria prematuro demais, e meu pai começaria a fazer perguntas. Ele espera uma abordagem mais convencional. Foi você mesmo

quem disse.

– Ele deseja que nos casemos. Quer resultados. Como os atingiremos é problema nosso, claro. Ou prefere que eu diga a ele que foi amor à primeira vista?

– Evidente que não. Mas ele saberá que é uma armação, e, como sou sua única filha, talvez ele queira que eu seja feliz. Ou finja que sou... em nome das aparências.

– Bem, talvez não se deva julgar pelas aparências. – Ele pediu o café.

– Darcy, trata-se de uma solução pragmática.

A História está cheia delas, e seu pai sabe disso.

Ele também sabe que eu a tratarei bem.

Pausou. – Presumo que você deseja que a cerimônia se realize na capela de Kings Whitnall?

– De véu e grinalda, com papai levando a filha inocente até o altar? Como você disse certa vez, branco não me cai bem. E não consigo ser tão hipócrita assim. Vamos casar num cartório.

– Acha que isso tornaria tudo menos comprometedor? Essa poderia ser uma suposição perigosa.

– No momento não sei como me sinto em relação a nada.

– Você parecia muito segura quando a conversa começou. Se não podemos ser amigos, podemos estabelecer uma paz armada, talvez?

– Ainda precisamos estipular os termos do acordo. Depois disso, quem sabe.

– Vou considerar isso um progresso – murmurou, e então, quando serviram o café: – Gostaria de um pouco de conhaque?

– Acho que o vinho foi mais que o suficiente.

Eu devia ter bebido apenas água. Assim talvez não concordasse com essa farsa grotesca.

– O que temos a ganhar não vale umas poucas horas de boa convivência por semana?

– Mas o que acontece se um de nós conhecer outra pessoa, depois que nos casarmos?

– Azar. Qualquer relacionamento precisaria aguardar até o divórcio.

– E supondo que você se apaixone – E supondo que você se apaixone loucamente?

– Acredite em mim, farei tudo para que isso não aconteça. Espero que você faça o mesmo.

– Mas, algum dia, houve alguém que você desejou o bastante para casar?

– Uma vez, sim. Mas ela teve o mau gosto de se envolver com outra pessoa, e não estava interessada. Fim da história.

Emma, pensou Darcy. A garota que casou com Harry Metcalfe e que agora carregava o filho dele. A prima, contou-lhe o pai, que era como uma irmã para Joel Castille. Só que existia mais, muito mais que isso, da parte dele pelo menos.

– Mas quando é impossível ter o que se quer – continuou ele –, a gente pode desperdiçar a vida reclamando da injustiça, ou escolher a segunda melhor opção.

Seus olhos buscaram os dela, frios, impassíveis. – Acredite em mim, podemos fazer tudo dar certo.

Podemos?, pensou Darcy, sentindo a histeria aflorar. Podemos?

Ele espiou o relógio, fez uma careta. – Preciso retornar ao campo de batalha. Depois disso, tudo vai parecer o paraíso. Você jantaria comigo amanhã à noite para discutirmos as regras básicas?

– Suponho que seja necessário.

– Apanho você às 19:30. Vou contar as horas até lá – gracejou, pedindo a conta. – Quer ficar e tomar mais café, ou posso chamar um táxi?

– Eu fico. – Darcy não tinha tal intenção, mas precisava que ele fosse embora. Queria ficar sozinha. Refletir acerca do que fizera, e calcular os prejuízos.

– Então vejo você mais tarde. Vamos apertar as mãos para fechar o acordo?

Antes que Darcy percebesse o que estava acontecendo, os dedos dele se entrelaçaram nos seus com firmeza. E no instante seguinte, ele levou sua mão aos lábios, virando-a de modo que o beijo suave roçou-lhe a palma.

Como se imprimisse uma espécie de marca.

Um selo de propriedade.

Em seguida, ela estava livre, e ele cruzava o salão.

Só quando ele saiu de vista, ela percebeu que prendia a respiração. Expirou devagar, consciente de que o ritmo do coração acelerou.

Bebeu o resto do café frio e começou a contar baixinho até cem. Queria Joel Castille no táxi, antes que ela mesma saísse.

Chegara a oitenta quando Georges apareceu com uma pequena bandeja.

—

Brandy,

mademoiselle.

Com

os

cumprimentos de monsieur. – A testa vincou de leve. – Ele disse que era... para o choque?

– Isso foi uma brincadeirinha de monsieur.

Salut.

Apanhou o copo e, sorridente, engoliu um pouco.

Mas de si para si: – Seu desgraçado.

DARCY ESPERAVA fogos de artifício quando o pai chegou em casa naquela noite – ou, no mínimo, aborrecimento pelo próprio estratagemas ser descoberto, depois manipulado daquela forma.

Todavia, ele sorria tranquilo. – Joel me contou a boa notícia, querida. Fico feliz por vocês dois. – Abraçou-a, depois recuou, cravando-lhe um olhar imperturbável. – Mas uma palavra de aviso, Darcy. Não cometa o mesmo erro que eu, subestimando o seu futuro marido.

– Talvez seja ele quem me subestima.

– Bem, a vida conjugal de vocês promete ser interessante. Quer goste ou não, Darcy, você casará na igreja, portanto vamos esquecer essa bobagem de cartório.

– E pretendo levá-la até o altar.

Ela mordeu o lábio. Como parte do pacote?

Ela mordeu o lábio. Como parte do pacote?

Havia raiva na sua voz. – Junto com o direito à pensão?

– Ora, não seja boba. Independentemente do que você e Joel combinaram entre si, quero que ambos tenham as mesmas lembranças maravilhosas.

Mas as minhas lembranças serão diferentes, ela quis gritar. Porque toda vez que eu vir Joel Castille, pensarei na noite em que ele me enxotou da festa de

Harry...

– Se é tão importante, papai, como posso recusar? – E desprezou-se pela própria fraqueza.

CAPÍTULO 5

– VOCÊ VAI casar? – Lois repetiu incrédula.

Abaixou a caneca de café. – Mas eu nem sabia que você andava namorando. – Franziu o cenho. – É alguém que conheceu no barco de Drew Maidstone? Diabo, Darcy, me prometa que não é o próprio Drew. Você não planeja ser a Esposa Número Cinco, certo?

– Não, não – Darcy garantiu apressada. – Não é nada disso. Sério.

– Então o quê? Quer dizer, isso me pegou desprevenida.

– E a mim também.

– Bom, conta tudo. Qual é o nome dele? E

como você o conheceu?

Essa era a parte espinhosa, pensou Darcy. – Ele se chama Joel Castille, e nos conhecemos há algum tempo.

– Mas você nunca me falou sobre ele e você é a minha melhor amiga. E você veio aqui me pedir para ser sua madrinha. Não entendi.

Darcy tomou um gole de café. Ensaicara o que dizer no caminho, porém, encurralada pelo olhar fúlgido de Lois no lado oposto da mesa da cozinha, ela concluiu que isso não faria o menor sentido. Talvez só a verdade bastasse.

– Olha, haverá um casamento, mas... Não vou casar de verdade.

– Quer dizer que é alguma espécie de pegadinha?

– Também não. De fato, é só um acordo de negócios, e temporário na

realidade. Mas com uma cerimônia.

– Creio que isso pede mais do que café.

Foi até a geladeira, apanhou uma garrafa de vinho branco e abriu, abastecendo duas taças em doses generosas.

– Agora – continuou ela ao sentar. – Por que pressinto que tem dedo do seu pai nessa história?

– Ele é o novo diretor executivo da Werner Langton, e será o presidente quando papai se aposentar. Papai acha que a transição será mais fácil acaso o Sr. Castille se torne seu genro. – Deu de ombros. – Faz um certo sentido.

– Para mim não, não. Querida, isso é loucura. Você sequer chama o sujeito pelo nome.

Darcy fez uma careta. – Quanto a isso, preciso de prática.

– Santo Deus. Há quanto tempo disse que o conhece?

– Eu não o conheço. Nem quero. Nós somos... sócios, e pronto. – Hesitou, depois resolveu colocar as cartas na mesa. – Mas nos encontramos pela primeira vez há dois anos.

– Dois anos? Mas foi quando...

– Sim. Exato. Na verdade, foi Joel Castille quem me impediu de ver Harry naquela noite.

– Ele é o homem que pensou que você fosse uma stripper, e mandou que a expulsassem?

Eu... eu não acredito. É impossível.

– A noiva era a sua prima, e ele tentou protegê-la. Stripper ou não, ele me considerou uma ameaça. E, aparentemente, Harry confirmou isso quando lhe contaram tudo mais tarde. Alegou que eu o perseguia.

– Filho da mãe. Você contou a verdade ao tal Castille, incluindo o que aconteceu depois?

– Não. Deixe ele pensar o que quiser.

– Darcy, as coisas não são tão simples.

– Mas não pode ser diferente. Confie em mim. Joel Castille só quer alguém para cuidar da casa. Nada mais. Bem, eu posso aguentar isso, enquanto for necessário.

– Nada mais? – Lois revirou os olhos. – Caia na real, querida. Você tem se olhado no espelho ultimamente? Você é linda, e vai dividir o mesmo teto com esse cara. Tem certeza de que ele se contentará com isso?

– Eu sei que sim.

– Ano passado, você foi minha madrinha de casamento. Sabe como isso funciona. Existem certas coisas chamadas votos. Então, quando o noivo disser “Com meu corpo eu te venero”, você responderá aos berros “Ah, não, pode esquecer”?

– Bom, não planejo dizer isso exatamente assim. Nós vamos negociar um acordo quanto às regras primeiro. E quartos separados estão no topo da minha lista.

– Então por que casar na igreja? De fato, por que casar afinal? Para bancar a anfitriã só basta constar na lista de empregados. Não precisa ser esposa dele.

– E não serei. Trata-se de um simples contrato.

– Como ele é? O tal Joel Castille. Nanico, gordo, feioso?

– Bem... Não.

– Meia-idade?

– Trinta e poucos, creio.

– Alto? Charmoso?

– Certas mulheres acham.

– Tomarei isso como um sim. Então imagine o seguinte. O pacto de vocês vai de vento em popa. Você oferece um jantar agradável. Os dois tomam algumas taças de vinho. Ele se sente bem em relação à vida... e de repente em relação a você. E você acabou de reconhecer que ele é atraente, portanto ele não é nenhum zero à esquerda. Logo, querida amiga, o que você fará se ele decidir que deseja mais do casamento? E insistir para valer?

– Ele não vai. Afinal, sou a garota que tentou sabotar o casamento da sua priminha querida.

Ele não gosta de mim. Portanto, estarei segura.

– Lembra quando você voltou naquela noite... O seu estado. Você chorava, mal podia falar, mas quando conseguiu articular algumas palavras, todas se referiam ao sujeito que insultou você. Que até a empurrou. O homem com quem planeja se casar agora.

– Eu não esqueci nada. E isso meio que me torna imune a ele... Não acha?

– Eu só sei que Mick ficou furioso. Ele iria direto até aquele clube, e tiraria satisfações, se...

– Se eu não comesse a perder o bebê, e a presença dele fosse necessária aqui – Darcy completou desolada.

Tentou bloquear tais lembranças na mente.

O choque... O susto e a dor do aborto. O jeito como Mick, na época residente em um grande hospital universitário de Londres, cuidou dela, o carinho um contraste bizarro em relação à aparência truculenta de jogador de rúgbi. A ida ao hospital, usando um nome falso, para conferir se tudo estava bem.

E depois, a necessidade angustiante de esconder a verdade da família. Uma necessidade que ainda existia. Um segredo partilhado com Mick e Lois, e mais ninguém.

– Então – prosseguiu Lois –, se o cara é tão bruto, como você pode fazer isso?

– Porque meu pai quer, Joel demonstra querer e eu não consigo pensar num bom argumento para recusar. Além do mais, não ficarei casada para sempre, só por um ano ou dois, no máximo.

– E quando o casamento terminar, eu entro para a universidade e me formo como engenheira. Meu ex-marido pagará todas as despesas segundo o acordo do divórcio, e finalmente serei livre para ter o que eu espero da vida.

Lois suspirou. – Que é um diploma de engenharia, não é? Darcy, você não precisa passar a vida toda compensando o fato de não ser um garoto.

– Não estou, juro. Então, mesmo sem aprovar, você vai ser a minha madrinha... e pedir ao Mick para ser o padrinho?

– Primeiro, prometa que esse Joel Castille não deixa você ouriçada.

De súbito, Darcy percebeu que apertava a palma da mão... A que ele beijou... com força contra a coxa. E sentiu algo vibrar, bem lá no fundo.

– Como isso seria possível?

– Então aceito por nós dois. Pressinto que você precisará de todo o apoio que puder conseguir. Mas nem um pio quanto à verdadeira identidade de Joel para o Mick. Ou não respondo pelas consequências.

Ora, isso, é algo que eu posso prometer, pensou Darcy.

O CHAMPANHE esperava no gelo quando Darcy apareceu na sala à noite, e o pai ostentava um semblante satisfeito, que desapareceu ao deparar-se com ela de calça baggy cáqui e suéter bege folgado.

– É com essa roupa que você vai jantar com o – É com essa roupa que você vai jantar com o seu noivo? – indagou ríspido.

– Comprada especialmente para a ocasião. – Darcy deu uma voltinha e viu a

carranca dele piorar.

– Você tem um armário cheio de vestidos.

Qualquer um seria mais apropriado.

– Me sinto mais confortável assim.

O pai franziu a boca e deu-lhe as costas.

Darcy mentiu, claro. Decerto, a última coisa que ela queria era mostrar-se feminina na frente de Joel Castille.

E quando a campainha tocou, bem na hora, o nó na garganta apertou.

Talvez Lois estivesse certa, pensou. Talvez ela não pudesse levar isso adiante, apesar das vantagens da situação. Nesse caso, agora era o momento de admitir isso.

Mas que motivo alegaria para a desistência repentina?

Dizer que não gostava dele era simplista. Dizer que não gostava dele era simplista demais. O pai exigiria saber o que jazia por trás da antipatia. Tampouco se arriscaria a deixá-lo exigir uma explicação do próprio Joel. Afinal o que o impediria de contar a verdade? Se ela o rejeitasse, guardar segredo não seria mais questão de honra.

Joel adentrou a sala, e deteve-se um instante, olhando para Darcy, o sorriso intrigado como se adivinhasse o que ela cogitava. E a ameaça silenciosa nos olhos azuis revelou sem equívoco: “Nem pense nisso.”

Depois, cumprimentou Gavin, e aceitou o champanhe contente.

Vestia-se de maneira mais casual, as pernas compridas enfiadas num jeans, completo por uma camisa preta de gola rulê, e um paletó xadrez preto e branco a tiracolo. Tanto a camisa quanto o paletó, lucubrou Darcy, eram de cashmere. O jeans parecia ser de uma grife exclusiva.

Quando ele se aproximou dela, Darcy ficou tensa. Porém ele só tomou-lhe a

mão, risonho.

– Novo visual, querida? Estou impressionado.

Ao perceber que ele não pretendia beijá-la, ela sentiu os joelhos vacilarem de alívio.

Em contrapartida, ele a conduziu para onde Gavin aguardava para propor um brinde.

– À felicidade – disse ele, erguendo a taça.

Posso beber a isso, pensou Darcy. Em teoria, pelo menos. Talvez um dia, eu consiga alcançá-

la. Mas não no futuro próximo.

Joel ainda segurava a sua mão, e ela tentou desvencilhar-se dele, embora sem sucesso.

– Suponho que vocês não pretendam jantar no Ritz. – Gavin tentou fazer uma piada, porém o tom de reproche tornou-se evidente.

– Conheço um restaurante muito bom – comentou Joel. – Pensei em partilharmos uma refeição tranquila esta noite para conversar e fazer planos.

– Sorriu para Darcy. – Tudo bem por você, amor?

Ela concordou com um resmungo, e o sorriso dele alargou.

– Bom, já que tenho um táxi à espera, podemos ir?

Darcy deu boa-noite ao pai e seguiu atrás dele.

JOEL PERGUNTOU.

– Então, por que a indecisão?

O restaurante estava lotado de casais, portanto o volume das conversas era moderado, quase íntimo. As mesas quedavam a uma boa distância umas das

outras, e foram enfeitadas com velas em castiçais de cerâmica, e vasos de flores frescas.

Era um lugar para namorados, ponderou Darcy. E, portanto, o que eles faziam ali?

Sentiu-se contrariada ao ver-se ladeada por Joel no assento acolchoado. Mesmo durante a silenciosa corrida de táxi, tal proximidade foi perturbadora. Agora estavam perto demais.

– Não sei do que você está falando.

– Não banque a boba. Você está pensando em renegar o nosso acordo. Por quê?

– De quantos motivos você precisa?

– Não muitos. Mas eles devem ser bons.

Nosso casamento envolve um bocado de coisas.

– Exceto “amor”. O que a maioria das pessoas considera o mais importante.

– Pensei que você preferisse os negócios ao prazer.

– Sim, prefiro. Entretanto, casar com alguém num clima de antipatia mútua não é uma situação na qual já me imaginei. E jurar votos que não pretendemos cumprir na igreja me parece errado.

—

Você

acredita

na

santidade

do

matrimônio? Não demonstrou a mesma consideração pelos votos que Harry Metcalfe estava preste a jurar à minha prima.

Ela sentiu o estômago embrulhar.

– Talvez eu sentisse que ele também não os – Talvez eu sentisse que ele também não os levava muito a sério.

– Saiba que ele está fora de questão. Não permitirei que perturbem a paz de espírito de Emma, em particular agora. Entendido?

– Sim. Entendido.

– E quanto a esse ataque súbito de escrúpulos, você não precisa se preocupar. Não a mantereí presa a mim mais do que o necessário.

– Me perdoe por não considerar isso uma grande garantia.

– Bem, estamos aqui para negociar. Que garantias você deseja?

– Eu tenho uma condição fundamental.

Você deve aceitar que, sob quaisquer circunstâncias, eu não dormirei com você.

Concorda?

– Se é o que você quer. Isso na verdade não é tão importante. Entretanto, também quero a garantia de que durante a vigência do casamento, você não dormirá com ninguém mais.

– Certo. Mas por que se importa com isso?

– Não me importaria. Mas estou investindo pesado em você, Darcy, e no seu futuro. E eu detestaria ser feito de bobo. Em todos os outros departamentos, claro, espero que se comporte como se o casamento fosse real.

– Quer dizer que vou precisar esconder os meus verdadeiros sentimentos? Isso não é fácil.

– Não espero nada menos. Se eu tiver um motivo para tocar ou beijá-la em público, você fará a gentileza de lembrar que somos recém-casados, e loucamente apaixonados, e não reagirá como se estivesse sendo atacada com um cassete elétrico.

– Meu Deus, você não é nada exigente.

– Eu poderia exigir muito mais. Mas não exigi. E a recompensa final não será digna do inconveniente de uma pequena farsa pública?

Em particular, lógico, você pode agir como quiser. E consolar-se por saber que passarei muito tempo fora a negócios. Nossos caminhos raras vezes se cruzarão.

Joel hesitou. – E agora vamos pedir a comida?

Relutante, ela espiou o menu. – Vou pedir mexilhões marinados para começar.

– Eu também. E depois, vamos dividir um filé a Chateaubriand? Dá para duas pessoas.

– Como queira. – Fitou-o. – O que é isso...

Um exercício de intimidade?

– Por que não? Só Deus sabe o quanto precisamos praticar.

Darcy imaginou uma centena de motivos, contudo era inútil citá-los.

Quando os mariscos chegaram numa única travessa, mergulhar juntos no succulento conteúdo das conchas prejudicou qualquer chance de manter distância pelo resto da noite.

Tratava-se de um curso intensivo de intimidade.

Entretanto, ele comentou que já estivera lá antes, logo, devia saber como seria ao fazer o pedido, Darcy pensou ressentida.

E por um breve e desconfortável momento, flagrou-se curiosa acerca da acompanhante dele. E sobre como a noite terminou...

Não é da minha conta, ralhou consigo mesma.

– Tome. – Joel ofereceu o maior mexilhão da travessa. – Minha contribuição à paz mundial.

– Um autêntico sacrifício. Ou espera que eu recuse?

– Seria mais do seu feitio. Mas você também pode fazer um sacrifício agora, e esquecer essa bobagem de Sr. Castille? Sinto como se eu interpretasse um papel num drama de época. Se eu passar a usar calções na altura do joelho, você será a culpada.

– Na verdade, acho que você ficaria muito bem assim. – Ela viu o seu sorriso cúmplice, e prosseguiu mais séria. – Mas, já que insiste, tentarei chamá-lo de Joel.

O nome soou esquisito nos próprios lábios.

Era melhor, deduziu, não chamá-lo de nada.

O filé a Chateaubriand chegou, servido com batatas sauté, salada, e um cabernet sauvignon chileno.

Mais tarde, contudo, ao baixar os talheres, Darcy sacudiu a cabeça ante a sugestão para a sobremesa.

– Só café, por favor.

– E conhaque?

– Não, obrigada. Mal posso crer que reste qualquer choque à minha espera.

– Pode-se beber conhaque por simples prazer. Já pensou nisso?

Não, retorquiu em silêncio, porque não quero pensar em você e em qualquer espécie de prazer no mesmo contexto.

– Quanto aos choques – continuou ele –, prepara-se para mais um. – Retirou um pequeno estojo do bolso e estendeu-o para ela, abrindo a tampa ao mesmo tempo.

O brilho esplêndido do enorme solitário quase a cegou.

Darcy olhou o anel. Engoliu em seco. – É

mesmo... necessário?

– Essencial. – A entonação soou irônica. – Não pretende calcular a consideração do seu amante pelo número de quilates?

– Você não é meu amante.

– Bobagem minha. Vivo esquecendo. Mas ninguém desconfiará disso, ainda mais com essa coisa no seu dedo. – Ele retirou o anel do estojo de cetim. – Acho que isso provará a minha sinceridade ao seu pai. Me dá a sua mão.

Darcy torceu para não caber. Para que fossem necessários ajustes, e que assim ela fosse poupada, mesmo que por um tempinho, de usar aquele símbolo sem valor.

Todavia o anel deslizou com suavidade pelo dedo até o lugar certo. E lá permaneceu, refulgindo sob a luz das velas.

– É muito bonito. Naturalmente, eu o devolverei depois.

– Ao contrário, guarde como souvenir.

Será que ele achava mesmo que ela carecia de uma lembrança tangível daquela invasão na sua vida? Será que ele não entendia que tudo o que ela precisava era ser capaz de esquecê-lo por completo?

Contudo, desde os primeiros instantes daquele encontro desastroso, tudo o que Joel fez e disse pareceu quedar gravado para sempre na sua memória.

E o instinto avisou que quanto mais tempo ela passasse com ele mais difícil seria conseguir tal proeza.

O destino, concluiu desolada, pregara-lhe uma peça cruel.

No entanto, além da promessa de nenhum envolvimento íntimo, ele alegou que no fim das contas ambos mal passariam qualquer tempo juntos. Talvez até dividissem a casa de Chelsea como bons vizinhos... Sem intromissões no território alheio.

Aliás, não se tratava de prisão perpétua.

Tudo terminaria logo que atingissem o objetivo. Era o que ela precisava manter em mente. A estrela guia naquele torvelinho de emoções.

Porém, nesse exato instante, ela sentiu o olhar ser atraído quase hipnoticamente pelo brilho ofuscante da pedra preciosa na mão esquerda.

Sem dúvida era linda. E uma declaração de intenções. Mas só.

Porque, apesar dos diamantes durarem para sempre, o casamento com Joel Castille não duraria. E tal era o seu único consolo naquele terrível pesadelo.

CAPÍTULO 6

QUANDO FOI dada a largada para os preparativos do casamento, Darcy teve a sensação de estar no caminho de uma avalanche que aos poucos ganhava velocidade e ameaçava soterrá-la.

Com relutância, anunciou o casamento iminente à tia Freddie, receando ser sujeitada a um rigoroso escrutínio, mas, para a sua surpresa, a tia simplesmente comentou: – Bem, isso explica muita coisa.

Boquiaberta, Darcy imaginou que, devido ao novo emprego, tia Freddie andava concentrada em outros assuntos, embora oferecesse ajuda para organizar a cerimônia, o que foi um alívio.

Ela se esforçava para evitar a companhia de Joel sem levantar suspeitas, passando tanto tempo quanto possível em Kings Whitnall.

Não que ele esboçasse qualquer tentativa de encontrá-la a sós, desde a noite em que colocou aquele solitário fabuloso no seu dedo.

Quando o jantar acabou, ele a levou para casa de táxi, e lhe desejou boa-noite. Sem beijo na mão, ou qualquer outro. De fato, nada de intimidades, pelo bem das aparências, quando estavam juntos. Ou, ainda não.

Ele era invariavelmente gentil, quase encantador, reconheceu contrariada, porém, apesar de Gavin, com certo tato, dar uma desculpa para deixá-los sozinhos no final da noite, o noivo indesejável demonstrou pouquíssima vontade de iniciar qualquer aproximação física.

Todavia, ela tinha consciência, mesmo assim, de uma tênue vertigem. Ele comentou que a desejava, lembrou Darcy. Houve momentos inclusive quando ele a fitava, e uma energia tangível aflorava entre ambos.

Mas agora nada. E ele não proferiu nenhuma queixa, desde então, acerca das sanções que ela impôs ao futuro relacionamento.

Para Joel tratava-se apenas de mais um contrato de negócios entre tantos outros.

Ela, porém, era incapaz de tirá-lo da cabeça.

Havia ocasiões, claro, quando era obrigada a retornar a Londres, em geral ante a insistência paterna. Foi durante uma dessas visitas que Lois a levou a uma casa de noivas onde ela alugara o próprio vestido e condenou imediatamente o terninho de cetim branco com saia justa, e lapelas quase masculinas, que Darcy escolheu meio ao acaso.

– É chique – defendeu-se Darcy.

– Com uma saia com que mal se consegue andar? Você vai mancar até o altar como se as pernas estivessem grudadas uma na outra. O

que pode ser o caso. Mas você quer que o mundo saiba?

Lois entabulou um breve diálogo com a vendedora, após o que Darcy flagrou-se num modelo encantador em seda amarrotada e tafetá.

– Se você vai teimar em cometer essa loucura – cochichou Lois no provador –, então faça tudo direito. Seja a noiva romântica, etérea que no fundo todo homem deseja.

– Não Joel – Darcy redarguiu fria. – Não creio que etérea faça muito o estilo dele. – Virou-se para a embasbacada vendedora. – Você tem alguma coisa que pareça um projeto de represa em Serra Leoa?

– Vamos levar este – Lois intercedeu apressada quando o queixo da vendedora caiu.

Enquanto almoçavam, ela trespassou Darcy com um olhar penetrante. – Então, quando vai apresentar o seu futuro marido aos amigos, mocinha?

– Não pensei nisso ainda.

– Então comece a pensar. Mick perguntou ontem à noite, e eu não tive resposta. Já conheceu o padrinho de Joel? Ao menos sabe quem é?

– Bem... Não.

A amiga suspirou. – Querida, se quiser que todos saibam que tem alguma coisa esquisita nesse casamento, então você está no caminho certo.

– Bom, o que sugere? Que todos nos encontremos para um jantarzinho íntimo?

– Sinto que isso ajudaria. Evitaria apresentações constrangedoras no altar.

– Na verdade, talvez você tenha razão.

Mencionarei isso ao Joel. Acho que ele vai lá em casa hoje à noite.

– Acha? Darcy... Isso explica tudo.

DARCY COMEU em silêncio, alheia à animada conversa de negócios entre Joel e o pai.

Quando o jantar acabou, Gavin fez a sua Quando o jantar acabou, Gavin fez a sua costumeira retirada discreta, deixando o casal a sós.

Darcy já decorara o roteiro. Alguns minutos embaraçosos transcorreriam, depois Joel espiaria o relógio, elogiaria a noite agradável, e sairia.

Porém desta vez, quando ele levantou, ela também ficou de pé.

– Pode me dar alguns instantes, por favor? – A voz dela soou esganiçada. – Acho que deveríamos conversar.

– Isso parece assustador – gracejou ele. – Pretende me dizer que mudou de ideia?

– Não. Ainda estou pronta a ir até o fim, se você estiver.

– Ah, prontíssimo. Então, quanto tempo precisarei dedicar a esta reunião improvisada?

– Como assim?

– Deixo o chofer esperando? Ou digo para ele voltar de manhã, talvez?

– Não seja besta.

Joel deu de ombros. – Você nunca quis ficar sozinha comigo antes. E eu ainda posso sonhar.

– Voltou a sentar no canto do sofá. – Então, o que tem a me dizer?

Ela ensaiou a tarde inteira, porém, isso pouco facilitou a atuação. E a atitude dele não ajudava, pensou ressentida.

Acomodou-se numa poltrona, a uma distância segura. – Existem inúmeros detalhes práticos que precisamos discutir.

– Tais como?

– Bem, os convites chegaram da gráfica, mas ainda não sei que nomes você

quer na lista de convidados. Seus pais, por exemplo. Você nunca falou deles.

– Você nunca perguntou. Mas não precisa se preocupar. Ambos morreram há muitos anos.

– Oh. Bem... Eu lamento.

– Por quê? Afinal, você não os conheceu.

Entretanto, a intenção foi nobre. Talvez eu devesse lembrar disso sempre pela raridade.

Sorriu para ela. – E minha tia e meu tio não comparecerão tampouco. Desde que o tio Peter se aposentou eles rodam o mundo atrás de aventuras, e agora estão na selva australiana. E

não creio que eu possa convidar Emma e Harry – acrescentou cínico. – Quanto aos demais convidados... Mandarei a minha secretária enviar um memorando para você. Mais alguma coisa?

– Bem, pedi à minha melhor amiga, Lois, para ser minha madrinha, e o marido, Mick, um dos padrinhos. Eu... eu não sei quem será o seu padrinho, mas pensei que todos devíamos...

nos conhecer.

– Você pensou?

– Não. Foi ideia da Lois. Ela e o marido andam começando a estranhar não serem apresentados a você. E o seu padrinho talvez sinta o mesmo. Em relação a mim.

– Então, por que não? Ele é um velho colega – Então, por que não? Ele é um velho colega de escola, Greg Latimer. É casado com uma garota chamada Maisie. Verei como anda a agenda dos dois, e vou sugerir algumas datas.

Você poderia fazer o mesmo com os seus amigos.

– Certo. Ótimo. Acho que é só isso. Por enquanto pelo menos.

- Percebe que talvez você acabe caindo numa enrascada?
- Um jantar num restaurante é bem inofensivo.
- Mas estaremos em público, querida.

Amantes

supostamente

apaixonados,

confrontados por dois outros casais que já passaram por tudo isso. Que se lembram da angustiante corrida até o altar.

- Nossa. Que eloquência extraordinária.
- Darcy, essa será a nossa primeira aparição pública como casal, e todos vão nos dissecar com os olhos. Não é o que eu quero. E decerto não o que combinamos – concluiu com um toque de melancolia que não escapou a Darcy.
- Como todos são velhos amigos, por que simplesmente não confessamos a verdade sobre o casamento? – Como eu já confessei à Lois, pensou culpada.
- E por que não publicar tudo num anúncio de página inteira nos tabloides também? Não, querida, vamos jogar segundo as nossas regras.

Na intimidade, eu abro mão do prazer de dormir na sua cama, e em público você age como se estivéssemos loucos de paixão.

- E isso não implica sentar a vários metros de distância de mim, parecendo um coelho flagrado pelos faróis de um carro – complementou risonho.

Houve

um

silêncio

estranhamente

palpitante. Darcy sentiu um calafrio percorrer da nuca à base da coluna quando o olhar dele encontrou o seu.

Oh, Deus, pensou ela. Afinal aconteceu. A Oh, Deus, pensou ela. Afinal aconteceu. A hora da verdade chegou, e ela não sabia ao certo como lidar com isso. Com ele...

Joel deu um tapinha no sofá. – Venha cá.

Emudecida, Darcy obedeceu, sentando-se o mais afastada possível.

– Não. Mais perto, meu anjo. À distância ideal para beijar, por favor.

– Você está brincando. Nem pense nisso.

– Por que não? Vai acontecer mais cedo ou mais tarde. E quando acontecer, prefiro que você não salte feito um sapo assustado.

– Que metáfora encantadora. Não há muito que se possa ensinar a você em termos de romance.

– E eu que pensei que romance fosse a última coisa que você queria... principalmente de mim.

Por outro lado, precisaremos desempenhar ocasionais demonstrações de afeto. O bastante para convencer o mundo de que estamos apaixonados, e até enganar nossos amigos e familiares. Combinado?

– Parece que não tenho muita escolha.

– Me diga uma coisa, querida. Você nasceu pelo único propósito de esmagar a minha autoestima? Porque está fazendo um trabalho fabuloso.

– Duvido que haverá qualquer dano permanente. Mesmo assim, não passarei as noites insone.

– O que me faz imaginar o que o faria – falou baixinho. – Enquanto isso... –

Ele se moveu lentamente, convidando Darcy a aproximar-se.

Relutante, Darcy obedeceu.

– Querida, você está tremendo. Que diabo imagina que vou fazer com você? Não é nada demais. Relaxe. Você já foi beijada.

Sim, pensou ela. Mas não muito. E nunca desde a noite quando Harry...

Agora ela percebeu que se encontrava perto de Joel o bastante para sentir o calor do seu corpo esguio. O perfume másculo da pele misturado ao almíscar sutil da colônia que ele usava.

Foram as coisas que gravara há dois anos, quando ele a tocou pela primeira vez.

Parte daquelas lembranças inescapáveis.

Ao cerrar os olhos, sentiu os lábios de Joel roçarem no seu cabelo, as têmporas, e descerem até a face, suaves como as asas de uma borboleta, enquanto os dedos acariciavam o contorno delicado da garganta.

Então, com idêntica ternura, ele beijou os cantos da sua boca constricta, e ela sentiu a palpitação dolorosa do próprio coração ao descobrir-se ansiosa...

Porém não restava nada pelo que ansiar.

Porque Joel de súbito empertigou-se. Soltando-a.

– Pronto. Foi tão ruim assim?

Ela arregalou os olhos e fitou-o, no entanto os enigmáticos olhos azuis nada revelaram.

Se fosse honesta, admitiria que aquele toque suave dos lábios dele na sua pele foi estranhamente enervante. Que a sua paciência foi surpreendente.

– Quase a mesma coisa que bater a cabeça na parede – replicou, fingindo indiferença. – Tão bom quando acaba.

- Algo me diz que sou eu quem está batendo a cabeça na parede.
- Não sei o que você esperava. Não posso evitar se não sinto... nada.
- Quer dizer que a deixo fria? Então preciso me esforçar mais, não é?

Antes que ela lograsse protestar, ele a puxou para si. Fazendo com que ela sentisse, mais uma vez, o poder do seu corpo para controlar...

Dominar.

Uma das mãos deslizou até a cascata dos cabelos, enroscando-os entre os dedos, depois ele pendeu a cabeça e colheu os lábios dela nos seus, sem esforço, silenciando as palavras trêmulas de indignação.

Os lábios de Joel continuavam carinhosos, movendo-se devagar sobre os dela, todavia a avidez que incitaram aumentava a cada segundo. Deliberadamente ele a estimulava a abrir a boca para ele, concluiu Darcy. Para explorar os segredos bem guardados, depois provocá-la mais, rumo ao perigo de uma rendição tão inusitada que seria devastadora.

Uma estranha languidez a assaltava, a tensão e o tremor começaram a arrefecer aos poucos, à medida que ela sentia a pressão abrasadora da língua dele a cindir-lhe os lábios.

Enquanto a boca de Joel continuava a acariciar a sua, ela percebeu que a pulsação do sangue nas veias acelerou. Que os seios pareciam intumescidos, os mamilos túrgidos atritados pela renda do sutiã, como se revivendo aquele primeiro toque dos dedos de Joel que conservou o poder de humilhá-la.

E, ao mesmo tempo, outras más recordações sobrelevaram-se de repente. Lembrando com veemência que ela não podia deixar isso acontecer.

Que o autocontrole devia ser mantido a todo custo.

Porque Darcy recordou-se de outra boca, úmida e voraz, deleitando-se na sua. Mãos a puxar e rasgar-lhe as vestes. A própria voz, amedrontada e abafada, implorando... Harry...

Não, por favor. Por favor, não...

A apreensão dentro do carro. A sensação de estar sufocada, incapaz de respirar direito.

Lembrou-se de tentar lutar... Esquivar-se de Harry.

E então o choque. O insulto de uma dor inconcebível quando ele estocou dentro dela sem carinho ou consideração.

E é o que fazem os homens, pensou Darcy conforme a angústia e o ódio tornaram a inundá-la. É naquilo onde todos os beijos culminam. É o que acontece quando acaba a conversa mole, e eles tomam o que desejam de qualquer maneira. Até à força.

Jurou a si mesma que jamais permitiria que isso acontecesse outra vez. Nem naquela época, nem agora.

Principalmente agora.

Ao passo que Joel abraçou-a com mais força, murmurando baixinho contra os seus lábios, ela ergueu ambas as mãos e o repeliu, empurrando-o quase com violência.

Ele afrouxou o abraço, amuado. – Qual é o problema?

– Acho que isso foi longe demais, é só.

– Que estranho. Pensei que havíamos mal começado.

– Então se enganou. Acabou. E agora, se não se importa, eu adoraria ir para a cama.

O semblante apreensivo de Joel foi substituído por um sorriso debochado. – Sério?

Minhas ambições não passavam de uma hora ou mais no tapete em frente à lareira. Mas na cama decerto seria mais confortável... e conveniente.

– Isso não foi nada engraçado.

– Não. Acho que não, na verdade. Mas também não é nenhum caso de polícia. Então, o que me pergunto é... por que um simples beijo deixa você tão nervosa?

– Fobia de ser agarrada, talvez.

– Por qualquer um, ou só por mim?

– Por qualquer um. Mas especialmente você.

– Darcy pôs-se de pé.

– Acompanho você até a porta.

Joel seguiu Darcy. – Então você não sentiu nada mesmo? Nem o menor frisson?

– Tudo o que você excitou foi a minha profunda indiferença. Boa noite, Sr. Castille.

Quando ela estendeu a mão para alcançar o pesado trinco de segurança, ele se postou ao seu lado, arrastando-a para si, enquanto uma das mãos experientes insinuou-se para dentro do suéter dela para encontrar os bicos ainda túrgidos dos seios excitados.

Tal exploração durou apenas um breve momento, porém a carícia efêmera daqueles dedos nos mamilos tesos fizeram o corpo dela contrair, numa ânsia sombria que Darcy nunca julgou possível. Em especial no próprio íntimo.

Ele sussurrou: – E você mente, Senhorita Langton. Mas e daí, se é assim que prefere jogar? E não há necessidade para pânico.

Porque não pedirei novamente.

Joel pausou, permitindo que ela assimilasse tudo. – Por outro lado, você não pode me culpar por tentar. Querendo ou não, você é muito bonita. Agora, durma bem, se conseguir.

Abriu a porta, depois deu meia-volta e olhou para Darcy, os olhos azuis como lascas de gelo.

– E o casamento continua de pé. Portanto, aceite o fato. E, se beijos são um tabu, comece a praticar alguns sorrisos pelo menos. Afinal, querida, nós seremos muito felizes.

– Já não somos?

E Joel rumou para o carro, deixando Darcy escorada na parede, as pernas bambas.

O casamento continua de pé...

Tais palavras reverberavam na cabeça ao encaminhar-se para o quarto.

Santo Deus, pensou ela. O que eu fiz?

Não pedirei novamente.

Ele falou isso também, contudo ela ousaria confiar nele agora? Esse foi o dilema que a assombrou enquanto se despia para dormir.

Aqueles beijos carinhosos foram um prelúdio para uma divertida sessão de sexo casual perto da lareira. Foi o que ele admitiu sem pudor.

Entretanto, para ela, sexo jamais poderia ser divertido ou casual.

Não enquanto permanecesse assombrada pela lembrança daqueles minutos brutais com Harry e a respectiva consequência. Os eventos que destruíram

a

sua

inocência,

e

atormetavam a sua vida, até hoje.

Porque concederam a Joel poder sobre ela. A visita à despedida de solteiro de Harry ainda era um segredo dos dois. Contudo era algo que ele poderia usar contra ela caso tentasse romper o acordo. A mera ameaça bastava.

Virou de lado, tentando acomodar a face abrasada nos travesseiros. E um olvido temporário em relação ao corpo irrequieto.

O corpo que Joel, com tamanho cinismo, excitou poucas horas atrás.

Agora ela sabia mais do que desejava acerca do perfume másculo e do gosto únicos de Joel.

Como era ficar nos braços deles. O toque íntimo das suas mãos...

Doravante ela manteria a distância.

Porque, apesar do que acabara de acontecer, eles ainda eram dois desconhecidos, e assim deveriam permanecer até o casamento terminar.

Quando, enfim, ela ficaria livre de Joel Castille. Livre dele... para sempre.

CAPÍTULO 7

EU SABIA, pensou Darcy, que a festa de noivado era má ideia.

Ela acabara de se vestir quando o pai bateu à porta para avisar que o voo no qual Joel retornava de Paris estava atrasado.

Por um instante, ela se sentiu completamente aturdida, depois deu de ombros.
– Não importa. E a maioria dos convidados vem se despedir de tia Freddie em todo o caso.

– Bem, para mim importa – Gavin resmungou irritado, e saiu.

Ele parecia cansado, pensou Darcy, e um pouquinho mais magro. Talvez transferir o poder para Joel não fosse tão fácil quanto ele esperava.

Outro motivo por que ela devia levar o casamento adiante. Acaso recuasse, haveria repercussões na diretoria da Werner Langton.

Providenciaria munição para todos aqueles que se opunham à indicação de Joel, e criaria problemas desnecessários para o pai.

Então talvez aquela fosse a melhor decisão, para a empresa, se não para ela própria, Darcy concluiu, e suspirou.

Como ela previa, o casamento iminente transformou-se no assunto mais comentado da noite.

Nunca fui o alvo de tamanho interesse, pensou com uma ligeira pontada de remorso ao exibir o anel de noivado aos olhares admirados.

– E onde está o noivo? – Todos queriam saber, lógico, ao que ela respondia sem titubear.

– Preso no trabalho, receio.

E se assim ela não ganhou o prêmio de E se assim ela não ganhou o prêmio de Hipócrita do Ano, não fazia ideia de quem o faria.

Contudo, a pressão de manter a fachada feliz de futura noiva começou a esmorecer, e alegrou-se por apanhar uma taça de champanhe e esgueirar-se para a quietude do jardim de inverno.

Só um instante, prometeu a si mesma.

Depois eu volto para cumprir o meu papel.

– Então foi aqui que você se escondeu. Eu estava procurando você.

Ela reconheceria aquela voz em qualquer lugar, e no susto o champanhe derramou, e respingou na saia do vestido de tafetá verde-escuro.

Harry Metcalfe quedava na entrada, a observá-la.

– Que diabo você faz aqui?

– Você já invadiu uma festa minha, amoreco.

Pensei em retribuir a gentileza. – Notou que ela petrificou. – Brincadeira. Estou hospedado com os meus pais, por isso eu vim, a convite deles.

Explicaram tudo ao seu velho primeiro. Ele não comentou?

– Não.

– Não faz o meu gênero, mas fiquei muito a fim de ver você de novo.

– Não partilho da mesma opinião.

– Agora não, talvez, mas você costumava viver atrás de mim... lembra?

Ela sentiu náuseas. – Não... Não lembro.

– É triste como as mulheres são volúveis. – Postou-se na frente dela, examinando-a desde a sedosa cascata de cabelos que tocava nos ombros, até as pernas esguias reveladas pelo vestido curto, o olhar demorando-se nas curvas macias dos seios, expostas pelo decote profundo.

Darcy revirou-se irrequieta. – Também notei que fui preterido pelo primo de Em, Joel. Então isso nos torna quase parentes, florzinha. Não é?

– Não que eu saiba.

– Na verdade, achei que o Joel continuaria solteiro. Que carregaria a paixão pela prima para o túmulo. E imaginei que eu devia agradecer a você por distrair a atenção dele.

– Claro, a devoção de Joel à Em nunca implicou em fidelidade eterna da parte dele – Harry acrescentou pensativo. – Ao contrário, ele é um notório especialista no departamento da cama. Portanto a sua performance deve ter melhorado muito nos dois últimos anos, lindinha. Parabéns.

Harry lançou-lhe um olhar lascivo. – Que tal me deixar ampliar o seu repertório ainda mais antes do grande dia?

– Você é nojento.

– Não. Apenas curioso. Certamente você não foi muito divertida quando a possuí. Na verdade, fiquei surpreso por você ir tão longe para me procurar depois. Mas quem sabe eu aticei a sua curiosidade também.

– Ou talvez eu quisesse que os seus amigos soubessem o canalha que você é.

– Não se iluda, doçura. A maioria deles ficaria bem mais interessada em me assistir repetindo a dose com você. Só que o querido primo Joel decidiu bancar o cavaleiro na armadura brilhante para variar.

– Preciso retornar aos convidados. Pode me dar licença, por favor?

Darcy deu um passo, só para ser agarrada.

– Eu sou um dos convidados, doçura.

Preciso de alguma diversão também.

Darcy petrificou de choque.

Então, em meio ao zumbido nos ouvidos, escutou a voz de Joel murmurar – Boa noite.

Foi libertada de pronto, e recuou depressa, aos tropeções, os olhos voltados na direção da porta, onde ele estava, carrancudo.

– Meu caro Joel – debochou Harry. – Acabei de mencionar a sua vocação para estraga prazeres, e ei-lo aqui outra vez. – Tocou de leve o queixo de Darcy. – Desculpe, boneca. Parece que a nossa reuniãozinha terá de aguardar uma ocasião mais propícia.

– Não – retorquiu Joel. – Não vai. E não se sinta constrangido a permanecer até o fim da festa. Será um prazer dar desculpas por você.

– Está me expulsando? – zombou Harry. – Mas não há necessidade para perder a calma. Só porque eu a possuí primeiro.

Darcy viu a face de Joel contrair. A violência pairou no ar, tão real que ela quase sufocou.

– Joel, não. – A voz dela embargou. – Por favor. Não...

Conforme o silêncio se estendeu, Harry passou por ele, e desapareceu.

– Qual é o problema? – Joel indagou afinal. – Você tem medo que eu estrague a carinha bonita dele?

Medo, ela repetiu muda... Sim, estava morta de medo, contudo por uma razão muito diferente.

– Não é o que você está pensando.

– Não? Quer dizer que você não escapuliu da nossa suposta festa de noivado para ficar sozinha com ele? E que não estava nos braços dele, esperando um beijo?

– Acredita mesmo que eu provoquei tudo?

– Por que não? É complicado fingir que você e Metcalfe não são um caso mal resolvido. Mas, além do fato de ser minha noiva, você esqueceu que ele tem uma esposa grávida? Ou nada importa exceto o roubo da paixão?

Paixão? – admirou-se ela.

Óbvio. Para Joel, sempre serei suspeita. A vadia mimada que persegue o homem das outras.

Sua única preocupação é assegurar que a garota que ele ama não seja traída.

A prima que preferiu outro em vez dele.

É Emma quem ele quer proteger. Não eu.

Porque apenas causo sofrimento. Eu não sinto nenhum.

– Santa Emma – falou Darcy, lutando contra a dor inesperada no seu íntimo.

– Não, eu não me esqueceria dela. – Oh, meu Deus, você é louco por ela. Harry tinha razão a respeito disso pelo menos.

– E isso é tudo o que você tem a dizer?

– Eu poderia dizer muitas coisas, mas de que adiantaria? E agora que já fui julgada e condenada de novo, talvez você permita que eu me reúna aos convidados.

Os saltos estalaram nas lajotas conforme ela rumou para a porta.

– Darcy... Espere. – Joel aproximou-se dela de repente. As mãos nos seus ombros, virando-a para encará-lo. – Se deseja que eu compreenda, por que não tenta me explicar?

Converse comigo, estou pronto para ouvir.

– Joel, você sabe que é a última pessoa para quem eu confidenciaria qualquer coisa. Agora posso voltar para a festa? Por favor?

– Logo. Mas primeiro você precisa de um – Logo. Mas primeiro você precisa de um lembrete de quem será seu marido. E que se tentar dar as suas voltinhas por aí enquanto partilhar meu nome, então sofrerá as consequências. Portanto, querida, se anda tão desesperada para ser beijada...

Ele a puxou para si, e colou a boca na dela, sem a consideração que demonstrara antes.

Dessa vez foi uma punição, e não restava nada a fazer além de suportá-la, imóvel, enquanto ele possuía seus lábios trêmulos, cindindo-os à força para que a língua se deliciasse na umidade cálida da sua boca com uma sensualidade voraz.

E que assustou-a de um modo que quase...

quase beirou a excitação.

Quedava implacavelmente agarrada a ele, o calor do corpo forte e rígido assomando através do tafetá fino do vestido como se ela estivesse nua.

Seria tão fácil render-se agora. Sucumbir à Seria tão fácil render-se agora. Sucumbir à languidez que invadiu seu corpo.

Todavia isso significaria um pedido de misericórdia, e ela não podia deixar que ele percebesse.

Logo, devia ficar aqui e encarar. Tolerar o insulto do beijo brutal que ele lhe impingia, porque não poderia arriscar-se a contrariá-lo ainda mais.

E ao suportar tudo calada, de súbito Darcy sentiu muita vontade de chorar.

Então, afinal, Joel ergueu a cabeça e fitou-a.

Os olhos azuis quase negros.

Ela continuava ofegante, contudo logrou recobrar a voz.

– Obrigada pelo aviso. – Com o punho cerrado, ela enxugou os lábios sensíveis.

Sentiu os seios esmagados dentro do tafetá justo, os bicos rosados rijos e doloridos. Havia uma profunda palpitação dentro dela também, que assustou pela intensidade.

– Agora que sei o que esperar, tomarei muito cuidado para não cometer mais erros.

– Isso... talvez seja sábio. – A voz de Joel a seguiu, crua e rascante, conforme ela se afastava. – Porque não tenho nenhuma intenção de perder você, querida, e não se esqueça disso.

DARCY DEBRUÇOU-SE na janela do quarto, contemplando o jardim desfolhado. O sol brilhava poucas horas atrás, quando ela saiu da igreja como uma mulher casada. A Sra. Joel Castille.

Mas desde então as nuvens se aglomeraram, e a chuva ameaçava cair.

Um sinal, talvez? Nas atuais circunstâncias, seria absolutamente plausível.

Lois se ofereceu para ajudá-la a trocar o vestido de noiva, contudo Darcy preferiu ficar sozinha. Não deixou de reparar no olhar ansioso da amiga ao dar-lhe as costas.

Porém sabia da preocupação de Lois, desde o encontro no restaurante na semana anterior, e seu respectivo desenlace.

Darcy temia conhecer os Latimer, os amigos mais íntimos de Joel. E o nervosismo foi exacerbado pelo fato de que, desde a festa, o contato entre ela e Joel tornara-se breve e formal.

E quando se encontraram, não houve referência a qualquer um dos eventos daquela noite, muito menos o degradante beijo à força.

Joel provavelmente esqueceu, deduziu, espumando de raiva. Mas ela não. E julgou isso perturbador.

A caminho do restaurante sentou-se ao lado dele, desejando de todo o coração ter ignorado o conselho de Lois.

Joel percebeu, claro. – Algum problema?

– Só estou imaginando o que os seus amigos vão pensar desse casamento improvisado. Eles devem saber que não é de verdade.

– Nem todos os casamentos apressados são acordos de negócios. Talvez pensem que nos conhecemos

e

nos

apaixonamos

tão

loucamente que não aguentamos esperar.

– Isso é pouco provável.

– Decerto não enquanto você der a impressão de que espera ser enforcada pela manhã.

– Ah, lamento tanto. Ser engenheiro, lógico, foi um desperdício. Você devia brilhar no palco.

– Não vou entender isso como um elogio.

Porque aposto que essa não foi a intenção.

Porém, passar anos escavando terrenos perigosos, lidando com regimes corruptos e operários teimosos me ensinou a extrair o máximo das coisas, ou ao menos a fingir que elas são melhores do que são. Se tudo sair errado esta noite, aproveite a comida.

Em outras circunstâncias, pensou Darcy, interagir com Greg e Maisie Latimer seria fácil.

Ele era alto, louro e taciturno, enquanto ela era baixa, morena e adoravelmente direta.

– Bem, você não é o que eu esperava – disse a Darcy quando ficaram sozinhas no toalete.

Darcy fechou o batom precavida. – Isso é bom ou ruim?

– Bom, acho. Sim, ótimo. Você sabe, evidente, que Joel e Emma Norton sentiam algo um pelo outro?

– Isso foi... mencionado.

– A família não queria que eles casassem, lógico, por causa dessa história de ser primo em primeiro grau. Então ela se enrolou com outro cara... Harry não sei das quantas.

– Metcalfe.

– O próprio. Joel precisou ir ao casamento dele, claro, e foi um golpe muito duro. Ele se tornou um estranho por algum tempo depois disso, e foi quando começou a trabalhar como freelancer... A viajar tanto.

O sorriso de repente refulgiu. – E como a O sorriso de repente refulgiu. – E como a companhia dele é boa demais, obrigada por trazê-lo de volta ao mundo real. Por dar-lhe um motivo para viver.

Oh, Deus, refletiu Darcy, se você soubesse.

– Creio que Joel é capaz de resolver os próprios problemas sozinho.

– Ah, acho que Joel é tão vulnerável quanto qualquer um nos assuntos do coração.

Darcy hesitou enquanto Maisie fechou a bolsa e encaminhou-se para a porta, depois indagou por impulso: – Ela é bonita, a prima de Joel?

– Bem, sim. De um estilo meio frágil.

Carente demais para o meu gosto, mas eu não sou homem. E o seu exato oposto, eu diria, portanto não delire com a ideia de que você é uma cópia para servir de prêmio de consolação.

Garanto que Joel sabia exatamente o que estava fazendo quando viu você.

Sim, Darcy concordou entristecida ao seguir Sim, Darcy concordou entristecida ao seguir a outra moça de volta ao restaurante, apostou que sim.

Claramente Joel decidiu conquistar Lois e Mick, e, a julgar pelas gargalhadas no lado deles da mesa, foi muito bem-sucedido. Exceto por um instante, quando ela notou Lois meio ressabiada.

E no final da noite, quando todos partiram em carros separados, ela puxou Darcy de lado e comentou: – Querida, você sabe mesmo o que está fazendo?

– Por que pergunta?

– Numa escala de homens perigosamente atraentes, Joel seria classificado

como letal. E é alguém que sabe o que quer, e também como conseguir. Você poderia acabar enrascada.

– Confie em mim. Vai acabar tudo bem.

Agora só restava convencer-se a acreditar.

E ei-la afinal, com a aliança de casamento de ouro maciço na mão esquerda, e todas as roupas para a nova vida bem arrumadas nas malas elegantes.

Bateram à porta, e, para sua surpresa, Joel entrou. Parou a poucos passos de distância dela, o semblante intrigado ao observá-la, imóvel diante da janela.

Ele também trocara de roupa, reparou ela, o coração disparado, e vestia calça cinza e camisa de gola aberta, e um paletó de tweed pendurado no ombro.

– Planejando pular, meu anjo?

– De modo algum. Papai jamais me perdoaria se eu estragasse as suas preciosas roseiras.

– É um problema, suponho. As pessoas estão esperando para se despedir. É hora de irmos.

– Então não devemos deixá-los esperando. – Ela abotoou o casaco cinza de lã, e apanhou as luvas e a bolsa.

Joel espiou a porta do armário, onde o vestido de noiva e o véu continuavam pendurados.

– O que vai fazer com isso?

– Mandar lavar a seco, e devolver à loja de aluguel. Lois cuidará de tudo.

– Ah. Ninguém jamais poderá acusá-la de ser sentimental, Darcy.

—

Já

serviram

ao

seu

propósito.

Sentimentalismo não se aplica.

– Mesmo assim, permita que eu diga o quanto estava incrivelmente bela na igreja hoje.

Cheguei a perder o fôlego.

Porém mal olhou para mim.

Darcy flagrou-se relembrando o nó na garganta ao vislumbrá-lo na formalidade do terno, e mais uma vez cativou-se pela força assombrosa da atração.

Contudo, durante a cerimônia ele pareceu um desconhecido, a voz mansa ao proferir as respostas esperadas, a mão fria quando era necessário tocá-la.

Felizmente, o vigário era um homem Felizmente, o vigário era um homem antiquado que não admitia o jovial coro do “beija a noiva” nas cerimônias que conduzia, e assim ela foi poupada pelo menos desse detalhe constrangedor. Não que Joel demonstrasse a menor inclinação para forçá-la a qualquer outro afago, reconheceu.

De fato, ele manteve tanta distância quanto ela desejava. Mas agora, estendia-lhe a mão.

Um toque de intimidade para convencer a plateia?

Sem querer ela obedeceu, deixando que seus dedos apertassem os dela ao descerem a escadaria até o corredor polonês de sorrisos e cumprimentos que os aguardava.

Foram imediatamente separados. Darcy desapareceu sob um dilúvio de abraços das mulheres. Joel foi cercado pelos amigos, e ela ouviu uma explosão de gargalhadas beirando a obscenidade. Adivinhou a natureza da piada, e sentiu o rubor manchar-lhe as faces.

Foi quase um alívio sair da casa e correr para o automóvel, salpicado de pétalas de rosas.

Quase, porque agora estava trancada com ele na traseira do carro rumo a Londres, e ao que se passaria por vida de casado.

Então, pensou ela, lá vamos nós. E flagrou-se especulando o que a esperava.

Mas foi incapaz de encontrar resposta.

CAPÍTULO 8

DARCY RECLINOU, tentando relaxar, mas a saia descobriu os joelhos, e instintivamente ela se pôs a ajeitá-la, percebendo que Joel observava com interesse.

– Dizem – comentou Joel – que as mulheres fazem isso não para esconder as pernas, mas que elas sejam notadas.

– Mas que absurdo “as pessoas” falam.

– Você parece um pouquinho irritada. Mas talvez porque está cansada. Cuidarei para que você possa dormir cedo.

Darcy endireitou os ombros. – Estou ótima.

Nem um pouco cansada, portanto não se preocupe, por favor.

– Isso poderia ser um problema. Porque há umas duas horas, prometi cuidar de você.

Lembro perfeitamente.

– Palavras vazias que não significam nada.

Pelo menos, não no nosso caso. Devemos nos concentrar nas outras promessas que fizemos semanas atrás, quando essa farsa ridícula começou.

– Darcy, você pretende continuar seguindo esse estilo no futuro, ou poderíamos introduzir um toque de civilidade na nossa vida conjugal?

Fazer alguma tentativa para nos darmos bem?

– Não vejo problema nenhum.

– Fico aliviado por escutar isso.

Darcy virou a cabeça para a janela. Julgou ouvi-lo suspirar, contudo não teve certeza.

Sem tardar, o movimento suave do carro, o conforto do assento acolchoado e a paisagem célere produziram um efeito soporífico, e os olhos de Darcy fecharam. Entretanto ela não dormiria de fato, preveniu-se sonolenta. Não com Joel Castille por perto.

De repente, soube que era a voz de Joel avisando: – Acorde, Darcy, estamos quase chegando.

Ela se sentou imediatamente. – Eu sei, obrigada.

– Mentirosa. Mas preciso admitir que você fica lindíssima quando não está cansada. Você até ronca bonitinho.

– Eu não dormi de verdade e eu não ronco.

– Claro que não, querida. Como preferir.

Ainda desorientada, Darcy deu uma olhada pela janela do carro. E petrificou. Porque não havia sinal do pacato quarteirão em Chelsea.

Ao contrário, o carro rumava na direção do aeroporto internacional.

– O que está acontecendo? Onde estamos?

- Acabamos de chegar em Heathrow.
- Heathrow? Você vai sair em viagem de negócios?
- De jeito nenhum. Nós voaremos para o Caribe em lua de mel.

Agora ela ficou completamente desperta.

- Você não está falando sério.
 - Óbvio que sim. Depois do casamento, o casal feliz parte para uma semana de abençoado isolamento. É a convenção.
 - Mas este não é um casamento convencional.
 - Em certos aspectos sim. E trata-se de um deles. Pensei que um pouco de sol nos faria bem. E acho que você gostará de Augustina. É uma ilha muito pequena que pertence a um empreiteiro que conheci nos Estados Unidos.
- Ele construiu um hotel lá, e espalhou uma dúzia de bangalôs pela área.
- Você se esqueceu de mencionar esse plano antes?
 - Preferi surpreender você.
 - Surpreender não é bem a palavra. Agora entendo por que precisei tirar um passaporte novo às pressas. Viagens de negócios, foi o que o papai falou.
 - Então assim será. Mas pela primeira vez, achei que o prazer poderia vir antes dos negócios.
 - E a minha bagagem? Minhas roupas de verão ficaram em Londres.
 - Seu pai mandou a Sra. Inmam colocar alguns maiôs na mala. E existem lojas no hotel.

Você pode estourar os meus cartões de crédito.

– Obrigada. Mal posso esperar.

Eu não vou conseguir, pensou desesperada.

Preciso fugir.

O terminal se encontrava lotado como sempre. Não seria impossível escapar de Joel, presumiu.

Darcy consultou o relógio. – Sobra tempo para comprar uns livros?

– Por que não espera até chegarmos à ilha?

Vendem livros no hotel.

– Quero ler durante o voo. Você quer – Quero ler durante o voo. Você quer alguma coisa? Um jornal ou uma revista?

– Não, obrigado. Por que não traz um jogo de palavras-cruzadas, também, se as coisas ficarem realmente aborrecidas?

– Boa ideia. Ou até Monopólio. Diversão não vai faltar.

Ela saiu, cuidando para não se afobar.

Quando a multidão se aglomerou, ela perdeu Joel de vista.

Justo o que ela queria. Olhou ao redor, à procura da melhor rota até o ponto de táxi.

Estava quase na saída, quando tocaram no seu ombro.

– Ainda procurando a livraria, querida? – indagou Joel. – Acho que você está indo na direção errada. E eu detestaria que você se perdesse. – Segurou a mão dela com força. – Então vamos

enfrentar

o

resto

das

formalidades, certo? Juntos? Agora?

– Por favor. Por favor não me obrigue a fazer – Por favor. Por favor não me obrigue a fazer isso.

– Estou lhe oferecendo férias ao sol, querida.

E não pretendo ir sozinho. E se você precisa mesmo ler no avião, eu trouxe alguma coisa sobre a ilha. Quando chegarmos lá você será uma especialista.

Ambos, claro, viajaram de primeira classe, e a morena bonita que era atendente da cabine serviu-lhes champanhe.

Era simpática e profissional, porém Darcy captou seu olhar invejoso. Um olhar que bradava que Darcy estava em lua de mel com o homem mais charmoso da aeronave, e que ela adoraria estar no seu lugar.

Não mais do que eu, Darcy garantiu calada.

Bebericou o champanhe, e começou a folhear as informações sobre Augustina com um aperto no coração.

Decerto parecia idílica. Um ambiente destinado à solitude romântica para os casais, e isso era a última coisa que ela queria.

– Você já mergulhou de snorkel? – indagou Joel.

– Não, nunca.

– Então Augustina será o lugar perfeito para aprender.

Soube

que

os

recifes

são

espetaculares.

– Talvez eu experimente. Qualquer hora.

Quem sabe Joel pretendesse manter a promessa afinal, disse a si mesma. Por outro lado, talvez ele imaginasse que palmeiras, e o sussurro da

arrebentação

numa

praia

enlutarada, criassem certa espécie de magia.

Nesse caso, logo ele descobriria o quanto se enganou.

Escurecia quando finalmente chegaram, cruzando a última etapa da viagem de barco.

O hotel era luxuoso, porém o ambiente era relaxado, e os funcionários atenciosos. O

próprio gerente veio cumprimentá-los.

– Sr. Castille, é um prazer revê-lo. O Sr.

– Sr. Castille, é um prazer revê-lo. O Sr.

Ferrars precisou ir a Miami, mas retornará em um dia ou dois, e mandou que eu cuidasse pessoalmente de você, e da sua adorável noiva.

Virou-se para Darcy. – Bem-vinda à Augustina, Sra. Castille. Espero que seja

a primeira de muitas visitas.

Darcy apertou a mão dele, murmurando uma gentileza.

Um sujeito risonho chamado Vince conduziu-os, junto com a bagagem, num buggy até um dos bangalôs.

Ela comentou: – Não sabia que você já tinha vindo aqui.

– Na inauguração. Um festão.

– A sua acompanhante também adorou, imagino. – Darcy falou antes de lograr se conter. Meu Deus, pensou ela, soei como se estivesse enciumada.

– Ela se divertiu. Nós dois. Quer que eu entre em detalhes?

– Não!

– Então vamos esquecer o assunto. – Pausou.

– Já chegamos.

Vince ajudou-os a descer, depois carregou a bagagem para dentro.

Darcy atravessou as portas corrediças de vidro em direção à sala de estar, que ocupava o bangalô inteiro e era confortável embora mobiliada na simplicidade das cadeiras e sofás em rattan. Um dos cantos era ocupado pela cozinha totalmente equipada. No fundo da sala, portas duplas conduziam ao corredor, onde Vince aguardava.

– Os quartos ficam aqui – disse Joel. – Um de cada lado, e são idênticos. Alguma preferência?

Ela balançou a cabeça, emudecida de alívio.

Vince passou por Darcy, radiante com o dinheiro na mão, despedindo-se animado ao sair. Logo após, ela escutou o buggy roncar, depois sumir à distância, e atinou que ela e Joel se encontravam a sós.

Os saltos estalaram no assoalho de madeira conforme dirigiu-se ao quarto da direita. A cama espaçosa era flanqueada por duas mesinhas de cabeceira, e coberta com lençóis e travesseiros de um branco ofuscante.

Um ventilador girava em silêncio no teto, e as cortinas rendadas da janela ampla agitavam-se preguiçosamente.

Após investigar melhor, Darcy descobriu um banheiro glamouroso, em azulejos brancos e dourados, com uma banheira imensa e chuveiro num boxe separado. As prateleiras sobre a pia acomodavam uma variedade de artigos de higiene caríssimos, e havia um estoque de toalhas felpudas. O robe branco pendurado atrás da porta também era atoalhado.

Bem, ei-la aqui, e pronta para aproveitar ao máximo, pensou, abrindo a mala.

A Sra. Inman se superou, admitiu irônica.

Assim como biquínis e sarongues, a governanta incluiu saias e blusas casuais, e alguns vestidos vaporosos acompanhados de bolsas e sandálias.

E também, embrulhada em tecido e amarrada com um laço, uma camisola, diáfana como uma nuvem de chiffon marfim, que ela jamais havia visto.

Virou-se e viu Joel parado na porta. Vestia calças de brim bege, de cintura baixa. Estava descalço, e o resto do corpo era bronzeado, musculoso e desnudo também.

Darcy engoliu em seco. – Adoraria se no futuro você batesse na porta.

– E eu ficaria igualmente grato se você relaxasse. Você parece uma gata em teto de zinco quente. Vim saber se gostaria de nadar.

Porque a piscina fica logo ali.

– Obrigada por avisar. – Largou a camisola como se houvesse queimado os dedos.

– Você não gostou?

- É... é muito bonita. Só não sei de onde veio.
- De mim. Um presentinho do noivo para a noiva. Afinal, um casamento é uma ocasião especial. Pensei que você gostaria de ter algo especial também para usar.
- Obrigada. Eu... não esperava... Quer dizer, receio não ter comprado nada para você.
- Tudo bem. Eu sempre durmo nu.
- Acho que é informação demais. E não, não quero nadar, obrigada.
- Ótimo. Vou acrescentar essa à lista.
- Que lista?
- De todas as atividades que você prefere não participar. Quer pedir o jantar aqui, ou subir até o hotel?
- Não estou com tanta fome assim.
- Bem, eu estou. Então, por que não combinamos logo o café da manhã?
- No que você está pensando?
- Na geladeira da cozinha. Às vezes as pessoas têm motivos para não querer ser incomodadas de manhã, embora precisem comer alguma hora. Um monte de casais em lua de mel se hospeda aqui. Portanto sempre tem presunto, ovos e outras coisas disponíveis.
- Sorriu. – Então, enquanto eu nado, por que não cozinha alguma coisa para mim, como uma boa esposa deveria?
- Nem morta.
- Eu pisaria de mansinho, querida. Ou você transformará tudo no seu próprio inferno.

Quero café, também... forte e preto. E dois ovos, bem simples. Pedir a gema para cima seria muita exigência.

Joel virou-se para sair. – E grite bem alto quando estiver pronto. Quando fico sozinho, costume não usar nada na piscina inclusive.

Não diga que não avisei.

Ela observou-o sair, mordiscando o lábio inferior. As sirenes de alarme soavam por toda parte.

Tirou a saia e o blazer, trocando-os por uma Tirou a saia e o blazer, trocando-os por uma saia azul na altura dos joelhos e uma blusa com decote V, ambas de algodão. Descartou a meia-calça também, calçando sandálias de couro.

A ideia de servir Joel não era nada atraente, porém naquelas circunstâncias ela não podia dar-se ao luxo de provocá-lo, ponderou, rumando relutante para a cozinha.

Encheu a chaleira e colocou para ferver, depois apanhou uma frigideira, aquecendo-a antes de adicionar duas fatias grossas de bacon.

Pretendia deixar que ele comesse tudo sozinho, como um tipo de protesto silencioso, entretanto conforme o bacon começou a fritar o cheiro deixou-a com água na boca, Darcy capitulou e acrescentou uma porção extra na frigideira para si.

O orgulho não permitiu que deixasse a comida queimar, apesar da tentação, assim o bacon ficou dourado, os ovos prontos e o café forte e perfumado. Balançou a cabeça satisfeita, e então gritou.

Ele apareceu imediatamente, os cabelos escuros luzidios.

– Está melhor que ótimo – comentou Joel após o primeiro bocado. – Você já tinha me contado que sabia cozinhar?

– Por que outro motivo você acha que eu saía no barco de Drew Maidstone?

– Pensei que isso se encontrasse aberto a conjecturas.

– Você já me flagrou fazendo um papelão uma vez. Não quer dizer que eu seja a galinha-mor.

– Flagrei duas vezes. Mas quem está contando? Um dia desses, você vai me explicar justo o que você vê no Metcalfe.

– Vejo o marido da sua prima. Isso basta?

– Bastaria. Se fosse verdade.

E terminaram a refeição em silêncio.

Assim que acionaram o lava-louças, restou Assim que acionaram o lava-louças, restou pouco a fazer exceto acompanhá-lo à sala.

Darcy

sentou

num

sofá,

sentindo-se

encurralada.

Seguiu-se um breve silêncio, e então: – Foi um dia e tanto – disse Joel, espreguiçando-se, o movimento enfatizando o corpo esguio.

Ocorreu a Darcy que sem a armadura do terno ele era de fato formidável, e ela sentiu a boca seca de repente. Ele sorriu. – Dormir cedo como mencionei antes parece uma boa ideia.

– Sim. – Ela fingiu um bocejo. – Talvez você tenha razão. – Levantou-se. – Pelo jeito não existem chaves por aqui. Nem fechaduras.

Como vamos trancar as portas?

– Não vamos. Não há crimes.

– Ah. Bem... boa noite.

Quando chegou ao quarto Darcy estava tão ofegante como se houvesse corrido. Uma ducha, não muito quente, seria tranquilizante, presumiu, porque sentia-se tensa, e realmente precisava dormir.

Usou um gel de banho com um sutil perfume de cravos, enxugou-se e untou a pele com a loção hidratante.

O presente de Joel era a única camisola que trouxera, portanto, contrariada, Darcy a vestiu, depois retornou ao quarto.

A cama era macia, e a recebeu como uma amiga. Cobriu-se até a cintura e permaneceu deitada contemplando o teto, pensamentos, impressões e trechos de conversa girando na sua mente. E sem proveito algum, concluiu, exceto, talvez, deixá-la mais nervosa que nunca.

Precisava parar de pensar, apagar a luz e dormir. Porque as coisas melhorariam pela manhã.

Contudo, ao tocar o interruptor, ela viu a porta abrir silenciosamente e Joel entrar no quarto.

Ele trajava um robe vermelho de seda até o meio das coxas, e nada mais. – Não diga que não avisei – falou ele, e agora o seu pior pesadelo se tornava realidade.

– O que você está fazendo aqui? Saia do meu quarto. Saia agora mesmo.

– Sem chance. Você é minha esposa, Darcy, e esta é a nossa noite de núpcias. E acho que já esperei o bastante. Você não?

CAPÍTULO 9

POR UM momento, Darcy ficou imóvel, assimilando o que ele falou. Então, protestou: – Mas você prometeu. – As palavras explodiram num lamento de agonia. – Você...

deu sua palavra de que não queria dormir comigo.

– Não vim aqui para dormir, minha adorada.

Não desta vez, pelo menos, porque não estou cansado. E nem você, imagino.

– Mas você me deixou pensar que não... Nós temos um acordo.

– Como em todos os contratos, examine as entrelinhas com atenção. Dormir juntos é um conceito ambíguo, não acha? Pode significar coisas diferentes para pessoas diferentes. E não cobre nenhuma das coisas muito prazerosas que se pode fazer acordado.

Sorriu e baixou a voz. – E agora, doçura, quero olhar para você.

Joel puxou a coberta, erguendo as sobrancelhas ao vê-la de camisola.

– Quase virginal – comentou. – E contudo nós dois sabemos que não é o caso. Então, você tira, ou tiro eu?

– Não me toque. Não ouse me tocar. Você mentiu, seu desgraçado. Você me enganou...

– Eis um atributo que temos em comum. E

você

não

foi

enganada,

Darcy,

independentemente do que diga a si mesma. Eu falei que desejei você desde a primeira vez em que a vi... Você já sabia disso, portanto não tente negar. Sempre foi uma questão de tempo, logo não finja o contrário.

– Joel. – Ela tremia. – Não faça isso. Eu imploro. Não me force. Eu... eu não suportaria.

– Não acredito na força, querida. Só numa persuasão carinhosa, talvez. Assim, para começar. – Com uma agilidade que a surpreendeu, ele arrancou a camisola e atirou-a longe.

Por um longo instante, Joel permaneceu a contemplá-la, e ela jazia imóvel... O corpo inteiro em chamas ante o primeiro homem que a viu nua. E aterrorizada pela voracidade no olhar dele.

– Você é tão bonita, Darcy. Mais linda que nos sonhos, acaso seja possível.

Ele desamarrou o cinto do robe e desvencilhou-se dele, revelando que aquela era a única veste que o cobria.

Com um grito, Darcy virou-se de costas, ciente de que era tarde demais.

Sentiu a depressão na colcha quando ele se uniu a ela na cama. A calidez do seu corpo.

Quando uma das mãos dele tocou-lhe os ombros, ela se encolheu violentamente – Não!

Ele suspirou. – Eu já expliquei as minhas intenções. Portanto, economize os protestos, doçura.

– Não se atreva a me dizer isso. Porque eu já falei que odiava sexo.

– Sim. Eu lembro.

– Então por que não entende? Aceita a minha decisão?

– Darcy. Querida, sei que um monte de garotas acha a primeira experiência sexual decepcionante, mas elas não juram votos de castidade. Isso não é um exagero?

– Pensei que você me deixaria em paz. Meu Deus, eu casei com você sob essa condição. Mas os homens nunca acreditam que a gente não quer ser

maltratada... Porque “não” significa “sim”, não é, Joel? Porque é isso o que todas nós vadias queremos.

Sentou-se na cama, ignorando os seios nus, lágrimas escorrendo pela face lívida. – Foi o que Harry ficou repetindo para mim o tempo todo enquanto me forçava, enquanto eu tentava empurrá-lo, gritando para que ele parasse porque estava me machucando muito... Mas ele... ele não...

– Darcy. Santo Deus, Darcy, de que diabo está falando? Harry Metcalfe... estuprou você?

– Estuprar? – repetiu. – Oh, não, porque estupro não existe. Só garotinhas estúpidas que mudam de ideia na hora H. Você não sabia disso? Harry sabia. Foi o que ele disse.

Joel proferiu algo obsceno baixinho, depois apanhou a caixa de lenços na mesinha de cabeceira e entregou a Darcy. Em seguida recolheu o robe do chão, jogando-o por cima dos ombros dela.

– Permita-me. – Joel apanhou os lenços, secou-lhe os olhos e o nariz como ela fosse uma criança. – Agora conte o que aconteceu.

– Eu fui a uma festa na casa de uma garota chamada Isabel, cujos pais viajaram de férias.

Eu tinha acabado de sair da escola, e não a conhecia muito bem, mas concluí que foi um grande erro assim que cheguei. Harry estava lá, e se ofereceu para me levar para casa.

Os dedos brincavam sem parar com a ponta do lençol. – Harry contou a verdade quando disse que eu era maluca por ele há anos. Tudo começou quando

eu

tinha

treze,

e

provavelmente passei a persegui-lo de um jeito infernal. Quando descobri que ele ficou noivo, senti como se a minha vida tivesse acabado.

– E agora ei-lo aqui, sendo gentil, me oferecendo uma carona. Foi como um vislumbre do paraíso. Mas não fomos direto para casa. Harry guiou para Whitnall Woods, e estacionou lá. Falou que precisava conversar com alguém. Que o noivado era um terrível engano, e que ele andava tentando rompê-lo.

Alegou que se sentia horrível, porque ela era uma garota maravilhosa, mas não para ele.

– Então Harry comentou como era estranho que às vezes a garota que realmente se quer está bem ali, debaixo do seu nariz, só que a gente fica cego demais para enxergar.

– E disse: “Darcy... perdoe-me por ser tão cego”. Senti como se todos os meus sonhos se tornassem realidade de uma só vez.

– Continue – Joel encorajou.

– Ele começou a me beijar, e foi então que tudo mudou. Eu não gostei, e não sabia por quê. Então, pedi para que me levasse para casa, e falei que poderíamos conversar de novo no dia seguinte.

– Harry argumentou que era cedo demais para tanto, e tornou a me beijar. Falou que eu tinha uma boca linda, então... Então abriu o zíper e tentou forçar a minha cabeça para baixo.

Mas eu não podia...

– Não – anuiu Joel. – E por que deveria?

– Ele riu de mim. Disse que estávamos no século XXI, e que eu devia relaxar. Que sexo oral constava no currículo de todas as colegiais.

Ele apertou meus seios, e eu mandei parar, mas ele argumentou que sabia o que eu queria de verdade. Então ele me agarrou, e rasgou minha calcinha.

Tentei gritar, mas tudo ficou escuro e sufocante, e não consegui fazer um ruído. Em seguida... aconteceu.

– E depois?

– Ele falou que eu tinha muito que aprender sobre os homens. Que não devia provocar, depois criar caso.

– Meu Deus. Quem mais sabe a respeito disso?

Darcy soluçou convulsivamente. – Ninguém.

– Por que não prestou queixa na polícia?

– Porque seria a minha palavra contra a dele, e não imaginei que acreditariam em mim. Ele era o filho do vizinho, afinal, e o que eu sentia por Harry não era nenhum segredo. Era uma piada no bairro.

– E muita gente na festa nos viu sair juntos.

De qualquer forma, ele forjou um álibi.

Alegaria que eu o encorajei, e depois o acusei por vingança porque ele não estava preparado para largar Emma.

Ela suspirou. – Além do mais, isso também implicava contar ao meu pai, e tia Freddie, e eu não suportaria. Eu não queria magoá-los tanto, ou deixar que descobrissem que menti sobre aonde fui naquela noite, porque sabia que eles não aprovariam. Suponho que eu apenas desejei apagar tudo. Esquecer a tola que eu fui...

A coisa toda.

– Então por que você apareceu no clube aquela noite? Decerto não para dizer ao Harry o canalha desgraçado que ele era.

– Não. Isso não. Eu fui lá porque descobri que estava grávida.

Joel retrucou desolado: – Oh, meu Deus. – Abraçou-a com mais força, de

modo que Darcy logrou escutar as batidas intensas do seu coração. – Por quê, Darcy? Você pensou mesmo que ele ajudaria você?

– Não. Pelo menos... Não sei. Acho que eu – Não. Pelo menos... Não sei. Acho que eu estava em choque... Sem pensar direito. Ele era o pai e eu não sabia a quem mais recorrer. Na época pareceu lógico.

– E em vez de perceber que você estava na maior encrenca, eu a tratei feito uma prostituta, e atirei você no olho da rua. – A voz dele soou amargurada. – Não é admirar que você fosse tão hostil quando nos reencontramos. Você estava coberta de razão.

– Talvez eu devesse lhe ser grata. Mais tarde naquela noite eu sofri um aborto. Com o tempo percebi que foi mais benção que desgraça.

– Eu também compreendi, quando consegui pensar melhor, que procurar Harry foi a pior coisa que eu poderia ter feito. Que eu detestaria se ele soubesse. Detestaria. Portanto, sobrou algo pelo que ser grata.

Virou-se e fitou Joel.

– E ele jamais deveria saber, Joel, prometa que não dirá nada. Acabou. Ponto final. E, em todo o caso, deve-se levar Emma em consideração.

– Não creio que Emma tenha alguma ilusão quanto ao homem que desposou. Não mais.

Porém ainda não acabou, Darcy. Não com a sequela de medo e sofrimento que você ainda tem. E para a qual eu apenas contribuí.

– Agora, talvez você entenda por que casei com você sob certas condições.

– Sim. Isso explica muito.

– Não sei por que lhe contei tudo isso.

Desculpe.

– Imagine. – Joel tirou o braço com cuidado, acomodando-a nos travesseiros.

– Afinal, eu forcei você a entrar nessa.

Ele deu um breve sorriso, afastou uma mecha de cabelos da face de Darcy, depois puxou a coberta e saiu da cama.

Darcy não deu sequer uma olhadela na direção dele ao passo que Joel se retirou do quarto. E quando se viu sozinha, exalou o que considerou um suspiro de alívio.

Contudo, sem o apoio dos braços dele, sentiu-se estranhamente exposta, embora envolta no robe de Joel.

Não que desejasse a presença dele, justificou-se apressada. Entretanto, ele a ouviu, acreditou nela, e ainda por cima foi carinhoso, nada que ela esperasse. Em especial o carinho. Mas talvez fosse apenas remorso.

E decerto era o último homem do mundo em quem ela confiaria tanto. Nem Lois ou Mick sabiam toda a verdade. Deixou que os dois pensassem que a gravidez foi um terrível acidente... resultante do consumo abusivo de vinho numa festa.

Todavia, precisava contar a Joel, concluiu.

Foi a única alternativa para eliminar a ameaça que ele representava. Para fazê-lo compreender que ela não suportaria ser possuída à força uma segunda vez. Que isso seria monstruoso.

O que ele aceitou por completo.

Darcy estremeceu, e abraçou-se à seda com mais força. Uma fragrância sutil parecia impregnada no tecido. Uma mistura de masculinidade e almíscar da colônia que ele usava. O cheiro dele, pensou. Uma essência inegavelmente sensual.

E o vislumbre efêmero da nudez de Joel, por mais indesejável, revelou um corpo magnífico, forte, esguio e musculoso.

Se chegassem a um confronto físico, ela perderia. Mas graças a Deus não chegaram a isso. Ele reconheceu a derrota e saiu.

Porém, enquanto se consolava, a porta abriu e Joel tornou a entrar. Vestia uma toalha, amarrada em torno do quadril. E trazia uma garrafa de vinho e duas taças.

Darcy recobrou a fala. – Não entendi. Pensei que você tivesse saído. Por que está aqui?

Ele brandiu a garrafa. – O hotel pensa em tudo, até no elixir para todos os males. Achei que lhe faria bem.

– Eu... estou ótima. Não preciso de nada.

– Bobagem. O que mais se bebe na lua de mel? Claro, em geral bebe-se para comemorar a consumação do casamento. Mas no nosso caso, tenho outra coisa a celebrar.

– Do que você está falando?

– De honestidade – replicou, servindo o vinho. – Você precisa admitir, doçura, foi um avanço no que jocosamente chamamos de nosso relacionamento.

Entregou-lhe uma taça, depois, a contragosto para ela, estirou-se na cama ao seu lado, apoiado no cotovelo.

Darcy estava enrolada no robe, e não conseguiria esquivar-se sem tirá-lo.

Portanto talvez fosse melhor permanecer imóvel, e resignar-se. Por enquanto.

– É esse o brinde, então? À honestidade?

– Junto com o casamento. – Joel ergueu a taça. – Seja do jeito que for.

Pareceu fácil concordar, e beber. Darcy sentiu vinho gelado, e acolheu o desafogo em goles nervosos até quase esvaziar a taça. Só para que Joel a reabastecesse.

– Chega, por favor.

– Mas não podemos desperdiçar. Além do mais, vai ajudar você a relaxar.

– Não é necessário. Já estou quase dormindo.

– Não, querida, não está. Porque falta muito para dormirmos... Nós dois, minha bela esposa.

Por um momento ela o encarou, as pupilas dilatadas. Então, com um gritinho rouco Darcy atirou o resto do vinho nele.

Joel tirou a taça da sua mão. – Que desperdício. Mas ainda sobrou um pouco para mais tarde.

– Mais tarde uma ova – protestou resoluta. – Acabei de dizer por que não quero um casamento nesse sentido.

– Sim. Eu escutei.

– Então, que parte do “não” você não – Então, que parte do “não” você não entendeu?

– Algo ruim aconteceu com você, Darcy.

Algo terrível. Mas não pode usar isso como desculpa para renegar a própria sexualidade.

Porque o seu corpo está pronto para amar e ser amado.

– Amor? Você não conhece o significado dessa palavra. Você me enoja.

– Não. Não acho que seja verdade... Não baseado em evidências recentes, pelo menos.

Não quando senti a sua reação nas raras ocasiões em que a beijei... toquei.

– Oh, Deus. Suponho que agora você vai me chamar de recalcada. Não é essa a frase romântica?

– Decerto não uma das minhas. Nem planejo machucá-la, abusar de você, ou

xingá-la.

Mostrarei que sexo pode significar prazer. Isso é tão terrível assim?

– É. Porque você sabe que eu não quero.

– Doçura, não acho que você tenha a menor ideia do que quer.

Joel suavizou a voz. – E, independentemente do que eu disse, Darcy, não estou com pressa.

Posso esperar, se necessário. Mas hoje, ao menos vamos começar.

– Então apague a luz.

– Não, obrigado. Você não gosta de escuro, lembra? Além do mais, quero olhar nos seus olhos, e que você olhe nos meus. E apesar da cor do robe criar um contraste incrível com a sua pele, você ficaria ainda mais bonita sem ele.

– Joel estendeu a mão.

Darcy cindiu os lábios em protesto, porém fechou-os, deixando as palavras no ar.

Desvencilhou-se da seda, sob os lençóis, e entregou o robe a Joel. Ao tomá-lo, Joel apanhou um pacotinho no bolso e colocou-o sobre a mesinha de cabeceira.

Ela percebeu o que era, e sentiu um calor súbito inundar a pele. Aquilo iria mesmo acontecer, pensou. Ele faria sexo com ela, e não havia nada que pudesse fazer para impedi-lo.

– Você é um canalha.

– Sou um homem que deseja fazer amor com a esposa. E todos os insultos do mundo não fazem a mínima diferença.

Quando Joel estendeu-lhe os braços, Darcy resistiu quieta, o corpo insurreto. Porém, aos poucos, tão docilmente, rendeu-se ao abraço de Joel. Portanto,

não poderia acusá-lo de usar a força, concluiu amargurada.

Deitou-se rígida e trêmula nos braços dele, sentindo o frescor da carne dele contra a sua.

Temendo o momento inevitável quando seria tocada. Possuída.

Quando ele exigisse que ela também o tocasse...

Porém, Joel não demonstrou pressa para impor seu domínio, à medida que os dedos experientes travavam o contato inicial com a sua pele, acariciando lentamente o ombro e o braço. Exatamente o mesmo movimento lânguido, repetido à exaustão, até que, apesar de tudo, Darcy sentisse o tremor amainar.

Ao mesmo tempo, os lábios dele conduziram uma delicada exploração, tocando-lhe os cabelos, as pálpebras, antes de afagar os pômulos e mergulhar até a boca.

O beijo foi suave, quase súplice, contudo ela manteve os lábios fechados, negando-lhe o néctar que ele buscava.

Joel tornou a beijá-la, a boca movendo-se com avidez sobre a dela, numa persuasão sensual.

Enfim Joel ergueu a cabeça, fitando-a intrigado.

– Não? – ele perguntou baixinho.

– Não. Acho que fui clara.

– Ah. E você pensa que vou impor alguma espécie de tortura? Não, meu bem. E isso é uma promessa.

Ele se ajoelhou ao seu lado, capturando-lhe Ele se ajoelhou ao seu lado, capturando-lhe os pulsos apesar da resistência de Darcy. E

notou a carne macia arquejar. – Agora, o que provocou isso, eu me pergunto?
– murmurou.

– Me solta. Me solta agora mesmo. – Darcy debateu-se com fúria.

– Sem chance. Mas por favor pare de se contorcer assim. Você fica incrivelmente sexy.

Todas as minhas fantasias concretizadas afinal.

– Isso não é engraçado.

– Não. E eu não estou brincando.

Curvou-se, e colocou os lábios na garganta dela, no ponto onde o pulso palpitava enlouquecido. Então, pouco a pouco, começou a descer, permitindo que a boca explorasse, sem pressa, a cavidade do pescoço, e a saliência tenra da espádua.

Darcy fechou os olhos, mordendo o lábio, tentando ignorar o calor sutil que invadiu o seu corpo inteiro.

Os lábios dele acariciaram a garganta, Os lábios dele acariciaram a garganta, demoraram-se no ponto vulnerável atrás da orelha.

Darcy ficou ofegante, e reparou que ele percebeu isso também.

Independentemente do que ele fizesse, ela deveria, de algum jeito, manter a própria dignidade, para proteger-se até o dia quando esse arremedo de casamento terminasse e ele saísse da sua vida.

Todavia, apesar de tal resolução, Joel baixou a cabeça e, pela primeira vez, ela sentiu sua boca tépida e provocante contra a maciez dos seios.

Darcy tentou dizer “não” mas não logrou emitir nenhum som. Apenas um gemido.

Joel tomou-a nas mãos, afagando as ondulações perfumadas, depois venerando-as com a boca. Capturou cada mamilo entre os lábios alternadamente, sugando os bicos rosados com delicadeza, a língua uma labareda a dançar entre ambos, provocando-os até enrijecerem numa doçura intolerável.

Quando a boca retornou até a sua, Darcy se rendeu, sabendo que era impossível resistir.

Não ao sentir o gosto da própria pele nos lábios dele.

Joel beijou-a com paixão, a língua acariciando a sua com languidez.

Então, ele deslizou o braço por baixo dela, erguendo-a de maneira que os bicos dos seios excitados roçassem nos pelos do seu peito num tormento delicioso.

Em seguida, beijou-a de novo, a boca ávida, carregando-a numa onda crescente de prazer sensual que fê-la estremecer.

A outra mão iniciou uma voluptuosa jornada pelo seu corpo, trilhando até o umbigo com as pontas dos dedos, medindo a cavidade estreita entre as ancas.

Cada toque despertou-lhe os sentidos... fez seu sangue ferver.

Mas quando a carícia atingiu a coxa, Darcy de repente ficou rígida. Foi quando as lembranças retornaram para assombrá-la...

Entretanto, tão logo percebeu a tensão no seu corpo, ele parou e recomeçou a beijá-la, a língua brincando com a dela, os dedos animando os seios, e Darcy suspirou ao render-se mais uma vez, o corpo colado ao dele.

As mãos de Joel sondaram um novo e excitante percurso pelo corpo de Darcy. E assim agora ela não resistiu quando ele apartou-lhe as coxas, e experimentou pela primeira vez o toque firme dos dedos de Joel a explorar seus recônditos mais íntimos. Evocando uma ardente reação física que ela jamais conheceu.

Darcy gritou, aprisionada entre o pânico e a vergonha, e Joel colocou a boca na dela, murmurando com carinho.

Ele buscou o botão pequenino oculto em meio às pétalas úmidas, afagando de leve com as pontas dos dedos até ela gemer de aflição.

Imediatamente as carícias se intensificaram, os dedos insistentes, fazendo

com que ela sentisse, bem no fundo, o ritmo delicioso que Joel proporcionou.

– Oh, Deus. Oh, não... Por favor...

Darcy queria que ele parasse, porque o prazer era quase insuportável.

Podia sentir a rigidez da ereção dele pressionando as suas coxas, porém, de algum modo, o medo desapareceu. O corpo tornou-se ávido pela promessa do clímax.

Como se soubesse disso, Joel tomou-lhe uma das mãos, acomodando-a em torno do membro ereto. A voz dele foi um sussurro rascante. – Me aceite, querida... Por favor.

Trêmula, ela obedeceu, guiando-o para dentro de si. Arfando ao senti-lo penetrar, preenchendo a calidez do seu corpo numa única e prazerosa estocada.

Joel começou a mover-se, num ritmo vigoroso conquanto moderado. Arremetendo dentro dela, tal qual ele fosse pura energia cósmica, e Darcy a lua que o atraía. E o ritmo dele tornou-se o dela também, os quadris erguidos para que a possessão fosse total.

Os lábios dele agora pousavam nos seios, a língua circundando os mamilos túrgidos, imitando os movimentos dos dedos em torno do seu botão secreto.

De repente, uma palpitação latejou dentro dela, de início suave, depois mais intensa, avultando até beirar a agonia. Até que ela perdeu o controle, o corpo todo convulso em espasmos de deleite.

E quando atingiu o clímax, Darcy gritou de assombro, como se a própria alma desfalecesse.

Então, ao passo que o tremor do êxtase arrefeceu, Joel acelerou o ritmo. O corpo voraz, quase desesperado. E ele rosnou num prazer enlouquecedor que beirou a selvageria.

CAPÍTULO 10

MAIS TARDE, o silêncio caiu. Darcy sentia-se exaurida. E, de súbito, beirou às lágrimas.

Ela não apenas caiu em si, ponderou desolada. Também caiu em desgraça. Porém, o que mais esperava?

Joel mexeu-se primeiro, saindo de cima dela com cuidado. Ele sorria, uma expressão exultante.

O conquistador, pensou zangada. Com seus espólios.

Para Joel, ela representava um desafio. Ela lhe disse que ele não a teria. Até explicou por quê, confessou o seu terrível segredo, todavia isso não fez diferença nenhuma.

Isso apenas deixou-o mais determinado a fazer com que ela o desejasse. Embora, afinal, tudo extrapolasse um simples anseio. Porque ele a obrigou a desejá-lo acima da razão e até da decência. Triunfalmente.

Não podia culpá-lo, claro. Ela lograria detê-

lo, mordendo, chutando e arranhando.

Não, a culpa era dos dois. Entretanto, restou a vergonha, que era só dela.

– Você está muito quieta, Sra. Castille. No que está pensando?

Sra. Castille...

– Só que, se já terminou comigo, eu gostaria que saísse. Porque eu quero dormir.

– Então durma. – Joel ainda sorria.

– Quis dizer sozinha. No meu próprio espaço. Ou você planeja me enganar quanto a isso também?

Joel se sentou, intrigado. – Querida. Você não está nos arrastando de volta para aquele acordo ridículo. Não agora. Não depois de...

– Fazer sexo com você? Era isso o que você pretendia dizer?

– Não. Não era. Mas é uma resposta interessante. E, por acaso, não escutei você reclamar, em particular nos estágios finais.

– Lógico que não. O seu desempenho foi muito bom, mas aposto que já lhe disseram isso. Muitas vezes.

– E isso é um problema? Meu passado hipotético?

– Problema algum. Você é meu marido, como acabou de demonstrar, e tem direitos que pretende exercer. E não posso contrariá-lo quanto a isso.

Ela engoliu em seco. – Mas em compensação eu gostaria de um pouco da paz e da privacidade que me prometeu. Agora.

– Meu Deus. Você está falando sério mesmo.

– Por que não estaria? Você conseguiu o que queria. Agora é a minha vez. Portanto, saia, por favor.

– Mais cedo nós brindamos à honestidade.

Então vamos admitir, certo? Nós dois fizemos o que nós dois queríamos, Darcy, e não se esqueça.

– Portanto, durma o quanto quiser, querida, enquanto puder – acrescentou enfático. – Porque eu não terminei com você, como você colocou com tanta delicadeza. Nem de longe. E

quero você quente, ansiosa e bem acordada da próxima vez que eu invadir a sua preciosa privacidade.

– Eu odeio você.

– Aposto que sim.

Ela o viu sair. Viu a porta bater. Depois, deitou-se feito um peso morto, contendo as lágrimas acres, que arderam nos olhos e queimaram a garganta.

DARCY ACORDOU na manhã seguinte com o canto dos pássaros. Permaneceu deitada um momento, desorientada, então as lembranças da noite anterior dardejaram de volta, e ela soltou um gemido de desgosto.

Pulou da cama e vestiu o roupão felpudo.

Abriu a porta de vidro, pisando nos ladrilhos de mármore, o turquesa vívido da piscina adiante.

E lá estava Joel, de bermuda cáqui, marchando de um lado para o outro, falando no celular.

– Eu sei, eu sei, querida. Eu entendo, mas não tome nenhuma atitude precipitada. – Ao se virar, deparou-se com Darcy e parou, a atenção totalmente desviada. – Preciso ir – disse, e desligou.

– Bom dia. – Joel fitou-a, e para a sua vergonha ela corou. – Está com frio?

– A Sra. Inman se esqueceu de incluir um roupão.

– Provavelmente ela é uma romântica inveterada, e pensou que seria supérfluo.

O rubor intensificou, e ela espiou o telefone O rubor intensificou, e ela espiou o telefone que ele ainda segurava. Quem era a tal “querida” e o que Joel entendeu?

Não era da sua conta, mas flagrou-se perguntando: – Problemas?

– Nada que eu não possa resolver. – Indicou a bandeja sobre a mesa. – Café?

– Ótimo. Mas pensei que eu fosse a escrava do lar por aqui.

– Depois de ontem, tenho um gênero de escravidão diferente em mente.

Darcy sentiu um aperto no coração. Eu não preciso lembrar que fiz um papelão completo.

Que se ele me tocar, meu corpo vai arder em chamas...

– Já disseram que você é um tremendo filho da mãe?

– Centenas de vezes. – Sentou-se e serviu o café. – Mas não é verdade. Meus pais eram casados. E felizes. Amor à primeira vista.

– E nunca discutiram, sem dúvida.

– Ah, às vezes saía até faísca. Eram dois indivíduos de personalidade, um choque cultural na fronteira anglo-normanda. Mas as brigas nunca duravam, e suspeito que fazer as pazes era sensacional.

– Se cresceu numa família tão maravilhosa, como pôde optar por essa farsa?

– Porque tem lá as suas compensações. Além do mais, não vai durar para sempre. Assim ainda restará tempo.

– Para quê? A garota que você quer já é comprometida.

– Podem haver outras.

Sempre haveria outras, concluiu Darcy, ressentida. – Encontrar uma boa moça, sossegar? Não enxergo você como homem de uma mulher só.

– Talvez você tenha razão. Agora me conta uma coisa. O que diabos você está tentando esconder que eu não tenha apreciado ontem?

– Lamento, mas não tenho a sua – Lamento, mas não tenho a sua naturalidade para com a nudez.

– Eu lamento, também. – Joel tornou a sorrir, malicioso.

Após um momento, ele acrescentou: – Mas decerto você tem um maiô.

– Claro.

– Então vá se trocar. Faz frio na Inglaterra, Darcy. Aqui nós temos sol e piscina. Vamos aproveitar. Pedi salada Caesar para o almoço, e reservei mesa para o jantar. Tudo bem por você?

– E você liga? Como demonstrou ontem, você faz exatamente o que quer. Com licença.

Ela retornou ao quarto, meio que esperando que ele a seguisse.

Contudo, alcançou a porta sozinha, e quando parou e olhou para trás ele estava no telefone outra vez. Nem espiou na sua direção.

Darcy encheu a banheira, tirou o roupão e mergulhou na água morna.

Precisava chegar a termos com certas coisas, antes cedo do que tarde.

Em primeiro lugar, que agora ela era a Sra.

Castille, em todos os sentidos, e acordou com o corpo um pouco dolorido. Nada demais, até um pouquinho prazeroso, para ser honesta, mas uma lembrança da dominação que ela bem poderia passar sem.

Porém Joel era um amante excitante, que sabia justo o necessário para levar uma mulher ao êxtase. Qualquer mulher. Incluindo a que ele trouxe para a inauguração do hotel.

Assim, ela não representava nada de especial, além do fato de não desejá-lo na cama após o casamento. E Joel provou que ela estava enganada.

Todavia, ela sequer foi um verdadeiro desafio. Aos olhos de Joel, ela era uma barbada desde o início, e nem mesmo a patética confissão sobre Harry fê-lo duvidar disso.

E a face contraiu igual a de uma criança E a face contraiu igual a de uma criança carente de consolo, embora certa de não haver nenhum.

ERA ASSIM que os convidados do barco de Drew Maidstone viviam, pensou Darcy, enquanto ela limpava as cabines.

Foi a melhor salada Caesar que já provou, acompanhada por uma travessa de frutas.

– Manga é fogo – comentou Darcy, lutando uma batalha perdida.

- Experimente usar uma roupa de mergulho da próxima vez – aconselhou Joel. Os olhos rumaram direto para a gota de suco que escorria pelo vale entre os seios, que ele capturou com o indicador e depois lambeu com prazer.
- Ou simplesmente coma outra manga.

O toque foi suave conquanto abrasador.

Uma pontada tão intensa de desejo que ela quase gritou.

- Um roupa de mergulho seria mais segura.
- Você não gosta de viver perigosamente?
- Acho que não. Prefiro uma vida pacata.
- Então talvez devesse reconsiderar a engenharia como carreira. Você poderia acabar em locais muito arriscados.
- Estou preparada para enfrentar o destino.

Aceita café?

- Quando você encarna a anfitriã, doçura, sinto que sou eu quem está em perigo. Mas café seria ótimo. Preciso trabalhar um pouco, e tomarei aqui mesmo.

Na hora em que o café ficou pronto, Joel quedava sentado diante do laptop. Quando ela depositou a xícara ao seu lado, ele agradeceu distraído.

Acho que fui deletada, pensou ela, a caminho do quarto para limpar os resíduos de manga.

Colocou outro biquíni e enxaguou o suco de fruta do que usava, levando-o para fora consigo.

Logo

estaria

seco,

pensou,

pendurando-o na beira da espreguiçadeira antes de deitar, de braços, suspirando ao aninhar-se nas almofadas.

A refeição e a insônia da véspera uniram-se para deixá-la sonolenta. E qual a necessidade de lutar para ficar acordada?

E Darcy fechou os olhos, divagando para longe.

Ela sonhou, lógico. Imagens espectrais, que causavam mais dor que prazer.

De repente, ela gritou e sentou, para flagrar Joel inclinado sobre si, cobrindo o sol.

Percebendo no mesmo instante que a parte de cima do biquíni estava desamarrada, e escapulindo dos seios.

Darcy agarrou-a com força. – O que você está fazendo?

– Passando óleo nas suas costas. – Joel mostrou o frasco, surpreso. – Nada demais. Ou não no momento, pelo menos. Portanto sem faniquitos, pelo amor de Deus.

– É culpa minha ficar assustada se você chega – É culpa minha ficar assustada se você chega perto de mim... me tocando... depois de ontem à noite?

– Se isso é verdade, Darcy, então a culpa é minha, toda minha.

Ele saiu, desaparecendo nos fundos da casa.

E ela observou enquanto ele se afastava, abraçando a si mesma, como se precisasse conter uma dor indescritível.

ELA EXAGEROU, ponderou Darcy.

Devia ir até ele, admitir que aquelas palavras intempestivas não eram verdadeiras. Que não era ele a quem temia, mas a si própria. Porque na noite passada ela descobriu o prazer, e isso a assustou.

Precisava contar-lhe tais coisas agora, antes que fosse tarde demais.

Deixou a parte de cima do biquíni na espreguiçadeira, e entrou no bangalô. Porém a sala estava deserta, e o laptop fechado na mesa.

Tentou o quarto, batendo na porta antes de Tentou o quarto, batendo na porta antes de entrar, contudo ele não se encontrava lá tampouco.

Darcy voltou ao seu quarto e apanhou um sarongue, prendendo-o com um nó sobre os seios. Talvez ele estivesse na praia.

Cruzou a varanda, e marchou rumo às palmeiras da orla. A areia era branca, e o mar azul-claro, salpicado de espuma prateada. Joel quedava a duzentos metros de distância, um vulto sombrio, imóvel, contemplando o horizonte.

Joel notou que ela se aproximava, mas sem adiantar-se para encontrá-la tal qual Darcy esperava.

– Eu não sabia para onde você foi.

– Eu quis caminhar. Pensar um pouco.

– E chegou a alguma conclusão?

Diga que a noite passada mudou tudo. Que você entendeu que precisa de mim. Que deseja um casamento de verdade. Por favor, Joel, diga...

– Ora, sim. Concluí que tratei você com um egoísmo brutal.

O calor era escaldante, todavia o sorriso dele era puro gelo. – E nada justificaria a minha atitude. Possuí você porque a desejava. Simples assim, e um bocado injusto.

– Mas agora acabou. Porque as nossas vidas seguirão rumos muito diferentes, Darcy, e isso é tudo o que importa. Esqueci disso, e lamento.

Joel espiou ao redor. – Trazer você para cá foi um erro. Eu pensei que, bem, você sabe o que eu pensei. Talvez devêssemos abreviar a estadia.

Ir para outro lugar, para um hotel maior.

Talvez hotéis separados.

Era agora, ou nunca, o momento de abraçá-

lo, e falar... Mas não é isso o que eu quero.

Embora houvesse a possibilidade dele recuar.

– Eu desejava você – afirmou ele. No passado. Traduzido a grosso modo, já vi esse filme antes. Obrigado, mas não, obrigado.

Seria essa a verdadeira mensagem? Que ela não devia levar aquele encontro sexual muito a sério, porque não tinha um lugar no futuro dele?

Sou eu quem deve recuar, decidiu angustiada.

– É lindo aqui. Parece bobagem sair, quando podemos apagar tudo. Certo?

Ele

anuiu

relutante,

todavia

Darcy

antecipou-se, evocando um sorriso sabe lá de onde. – Jantar no hotel hoje merece um vestido e todas as joias que eu conseguir usar?

– Vá em frente. Verei você mais tarde.

E eu verei você, pensou Darcy quando ele lhe deu as costas. Em toda parte,

pelo resto da minha vida.

CAPÍTULO 11

O VESTIDO era um dos seus favoritos. De tecido verde acetinado, com um belo corte enviesado, de modo que o corpo parecesse um salgueiro ao vento. Para completar, tinha um decote generoso e batia na altura dos joelhos.

As sandálias eram de salto alto, e o cabelo cascadeava até os ombros.

Ela foi discreta no departamento das joias, entretanto. Fora os anéis, colocou brincos de prata, e uma pulseira que comprara numa feira de antiguidades.

E só ela sabia que tudo isso era para Joel, e só ele. Seu segredo. Seu problema. E talvez, ao vê-

la, ele sentisse um breve instante de remorso.

Ou não, admitiu com um suspiro. Talvez a curiosidade

sexual

estivesse

plenamente

satisfeita, e Joel não a considerasse digna de outra investida.

Joel esperava por ela na sala, encostado à porta e contemplando a escuridão, um copo de uísque na mão. Ele também caprichou, notou Darcy, trajado na formalidade de um black tie.

Não usava gravata, e a camisa elegante estava aberta no peito.

Virou-se ao ouvir os passos dela. – Você está de tirar o fôlego.

Por um segundo, Darcy imaginou que Joel lhe estenderia os braços, mas em vez disso ele perguntou: – Aceita um drinque?

- Não, obrigada, vou esperar até chegarmos ao hotel.
- Você é sensata por esperar. Embora a especialidade daqui seja um coquetel mortífero que Bob Ferrars chama de Barracuda. Não se deixe enganar pelo suco de frutas.
- Vou tentar não levar uma mordida.
- Pode andar com esses saltos, ou devo pedir a Vince para nos apanhar?
- Posso andar. E dançar também.
- Aposto que sim. – Mas não comigo. Ela captou a mensagem alto e claro.

Ele tinha razão, pensou Darcy. Mover-se ao sabor da música nos braços dele talvez se provasse uma lembrança demasiado poderosa dos ritmos ancestrais que Joel lhe ensinara na véspera.

E uma perda de tempo.

Portanto, caminhou desanimada ao lado de Joel na escuridão, galgando a senda estreita de arbustos floridos, cautelosa para sequer encostar nele.

E infinitamente grata quando as luzes do hotel enfim despontaram.

Todas as portas envidraçadas do térreo foram escancaradas, permitindo que as mesas transbordassem pelo piso de mármore em torno da piscina. O burburinho e o riso enchiam o ar.

Por um instante, os passos de Darcy vacilaram. Ela sentiu vergonha de repente, como se todos os outros hóspedes soubessem que era uma fraude, uma esposa de araque. E

isso era ridículo.

- Qual é o problema? – indagou Joel.
- Eu não esperava tanta gente. O bangalô é tão sossegado.

– Daí a minha preferência. Mas verá que os nativos são amistosos. Muito mais que a diretoria da Werner Langton. Que você enfrenta com louvor. – Apontou a sacada do primeiro andar. – Temos uma mesa lá em cima.

Você é corajosa o suficiente para encarar um Barracuda antes?

– Por que não?

Ele a conduziu através do salão lotado até o bar. Darcy empoleirou-se num banco, e Joel encostou-se ao balcão. Os drinques chegaram em abacaxis ociosos. Darcy tomou um gole resabiado de canudinho, e comentou: – Meu Deus, isso é um terremoto fora da escala Richter.

– Não deixa pedra sobre pedra. Mas vá com calma. Porque se o pior acontecer, não a carregarei para casa. Você vai ficar onde cair. – Pausou. – Frutos do mar são especialidade da casa. Que tal lagosta?

– Eu adoraria.

– Então é o que teremos. Grelhada, com arroz à Mariella, uma invenção da esposa de Bob.

O gerente encaminhou-se na direção de ambos.

– Lamento importuná-los – desculpou-se. – Mas o Sr. Castille é chamado ao telefone. É

urgente, creio.

– Eu atendo – replicou Joel. E olhou para Darcy. – Você ficará bem?

– Ótima – retrucou meio animada demais. – Ótima – retrucou meio animada demais. – Se eu não estiver aqui quando você voltar, apenas dê uma espiada debaixo do banco.

Ela o viu se afastar. Os olhares furtivos que atraiu, em particular das mulheres. Precisava se acostumar com isso.

Tomou outro gole da bebida, tentando não especular sobre quem telefonou.

Acho que temporariamente preciso me tornar cega e surda, ponderou.

– Darcy, minha pérola. Que diabos está fazendo aqui?

Ela reconheceria aquela voz melosa em qualquer lugar.

– Drew. Que surpresa.

– Surpresa é pouco. – Drew Maidstone vestia um blazer de linho, e os longos cabelos louros penteados para trás com o esmero habitual. Ele se voltou para o sujeito de cara vermelha que o acompanhava. – Ted... Apresento-lhe Darcy Langton. Ela e eu somos conhecidos de longa data.

– Nem tanto assim – redarguiu Darcy. – Acaso se lembre, passei pouquíssimo tempo prisioneira no seu barco por um salário de fome.

– Bem, você não parece faminta agora. Até muito desejável, aliás. Foi por isso que me abandonou?

Dinheiro?

Devia

ter

me

perguntado, docinho. Apelado para uma abordagem mais pessoal.

– Nunca passei tanta fome assim. O que o traz à Augustina?

– Soube que Bob Ferrars planejava construir algumas casas do outro lado da ilha. Pensei em visitar o local e conversar, mas ele infelizmente viajou.

Drew espiou em volta. – Está trabalhando aqui agora? É uma espécie de recepcionista?

– Não – respondeu Joel. – Ela é minha esposa.

Ele pareceu surgir do nada. Agora postava-se atrás de Darcy, as mãos pousadas nos ombros dela.

– Sério? Ora, Joel Castille, não é? Nos conhecemos há alguns anos em Paris, quando eu negocieei aquele terreno.

– Sim – concordou Joel. – É verdade.

– E agora está casado com a menininha de Gavin Langton. Bem, parabéns, garotão. Ela é uma moça incrível. – O sorriso foi malicioso. – Sempre me lembrou um gato selvagem.

Contudo, espero que você consiga domesticá-

la.

– Não. E eu nem tentaria. Precisamos ir para a nossa mesa, querida, ou o champanhe vai esquentar.

– Estamos sentados bem ali. Tomem um drinque com a gente – convidou Drew. – Ted e eu ficaríamos encantados. E Darcy e eu temos que colocar os assuntos em dia.

– Mesmo? – indagou Darcy. – Não consigo – Mesmo? – indagou Darcy. – Não consigo imaginar por quê. E nós precisamos ir. Tenham uma boa noite.

– Ora – exclamou Joel, ao sentarem-se na beira da sacada. – Que agradável surpresa. É

sempre bom encontrar os amigos.

– Se isso acontecer, eu informo você. Porque Drew Maidstone não se inclui nessa categoria.

– Espiou o balde de gelo. – Você pediu champanhe mesmo. Não era piada. Então, a que brindaremos hoje? À honestidade absoluta?

– Pensei na amizade. Talvez.

– Boa ideia. Nunca se tem amigos demais.

Não quero ser sua amiga, Darcy quis berrar.

Quero ser muito mais.

Quero o seu amor.

Aconteceu, admitiu incrédula. Ela se apaixonou por Joel Castille. Não só isso. Ela o amava.

– Você está bem? – Joel a observava. – – Você está bem? – Joel a observava.

– Porque você parece no mundo da lua.

– Só apreciando a paisagem.

Em outras circunstâncias, seria um jantar fabuloso. A lagosta estava divina, e o arroz ligeiramente picante, com uma mistura de legumes exóticos, foi a guarnição ideal.

De forma alguma foi um jantar silencioso.

Porém, concluiu Darcy, ambos conversaram feito simpáticos desconhecidos, em vez de um casal em lua de mel, cujos corpos atingiram o êxtase juntos 24 horas atrás.

Joel relatou sobre os reveses de início da carreira com um humor cáustico, e ela descreveu algumas das famílias infernais para as quais trabalhou como babá.

Ao menos um fez o outro rir, pensou ela.

A música era executada por um quarteto, posicionado num pequeno palco. Tocavam jazz e blues, além de ritmos caribenhos, e o espaço reservado para a dança permanecia lotado.

Nenhum

casal

aparentava

dançar

a

centímetros sequer de distância, provando que Augustina era mesmo um recanto para os enamorados.

Provando inclusive porque Joel não a convidou para dançar.

Preciso ficar sozinha um pouco, resolveu Darcy.

– As lojas que você mencionou – disse ela. – Ainda estão abertas?

– Lógico. Este é o horário de pico. Pretende incrementar o seu guarda-roupa?

– Não. Só achar algo para ler.

Quando Joel ergueu as sobrancelhas desconfiado, ela acrescentou: – Agora é verdade.

– Nunca duvidei disso. É impossível escapar daqui.

Ele apanhou algumas cédulas na carteira e entregou-as a Darcy. – É o bastante?

– É um exagero. Não leio tão depressa assim.

O shopping ficava no térreo, depois de um lance de escada. Darcy ignorou as boutiques glamourosas com roupas de grife e o brilho das joalherias, e foi direto à livraria. Que ostentava uma excelente coleção de ficção e não ficção.

Darcy escolheu dois romances na lista dos mais vendidos, e duas biografias elogiadas pela crítica inglesa.

Na volta para o restaurante, um reflexo azul-turquesa cativou a sua atenção, e demorou-se ali um momento.

Era um caftan de seda, o decote acentuado, ornamentado por uma fileira de botões de cetim dourado presos por laços da mesma cor.

Nas duas abas havia uma profusão caótica de flores e folhas num rebuscado bordado em ouro até a bainha da saia, cuja fenda subia até a coxa.

Uma extravagância sensual.

– Planeja comprar? – indagou Drew Maidstone.

Darcy virou-se sobressaltada. – De jeito nenhum. Acabei de ver o preço na etiqueta.

– Ficaria perfeito em você. Por que não pede àquele seu marido ciumento para comprar?

Faça-o pagar pelos seus favores.

– Joel não é ciumento. Não tem motivo para tanto.

—

Superprotetor,

então.

Talvez

nos

encontremos mais tarde... para dançar, em nome dos velhos tempos. Vejamos como ele reage.

– Pode esquecer. Porque a resposta é não.

– Engraçado. Jamais pensei que ele fosse um sujeito casadoiro, ou que você fosse o tipo dele.

A vida é cheia de surpresas. – E saiu perambulante.

Darcy não confiava nele, e sabia que havia uma grande possibilidade de que Drew aparecesse na mesa, fazendo insinuações maldosas sobre a ligação deles no passado.

Quando retornou, a mesa estava vazia.

Quando retornou, a mesa estava vazia.

Olhou em volta e viu Joel, debruçado na sacada.

– Você demorou.

Ela ergueu a sacola de compras. – Me atrapalhei escolhendo.

– Fico feliz por você. Vou tomar um brandy.

Quer me acompanhar?

– Não, obrigada. Na verdade, mal posso esperar para começar a ler. Você se importaria se eu voltasse para o bangalô agora?

– De maneira alguma. Mas eu vou junto.

– Não precisa. Fique... Aproveite o resto da noite.

– Você não vai zanzar por aí sozinha no escuro. Se não deseja a minha companhia, então Vince a levará no buggy. Combinado?

– Como se eu tivesse escolha.

Para garantir que seria obedecido, Joel até desceu ao saguão para despachá-la.

– Boa noite. – Darcy supôs que ele a beijaria, – Boa noite. – Darcy supôs que ele a beijaria, todavia Joel recuou. – Durma bem.

Uma vez de volta ao bangalô, ela foi direto para o quarto.

Tentou

ler,

mas

as

palavras

se

embaralhavam.

Enfim adormeceu, só para despertar alarmada quando escutou a porta da frente abrir e fechar. Sentou-se, aguardando os passos dele no corredor.

Porque decerto ele viria direto até aqui...

conferir se estava dormindo. E talvez, acaso olhasse para ele, e sorrisse, Joel ficasse com ela.

Num gesto impulsivo, Darcy pulou da cama e dirigiu-se à penteadeira, despindo a camisola.

Apanhou um pente, passando-o pelos cabelos em movimentos compassados.

Ao escutá-lo no corredor, quase perdeu o fôlego, e sentiu a pele abrasada de excitação.

Ansiedade.

Porém, Darcy ouviu a porta do quarto dele Porém, Darcy ouviu a porta do quarto dele bater.

Contemplou-se no espelho, perplexa. E

concluiu que jamais se sentiu tão solitária.

NA MANHÃ seguinte, Darcy obrigou-se a se vestir.

Não

queria

encará-lo.

Queria

permanecer no quarto, e receber a comida por baixo da porta.

Não conseguia pensar na performance da véspera sem sofrer. Não foi ridículo? Sentar-se nua na esperança de que ele entrasse, como se aquela conversa na praia não houvesse acontecido. Patético!

Encontrou Joel na varanda, de bermuda e camiseta, bebendo café e estudando um mapa da ilha.

– Bom dia. Você dormiu bem?

– Sim, obrigada. – Que mentira.

– Mandaram um bilhete para você. – Joel entregou-lhe um envelope com o logotipo do hotel e tornou a sentar.

Ela abriu, e desdobrou a folha de papel. – Senti a sua falta ontem à noite – dizia a mensagem. – Venha almoçar no barco. Drew.

Darcy quis berrar.

Ela já vira Drew em ação, jogando as pessoas umas contra as outras por diversão.

Darcy quis rasgar o maldito bilhete, entretanto isso seria dar importância demais, assim guardou-o no bolso da camisa.

E sugeriu: – Quer mais café?

– Não, obrigado. Já estou de saída. Reservei horário no barco de mergulho para esta manhã.

Gostaria de vir junto, só pelo passeio?

– Eu só atrapalharia.

– E decerto você tem outros planos. – A entonação soou delicada, no entanto não ludibriou Darcy. Ele sabia que o bilhete era um convite de Drew. O que ele ignorava é que ela preferia ser cozida em óleo fervente a aceitar.

– Aos montes.

– Bem, reserve um instante para telefonar – Bem, reserve um instante para telefonar para o seu pai durante essa roda-viva.

– Claro.

– Ótimo. Vejo você mais tarde.

– Divirta-se – e Darcy foi preparar café sem esperar resposta.

Quando ficou sozinha, rasgou o bilhete e jogou na lixeira. Pronto.

– QUERIDA. – A voz do pai soou calorosa. – Você está feliz? Joel anda tratando você bem?

– Tudo está maravilhoso – assegurou Darcy.

– E o lugar é lindo.

– Excelente... excelente. – Conversaram um pouco, entretanto Darcy notou que o pai parecia distraído. Seguiu-se uma pausa, então ele comentou: – Quero avisá-la, querida, que a partir de amanhã passarei alguns dias fora, e não poderei ser contatado.

– Certo. – Darcy ficou meio surpresa. – Negócios ou prazer?

– Apenas rotina. Entrarei em contato logo – Apenas rotina. Entrarei em contato logo que retornar.

– Ótimo. Creio que está na época de conversarmos sobre os planos para o

Natal.

– Isso pode esperar. – Outro silêncio.

Depois: – Deus a abençoe, querida. – E

desligou.

Ele soou esquisito, pensou Darcy. Ou estarei paranoica, porque a minha vida transformou-se num caos?

A manhã pareceu interminável, e, apesar de atravessar a piscina a nado várias vezes, Darcy foi incapaz de relaxar. Joel não saía da sua cabeça, e agora lamentava não ter engolido o orgulho e embarcado com ele.

Bateram à porta, e Darcy deparou-se com Vince.

Com o coração disparado de pânico, ao imaginar tanques de oxigênio vazios, tubarões, lulas gigantes, indagou: – O que aconteceu?

– Uma entrega para a senhora, madame. – – Uma entrega para a senhora, madame. – Mostrou-lhe uma caixa de presente.

– Deve ser engano... – porém ele já partira no buggy.

Darcy desamarrou o laço e abriu a tampa.

Sob a luz do sol, a seda azul do caftan reluziu ainda com maior esplendor.

Não havia cartão, mas ela sabia quem mandou. Drew sabia que ela recusaria o convite para almoçar, portanto armou-lhe uma cilada, ciente das implicações de um presente tão caro.

E foi mera sorte Joel não estar aqui para tirar as próprias conclusões, como Drew planejou.

Bem, ele ficaria desapontado. Ela enrolou o caftan e jogou no fundo da lixeira. Quase chorou enquanto isso. Era tão lindo.

CAPÍTULO 12

ELA ESTAVA controlada quando Joel retornou, sorrindo ao recebê-lo, de cerveja na mão. – Oi...

O recife era tão bom quanto você esperava?

– Melhor. – Ele despiu a roupa de mergulho, e estirou-se na espreguiçadeira ao lado dela. – Tem certeza de que não conseguirei persuadir você a tomar algumas aulas?

Se você me amasse, pensou Darcy, eu saltaria de paraquedas.

– Rumos separados, lembra? Liguei para a recepção e marquei aulas de tênis. Assim ficamos os dois entretidos. E já pedi peixe grelhado para o almoço.

– Quanta eficiência.

– Bem, preciso justificar a minha existência.

Pensei que você ficaria contente.

– Fiquei encantado! – Joel levantou, foi até a borda da piscina e mergulhou.

Qual era o problema com ele? – inquiriu calada. Ela estava dando um duro danado para se comportar. Não se jogou para cima dele, ou armou cenas terríveis, ou sequer chorou pelos cantos.

Ela não esperava elogios, mas Joel não precisava ser mal-agradecido.

Quase lamentou pelo caftan ser levado embora junto com o lixo uma hora atrás.

Eu devia ter esfregado na cara dele, pensou.

Deixá-lo ver que alguém me quer, mesmo que ele não queira. Só que isso não é verdade. Drew era apenas um encenqueiro.

Tudo o que me resta é ficar o mais longe possível dele. Jogar tênis. Cavalgar.

Aliás, ir ao centro médico e pedir ao doutor algo para me nocautear à noite. Assim esquecerei que Joel está dormindo tão perto de mim.

A SESSÃO de tênis foi quase brutal, entretanto isso alegrou Darcy. No ambulatório, queixou-se ao médico de que o calor a mantinha acordada, e recebeu um olhar aturdido junto com um limitado suprimento de pílulas para dormir.

– Não me pedem isso com muita frequência – comentou ele.

Quando retornou ao bangalô, achou Joel trabalhando no laptop. Para a sua surpresa, ele anunciou que ambos jantariam no bangalô à noite.

– Oh. Pensei que voltaríamos ao restaurante.

– Um lugar público, cheio de gente.

– É o que prefere?

– A atmosfera é maravilhosa lá. Também gostei da banda.

– Amanhã, talvez. Pensei que depois da – Amanhã, talvez. Pensei que depois da exaustão na quadra de tênis você preferiria um jantar tranquilo.

– Como você quiser. Tanto faz.

Ela acabara de tomar banho quando ele bateu à porta, avisando que lhe serviria um drinque. Darcy vestiu o roupão felpudo e saiu relutante.

Joel também vestia o robe, e ela sentiu o impacto doloroso da memória. E o arroubo intenso do desejo. Quando ele se virou, com a taça de vinho na mão, de repente parou, o semblante intrigado. – Ainda enrolada nos trapos, vejo.

Pensei

que

já

houvesse

providenciado outro.

– Não me importa – retrucou ela, as faces rubras ao se lembrar do caftã. – Isso serve perfeitamente bem. – Apanhou o vinho, agradeceu e bebericou.

– Sim. Começo a entender que sim. – Contemplou a si mesmo, a boca retorcida.

– Pensei que, como jantaremos aqui... Me sinto malvestido. Vou trocar de roupa.

Ele parecia aborrecido. Darcy apenas podia torcer para que não estivesse constrangido por flagrá-la olhando para ele com tanto desejo.

No futuro, pensou, ela precisava ser mais recatada.

Joel voltou logo, elegante na calça verde-oliva e camisa polo preta, e Darcy lucubrou se algum dia o coração não saltaria ao vê-lo.

A comida providenciou uma distração deveras necessária. Havia a terrina de peixe para começar, seguida por frango à Augustina, um prato quente e apimentado, acompanhado por batatas-doces fritas. A sobremesa era torta de coco.

– Espero que esteja com fome – disse Joel ao sentar.

Faminta, pensou ela, desesperada. Mas não por comida...

Não foi das refeições mais animadas. A Não foi das refeições mais animadas. A conversa foi no máximo esporádica, com Joel perdido em devaneios.

Entretanto, ela conseguiu comer bem, capaz de elogiar o jantar com absoluta sinceridade.

– Pensei em alugar um jipe amanhã – sugeriu ele. – Rodar a ilha, encontrar uma praia sossegada e fazer um piquenique.

– Talvez outro dia. Já tenho planos para amanhã.

– Se eles envolvem Drew Maidstone, ficará desapontada. Soube que ele foi para Antígua de tarde.

– Que pena. Eu gostaria de outra conversinha. – E de cuspir bem no olho dele.

Ela empinou o queixo. – Mas não se preocupe comigo. Não sou uma criança que precisa ser entretida.

– Lamento se causei tal impressão. Eu esperava que pudéssemos progredir um pouquinho, talvez até ficar amigos.

– A maioria das amizades são forjadas durante muitos anos. Duvido que tenhamos tempo para isso.

Darcy ficou de pé. – Porém, você tinha razão quanto ao tênis. Estou completamente arrasada, portanto dormirei cedo.

– Claro. – Joel levantou também. Os olhos azuis perambularam pelo corpo dela. – Não se importa se eu for ao hotel tomar um drinque, não é? Vou tentar fazer o mínimo possível de barulho quando voltar. Eu não gostaria de incomodá-la.

– Quanta consideração, mas por favor não se preocupe. Quando durmo, nem uma banda marcial me acordaria.

Devo ser a única noiva que toma pílulas para dormir na lua de mel, pensou Darcy.

– Boa noite – disse ela, e deu-lhe as costas.

DARCY ACORDOU tarde na manhã seguinte.

Meteu-se debaixo do chuveiro frio, depois vestiu um short e uma camiseta, prendendo o cabelo úmido com uma travessa.

A sala estava vazia, e presumiu que Joel houvesse partido em outra

exploração aos gloriosos recifes.

Caminhou

rumo

ao

hotel,

devagar,

escutando o sussurro onipresente do mar. Seria o paraíso, pensou, se...

E parou bem aí, lamentando os anseios que necessitava sufocar.

Seguia direto até a recepção, quando surpreendeu-se ao avistar Joel. Sem o traje de mergulho, e sim na cabine telefônica.

Darcy paralisou, a mente às tontas. Que telefonemas seriam tão particulares, ou tão urgentes que ele não poderia fazer no bangalô...

A menos que não desejasse que ela ouvisse.

Acaso ele olhasse em volta, a veria de imediato. Talvez pensasse que ela o seguiu, e que o espionava. E isso seria intolerável.

Darcy desceu a escada até o shopping. Não Darcy desceu a escada até o shopping. Não pretendia comprar nada, mas era um esconderijo até Joel terminar a conversa secreta.

A vitrine da boutique próxima à livraria fora renovada, porém nada se comparava à peça principal anterior.

Por impulso, entrou. – Vi um caftan azul aqui – disse à risonha vendedora que foi atendê-la. – Imaginei se você teria outros.

– Quem dera. Mas eles são absolutamente únicos, costurados à mão um a um. E a senhora que os produz não se apressa. Talvez eu não consiga outro

durante um mês. E quando conseguir, ficará pendurado na vitrine por poucas horas. Ora, eu venderia dúzias do modelo em azul.

– Era lindíssimo – lamentou Darcy, remoendo a culpa.

– Igual à moça para quem foi comprado, ao menos segundo o cavalheiro que pagou a conta.

Ele era mesmo uma coisa.

– Creia-me, ele não é tão charmoso quanto aparenta.

E Darcy foi embora, deixando a vendedora boquiaberta.

Quando retornou ao saguão, Joel não estava à vista. Mordendo o lábio, Darcy foi até o balcão.

– Gostaria de reservar um pacote de aulas de tênis – avisou ao recepcionista.

– Uma hora por dia até o fim da estadia, na conta dos Castille.

– Sra. Castille? – O homem olhou esquisito para ela. – Digamos para amanhã e no dia seguinte, já que seus planos são tão fluidos?

– Acho que não entendi.

– Lamento, Sra. Castille, mas de acordo com o seu marido, você logo retornará à Inglaterra.

– Hesitou constrangido. – Pensei que soubesse.

– Só sei que me casei com um workaholic. – Sem saber como soou calma, até divertida. – Aposto que agora ele está imaginando como dizer que precisa voltar ao escritório. Quanto ao tênis, mantereí a aula de hoje e depois resolvo o que fazer.

– Espero vê-los de novo em outra ocasião, Sra. Castille.

Decerto ele acreditava que isso aconteceria, pensou Darcy ao se afastar. Não fazia ideia de que Joel decidira abreviar o casamento de mentirinha.

Ou que ela rumaria de volta para casa numa tristeza insuportável.

Darcy deduziu que o telefonema misterioso apressou a decisão de Joel. Lembrou a conversa que escutara na primeira manhã, quando ele falava com uma mulher. Ele a chamou de “querida”, e Darcy soube logo que devia ser Emma.

A preciosa Emma.

Darcy jamais saberia, porque não lograria perguntar. Apenas aceitar. E continuar fingindo que não se importava.

Ela já detestara Joel. Talvez reaprendesse a Ela já detestara Joel. Talvez reaprendesse a fazer isso. Obrigar-se a esquecer como ele se tornou tão necessário quanto o ar que respirava.

Concluiu que não podia voltar ao bangalô, porque não conseguiria encará-lo.

Em contrapartida, encaminhou-se para o bar.

– O que posso lhe servir, madame? Cerveja?

Café?

– Não. Eu quero um Barracuda.

Era o seu dia de surpreender as pessoas, porque o queixo do barman quase caiu, todavia ele preparou o coquetel e o trouxe até ela.

Darcy respirou fundo, engoliu um pouco do drinque e sentiu o efeito. Contou até dez, e bebeu de novo.

– Não é meio cedo para isso? – brincou Joel ao sentar-se ao seu lado.

O

coração

esmurrava

violentamente,

entretanto Darcy conseguiu falar com calma. – Depende do tipo de dia que a gente precisa enfrentar.

– Bem, resta uma alternativa a ficar sentada aqui, enchendo a cara.

Acenou para o barman pedindo uma cerveja.

– Darcy, compreendi que trazê-la para cá não foi a melhor ideia que eu já tive. O clima é um pouquinho intenso demais para o nosso caso.

Sei que não fui gentil ontem à noite, mas ainda acho que devíamos escapar por algumas horas.

Ele hesitou. – O pessoal com quem mergulhei está organizando um passeio ao outro lado da ilha, nada demais, só um churrasco na praia. Eles nos convidaram para ir junto, e seria boa ideia. Você conheceria Augustina, e não ficaria sozinha comigo.

– Obrigada. Mas já tenho um encontro. Com outro Barracuda. Entretanto, nada o impede de ir.

– Se eu aparecer sozinho de novo, todos vão duvidar se tenho mesmo uma esposa.

– E não tem. Você tem um contrato, Outra das suas péssimas ideias. Mas um que você pode cancelar muito em breve. Portanto tenha um bom dia.

Por um longo momento ele a encarou como se jamais a tivesse visto, então atirou um punhado de dinheiro no balcão e saiu.

Darcy permaneceu onde estava, agitando o drinque com o canudo sem pensar, sabendo que era fisicamente incapaz de tomar outro gole. E que desejava muito chorar.

Enfim, quase dormente, caminhou de volta para o bangalô.

NÃO SE permitiu chorar, apesar de sentir-se mais solitária que nunca.

Joel, pelo jeito, tomou tudo ao pé da letra, e embarcou no passeio. Todavia, ela não podia ir junto, e bancar a esposa feliz na frente de um bando de desconhecidos.

Era noite quando ele retornou. Darcy usava Era noite quando ele retornou. Darcy usava um tubinho preto básico, e fingia ler um livro na sala, o coração apertado.

– A... a festa foi boa?

– Você devia ter ido comigo – retrucou ele. – Então descobriria. Reservei uma mesa no restaurante, presumindo que você ainda está preparada para comer na minha companhia.

Mas posso cancelar.

– Não. Não, tudo bem.

Ele anuiu e foi para o quarto, regressando logo depois usando calças creme, e com uma camiseta azul.

Caminharam em silêncio até o hotel.

– Você quer mais Barracudas?

Darcy conteve o estremecimento. – Vinho branco, por favor. Seco.

Joel pediu filé, e ela disse que queria o mesmo, porque foi mais fácil que fingir interesse pelo cardápio. E quando chegasse, ela se obrigaria a comer, resolveu. Contudo, a carne succulenta foi um problema menor do que ela esperava.

Enquanto comia, Darcy reparou que era observada por uma ruiva baixinha conquanto glamourosa na mesa vizinha, que exibia um bronzeado sublime num vestido branco pouco maior que um guardanapo, e que seus acompanhantes também se viraram para olhar para eles.

– Conhece essa gente? – perguntou a Joel, quando ele retribuiu o aceno.

– A turma com que eu estava hoje. Venha, vou apresentar você.

– Eu passo, acaso não se importe. Estou pronta para voltar ao bangalô.

– De novo? Eu queria que você ficasse. Para dançar.

Tal ideia eletrizou o coração dela. – Acho que passei tempo demais no sol hoje. Mas não permita que eu o detenha.

– Não se preocupe. Não deterá.

Observou Joel encaminhar-se para a mesa animada, e sentar ao lado da ruiva, cuja boca carnuda

agora

ostentava

um

sorriso

estonteante.

Darcy encheu o copo de água mineral, e bebeu cada gota. Quando tornou a olhar, viu Joel na pista de dança, o corpinho curvilíneo da parceira apertado contra o dele e os braços enroscados no seu pescoço.

Hora de ir, pensou ela, apanhando a bolsa.

O trajeto até o bangalô agora era familiar, e Darcy caminhou no piloto automático.

Estava aprendendo a ser realista da maneira mais dura. A aceitar que o casamento não era real, portanto Joel não era obrigado a seguir as regras normais. E que até o amor dele por Emma não o impediria de buscar consolo sexual quando necessário. Porque ele também era realista, e desfrutaria do prazer onde quer que o encontrasse. E nem sempre com a mulher que desposara por conveniência.

Saber disso era uma coisa. Vê-lo com outra nos braços era muito diferente.

A cabeça começou a doer de verdade, então ela trocou os tranquilizantes por analgésicos e foi para a cama. Contrariando todas as probabilidades, ela adormeceu de imediato, acordando num sobressalto várias horas depois.

Permaneceu deitada, contemplando o luar espalhado pelo chão, especulando o que a perturbou. Joel, talvez.

Levantou-se e, por impulso, abriu a porta do quarto de Joel e espiou lá dentro. Porém o quarto e a cama quedavam vazios.

O marido, aparentemente, passava a noite em outro lugar.

Eu pedi por isso, concluiu. Eu o deixei solto.

Sentindo-se sufocada, retornou ao próprio quarto e abriu a porta. Saiu, descalça, esperando em vão pela brisa, contudo lá fora estava tão quente quanto do lado de dentro.

O olhar divagou até a piscina reluzente com súbito anseio.

Ora, pensou ela. Por que não?

Desamarrou as alças da camisola, e deixou a veste escorregar até o chão. Em seguida escorregou para dentro da água com um ligeiro suspiro. Jamais nadara nua, e a carícia na pele abrasada foi um novo prazer.

Ela não saberia dizer quando notou que não estava mais sozinha. Apenas viu Joel imóvel na beira da piscina, o semblante absorto, a contemplá-la.

Imediatamente ela submergiu, tentando esconder-se mas sabendo que era

tarde demais.

E ao emergir, engasgada, ele ainda estaria lá.

Esperando.

Nadou devagar até a beira, e Joel ergueu-a da água como se ela fosse uma criança.

Colocando-a na frente dele, a meros centímetros de distância.

Darcy flagrou-se a fitar dentro dos olhos Darcy flagrou-se a fitar dentro dos olhos dele, sem fôlego. E incapaz de desviar o olhar.

De falar. Ou de salvar-se.

Ao contrário, as mãos cingiram o seu pescoço para puxá-lo para si. E ela escutou o próprio gemido de abandono quando os lábios dele tomaram os seus com uma voracidade que beirou a selvageria.

Darcy sentiu os lábios arderem, quase inchados quando Joel ergueu a cabeça afinal.

Por um momento, entreolharam-se aturdidos.

Depois, em silêncio, ele tomou-lhe a mão e conduziu-a para as espreguiçadeiras.

Joel se despiu rapidamente, arrancando a camiseta, as calças e a cueca. Revelando-se de modo que ela pudesse tocá-lo, pressionar os lábios na carne nua. Assim... Ah, meu amor, meu amor, assim!

As mãos de Joel por sua vez a tocavam em todas as partes, acariciando a pele úmida, colhendo os seios, deslizando pelas ancas e pela ondulação suave das nádegas. Depois abrindo as coxas para alcançar o âmago do seu prazer, os dedos afagando e provocando até que ela gritasse, a voz densa de desejo. Até que ele a silenciou com a própria boca, com deliberada sensualidade.

Sem parar de beijá-la, Joel puxou-a por cima de si, as pernas abertas. Agarrou

os quadris de Darcy com uma lentidão palpitante, até toda a sua poderosa e ardente ereção ser acolhida dentro dela.

E Darcy ofegou conforme o corpo o cingiu.

Ao experimentar pela primeira vez a intensidade devastadora de tal sensação.

– Você está bem? – O sussurro de Joel soou rouco.

– Sim. Mas tenho medo de machucar você.

– Mas não vai.

Darcy curvou-se para beijá-lo nas pálpebras, na boca, deixando a ponta da língua penetrar-lhe os lábios, provocando, testando o poder da própria sexualidade, e sentiu o impacto da reação dele.

Então, tímida de início, ela começou a mexer, escutando Joel gemer baixinho de satisfação. Como se algum novo instinto feminino lhe oferecesse um ritmo, profundo e insistente, e mostrasse como explorar a pressão lânguida dos quadris.

Como ao descobrir maravilhada que podia controlar os músculos internos do corpo, e usá-

los para apertar a rígida ereção, e usá-los para dar-lhe um alívio sensual.

As mãos dele quedavam nos seus seios, acariciando, segurando os montes delicados nas palmas ao brincar com os mamilos rijos, observando-a de olhos semicerrados.

Ela estava liberta, voando, os sentidos inebriados. E o néctar máximo se aproximava, mais e mais, contudo fora de alcance.

Ouviu a respiração torturada de Joel misturada aos próprios soluços, e então ele insinuou a mão por entre as suas coxas, para dentro da junção de ambos os corpos, em busca do píncaro úmido e pequenino, e o acariciou carinhosamente com a ponta dos dedos.

Devastando o que lhe restou de autocontrole, e a levando às alturas numa glória insonhável.

Darcy escutou a si mesma gritando de delírio, enquanto os espasmos palpitantes de prazer a abalavam. O corpo inteiro vibrou enlouquecido, prolongando o êxtase selvagem.

E sentiu, dentro de si, o calor escaldante de Joel quando ele gozou.

Quando a consciência enfim retornou, quedava prostrada sobre ele, o suor misturado ao seu. Mas quando se moveu, a vergonha voltou rastejando para atormentá-la, e, como se percebesse, os dedos de Joel capturaram seu queixo e carinhosamente guiaram sua boca até a dele.

O beijo foi doce, e os lábios dela tremiam contra os seus.

Quando se separaram, Darcy baixou a cabeça enquanto aguardava a respiração voltar ao normal. Joel recolheu a camiseta, e enrolou-a em torno dela.

– Como pode me dar tanto prazer e não querer olhar para mim? Ou que eu olhe para você? Você não sabe o quanto é bonita?

Emudecida, ela balançou a cabeça, sentindo a face queimar.

– Então continuarei provando isso, até você acreditar em mim.

Joel saltou de pé, puxando-a consigo.

– O que está fazendo?

– O que eu devia ter feito todos os dias desde que chegamos aqui. Levando você para a cama.

CAPÍTULO 13

FORAM FÉRIAS no paraíso. Tempo de aprender que a exaustão sexual não é o fim, porém um mero prelúdio para mais prazer, alimentando-se de novos apetites, novos desejos.

E Joel ensinou tais coisas com uma habilidade que a saciou, mais de uma vez, e a deixou soluçante de deleite nos seus braços.

E quando ela finalmente adormeceu, a cabeça aninhada no peito dele, flagrou-se lucubrando como sequer imaginou que não o desejava perto dela numa noite assim.

Todavia, ao abrir os olhos sonolentos, descobriu desapontada, na outra manhã gloriosa de sol, que ele não estava ao seu lado.

Revirou-se irrequieta. Ela se permitiu pensar que tudo mudou, que era um recomeço para ambos. Porém não havia nenhuma evidência concreta disso.

Ela e Joel fizeram amor. Mais precisamente, talvez, sexo. Para ele, ela devia ser apenas outro corpo feminino ansioso.

Como aquela ruiva, pensou. Presumira que Joel estivesse com ela na noite passada, contudo enganara-se. Não havia perfume de outra mulher nas roupas, portanto ele decidiu recuar, ou talvez a ruiva.

E quando voltou e me encontrou nadando nua na piscina, deduziu, fui eu quem o beijou.

Quando tornei óbvio que sou louca por ele.

Eu... estava disponível, e Joel aceitou a oferta.

Não duvido que continuará a aceitar enquanto permaneceremos casados, se eu demonstrar disposição.

Mas isso não mudou nada. Joel casou comigo pela Werner Langton, e porque não pode ter a mulher que ama.

Então, como me permiti esquecer tudo com tanta facilidade?

Porque Joel decerto não esqueceu, e é por isso que ele nunca disse “eu te amo”.

Apesar da calidez do dia, Darcy tremia. Saiu da cama, enrolada no lençol, e

foi até o pátio. A piscina que causara toda a confusão refulgia convidativa. As almofadas das espreguiçadeiras foram arrumadas, e as roupas largadas sumiram.

Tudo voltou ao lugar. E ela devia se comportar como se nada houvesse acontecido, sem deixar Joel perceber que sonhava com muito mais.

A ausência de Joel continuou a incomodar. A menos que ele se culpasse por permitir que a necessidade física traísse o próprio coração, e tivesse desaparecido para caminhar na praia.

Ela colocava o café no bule quando o telefone tocou, assustando-a, fazendo com que derramasse algumas gotas na mão.

– Droga. – Sugando a queimadura, ela agarrou o fone com a outra mão.

– Joel? – Era uma voz feminina, e soava chorosa. – Joel, preciso realmente de você. Você disse que voltaria. Eu... entreguei os papéis do divórcio, e foi horrível. Quando verei você?

Darcy ficou paralisada. Os seus piores temores se confirmaram, e ela quase gemeu de angústia.

– Joel?

Darcy recobrou a voz. Por milagre a manteve comedida. – Desculpe. Ele não está no momento. Mas eu...

Ela pretendia dizer “darei o recado”, porém seguiu-se uma pausa chocada, um soluço, e então a ligação caiu.

Se uma mulher atender, desligue, pensou Darcy amargurada ao recolocar o fone no gancho. Ela tremia tanto, que afundou no sofá, fitando o vazio.

Emma, deduziu. Emma pediu o divórcio. E

poderia casar de novo, se desejasse. E acaso o homem que ela queria também estivesse livre...

Como Joel pôde fazer isso? – indagou a si mesma. Como pôde casar comigo, sabendo que Emma planejava terminar o casamento tão cedo? Casar e ser tão cínico a ponto de fazer amor comigo?

Queria tanto assim o cargo de papai na Werner Langton para fazer qualquer sacrifício?

E, na noite de núpcias, ele falou de honestidade...

Cobriu o rosto com as mãos, e assim permaneceu por um longo tempo. Mas, afinal, conseguiu recuperar-se. Não contaria sobre o telefonema. A julgar pela reação da moça ao perceber que falava com a esposa do amante, ela quebrou certa espécie de protocolo, e não gostaria de admitir isso para Joel.

E logo que ele retornasse, ela avisaria que voltaria para casa o mais depressa possível. E

antes que ele lhe dissesse a mesma coisa.

Um exercício de dignidade, pensou desolada, que de nada adiantaria para calar a humilhação no seu íntimo. A noção da tola ingênua que ela foi.

E enfim, jamais permitiria que Joel se aproximasse dela, ou a tocasse outra vez.

Todavia, quando escutou os passos dele cruzando a varanda poucos minutos depois, a coragem quase lhe faltou. Obrigou-se a levantar, cerrando os punhos.

A aparência dele era péssima. Estava pálido apesar do bronzado, e a boca mostrava-se tensa.

– Joel preciso dizer uma coisa.

– Então isso vai ter que esperar. Porque preciso voar de volta para a Grã-Bretanha hoje, o que não nos deixa muito tempo para fazer as malas e sair.

– Eu sei. Alguém... ligou.

Ele xingou a plenos pulmões. – E eu dei Ele xingou a plenos pulmões. – E eu dei ordens estritas para que não transferissem nenhuma... Até eu ter a chance de falar com você.

Joel pausou. – Bob e Mariella voltaram ontem, e o helicóptero deles nos levará ao aeroporto. Ele conseguiu lugares, só Deus sabe como, no voo desta noite. Suponho que tenha explicado que se tratava de uma emergência.

– Céus. Até onde ele não iria numa crise de verdade.

– Uma crise de verdade? Você não considera o fato do seu pai estar internado numa unidade de tratamento intensivo uma crise de verdade?

Darcy gritou. – Do que você está falando? Ele não pode estar doente. Ele sempre foi muito saudável.

– Não – Joel retrucou mais calmo – há algum tempo. – Sentou-se no sofá, e deu uma palmadinha na almofada. – Venha cá, e eu lhe conto.

– Estou bem aqui. O que aconteceu?

– É o coração dele. Ele tomou vários sustos...

o que ele descreveu como “telefonemas na madrugada” no ano passado. A maioria enquanto você estava longe trabalhando. No barco de Drew.

– Então foi por isso que fui intimada a voltar para casa. E leiloada e entregue a você com uma pressa indecente.

– Se é assim que você vê. Ele decidiu operar na nossa ausência. Planejava ligar para você com boas notícias, quando acabasse. Mas houve... complicações.

– Eu fui poupada do segredo. Mas você...

sabia o tempo todo?

– Ele queria que eu aceitasse o cargo. Eu precisava saber.

– Oh, Deus. Por que eu não?

– Gavin queria protegê-la. Cuidar de você sempre foi uma das prioridades dele. Você sabe.

—

Ora,

lógico.

Claramente,

ele

até

providenciou outra babá acaso o pior acontecesse. Você devia tê-lo avisado que as suas intenções não eram permanentes.

– Você prefere ficar aí tentando ganhar uma discussão, ou pegar o avião?

– Sim, claro. Vou fazer as malas.

Joel levantou, puxando-a para si. Ela se debateu, repelindo-o.

– Não. Não me toque, não ouse me tocar.

– Que diabo você acha que vou fazer, pular em cima de você? – Fitou-a perplexo. – Sei que está chocada, mas me conceda o crédito de alguma sensibilidade. Eu só quero abraçá-la, querida. Consolá-la, se possível. E talvez me assegurar de que a garota apaixonada nos meus braços ontem é real, e não uma fantasia da minha imaginação.

– E eu só quero ir embora daqui.

– Então é o que faremos.

Quando ela se pôs a atravessar a sala, Joel Quando ela se pôs a atravessar a

sala, Joel indagou: – O telefonema que você mencionou: quem era?

– Não é importante. Tudo o que importa agora é papai. Só ele. Nada mais. – E foi para o quarto e bateu a porta.

FAZIA FRIO quando chegaram à Inglaterra. Foi um voo complicado, tenso, com Darcy ao lado de Joel como se estivesse numa camisa de força, desesperada para evitar qualquer contato físico.

A conversa reduziu-se ao mínimo, também, e ela torcia para racionalizar a angústia, e não exigir mais explicações quanto ao pai. Porque não sabia o que poderia dizer.

O motorista de Joel encontrou-os no aeroporto e os conduziu direto à clínica, onde uma abatida tia Freddie aguardava. Avisaram Darcy que Gavin estava profundamente sedado, todavia mesmo assim os tubos e fios que o conectavam ao respirador a chocaram.

Ela oscilou conforme a vertigem a assaltou, depois empertigou-se quando as mãos de Joel a ampararam.

– Eu estou bem – e o repeliu, ciente do olhar pasmo de tia Freddie na direção deles.

Eles não se demoraram muito. Darcy combinou de voltar na manhã seguinte, quando poderia conversar com o pai, e também conhecer Sir Charles, o médico encarregado, um dos melhores amigos de Gavin.

Convidou a tia para jantar em Chelsea, mas Freddie recusou. – Ficarei aqui mais um pouco.

E aliás, você está em lua de mel. Não precisa de convidados.

Ao descerem o corredor interminável rumo à saída, Joel comentou – Você devia ter contado a ela.

– Como assim?

– Que a nossa lua de mel acabou. – Joel espiou o relógio. – Vou mandar Vic

levar você de volta, e tomarei um táxi. Tenho certas coisas para resolver.

– Sim, claro. Então vejo você mais tarde.

Ele abriu a porta do carro para ela, mas sem qualquer tentativa de tocá-la. Ao se afastarem, Darcy olhou para trás, e viu que ele permaneceu parado ali, mas sem observá-la ir.

Em contrapartida, o celular estava colado no ouvido, e ele totalmente concentrado na conversa.

E não foi necessário adivinhar para quem ele ligou, tampouco de quem eram os interesses prioritários, e Darcy cravou os dentes no lábio até sentir o gosto do sangue.

Em casa, foi recebida por uma apreensiva Sra. Inman, e passou algum tempo oferecendo consolo, o que logrou distanciá-la dos próprios problemas, ao menos por enquanto.

Então, logo que a governanta sumiu para preparar o jantar, Darcy subiu. Quando chegou no quarto, as malas não estavam lá. E mais, os armários e gavetas foram esvaziados.

Engoliu em seco. Ela sabia, claro, que as Engoliu em seco. Ela sabia, claro, que as coisas foram levadas. Para a suíte principal, recentemente desocupada por Gavin. O

apartamento que agora dividiria com Joel.

Só que isso não aconteceria, e a pobre Sra.

Inman teria de suportar outro baque.

Dirigiu-se à suíte, recém-pintada de bege e dourado, evitando contemplar a cama ampla, com quatro travesseiros e a nova manta de seda marrom.

Todas as suas roupas e pertences foram arrumados no closet junto com os de Joel.

Trabalhou com afinco, transferindo tudo de volta para o antigo quarto. Não demorou tanto quanto ela esperava. Não demorou nada mesmo, debochou, para concluir um capítulo momentâneo da sua vida.

Acabara de se arrumar para o jantar quando Joel retornou. Ouviu a voz dele no corredor conversando com a Sra. Inman, depois escutou-o subir a escada até o quarto dele. O

quarto dos dois, ou assim ele pensava.

Ela usava um vestido vermelho-escuro, com decote recatado e mangas compridas, torcendo para que ele realçasse as faces lívidas, porém o efeito foi justo o oposto. Darcy ficou mais pálida que nunca.

Naquelas circunstâncias, Joel não esperaria outra coisa. Portanto não precisava ficar nervosa.

De repente, pelo espelho, ela o viu na porta.

Notou o semblante desolado, o brilho nos olhos azuis, e soube que cometera um erro.

– Oi. Marquei o jantar para as 21:00. Espero que seja conveniente.

Joel dispensou o jantar com um palavrão. A voz soou calma, porém a alcançaria a milhões de quilômetros de distância.

– Que brincadeira é essa?

– Não há brincadeira nenhuma. Você falou que a lua de mel acabou. Portanto, de agora em diante, pretendo manter distância, dia e noite.

– Ao diabo com a lua de mel. Você é minha esposa, Darcy, e espero que continue dividindo a cama comigo. A partir de hoje.

– Ah, querido. Não diga que desperdiçou seu dinheiro com mais preservativos.

A voz dele soou gelada. – Não desperdicei nada, doçura, já que você está me

liberando.

– E devo sentir alguma culpa? Eu acho que não. Foi o preço que você pagou pela empresa do meu pai, então o seu investimento já rendeu.

– Trata-se de um ponto de vista. Mas talvez não seja tão fácil sair desse casamento como você pensa.

– Como assim?

– Ontem à noite, quando você me agarrou, fizemos sexo sem proteção, mais de uma vez, se não me falha a memória. Pode haver consequências.

Darcy sentiu um nó na garganta. Mas era impossível estar grávida, pensou desesperada.

Não sem um casamento de verdade. Joel não precisava do vínculo da paternidade, ou de ser condenado a ficar com ela por obrigação.

– Oh, não, tomara que não seja verdade.

– Concordo inteiramente. Foi uma atitude estúpida e irresponsável, que juro jamais haver pretendido. Minha única desculpa é eu não estava pensando com clareza. Aposto que é desnecessário justificar as minhas razões.

Razões? – ponderou ela. O que aquela explosão mútua de paixão e prazer tinha a ver com razão?

– Bem, não se preocupe demais. Se houver um problema, também há uma solução. Mas de agora em diante, proíbo que se aproxime de mim. Não planejo repetir o mesmo erro. Tenho uma futura

carreira

a

considerar.

A

universidade, depois um emprego de verdade.

A menos que pretenda romper essa parte do acordo também.

– Não. Se é o que você ainda quer, você terá.

– Obrigada. Você precisa admitir que é melhor do que ser o seu brinquedinho sexual, quando você está a fim. Agora, tudo o que dividimos é o teto. Ficou claro?

– Oh, sim. Muito claro. Mas você deixou a natureza humana de fora da equação. Está sendo muito fria, muito cerebral em relação a tudo, Darcy, mas o que acontecerá quando esse seu corpo adorável não deixar você dormir à noite? Quando ele avisar que carece de mim dentro de você? Devo deixar a porta entreaberta, por precaução?

– Você é repulsivo.

– Se você diz. Mas você não adora isso?

– Desgraçado. Então entenda uma coisa.

Faça como quiser, mas a minha porta está trancada.

– Vejamos o que acontece. A propósito, não jantarei em casa hoje, afinal. Portanto, não se dê ao trabalho de esperar por mim.

Darcy sentou, fitando a porta. Convencendo—

Darcy sentou, fitando a porta. Convencendo-se de que fizera a coisa certa. Um gesto de autopreservação.

E agora devia encarar as consequências. Dia a dia, até que ele a libertasse.

CAPÍTULO 14

O JANTAR sóbrio foi servido pela Sra. Inman com um ar de reproche.

Quanto terminou, Darcy pediu café na saleta, e fingiu assistir à televisão. Tentando dar a impressão de que tudo estava normal, quando todas as evidências, incluindo os quartos separados, provavam o contrário.

Não estou enganando ninguém, atinou. Nem eu mesma. É melhor ir para a cama.

E, ao fechar a porta do quarto, espiou a chave, mas não ousou girá-la.

Despiu-se e vestiu uma camisola de chiffon.

Em seguida serviu um copo com água da jarra na mesinha de cabeceira, e tomou uma das cápsulas brancas que trouxera de Augustina.

Precisava dormir, sem pensar ou sonhar, para enfrentar o que o amanhã traria.

Entretanto, a certa altura da noite, Joel tocou-lhe o ombro e disse o seu nome.

Ele estava sentado na beira da cama, vestindo o robe vermelho, e ela sentiu a garganta embargar. E então notou a tristeza infinita nos olhos azuis na penumbra, e ela soube.

– Foi o papai, certo?

– Acabaram de ligar da clínica. Ele teve outra crise. Fizeram o possível, mas foi inútil. Darcy, eu lamento muito.

– Eu nem tive a chance de me despedir...

Um soluço dilacerou-lhe a garganta, e depois outro. E de repente as lágrimas vertiam sem parar, escorrendo pela face lívida.

Joel a abraçou enquanto ela chorava. Afagou-lhe os cabelos, os ombros e os braços. Sem nada falar.

Ela indagou: – Tia Freddie já sabe?

– Sim. Ela estava na clínica quando aconteceu. Seu pai a pediu em casamento, antes da operação.

– Que bom. Ele devia ter feito isso há muito tempo. Os dois poderiam ter sido felizes juntos, se não...

Darcy balançou a cabeça. – Vamos trazê-la para cá. Cuidar.

– Sir Charles a levou para casa. Ela é uma velha amiga da mulher dele. E ficará bem lá.

– Ele gostaria de ser enterrado em Kings Whitnall.

– Psiu. Falaremos disso amanhã.

Joel fitou-a. – Tente dormir um pouco.

– Não vá. Não me deixe. Por favor.

Ele permaneceu calado por um instante.

Então falou baixinho: – Se é o que você quer.

Deitou-se ao lado dela, porém, por sobre as cobertas.

– Você vai sentir frio.

– Mas sobreviverei. – Apagou o abajur, e puxou-a para si, acomodando a cabeça de Darcy no peito.

Afinal Darcy adormeceu, e nunca soube o momento quando Joel levantou devagar, rumando em silêncio para o próprio quarto.

O

FUNERAL

terminou,

e

os

últimos

lamentadores deixaram a casa. Então pela primeira vez Darcy ficou sozinha, com tempo para refletir. E pensar no futuro.

Joel trancou-se na biblioteca para revisar a papelada antes que Gareth Soames, o advogado da família, chegasse para ler o testamento de Gavin.

Tia Freddie foi para o quarto descansar, e Darcy usou a mesma desculpa para obter alguma privacidade.

Agora ela quedava à janela, uma figura esguia no vestido de cashmere negro, contemplando os gramados recobertos de neve, e imaginando se algum dia se sentiria aquecida novamente.

Joel foi deveras bondoso, foi forçada a admitir, em particular com tia Freddie, que ficou devastada pela perda. Passou horas com ela, conversando. De fato, a tia recuperou-se o suficiente para notar que ele nunca passava as noites em Kings Whitnall.

– Isso não está certo. Você e Joel acabaram de casar. Você deveria passar mais tempo com ele.

Ela quis dizer, lógico, que ambos deveriam dormir juntos. Que Darcy superaria melhor o processo do luto nos braços dele.

Darcy logrou engodar a tia com a desculpa de que Joel precisava estar em Londres para reuniões matinais na empresa. Que a Werner Langton ficou em polvorosa depois da morte inusitada de Gavin.

Não que Joel desse sinais das batalhas que lutava

contra

a

diretoria.

Permanecia

invariavelmente calmo durante as visitas.

Porém, lembrou Darcy, ele estava acostumado a ter uma vida dupla.

E ela não revelaria à tia que a garota que Joel amava logo estaria livre, e ele não mais passaria as noites sozinho em Londres.

Agora, não restava nada para mantê-la unida a Joel. E quando ele deixasse a casa hoje, não haveria nenhuma razão para sequer voltar a vê-

lo.

Porque as cláusulas do testamento lhe foram explicadas há muito tempo. Ela era a única herdeira da fortuna do pai, e da casa. Pela primeira vez na vida, seria uma mulher independente.

Portanto, o divórcio seria mera formalidade.

E um dia ela apagaria a lembrança da própria voz dizendo: “Não me deixe”.

Até ensaiou o que falar a Joel. Em nome do próprio orgulho, ela é quem deveria terminar o casamento, e da maneira correta.

Uma batida soou na porta, e Joel entrou.

– O Sr. Soames está na sala – avisou ele. – Você não vem?

– Claro. Vou chamar a tia Freddie.

– Ela está dormindo. É melhor não incomodar.

O chá fora servido, como reza a etiqueta.

Ocorreu a Darcy enquanto oferecia as xícaras e os pratos de salmão defumado que faltava ao idoso Sr. Soames a fleuma habitual.

E ele disse.

– Entendo, Sra. Castille, que seu falecido pai a manteve informada das intenções do testamento.

– Sim. Sempre.

– Mas não está, creio, ciente de que, em vista do seu casamento, o Sr. Langton resolveu mudar tudo.

– Não. Ele não mencionou isso.

– Garanto que ele o faria, acaso tivesse tempo. Há doações para aos empregados daqui e de Londres, e para instituições de caridade. E

uma quantia considerável para a sua tia. – Pausou. – As principais alterações afetam a sua herança, Sra. Castille. Em primeiro lugar, esta casa agora pertence a você e seu marido.

– Não – sussurrou Darcy. – Impossível.

– É uma cláusula perfeitamente normal, eu lhe asseguro. – Hesitou constrangido. – A outra é menos convencional, porém. Todo o restante da fortuna reverterá para o benefício dos filhos do seu casamento com o Sr. Castille. – Pigarreou.

Darcy encarou-o, boquiaberta. Joel ficou paralisado ao lado dela.

– Mas papai não faria isso. Ele não...

– Eu garanto, Sra. Castille, que seu pai foi muito claro, e que o testamento é válido.

– Mas nós não temos filhos. De fato, vamos nos divorciar.

Foi a vez do Sr. Soames mostrar-se chocado.

– Nesse caso, toda a fortuna vai para as – Nesse caso, toda a fortuna vai para as instituições de caridade.

– Oh, Deus. Não pode ser. Deve haver algo que eu possa fazer.

– Este não é o lugar para conversar a respeito – interveio Joel. – Lamento incomodá-lo com nossos problemas pessoais, Sr. Soames. Vou levá-lo até a porta.

Nada, pensou Darcy. Não fiquei com nada.

Nem a casa. Meu lar.

Quando Joel voltou, ela o encarou, o olhar fulminante. – Você sabia disso?

– Sim. Pensei que o convenceria a voltar atrás. Ele até prometeu reconsiderar a coisa toda, mas não teve tempo.

E sentou-se ao lado dela no sofá.

– Querida, ouça...

– Não me chame assim. – Levantou-se e foi até a janela. – Não chegue perto de mim.

Nunca.

– Você está sendo ridícula.

– É mesmo? Ridícula por pensar que ficaria livre de você, pronta para

começar uma vida independente? Você sabia... e nunca me avisou?

Mas por que deveria? Papai ordenou que casasse comigo. Também mandou você me engravidar na lua de mel?

– Você não acredita mesmo nisso. Darcy, você está triste. Não sabe o que diz.

– Sei que quero o divórcio. Logo que possível. Rumos separados. Vidas separadas.

Presumo que não se importará se vendermos a casa.

– Mas você ama este lugar.

– Não mais do que amo a liberdade.

Concorda em vender?

– Se é o que você realmente deseja.

– Ah, se é. Você poderia fazer o favor de empacotar suas coisas e sair. Me mande notícias pelo seu advogado.

– É assim? Acabou? Não quer nem conversar?

– Não há nada para discutir. Afinal, ambos temos nossos planos. E não há razão para voltar a vê-lo, certo?

– Nenhuma. Exceto isso. – Alcançou-a em três passos, e puxou-a para si, imobilizando-a contra o corpo musculoso. Então tomou-lhe os lábios nos seus.

Foi um beijo como nenhum outro. Nem mesmo quando a conduziu aos píncaros da paixão ele deflagrou tamanha tempestade sensual. Sem misericórdia ou ternura, mais castigo que carinho.

Quando afinal a soltou ela quase cambaleou.

– Algo para que se lembre de mim – afirmou Joel. E então saiu.

– ACHO QUE Joel está sendo muito generoso – ralhou tia Freddie –, o que você não merece.

Darcy apanhou a carta que recebera dos advogados pela manhã.

– Não pedi que ele abrisse mão da metade da – Não pedi que ele abrisse mão da metade da casa.

– Não. E ele não pediu para ser chutado depois de menos de um mês de casamento.

Como pôde tratá-lo assim? Seu próprio marido?

– Você não entende. Eu liberei Joel. Ele pode ser generoso.

– Diante da oferta milionária que você recebeu pela casa, eu diria que ele é um esbanjador. Presumo que você aceitará?

– Parece loucura recusar. Mas gostaria que fosse um comprador particular, em vez de uma empresa da qual nunca ouvi falar. – Suspirou. – O Sr. Soames diz que transformarão a casa num condomínio de luxo.

– Tudo muda, querida. E precisamos nos adaptar às mudanças.

Ela hesitou.

– Darcy, não deixe o orgulho se meter entre você e a felicidade, eu imploro. A vida é curta demais para arrependimentos.

A decisão de Joel surgiu do nada, colocando-o mais uma vez na berlinda dentro da cabeça dela. Revolvendo todos os antigos anseios, a antiga dor. Transformando as ideias sobre liberdade em piada.

Porque a vida sem ele era uma amarga prisão.

– Passarei em Chelsea amanhã, na volta da estação. Agora, me conte sobre a exposição que veremos.

Quando o táxi beirou o quarteirão, na manhã seguinte, Darcy já questionava a

decisão de ir até lá.

Eu devia ter ido durante a semana. Marcado um encontro com Joel na Werner Langton.

Seria muito mais formal.

Bem, pensou ela. Aqui estou. E pausou antes de sair do táxi, e ver a porta da frente abrir e Joel emergir acompanhado por uma bela morena, caminhando com o andar desajeitado das grávidas. Permaneceu onde estava, imóvel, observando Joel ajudar a companheira a descer os degraus.

A mulher se deteve, risonha, então tomou-lhe a mão e colocou-a sobre o ventre.

Claramente para que ele sentisse o bebê se mexer, e Darcy notou o carinho no semblante dele ao sorrir para ela.

A intimidade do gesto agarrou Darcy pela garganta.

Porque Joel jamais caminharia assim com ela. Jamais admiraria o seu glorioso ventre dilatado, ou sentiria o filho chutando. Porque ela sabia que não estava grávida, e tal noção a deixou enjoada de desespero.

Todavia, isso foi seguido pelo temor de que Joel a avistasse.

– Vai sair, amoreco, ou não? – O taxista virou o pescoço para fitá-la.

– Mudei de ideia. Leve-me para Victoria Station, por favor.

PARECEU ESTRANHO pensar que não passaria o Natal em Kings Whitnall, pensou Darcy, contemplando as chamas crepitantes na lareira.

As coisas já estavam empacotadas e aguardando. A empresa que comprou a casa manifestou interesse na mobília, também. Ela selecionou certas coisas, a escrivaninha do pai e o piano, entre outras, para o próprio lar quando encontrasse um. O resto iria a leilão.

Ao

ouvir

a

campainha,

levantou,

endireitando os ombros.

Quando a porta se abriu, Darcy ficou tensa quando Joel entrou na sala, gotas de chuva reluzindo nos ombros do sobretudo azul-escuro.

– O que veio fazer aqui?

– Vim conversar sobre a mobília. Para uma casa que acabei de comprar.

– Você comprou? Impossível. O comprador é uma empresa desconhecida.

– A empresa do meu pai. Ele também era do – A empresa do meu pai. Ele também era do ramo da construção civil, e acabou milionário.

O braço direito dele comanda tudo para mim na França.

Darcy ficou embasbacada. – Não esta casa, por favor.

– Por que não?

– Porque era o meu lar, e eu a amava. – E não suporto a ideia de você morando aqui com Emma.

– Não acredito que possa ser tão cruel. Eu realmente mereço isso?

– Deus sabe o que merecemos. Mas a casa é minha, e o dinheiro entrará na sua conta na sexta-feira. Pode usá-lo para transformar seus sonhos em realidade, ou gastar tudo na roleta em Monte Carlo. Se a sua preciosa liberdade um dia recompensar tudo.

– Por favor, não diga essas coisas. É errado.

– Sim. Errado desde o começo. Quando a pedi em casamento, sabia que não me amava, Darcy, não como eu queria. Mas pensei que se apaixonaria um pouquinho por mim...

Imaginei que se nossos corpos ficassem próximos, nossos corações e mentes também ficariam.

– Mas logo descobri que não. Que apesar de tudo o que acontecia entre nós à noite, você mal podia esperar para livrar-se de mim durante o dia.

Pausou. – Quando retornei a Londres, e você insistiu para ter o próprio quarto, vi que não toleraria mais nenhuma rejeição.

Darcy encarou-o. – E onde a sua prima Emma fica nessa história? Você anda planejando um ménage à trois?

– Emma? Que diabo ela tem a ver com isso?

– Tudo. Afinal, ela deixou o marido por sua causa. E está vivendo com você em Londres.

– Emma agora está na casa dos pais, que eu consegui localizar na selva australiana. Foi uma dureza.

– Eles me pediram para cuidar de Emma, porque estavam preocupados com o casamento dela. Fui obrigado a aceitar, porque eles foram maravilhosos comigo quando eu era garoto, mas francamente preferiria enfiar a mão numa colmeia de abelhas assassinas.

– Não entendo. Você ama Emma.

– Emma é como uma irmã caçula. Possui muitas qualidades, mas sempre foi mimada.

Sentou no sofá. – Passei grande parte da vida resgatando-a

das

mãos

de

homens

inescrupulosos, mas a história com Harry começou quando eu estava fora do país, e ela convenceu os pais de que desta vez era amor verdadeiro.

– Ela descobriu que estava grávida quando também descobriu as estripulias de Harry.

Ambos tentaram consertar as coisas, mas não deu certo, e a casa veio abaixo justo quando nos casamos.

– O fato de eu estar em lua de mel não – O fato de eu estar em lua de mel não pareceu lhe ocorrer. Ela é meiga, mas totalmente egoísta. Só espero que o bebê mude isso.

– Mas ela estava com você em Chelsea – protestou Darcy. – Eu vi.

– O que foi fazer lá?

– Eu... queria agradecer a você... pela casa.

– Mas não foi. Só me escreveu um bilhete frio.

– Eu não queria chatear.

– Se tocasse a campainha, conheceria meus tios. Eles estavam lá também. Foi um inferno.

Lamúrias dia e noite, e Em convencida de que entraria em parto prematuro devido ao estresse. Toda vez que o bebê mexia era a mesma ladainha.

Joel olhou para ela. – Mas não pensei em nada além de você, Darcy. E no amor que não compartilharíamos. O filhos que jamais teríamos.

– Por isso decidi comprar a casa, para custear a independência que você preza acima de tudo.

– Eu sei que não aceitaria o meu dinheiro se eu simplesmente lhe oferecesse. Você nunca quis nada de mim.

– Sequer vestiu o caftan que comprei para você em Augustina – acrescentou amargurado.

– Meu Deus. – Darcy fitou-o boquiaberta. – Quer dizer que era um presente seu?

– E de quem mais seria?

– Pensei que fosse de Drew Maidstone, para amolar você.

– Ah. E o que houve?

– Eu joguei fora.

– Sério? Então vamos torcer para que um lixeiro de bom gosto o tenha encontrado.

– Você tem todo o direito de ficar zangado...

– Não tenho direito a nada. Mas se quiser me compensar pelo caftan, você poderia sentar do meu lado. Quero lhe pedir algo.

Ela obedeceu, conquanto evitasse o olhar Ela obedeceu, conquanto evitasse o olhar dele.

– Darcy, gostaria de jantar comigo? E posso enviar-lhe flores que não serão escolhidas pela minha secretária?

– Joel, você tem a empresa. Vai vencer as disputas na diretoria, portanto não precisa mais fingir.

– É o que você pensa? Darcy, foi ver uma foto sua e descobrir que era filha de Gavin que me levou a Werner Langton. Nada mais.

Permaneceu calado um instante, então falou com dificuldade: – Darcy, quando vi você naquele clube há dois anos, o mundo parou. E

pensei, ei-la afinal. A garota certa.

– E então imaginei o que você era, e por que estava lá, e fiquei enjoado, porque o destino me pregou a mais cruel das peças.

Contemplou-a, os olhos assombrados. – Quase saí atrás de você. Sempre me arrependerei por não tê-lo feito. Por dar ouvidos àquele desgraçado.

– E não consegui tirar você da cabeça. Então, nos reencontramos, e fiquei perdido de novo.

– Portanto, o casamento não foi ideia do seu pai. Foi minha. Como eu disse a ele, para mim foi amor à primeira vista.

– Mas você falou que gostava de outra pessoa – sussurrou Darcy. – Eu sabia que era Emma.

– Minha adorável idiota. Você não sabe que jamais haverá outra pessoa na minha vida além de você?

Joel observou as mãos dela. – O que aconteceu com os anéis que lhe dei? Outra lata de lixo?

– Não, eles estão no meu quarto. Talvez você possa me ajudar a procurar.

Joel beijou-lhe a fronte, os olhos, e os lábios entreabertos.

– Acho – disse ele – que a busca será longa.

Mas com uma condição.

– Qual?

– Quando eu acordar amanhã, você ainda estará nos meus braços. Marido e mulher, Darcy. Não aceito nada menos.

Ela se aproximou mais, beijando-lhe a garganta, sentindo o seu pulso disparar.

– Marido e mulher – murmurou, dengosa. – Trato fechado.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B472e

Bianchin, Helen

A escolha perfeita + Promessa de sedução [recurso eletrônico] / Helen Bianchin, Sara Craven; tradução Eugênio Barros, Simone do Vale. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Harlequin, 2017.

recurso digital hb

Tradução de: The Greek tycoon's virgin wife, Wife against her will

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions Modo de acesso: world wide web ISBN: 978-85-398-2472-4 (recurso eletrônico) 1. Romance neozelandês (Inglês). 2. Livros eletrônicos. I. Craven, Sara. II. Barros, Eugênio. III.

Vale, Simone do. IV. Título.

17-41079

CDD: 828.99333

CDU: 821.111(931)-3

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM

HARLEQUIN BOOKS S.A.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: THE GREEK TYCOON'S VIRGIN WIFE

Copyright © 2007 by Helen Bianchin Originalmente publicado em 2007 por Mills & Boon Modern Romance

Originalmente publicado no Brasil em Outubro de 2008

Título original: WIFE AGAINST HER WILL

Copyright © 2006 by Sara Craven Originalmente publicado em 2006 por Mills & Boon Modern Romance

Originalmente publicado no Brasil em Dezembro de 2006

Arte-final de capa:

Ô de Casa

Publisher: Omar de Souza

Gerente Editorial: Mariana Rolier Editora: Juliana Nóvoa

Assistente editorial: Tábata Mendes Produção do eBook: Ranna Studio Editora HR Ltda.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro – 20091-005

Rio de Janeiro – RJ – Brasil Tel.: (21) 3175-1030

Contato:

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Capa

[Texto de capa](#)

[Rosto](#)

[Sumário](#)

[A ESCOLHA PERFEITA](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[PROMESSA DE SEDUÇÃO](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Créditos](#)

Document Outline

- [Texto de capa](#)
- [Rosto](#)
- [Sumário](#)
- [A ESCOLHA PERFEITA](#)
 - [Capítulo 1](#)
 - [Capítulo 2](#)
 - [Capítulo 3](#)
 - [Capítulo 4](#)
 - [Capítulo 5](#)
 - [Capítulo 6](#)
 - [Capítulo 7](#)
 - [Capítulo 8](#)
 - [Capítulo 9](#)
 - [Capítulo 10](#)
 - [Capítulo 11](#)
 - [Capítulo 12](#)
 - [Capítulo 13](#)
 - [Capítulo 14](#)
- [PROMESSA DE SEDUÇÃO](#)
 - [Prólogo](#)
 - [Capítulo 1](#)
 - [Capítulo 2](#)
 - [Capítulo 3](#)
 - [Capítulo 4](#)
 - [Capítulo 5](#)
 - [Capítulo 6](#)
 - [Capítulo 7](#)
 - [Capítulo 8](#)
 - [Capítulo 9](#)
 - [Capítulo 10](#)
 - [Capítulo 11](#)
 - [Capítulo 12](#)
 - [Capítulo 13](#)

- [Capítulo 14](#)
- [Créditos](#)

Table of Contents

[Texto de capa](#)

[Rosto](#)

[Sumário](#)

[A ESCOLHA PERFEITA](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[PROMESSA DE SEDUÇÃO](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Créditos](#)